

MARINA ARANTES SANTOS VASCONCELOS  
DIRCE MARIA DA SILVA  
(ORGANIZADORAS)

# ESPIRITUALIDADE NA LITERATURA: Estudos Comparados e Representações Sociais



*Grupo de Pesquisa  
Literatura e Espiritualidade*



EDITORA  
SCHREIBEN

MARINA ARANTES SANTOS VASCONCELOS  
DIRCE MARIA DA SILVA  
(ORGANIZADORAS)

# ESPIRITUALIDADE NA LITERATURA:



ESTUDOS COMPARADOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

  
EDITORA  
SCHREIBEN  
2024

© Das Organizadoras - 2024  
Editoração e capa: Schreiben  
Imagem da capa: BillionPhotos - Freepik.com  
Revisão: os autores  
Livro publicado em: 20/01/2024

**Conselho Editorial (Editora Schreiben):**

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)  
Dr. Airton Spies (EPAGRI)  
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)  
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)  
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)  
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)  
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)  
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)  
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)  
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)  
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)  
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)  
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)  
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)  
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)  
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)  
Dra. Marciane Kessler (URI)  
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)  
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)  
Dr. Odair Neitzel (UFFS)  
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

*Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).*

Editora Schreiben  
Linha Cordilheira - SC-163  
89896-000 Itapiranga/SC  
Tel: (49) 3678 7254  
editoraschreiben@gmail.com  
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E77 Espiritualidade na literatura : estudos comparados e representações sociais. / Organizadoras : Marina Arantes Santos Vasconcelos, Dirce Maria da Silva. – Itapiranga : Schreiben, 2024.  
310 p. : il. ; e-book.  
E-book no formato PDF.

EISBN: 978-65-5440-209-5  
DOI: 10.29327/5347202

1. Literatura. 2. Espiritualidade na literatura. 3. Religiosidade na literatura.  
I. Título. II. Vasconcelos, Marina Arantes Santos. III. Silva, Dirce Maria da.

CDU 82:130.3

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

# SUMÁRIO



PREFÁCIO.....	7
<i>Marina Arantes Santos Vasconcelos</i>	
<i>Dirce Maria da Silva</i>	

APRESENTAÇÃO.....	9
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
<i>Marina Arantes Santos Vasconcelos</i>	

## EIXO TEMÁTICO 1

### ANÁLISES COMPARATIVAS E MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS

#### CAPÍTULO 1

“EU SOU A NOITE E ELE É O VAGA-LUME”: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA CONJUNÇÃO ENTRE ÂNGELA PRALINI, PERSONAGEM DE <i>UM SOPRO DE VIDA</i> , DE CLARICE LISPECTOR, E A PAPISA, SEGUNDO AS MEDITAÇÕES SOBRE OS 22 ARCANOS MAIORES DO TARÔ, DE VALENTIN TOMBERG.....	14
<i>Victor Hugo de Oliveira Casemiro Pereira de Amorim</i>	

#### CAPÍTULO 2

A ESPIRITUALIDADE DO ROSÁRIO NO <i>RETÁBULO DE SANTA JOANA CAROLINA</i> , DE OSMAN LINS.....	35
<i>Marina Arantes Santos Vasconcelos</i>	

#### CAPÍTULO 3

DE JERUSALÉM À GONDOLIN: UM ENCONTRO NA HEROICIDADE DA MISSÃO PROFÉTICA.....	50
<i>William Alves Biserra</i>	
<i>Cássio Selaimen Dalpiaz</i>	
<i>Mayra de Jesus Souza Silva</i>	

#### CAPÍTULO 4

POSSIBILIDADES CONTRIBUTIVAS DO ESPIRITISMO: UMA LEITURA DE “O OUTRO PÉ DA SEREIA”, DE MIA COUTO.....	63
<i>Anderson Silva Jacomini</i>	
<i>Marina Arantes Santos Vasconcelos</i>	

## EIXO TEMÁTICO 2

### SOCIEDADE, POLÍTICA, MISTICISMO E HISTÓRIA

#### CAPÍTULO 5

ESPIRITUALIDADE E POLÍTICA: CONEXÕES POSSÍVEIS.....	76
<i>Márcia Helena Rodrigues Paroli</i>	

<b>CAPÍTULO 6</b> O DICIONÁRIO INFERNAL E O MISTICISMO NA SOCIEDADE.....	87
<i>Sandro Xavier</i>	

<b>CAPÍTULO 7</b> RAÍZES DA FÉ: TRAÇOS HISTÓRICOS DA RELIGIOSIDADE MATOENSE.....	101
<i>Francisco José da Silva</i>	
<i>Dirce Maria da Silva</i>	

<b>CAPÍTULO 8</b> TORTO ARADO: MANIFESTAÇÕES DE RELIGIOSIDADES EM OBRAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS.....	120
<i>Bruna Bezerra Araújo Alves</i>	
<i>Romildo Pedro da Silva</i>	
<i>José Mário da Silva Branco</i>	

### **EIXO TEMÁTICO 3** **ARTE, ESTUDOS MÍTICOS E ARQUETÍPICOS**

<b>CAPÍTULO 9</b> NA ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO: FORMAS ARTÍSTICAS COMO ATO SACERDOTAL DO ATOR.....	130
<i>Roberto Medina</i>	
<i>Marcelo Lucchesi Rocha Carvalho</i>	
<i>Jefferson Gomes Leão Bezerra</i>	

<b>CAPÍTULO 10</b> DEUSAS FIANDEIRAS E TECELÃS: TRAÇOS DA INFLUÊNCIA MÍTICA E ARQUETÍPICA NA LITERATURA.....	143
<i>Shirley de Medeiros Lopes</i>	
<i>Marina Arantes Santos Vasconcelos</i>	

<b>CAPÍTULO 11</b> CRÍTICA CONTRASTIVA DA REPRESENTAÇÃO DA FIGURA MÍTICA DIONISÍACA EM TRAGÉDIAS E EM COMÉDIAS GREGAS.....	154
<i>Edmar Ruvsel de Albuquerque Caiana</i>	

<b>CAPÍTULO 12</b> A SIMBOLOGIA DA ÁGUA NA ARTETERAPIA: EXPLORANDO CONEXÕES TERAPÊUTICAS E SIGNIFICAÇÕES ESPIRITUAIS.....	161
<i>Elizabeth Adelaide da Silva</i>	
<i>Dirce Maria da Silva</i>	

**EIXO TEMÁTICO 4**  
**PSICOTERAPIA, POÉTICAS DA SUBJETIVIDADE E BIOGRAFIA**

**CAPÍTULO 13**

PELAS JORNADAS DO AUTOCONHECIMENTO  
E SENDAS DA ESPIRITUALIDADE.....178

*Marineide de Jesus Gomes*  
*Roberto Luis Medina Paz*

**CAPÍTULO 14**

REFLEXÕES SOBRE O SUJEITO, EDUCAÇÃO, LIBERDADE,  
MODERNIDADE LÍQUIDA, PSICANÁLISE E ESPIRITUALIDADE....189

*Aureny Martins*  
*Dirce Maria da Silva*

**CAPÍTULO 15**

POESIA E SENSIBILIDADE:  
PERCEPÇÕES SUBLIMES DA ESPIRITUALIDADE.....200

*Washington Dourado*  
*Dirce Maria da Silva*

**CAPÍTULO 16**

COTIDIANO SAGRADO: POR UMA LITERATURA  
ARRETADA NUMA ODISSEIA POÉTICA DE IMAGENS  
DO SUBJETIVO E DO SOCIAL.....213

*Fabio Pontes Coelho*  
*Guilherme Pontes Coelho*

**CAPÍTULO 17**

DEUS: UMA BIOGRAFIA.....222

*Dirce Maria da Silva*

**EIXO TEMÁTICO 5**  
**PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA**

**CAPÍTULO 18**

ORIGENS HISTÓRICAS DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL:  
PRINCÍPIOS, FUNDAMENTOS E APLICAÇÕES PRÁTICAS.....238

*Dirce Maria da Silva*

**CAPÍTULO 19**

PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL:  
EURÍPEDES BARSANULFO, EDUCADOR PIONEIRO.....253

*Dirce Maria da Silva*

**CAPÍTULO 20**

PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL:  
ANÁLIA FRANCO - ATIVISTA SOCIAL E  
“GRANDE DAMA DA EDUCAÇÃO”.....260

*Dirce Maria da Silva*

<b>CAPÍTULO 21</b>	
PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL: TOMÁS E MARIA APARECIDA NOVELINO, O CASAL EMPREENDEDOR.....	271
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 22</b>	
PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL: JOSÉ HERCULANO PIRES, FILÓSOFO E TEÓRICO.....	283
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 23</b>	
PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL: NEY LOBO E A “CIDADE MIRIM, UMA SOCIEDADE EM MINIATURA” .....	293
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
POSFÁCIO.....	301
<i>Dirce Maria da Silva</i>	
<i>Marina Arantes Santos Vasconcelos</i>	
ORGANIZADORAS.....	302
ÍNDICE REMISSIVO.....	304

## PREFÁCIO



De acordo com o pensamento filosófico do escritor britânico Roger Scruton, em sua obra *Beleza* (2013), “a experiência do sagrado é um traço universal da condição humana, e por essa razão é difícil evitá-la.”

A reflexão proposta pelo intelectual inglês reflete sobre a realidade da existência, a respeito de como ela é representada na arte, buscando contemplar a dimensão estética das manifestações artísticas, na perspectiva, em seus termos, de um “propósito espiritual subjacente”.

Os estudos comparados que aproximam a literatura e a espiritualidade, de modo particular no Brasil, vêm buscando conquistar maior espaço acadêmico e editorial nos últimos anos, a partir da curiosidade sobre textos de cunho místico, religioso, ou que guardem relação com o sagrado, seja de forma manifesta, seja em suas vozes, perspectivas e representações.

Nesse sentido, o livro *ESPIRITUALIDADE NA LITERATURA* é uma coletânea que reúne artigos de pesquisadores e pesquisadoras que realizam estudos comparados, cujos objetos perpassam reflexões sobre representações sociais em manifestações literárias na literatura, por meio da abordagem sobre doutrinas religiosas, entre outros elementos relacionados a perspectivas sobre representações literárias que contemplam o sagrado, o religioso, o espiritual.

Os textos compartilham reflexões sobre manifestações da espiritualidade em obras literárias; estudos religiosos comparados; diversidade de práticas e doutrinas religiosas na literatura; espaços sagrados na literatura; representação literária de pessoas ou grupos religiosos; literatura religiosa no campo literário; espiritualidade de matriz judaico-cristã na literatura; origens históricas da pedagogia espírita no Brasil; literatura espírita; meditações sobre o tarô na literatura; espiritualidade na Arteterapia; literatura, espiritualidade e educação; espiritualidade e autoconhecimento; traços históricos da religiosidade na sociedade brasileira; mística e misticismo; mitos e religiosidades; mariologia; teologia, literatura e sociedade.

No intuito de valorizar a diversidade de ideias e concepções a respeito da espiritualidade na literatura, a presente coletânea buscou agrupar teólogos, filósofos, espiritualistas, pesquisadores acadêmicos, psicólogos, psicanalistas, arteterapeutas, advogados, pedagogos, administradores, professores doutores, mestres e especialistas e estudiosos para compor a seleção de artigos que compõem esta publicação.



Estimamos que esta obra seja inspiradora e possibilite a ampliação de repertórios culturais.

Boa leitura!

Brasília, 09 de janeiro de 2024.

As Organizadoras:

***Marina Arantes Santos Vasconcelos***

Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB.

***Dirce Maria da Silva***

Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília - UnB.

## APRESENTAÇÃO



**“ESPIRITUALIDADE NA LITERATURA: Estudos Comparados e Representações Sociais”** é um compêndio multifacetado do universo das religiosidades, espiritualidades e do sagrado, que agrega análises textuais afins, confirmando a proposta inicial do livro, de incentivo à interdisciplinaridade nos estudos acadêmicos literários da atualidade.

A coletânea está organizada em cinco Eixos Temáticos.

O **Eixo Temático 1: Análises Comparativas e Manifestações Simbólicas** traz quatro capítulos. No primeiro deles, o autor desenvolve uma análise da personagem Ângela Pralini de “Um Sopro de Vida”, obra de Clarice Lispector, conectando-a à figura arquetípica da Papisa, um dos arcanos maiores do Tarô, de Valentin Tomberg. A proposta sugere uma exploração enigmática e simbólica das camadas espirituais presentes na obra de Lispector, com abordagem que alinha Literatura e misticismo.

O texto seguinte, “Retábulo de Santa Joana Carolina” de Osman Lins, explora a espiritualidade intrínseca do rosário presente na narrativa. A autora apresenta análise cuidadosa sobre a simbologia do rosário, estabelecendo conexões entre a prática religiosa e a construção da narrativa literária.

O terceiro texto do Eixo 1, “De Jerusalém à Gondolin: um encontro na heroicidade da missão profética” apresenta jornada literária que transcende geografias e épocas, conectando os distantes lugares de Jerusalém e Gondolin. A análise proposta destaca a heroicidade inerente à missão profética em contextos literários distintos.

O quarto texto desta primeira seção, apresenta contribuições do espiritismo à leitura de “O Outro Pé da Sereia”, livro do escritor moçambicano Mía Couto. Os autores desenvolvem análise que explora como elementos do espiritismo podem dialogar com a obra de Couto, proporcionando visão singular dessa possibilidade.

O **Eixo Temático 2: Sociedade, Política, Misticismo e História**, conta com quatro textos.

O primeiro capítulo do Eixo Temático 2 explora as interações entre espiritualidade e política no texto “Espiritualidade e política: conexões possíveis”. Nele, a autora investiga como as duas esferas da vida humana se entrelaçam, observando as influências da espiritualidade nas dinâmicas políticas.

No texto seguinte, o autor faz uma análise do “Dicionário Infernal”,

de Jacques de Plancy, e seu papel no contexto do misticismo na sociedade, explicando como símbolos e conceitos influenciam e refletem aspectos místicos da cultura.

No terceiro texto do Eixo 2, intitulado “Raízes da fé: traços históricos da religiosidade matoense”, os autores delineiam recorte que contextualiza a fé católica, mostrando, historicamente, como a religiosidade se entrelaça com o desenvolvimento de uma cidade do interior do Estado do Maranhão.

O quarto capítulo desta seção analisa manifestações da religiosidade em “Torto Arado”. Os autores analisam como elementos espirituais são representados na narrativa de retrospectiva cultural e histórica, presentes na obra de Itamar Vieira Júnior.

A seguir, as relações intertextuais do **Eixo Temático 3: Arte, Estudos Míticos e Arquetípicos**, apresentam-se em quatro capítulos.

O texto “A árvore do teatro do oprimido: formas artísticas como ato sacerdotal do ator” explora a relação entre formas artísticas no contexto do Teatro, associando-as a um ato sacralizado, que perpassa pela dimensão sagrada da expressão artística, de base metodológica oriunda de Augusto Boal.

O estudo “Deusas fiandeiras e tecelãs: traços da influência mítica e arquetípica na literatura” associa a presença das deusas à atividade de fiar e tecer, analisando a epistemologia do mito e observando sua influência na construção da subjetividade social contemporânea.

O texto seguinte “Crítica contrastiva da representação da figura mítica dionisíaca em tragédias e em comédias gregas”, analisa como a figura de Dionísio, associada ao vinho, teatro e festividades, é retratada, por meio de um ensaio comparativo de “As Bacantes” de Eurípedes e “As Rãs”, de Aristófanes.

Por fim, o último texto do Eixo Temático 3, “A simbologia da água na Arteterapia: explorando conexões terapêuticas e significações espirituais” destaca a importância da água no contexto terapêutico, discorrendo sobre o elemento água como ferramenta associada a aspectos ancestrais e espirituais.

**O Eixo Temático 4: Psicoterapia, Poéticas da Subjetividade e Biografia**, explora temas que versam sobre autoconhecimento, liberdade, educação, percepções e sublimidades da espiritualidade e da poesia.

O primeiro título do Eixo, “Pelos jornadas do autoconhecimento e sendas da espiritualidade” discorre sobre contextos da espiritualidade e psicoterapia, num entrelaçamento que vai se fazendo pelas buscas e caminhos.

O segundo texto, intitulado “Reflexões sobre o sujeito, educação, liberdade, modernidade líquida, psicanálise e espiritualidade”, são reflexões sobre o desenvolvimento pessoal em âmbitos e momentos sociais diferentes, e a importância da psicanálise na busca do autoconhecimento.

Por sua vez, o texto “Poesia e sensibilidade: percepções sublimes da espiritualidade” traz poemas de interpretações subjetivas e inspiração bíblica das experiências humanas, promovendo mensagens de otimismo e esperança.

No texto “Cotidiano do sagrado: por uma literatura arretada, numa odisseia poética de imagens do subjetivo e do social”, os autores conduzem o leitor por meio de uma abordagem lírica que enaltece a sacralidade presente no ordinário.

Na resenha retrospectiva “Deus: uma biografia”, de Jack Miles, a autora revisita o Deus bíblico do Tanach ou Antigo Testamento, elencando excertos que analisam a representação de Deus como personagem literário, essencial na formação da cultura e da civilização ocidental,

**O Eixo Temático 5: Precusores da Pedagogia Espírita** é composto por seis capítulos. Esta seção discorre a respeito da Pedagogia Espírita, abordagem filosófica e educacional que propõe educar para as sensibilidades e para a autonomia.

Os textos da presente seção tomam por base teórica a tese de Dora Alice Incontri, defendida em 2001, na Universidade de São Paulo, texto que versa sobre o nascimento e desenvolvimento da tendência pedagógica espírita, de base kardecista, no país.

No primeiro capítulo do Eixo, o resumo intitulado “Origens históricas da Pedagogia Espírita no Brasil: Princípios, Fundamentos e Aplicações Práticas” elenca elementos teóricos e filosóficos concernentes ao nascimento da abordagem educacional em tela.

Os capítulos seguintes caracterizam-se como recortes de narrativas biográficas. O capítulo intitulado “Precusores da Pedagogia Espírita no Brasil: Eurípedes Barsanulfo, o educador pioneiro” fala a respeito das ações de vanguarda desenvolvidas por Barsanulfo.

O texto seguinte “Precusores da Pedagogia Espírita no Brasil: Anália Franco, Ativista Social e Grande Dama da Educação” elenca realizações da educadora na promoção da educação e desenvolvimento social em solo brasileiro.

O capítulo seguinte, intitulado “Precusores da Pedagogia Espírita no Brasil: Tomás e Maria Aparecida Novelino, o Casal Empreendedor” fala sobre as contribuições do casal, iniciativas e projetos fundamentados pela abordagem espírita no país.

Já o texto “Precusores da Pedagogia Espírita no Brasil: Jose Herculano Pires, o Filósofo e Teórico” destaca ideias, teorias e contribuições do intelectual à prática educacional pedagógica espírita brasileira.

E o capítulo intitulado “Precusores da Pedagogia Espírita no Brasil: Ney Lobo e a Cidade Mirim - uma Sociedade em Miniatura” mostra o que foi esse projeto, sua implementação e fundamentação teórica.

Esperamos que os conteúdos abordados nessa perspectiva interdisciplinar, em "**ESPIRITUALIDADE NA LITERATURA**", sirvam como estímulo a leitores e incentivo a pesquisadores acadêmicos, e que esses textos possam atuar como multiplicadores da contínua democratização da diversidade de olhares nos campos da Literatura.

Boa leitura!

Brasília, 10 de janeiro de 2024.

As Organizadoras:

***Dirce Maria da Silva***

Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília - UnB.

***Marina Arantes Santos Vasconcelos***

Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB.

## **Eixo Temático 1**



# **ANÁLISES COMPARATIVAS E MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICAS**

**“EU SOU A NOITE E ELE É O VAGA-LUME”:  
CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA CONJUNÇÃO  
ENTRE ÂNGELA PRALINI, PERSONAGEM DE  
*UM SOPRO DE VIDA*, DE CLARICE LISPECTOR,  
E A PAPISA, SEGUNDO AS MEDITAÇÕES SOBRE  
OS 22 ARCANOS MAIORES DO TARÔ,  
DE VALENTIN TOMBERG**

*Victor Hugo de Oliveira Casemiro Pereira de Amorim<sup>1</sup>*

## **INTRODUÇÃO**

**"Poder da pedra que tombando empurra outra que vai cair no mar e matar um peixe"**

Este ensaio procura explorar a relação entre as personagens de romances de Clarice Lispector, como Ângela Pralini, através de suas preces, e a Papisa, do Tarô de Marselha, por meio do método da formulação discursiva da experiência mística do *Ser*. Para tanto, será examinado o entrelaçamento da escritura epifânica e da imaginação simbólica presentes nas orações proferidas por Pralini e pelas personagens de outros romances de Clarice Lispector que, a nosso ver, constroem um clímax espiritual que desemboca em *Um sopro de vida*. Além disso, apresentarei uma abordagem da natureza das epifanias nas obras de Clarice Lispector e uma reflexão sobre o papel das listas no seu estilo literário. Outrossim, será exposto o quadriforme método de transformação da experiência do Ser em prece-texto simbólico-literário de acordo com o pensamento de Valentin Tomberg. Concluo que as preces das personagens – ora de petição, ora de contemplação<sup>2</sup> – representam

---

1 Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília. E-mail: victor.hocp.amorim@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8307327881472730>.

2 Huxley recorda que “a palavra ‘prece’ é aplicada, pelo menos, a quatro procedimentos distintos – petição, intercessão, adoração e contemplação. A petição consiste em pedir algo para nós. A intercessão é pedir algo para outras pessoas. A adoração é o uso do intelecto, sentimento, vontade e imaginação, ao praticar atos de devoção dirigidos a Deus, em seu aspecto pessoal ou encarnado em forma humana. A contemplação é aquela condição de passividade alerta na qual a alma se abre à Base Divina interna e externa, à Divindade imanente ou transcendente” (Huxley, 1971, pp. 263-264).

um momento de abertura ao Transcendente e destacam o caráter curativo da dimensão simbólica dos objetos.

Com o desejo de contextualizar de maneira pertinente o enquadramento deste ensaio, torna-se imperativo resgatar certos conceitos previamente delineados por Olga de Sá, os quais lançam luz sobre as características inerentes à empreitada literária de Clarice Lispector. Nos meandros dos romances concebidos por essa autora, delineia-se aquilo que pode ser discernido como “a revelação informe de uma coisa essencial que de repente de fixa” (Milliet *apud* Sá, 2000, p.31). Tal fenômeno literário é identificado como *epifania*, um tópico que Sá meticulosamente abordou em sua investigação, amparando-se nas contribuições de intelectuais tais como Sérgio Milliet, Massaud Moisés, James Joyce e Schwartz, dentre outros, que convergiram em sua análise exploratória.

Originando-se dos eventos espirituais delineados nas múltiplas manifestações de Deus, dos anjos, de Jesus Cristo e da Virgem Maria, conforme relatados nas páginas da Bíblia, o conceito de epifania, quando transposto para o âmbito literário, foi profundamente sondado e explorado pela mente criativa de James Joyce. Para ele, tal conceito encarnava uma súbita e transcendental revelação espiritual que emergia tanto nas sutilezas das expressões e ações do cotidiano, quanto nas circunstâncias excepcionais de natureza imaterial. Joyce assumia que a tarefa árdua de meticulosamente registrar essas epifanias incumbia aos literatos, uma vez que esses fugazes momentos capturavam instantes de uma extrema delicadeza e efemeridade na existência humana. Em um enfoque influenciado por Joyce, Sá destaca, no contexto literário da mencionada autora, que “a epifania é um modo de desvendar a vida selvagem que existe sob a mansa aparência das coisas, é um polo de tensão metafísica, que perpassa ou transpassa a obra de Clarice Lispector” (Sá, 2000, p. 135).

Este estilo literário, que está destinado a caracterizar a prosa de Lispector, reforça de maneira substancial a concepção de que seus romances e contos carregam consigo a característica distintiva de estarem permeados por uma predisposição à transcendência. Como afirmado por Sá, “a escritura epifânica de Clarice Lispector, nos seus melhores momentos, é procedimento do seu romance metafísico” (*Ibid.*, p. 166).

Fundamentado em tais considerações que envolvem a temática da epifania no âmbito literário, o propósito deste ensaio reside na empreitada de minuciosamente investigar segmentos específicos de monólogos interiores, selecionados dentre as obras literárias preeminentes concebidas por Clarice Lispector. Alinhando-se ao raciocínio de Sá, é imperativo reconhecer a relevância intrínseca do monólogo interior na construção literária da referida autora: “Sem esquecer que o monólogo



interior assim como o discurso indireto livre são destinados a exprimir a sucessão irracional dos processos inconscientes ou a intercalar os pensamentos autônomos das personagens no discurso do narrador” (Sá, 2000, p. 148).

Além disso, é possível discernir que o monólogo interior presente na literatura de Lispector revela uma complexidade que transcende a mera sequência irracional de processos inconscientes ou pensamentos autônomos das personagens tal como apresentados pelo narrador. Esse monólogo interior também engloba meditações das personagens que se encontram receptivas à transcendência, uma abertura que se desenha através dos elementos que figuram de maneira notável na obra da autora. E assim, percebemos a emergência de uma unidade intrínseca, que percorre essas diversas camadas da narrativa lispectoriana: “a visão transfigurada, o deslumbramento da beleza mortal, a contemplação, o silêncio sagrado, o som dos sinos do sono, a explosão de alegria profana, a revelação da vida, o roubo, a aparição do anjo, a glória” (*Ibid.*, p. 194).

Nossas cogitações, igualmente, partirão de um ponto fundamental: a interseção entre Ângela Pralini, a figura central no conto *A partida do trem*, um dos textos abrigados na coletânea *Onde estivestes de noite* (1974), e a protagonista de *Um Sopro de Vida (Pulsações)* (1979), a obra monumental e inacabada de Clarice Lispector. A essas reflexões, juntamos ainda a conexão com a segunda carta do Tarô de Marselha, o Arcano Maior intitulado a Papisa, cuja representação emblemática se faz acompanhar pela imagem de uma mulher sábia e enigmática, uma digna portadora de segredos. Ao amalgamar o universo ficcional de Pralini com as conotações simbólicas da Papisa, tomamos em conta, sobretudo, a presença marcante do ato de ler e da literatura como elemento vinculativo. Em uma sinergia literária notável, a derradeira seção do romance de Lispector intitula-se *Livro de Ângela*, conferindo um destaque intrínseco à dimensão escrita e narrativa. Paralelamente, no universo iconográfico do Tarô, a Papisa revela-se enlaçada por um livro desvelado em seu regaço, encarnando o poder do conhecimento oculto e da sabedoria interior. Instigados pelo fato de que os monólogos introspectivos característicos nas obras de Lispector frequentemente mergulham em esferas místicas e intuições transcendentais, empreenderemos a meticulosa tarefa de discernir os excertos que poderiam ser assimilados no hipotético *Livro de Ângela*, cujas páginas ressoam com essas mesmas intuições enigmáticas.

Valentin Tomberg oferece uma interpretação única e pessoal dos Arcanos Maiores do Tarô de Marselha. Em seu estudo sobre a *Papisa*, ele destaca que a posição sentada da figura simboliza sua sabedoria. Essa sabedoria, de acordo com Tomberg, é uma reflexão das verdades mais elevadas da realidade. Ele enfatiza que a Papisa desempenha o papel de guardiã sagrada do *Livro da Revelação* e, por meio de um processo de quatro fases, demonstra o método

prático para transformar a experiência do Ser, experiência mística por excelência, em Sabedoria que pode ser transmitida aos outros.

Na fase inicial, ocorre a pura contemplação que origina uma reiteração, dentro do domínio da imaginação, daquela experiência mística original, isto é, a vivência da essência do *Ser*. Essa repetição resultará, por sua vez, em uma sensibilidade espiritual de natureza intuitiva. O próximo estágio, por sua vez, diz respeito à inserção da vivência mística no reino da memória, estabelecendo, assim, uma estrutura teológica que permitirá a compreensão da vida impregnada pela intuição espiritual. A etapa subsequente, então, trata da assimilação da vivência mística pela razão e pelo sentimento, de modo que ela se transforme em uma mensagem e um diálogo interno, ou seja, a aplicação prática da compreensão mencionada na fase anterior. Por fim, a quarta fase envolve a expressão verbal da vivência mística. Dessa maneira, ela se converterá em um símbolo comunicativo na forma da redação de um livro, o qual viabilizará a transmissão da prática compreendida da experiência do Ser.

O Livro da Papisa pode ser equiparado ao *Livro da Vida* descrito no *Livro do Apocalipse*, localizado no centro do Paraíso, e se confunde com a *Árvore da Vida*. De acordo com Chevalier e Gheerbrant, enquanto as folhas da *Árvore* simbolizam a totalidade dos seres, os caracteres presentes no livro indicam os Decretos de Deus. Adicionalmente, o Livro, ao ser uma Revelação, Manifestação e Mensagem Divina, representa o segredo divino compartilhado exclusivamente com os iniciados. Caso o livro da Papisa estivesse selado, indicaria que a matéria permaneceria inexplorada, ou seja, o segredo permaneceria preservado. No entanto, o livro está desdobrado, denotando que a matéria foi fecundada e o conteúdo do livro foi assimilado pelo buscador.

Dentro do âmbito semântico da palavra *reflexão*, um dos procedimentos representados pela carta da Papisa, é vital conectar à imagem do espelho, cuja origem etimológica, conforme explicado pelos autores do Dicionário de Símbolos, está ligada à ação de especular e considerar. Essa ação envolve a observação, facilitada por um espelho, do céu e do movimento das estrelas. Ao mostrar a realidade de maneira reversa, o espelho também representa o entendimento indireto das coisas.

No contexto da extensa e intrincada tapeçaria literária forjada por Clarice Lispector, emerge na narrativa de seu trabalho *Água Viva* uma profunda e meticulosa exploração acerca da concepção do espelho. O excerto que agora se desvela diante de nossa análise revela-se de particular pertinência para o escopo deste ensaio, porquanto nele se encontra a meticulosa abordagem da própria natureza do objeto refletor, em íntima vinculação com a desvelação da simbologia subjacente à figura arquetípica da Papisa. Em síntese, o reflexo, nesse

enunciado textual, não se reduz a um mero simulacro de imagens, mas constitui uma profundidade espelhada de significados. Manifesta-se, pois, que o reflexo não se restringe a ser uma mera e vazia representação do espelho, tampouco a uma identidade absolutamente divorciada deste último.

A interdependência intrínseca entre o espelho e o reflexo revela-se de maneira eloquente, ensejando a compreensão de que sem a presença do espelho, toda possibilidade de reflexão se esvai no etéreo. É de notar que a superfície do espelho não se permite discernimento imediato, pois o que nele se vislumbra, com assiduidade, é sempre a manifestação refletida. O espelho, além dessa particularidade, desdobra-se adicionalmente em sua capacidade de transparecer aquilo que momentaneamente o ocupa e anima. Imperioso ressaltar, pois, que somente mediante o vácuo inerente à estrutura espelhada, se viabiliza a potencialidade de toda e qualquer reflexão:

Mas agora estou interessada pelo mistério do espelho. Procuo um meio de pintá-lo ou falar dele com a palavra. Mas o que é um espelho? Não existe a palavra espelho, só existem espelhos, pois um único é uma infinidade de espelhos. Em algum lugar do mundo deve haver uma mina de espelhos? Espelho não é coisa criada e sim nascida. Não são precisos muitos para se ter a mina faiscante e sonambúlica: *bastam dois, e um reflete o reflexo do outro que o refletiu* em um tremor que se transmite em mensagem telegráfica intensa e muda, insistente, liquidez em que se pode mergulhar a mão fascinada e retirá-la escorrendo de reflexos dessa dura água que é o espelho. *Como a bola de cristal dos videntes, ele me arrasta para o vazio que para o vidente é o seu campo de meditação*, e em mim o campo de silêncios e silêncios. E mal posso falar, de tanto silêncio desdobrado em outros.

Espelho? Esse vazio cristalizado que tem dentro de si espaço para se ir para sempre em frente sem parar: pois espelho é o espaço mais fundo que existe. E é coisa mágica: *quem tem um pedaço quebrado já poderia ir com ele meditar no deserto*. Ver-se a si mesmo é extraordinário. Como um gato de dorso arrepiado, arpeio-me diante de mim. No deserto também voltaria *vazia, iluminada e translúcida*, e com o mesmo silêncio vibrante de um espelho. A sua forma não importa: nenhuma forma consegue circunscreve-lo e alterá-lo. *Espelho é luz*. Um pedaço mínimo de espelho é sempre um espelho todo. Tire-se a sua moldura ou a linha de seu recortado, e ele cresce assim como água se derrama.

O que é um espelho? É o único material inventado que é natural. *Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que a sua profundidade consiste em ele ser vazio, quem caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele o vestígio da própria imagem – esse alguém então percebeu o seu mistério de coisa. Para isso há de se surpreendê-lo quando está sozinho, quando pendurado em um quarto vazio, sem esquecer que a mais tênue agulha diante dele poderia transformá-lo em simples imagem de uma agulha, tão sensível é o espelho na sua qualidade de reflexão levíssima, só imagem e não o corpo*. Corpo da coisa.

Ao pintá-lo precisei de minha própria delicadeza para não atravessá-lo com minha imagem, pois espelho em que eu me veja já sou eu, só espelho vazio é que é o espelho vivo. Só uma pessoa muito delicada pode entrar em um

quarto vazio onde há um espelho vazio, e com tal leveza, com tal ausência de si mesma, que a imagem não marca. Como prêmio essa pessoa delicada terá então penetrado em um dos segredos invioláveis das coisas: viu o espelho propriamente dito.

E descobriu os enormes espaços gelados que ele tem em si, apenas interrompidos por um ou outro bloco de gelo. Espelho é frio e gelo. Mas há a sucessão de escuridões dentro dele – perceber isto é instante muito raro – e é preciso ficar à espreita dias e noites, em jejum de si mesmo, para poder captar e surpreender a sucessão de escuridões que há dentro dele. Com cores de preto e branco recapturei na tela sua luminosidade trêmula. Com o mesmo preto e branco recapturei também, em um arpejo de frio, uma de suas verdades mais difíceis: o seu gélido silêncio sem cor. É preciso entender a violenta ausência de cor de um espelho para poder recriá-lo, assim como se recriasse a violenta ausência de gosto da água.

Não, eu não descrevi o espelho – eu fui ele. E as palavras são elas mesmas, sem tom de discurso (Lispector, 2019, pp. 76 e seg., grifos meus).

A profundidade do espelho, de maneira sugestiva, convoca o observador a adentrar o recesso introspectivo, onde o ato de contemplação desencadeia um processo reflexivo que culminará na meticulosa estruturação da aplicabilidade concreta das percepções extraídas de uma existência impregnada com a sabedoria advinda da vivência do próprio Ser. Adicionalmente, no contexto de *Um sopro de vida (Pulsações)*, emerge uma série de manifestações do fenômeno da reflexão, tangível em diversas ocorrências, a exemplo destas: “Tive um sonho nítido inexplicável: sonhei que brincava com o meu reflexo. Mas meu reflexo não estava num espelho mas refletia uma outra pessoa que não eu” (*Id.*, 1978, p. 27) e “Ângela é um espelho” (*Ibid.*, p. 28).

No tocante à sistemática referida na passagem anterior, Umberto Eco elabora uma análise a respeito das enumerações presentes na literatura, nos textos de natureza religiosa, nas expressões artísticas visuais e até mesmo nas trivialidades do cotidiano. A concepção de listagem, enquanto ato de conceber uma relação ordenada, reflete a inclinação do intelecto humano para conferir arranjo ao tumulto amorfo. O erudito não omite, também, explorar a dinâmica da enumeração de objetos, apontando igualmente para a existência de uma métrica poética intrínseca à composição de listas. O autor atesta que, ocasionalmente, tais compilações podem assumir matizes idiossincráticos, como evidenciado na menção de “coleções obsessivas de objetos” (Eco, 2010, p. 67). Adicionalmente, Eco incursiona no mapeamento das categorias de coleções, contextualizadas de acordo com a natureza dos elementos que as compõem. Abarcam-se coleções fantásticas, intrigantes, delirantes, sóbrias, essenciais, transcendentalmente comuns e até mesmo revestidas de uma aura de nostálgica ternura.

O autor, adicionalmente, promove uma distinção meticulosa entre o formato de listagem de natureza prática e o matiz poético que pode ser discernido

em listas. A lista de cunho prático se afigura como subserviente a uma finalidade eminentemente referencial, no qual a preponderância repousa na concordância entre o registro escrito e a realidade tangível dos elementos mencionados, situados além das fronteiras da consciência do pensante. Essa manifestação listada, igualmente, sofre as influências do contexto no qual está inserida, resultando em um escopo que assegura que a lista, dada a sua essencial funcionalidade, jamais se desvie para a incongruência. É oportuno salientar, ainda, que tal forma de listagem ostenta uma finitude característica, uma vez que as suas propriedades inerentes circunscrevem o processo de enumeração dos objetos.

Em contraponto, a modalidade de listagem de teor poético revela um arranjo de elementos que pode muito bem não encontrar sua existência tangível além dos limites da consciência do intelecto explorador. As listas de índole poética, na perspectiva de Eco, ganham forma “porque não somos capazes de enumerar alguma coisa que escapa às nossas capacidades de controle e denominação” (Eco, 2010, p. 117).

Nas análises que se desdobram adiante, será possível discernir como os solilóquios internos das personagens se metamorfoseiam em sequências enumerativas, abrangendo um diversificado rol de súplicas endereçadas a Deus. Além disso, essas petições revelam-se propícias a serem portadoras de uma carga simbólica substancial, a qual, de acordo com os argumentos delineados por Durand, revela-se multifacetadamente cósmica, onírica e poética em sua essência:

O símbolo é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto, é a epifania de um mistério. A metade visível do símbolo, o “significante”, estará sempre carregado da máxima concreção, e, como Paul Ricoeur diz de uma maneira excelente, qualquer símbolo autêntico possui três dimensões concretas: é simultaneamente “*cósmica*” (*isto é, recolhe às mãos cheias a sua figuração no mundo bem visível que nos rodeia*), “*onírica*” (*isto é, enraíza-se nas recordações, nos gestos que emergem nos nossos sonhos e constituem, como bem demonstrou Freud, a massa muito concreta da nossa biografia mais íntima*) e, finalmente, “*poética*”, isto é, o símbolo apela igualmente à linguagem, e à linguagem que mais brota, logo, mais concreta. Mas também a outra metade do símbolo, a parte de invisível e de indivisível que faz dela um mundo de representações indiretas, de signos alegóricos sempre inadequados, constitui uma espécie lógica bem à parte. Enquanto num simples signo o significado é limitado e o significante, ainda que arbitrário, é infinito: enquanto a simples alegoria traduz um significado finito por um significante e não menos delimitado, os dois termos do symbolon são, por sua vez, infinitamente abertos. O termo significante, o único concretamente conhecido, remete em “extensão”, se assim podemos dizer, para todas as espécies de “qualidades” não figuráveis, e isto até à antinomia. É por isso que o signo simbólico, “*o fogo*”, *aglutina os sentidos divergentes e antinômicos do “fogo purificador”, do “fogo sexual”, do “fogo demoníaco e infernal”* (Durand, 1993, p. 12, grifos meus).

Os matizes cósmicos, oníricos e poéticos imanentes nos elementos que povoam as listas elaboradas pelas personagens de Lispector virão à luz, desvelando a configuração da imaginação epifânica-simbólica, que se manifesta com eloquência na tessitura dos monólogos internos e, gradualmente, provoca a expansão da consciência em direção ao domínio da transcendência. Em consonância com a perspectiva proposta por Durand, onde “o símbolo é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto, é a epifania de um mistério” (Durand, 1993, p. 12), torna-se imperativo incorporar a tradição que concebe uma obra literária como o resultado do sinergismo entre o esforço intelectual e imaginativo do autor, e que, por conseguinte, traz consigo uma profusão de símbolos que apontam em direção à dimensão da imaginação epifânica.

### DESENVOLVIMENTO: “COMO A CHUVA QUE REBENTA”

Nas análises que se seguem, procuraremos examinar como algumas personagens clariceanas movimentam-se de acordo com o quadriparte processo de transformação da experiência epifânica do Ser em um texto literário-simbólico-espiritual conforme exposto por Valentin Tomberg.

Em *Perto do coração selvagem*, o inaugural romance de Clarice Lispector, é notável a presença de uma imaginação enriquecida de uma simbologia epifânica, particularmente evidente no sétimo capítulo intitulado *O Banho*. Nesse segmento, encontramos a jovem Joana, a protagonista da obra, sendo enviada pelos seus tios a um colégio interno em virtude de seu comportamento desafiador. Este trecho específico, sequencial à revelação epifânica de Joana durante sua imersão na banheira, expande a metáfora da água<sup>3</sup> para dimensões celestiais, aproximando-a das alturas onde nuvens e estrelas residem:

*Descobri em cima da chuva um milagre – pensava Joana – um milagre partido em estrelas grossas, sérias e brilhantes, como um aviso parado: como um farol. O que tentam dizer? Nelas pressinto o segredo, esse brilho é o mistério impassível que ouço fluir dentro de mim, chorar em notas largas, desesperadas e românticas. Meu Deus, pelo menos comunicai-me com elas, fazei realidade meu desejo de beijá-las. De sentir nos lábios a sua luz, senti-la fulgurar dentro do corpo, deixando-o fuscante e transparente, fresco e úmido como os minutos que antecedem a madrugada. Por que surgem em mim essas sedes estranhas? A chuva e as estrelas, essa mistura fria e densa me acordou, abriu as portas de meu bosque verde e sombrio, desse bosque com cheiro de abismo onde corre água. E uniu-o à noite. Aqui, junto à janela, o ar é mais calmo. Estrelas, estrelas, rezo. A palavra estala entre meus dentes em estilhaços frágeis. Porque não vem a chuva dentro de mim, eu quero ser estrela. Purificai-me um pouco e terei a massa desses seres que se guardam atrás da chuva. [...]. Não sinto loucura no desejo de morder estrelas, mas ainda existe a terra. E porque a primeira verdade está na terra e no corpo. Se o brilho das estrelas dói em mim, se*

3 Cf. Oliveira, 2017.

*é possível essa comunicação distante, é que alguma coisa quase semelhante a uma estrela tremula dentro de mim* (Lispector, 1998b, p. 66-67, grifos meus).

Marcado pelas características das digressões típicas do fluxo de consciência, este fragmento retrata as pequenas preces de Joana a Deus, que são motivadas por sua contemplação da chuva e das estrelas. No *Dicionário de Símbolos*, é explicado que “a chuva é universalmente considerada o símbolo das influências celestiais recebidas pela terra” (Chevalier, 1993, p. 235) e que o “caráter celestial [das estrelas] as torna símbolos do espírito e, especialmente, do conflito entre as forças materiais (ou da luz) e as forças materiais (ou das trevas)” (*Ibid.*, p. 404). Vistas como elementos simbólicos que compõem a trama literária da narrativa, a chuva e as estrelas, por um lado, representam em Joana o reconhecimento do mistério da sua existência, que flui como a chuva, e o anseio de sentir profundamente a essência das estrelas, o que a leva à compreensão de que há algo cósmico dentro de si. Por outro lado, essa divagação, usando símbolos universais, sugere seu desejo de transcendência e ascensão. Finalmente, esse trecho parece indicar, por meio de preces e imagens relacionadas à chuva e às estrelas, o ápice epifânico presente no *De profundis* da protagonista quando adulta.

Presente no último capítulo da narrativa, intitulado *A viagem*, a oração final de Joana apresenta uma paráfrase e paródia do Salmo 129, conforme a enumeração presente na Vulgata<sup>4</sup>. Por meio das metáforas aquáticas que indicam o movimento violento acelerado de uma cachoeira, a protagonista do primeiro romance de Lispector apresenta uma longa oração pedindo, entre diversas coisas, a vinda de Deus no mais fundo de seu ser:

Fechar os olhos e sentir como uma cascata branca rolar a inspiração. De profundis. Deus meu eu vos espero, deus vinde a mim, deus, brotai no meu peito, eu não sou nada e a desgraça cai sobre minha cabeça e eu só sei usar as palavras e as palavras são mentirosas e eu continuo a sofrer, afinal o fio sobre a parede escura, deus vinde a mim e não tenho alegria e minha vida é escura como a noite sem estrelas e deus por que não existes dentro de mim? Por que me fizestes separada de ti? Deus vinde a mim, eu não sou nada, eu sou menos que o pó e eu te espero todos os dias e todas as noites, ajudai-me, eu só tenho uma vida e essa vida escorre pelos meus dedos e encaminha-se para a morte serenamente e eu nada posso fazer e apenas assisto o meu esgotamento em cada minuto que passa, sou só no mundo, quem me quer não me conhece, quem me conhece me teme e eu sou pequena e pobre, não saberei que existi daqui a poucos anos, o que me resta para viver é pouco e o que me resta para viver no entanto continuará intocado e inútil, por que não te apiedas de mim? Que não sou nada, dai-me o que preciso, deus, dai-me o que preciso e não sei o que seja, minha desolação é funda como um poço e eu não me engano diante de mim e das pessoas, vinde a mim na desgraça e a desgraça é hoje,

---

4 Cf. Bíblia de Jerusalém, 2002.

a desgraça é sempre, beijo teus pés e o pó dos teus pés, quero me dissolver em lágrimas, das profundezas chamo por vós, vinde em meu auxílio que eu não tenho pecados, das profundezas chamo por vós e nada responde e meu desespero é seco como as areias do deserto e minha perplexidade me sufoca, humilha-me, deus, esse orgulho de viver me amordaça, eu não sou nada, das profundezas chamo por vós, das profundezas chamo por vós das profundezas chamo por vós... (Lispector, 1998b, pp. 198-199).

Repetindo o versículo *das profundezas chamo por vós* como se fosse uma oração jaculatória, Joana revela em seu desabafo – motivado por diversos acontecimentos nos fios que compõem a urdidura de *Perto do coração selvagem* – o tanto que ela desesperadamente anseia por uma união com Deus. Este ponto na narrativa que apresenta uma oração da personagem também se encontra em outros romances da autora. No âmbito desta pesquisa, importa averiguar a forma como estas manifestações de desejo por contato com a transcendência se desdobram na escrita literária de Lispector.

No livro *A Maçã no Escuro*, os monólogos interiores também nos mostram desabafos com pedidos que podem parecer contraditórios. Um exemplo disso é Vitória, que compartilha seus sentimentos íntimos de uma maneira similar à narradora-pintora de *Água Viva*. Ela expressa a sua vontade a Deus, buscando ser poupada da morte, revelando assim seus anseios mais profundos:

Talvez porque, tendo tropeçado, ela estivesse quase ajoelhada e não precisasse ser audaciosa para fazer o que o seu coração pedia; talvez porque estar pela primeira vez de noite fora de casa tivesse quebrado alguma lei de possibilidade — agora ela não precisava ser corajosa para completar o semigesto de queda, e então ajoelhou-se junto do tronco que a ferira e sem nenhuma vergonha pediu a Deus para *ser eterna*. “Só eu!”, implorou ela, não como privilégio mas para facilitar-Lhe a tremenda exceção. Ah Deus, deixe eu sempre *ter um corpo!* As lágrimas corriam pelo rosto ainda feliz que, alarmado, não tivera tempo de mudar de expressão. Meu Deus, confessou ela afinal sentindo que cometia com isso grande pecado, *não Vos quero ver nunca!* Tinha horror de Deus e de Sua doçura e de Sua solidão e de Seu perfume, tinha horror dos pássaros que Ele enviava como mensageiros de paz. *Eu não quero morrer porque não entendo a morte!* Disse a moça para Deus, *não me julgue tão superior a ponto de me dar a morte! Eu não a mereço! Me despreze porque sou inferior, qualquer vida me basta! Nem inteligente eu sou, sempre fui atrasada nos estudos, para que então me dar tanta importância? Basta me deixar de lado e me esquecer, quem sou eu para morrer! Só os privilegiados devem morrer! Quem está Lhe pedindo a verdade! Pode dá-la a quem pede!* (Id., 1995, pp. 234-235, grifos meus).

Mais adiante na história, Vitória se encontra imersa na escuridão de um quarto de hotel impessoal e, nesse momento, ela faz um pedido a Deus de forma sincera e intensa. Ela suplica que a audácia, a felicidade e a graça lhe



sejam retiradas, pois deseja evitar a severidade divina. Conforme a narrativa avança, ela encontra forças para encorajar a si mesma a acolher o medo como um aliado:

E sem poder mais mentir, chorei rezando no escuro, rezando assim “nunca mais isso, oh Deus *nunca mais me deixe ser tão audaciosa, nunca mais me deixe ser tão feliz, tire para sempre a minha coragem de viver, que eu nunca vá tão adiante em mim mesma, que eu nunca me permita, tão sem piedade, a graça*”, porque eu não quero a graça, pois antes morrer sem ter jamais visto que ter visto uma só vez! Porque Deus com sua bondade permite, ouviu, permite e aconselha que as pessoas sejam covardes e se protejam, Seus filhos prediletos são os que ousam mas Ele é severo com que ousa, e é benevolente com que não tem coragem de olhar de frente e Ele abençoa os que abjetamente tomam cuidado de não ir longe demais no arrebatamento e na procura da alegria, desiludido Ele abençoa os que não têm coragem. Ele sabe que há pessoas que não podem viver com a felicidade que há dentro delas, e então Ele lhes dá uma superfície de que viver, e lhes dá uma tristeza, Ele sabe que tem pessoas que precisam fingir, porque a beleza é árida, por que é tão árida a beleza? E então eu disse para mim “tenha medo, Vitória, porque ter medo é a salvação”. (Lispector, 1995, p. 257-258, grifos meus).

No desfecho de *A Maçã no Escuro*, somos convidados a mergulhar nas reflexões de Martim sobre a esperança, um tema que ecoará de maneira semelhante em *A Paixão Segundo G.H.* Como coroamento dessas reflexões sobre a essência da esperança, o diálogo com o espectro do pai se encerra com a revelação de que a luz misteriosa na verdade emanava do ocaso do dia, trazendo assim um significado singular ao momento:

Então, perdendo o pé, ele se argumentou e se justificou: “Não ter esperança era a coisa mais estúpida que podia acontecer a um homem”. Seria o fracasso da vida num homem. Assim como não amar era pecado de frivolidade, não ter esperança era uma superficialidade. Não amar, era a natureza errando. E quanto à perversão que havia em não ter esperança? Bem, isso ele entendeu com o corpo. Além do mais — em nome dos outros! — é pecado não ter esperança. Não se tinha direito de não ter. Não ter esperança é um luxo. Oh, Martim sabia que sua esperança escandalizaria os otimistas. Ele sabia que os otimistas o fuzilariam se o ouvissem. Porque a esperança é assustadora. Há que ser homem para ter a coragem de ser fulminado pela esperança.

[...].

Que luz é essa, papai? Gritou já solitário na esperança, andando de quatro para fazer seu pai rir, fazendo uma perguntinha bem antiga e tola contanto que adiasse o momento de assumir o mundo. Que luz é essa, papaizinho! Perguntou gaiato, com o coração batendo de solidão (*Ibid.*, pp. 317 e segs.).

Dentro das intrincadas páginas da obra literária intitulada *A Paixão Segundo G.H.*, o leitor perspicaz é levado a discernir a intrincada tessitura do

intertexto bíblico meticulosamente entrelaçado no próprio título da narrativa. A personagem central, G.H., é submetida a uma experiência de cunho existencial de proporções profundas, desencadeada pelo seu ato de aniquilar uma barata que havia fixado residência no aposento de sua criada. Num ápice culminante da trama, G.H. realiza uma catarse espiritual ao direcionar suas palavras em forma de prece a sua mãe, habilmente parodiando os contornos da oração da Ave Maria, por meio da qual ela desabafa e exterioriza o torpor avassalador que a invadiu em decorrência do assassinato do inseto:

– Mãe: matei uma vida, e não há braços que me recebam agora e na hora do nosso deserto, amém. Mãe, tudo agora tornou-se de ouro duro. Interrompi uma coisa organizada, mãe, e isso é pior que matar, isso me fez entrar por uma brecha que me mostrou, pior que a morte, que me mostrou a vida grossa e neutra amarelecendo. A barata está viva, e o olho dela é fertilizante, estou com medo de minha rouquidão, mãe (Lispector, 1998a, p. 94).

A experiência transcendental vivenciada por G.H. diante da aterradora contemplação do interior do inseto evocou em sua alma um derramamento de lágrimas que pareciam engendrar uma manifestação divina. Nesse fragmento literário, tal como o faz Lóri em semelhante contexto, a protagonista de *A paixão segundo G.H.* faz uso do artigo masculino ao preceder a palavra *Deus*, sugerindo assim que tanto Lóri quanto G.H. concebem Deus não apenas como uma entidade transcendente, mas também como uma substância essencial e intrínseca à realidade profunda:

Em no soluço o Deus veio a mim, o Deus me ocupava toda agora. Eu oferecia o meu inferno a Deus. O primeiro soluço fizera – de meu terrível prazer e de minha festa – uma dor nova: que era agora tão leve e desamparada como a flor de meu próprio deserto. *As lágrimas que agora escorriam eram como por um amor.* O Deus, que nunca podia ser entendido por mim senão como eu O entendi: me quebrando assim como uma flor que ao nascer mal suporta se erguer e parece quebrar-se (*Ibid.*, p. 131, grifos meus).

A tormenta angustiante que a subjugava emergia como a única oferenda suscetível de ser apresentada ao Deus. O amor incipiente que gradualmente se incrustava em seu âmago proporcionou-lhe uma clara visão sobre os desígnios celestiais, os quais se delineavam na direção de sua própria exaltação divina, harmonicamente entrelaçada com a contínua preservação de sua essência humana. Contudo, G.H., permeada por suas reflexões, parte do pressuposto subjacente de que a aspiração mais transcendental da humanidade repousa no anelo de vislumbrar a face do Divino, uma concepção que ela assimila como inatingível devido à discrepância intransponível de magnitude entre o domínio humano e o divino:

Eu estava em pleno seio de uma indiferença que é quieta e alerta. E no seio de um indiferente amor, de um indiferente sono acordado, de uma dor indiferente. De um Deus que, se eu amava, não compreendia o que Ele queria de mim. Sei, Ele queria que eu fosse o seu igual, e que a Ele me igualasse por um amor de que eu não era capaz.

Por um amor tão grande que seria de um pessoal tão indiferente – como se eu não fosse uma pessoa. Ele queria que eu fosse com Ele o mundo. Ele queria minha divindade humana, e isso tivera que começar por um despojamento inicial do humano construído.

E eu dera o primeiro passo: pois pelo menos eu já sabia que ser um humano é uma sensibilização, um orgasmo da natureza. E que, só por uma anomalia da natureza, é que, em vez de sermos o Deus, assim como os outros seres O são, em vez de O sermos, nós queríamos vê-Lo. *Não faria mal vê-Lo, se fôssemos tão grandes quanto Ele.* Uma barata é maior que eu porque sua vida se entrega tanto a Ele que ela vem do infinito e passa para o infinito sem perceber, ela nunca se descontinua (Lispector, 1998a, p. 126, grifos meus).

Em um momento culminante da trama, G.H. eleva sua voz em uma prece fervorosa, implorando à divindade que lhe conceda a própria essência, a qual venera profundamente, despojada de quaisquer limitações materiais. Nesse ápice narrativo, a protagonista estabelece uma íntima conexão com o divino e a Coisa, sugerindo uma perspectiva intrincada na qual ela se identifica tanto com Deus quanto com o âmbito das coisas materiais. Tal reflexão insinua a ousada conjectura de que a presença divina habita nela mais genuinamente do que sua própria individualidade:

A coisa para mim terá que se reduzir a ser apenas aquilo que rodeia o intocável da coisa? *meu deus, dá-me o que fizeste.* ou já deste? e sou eu que não posso dar o passo que me dará o que já fizeste? *o que fizeste sou eu?* e não consigo dar o passo para mim, mim que és coisa e tu. dá-me o que és em mim. dá-me o que és nos outros, tu és o ele, eu sei, eu sei porque quando toco eu vejo o ele. mas o ele, o homem, cuida do que lhe deste e envolve-se num invólucro feito especialmente para eu tocar e ver. e eu quero mais do que o invólucro que também amo. *eu quero o que eu te amo* (*Ibid.*, p. 138, grifos meus).

No decurso da trama, a protagonista G.H. empreende uma profunda análise especulativa, precipitada por uma antiepifania desencadeada pelo simples ato prosaico de eliminar um repulsivo inseto. Dentro desse contexto, ela mergulha em contemplações abrangentes acerca de temas intrincados como esperança, desespero, a essência da natureza humana e a própria divindade. Esse romance, colocado em sequência temporal, emerge como um marco distintivo no qual as personagens concebidas por Lispector amplificam, no refinado domínio do monólogo interior, a sua disponibilidade para se abrirem à esfera transcendente de Deus.

*Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, o próximo romance que iremos examinar, apresenta uma trama envolvente que gira em torno da relação entre Lóri, uma professora do ensino fundamental, e Ulisses, um professor universitário. O excerto subsequente revela, por meio de uma técnica de fluxo de consciência, a profunda e vívida subjetividade imaginativa e epifânica experimentada por Lóri, conforme retratada pela narradora. Nesse trecho, somos transportados para a complexidade de seus pensamentos e emoções, permitindo-nos mergulhar nas camadas mais íntimas de sua mente enquanto ela interage com o mundo ao seu redor e, em particular, com Ulisses:

Então sentou-se para descansar e em breve *fazia de conta que ela era uma mulher azul porque o crepúsculo mais tarde talvez fosse azul, faz de conta que fiava com fios de ouro as sensações*, faz de conta que a infância era hoje e prateada de brinquedos, faz de conta que uma veia não se abria e faz de conta que dela não estava em silêncio alvíssimo escorrendo sangue escarlate, e que ela não estivesse pálida de morte mas isso fazia de conta que estava mesmo de verdade, precisava no meio do faz de conta falar a verdade de pedra opaca para que contrastasse com o faz de conta verde-cintilante, *faz de conta que amava e era amada, faz de conta que não precisava morrer de saudade, faz de conta que estava deitada na palma transparente da mão de Deus, não Lóri mas o seu nome secreto que ela por enquanto ainda não podia usufruir, faz de conta que vivia e não que estivesse morrendo pois viver afinal não passava de se aproximar cada vez mais da morte*, faz de conta que ela não ficava de braços caídos de perplexidade quando os fios de ouro que fiava se embarçavam e ela não sabia desfazer o fino fio frio, faz de conta que ela era sábia bastante para desfazer os nós de corda de marinheiro que lhe atavam os pulsos, faz de conta que tinha um cesto de pérolas só para olhar a cor da lua pois ela era lunar, *faz de conta que ela fechasse os olhos e seres amados surgissem quando abrisse os olhos úmidos de gratidão*, faz de conta que tudo o que tinha não era faz de conta, faz de conta que se descontraía o peito e uma luz douradíssima e leve a guiava por uma floresta de açudes mudos e de tranqüilas mortalidades, *faz de conta que ela não era lunar*, faz de conta que ela não estava chorando por dentro — pois agora mansamente, embora de olhos secos, o coração estava molhado; ela saía agora da voracidade de viver (Lispector, 1982, pp. 12-13, grifos meus).

Este bloco textual, traz-nos, como em um arquivo de colecionador, uma lista de coisas que pertencem ao âmbito do simbólico, posto que são preludiadas pelo sintagma *faz de conta*, que engendra, para Durand, “símbolos da própria função simbólica que é [...] mediadora entre a transcendência do significado e o mundo manifesto dos signos concretos, encarnados, que se tornam símbolos através dela” (Durand, 1993, p. 25). Desta forma, mediante a compreensão do filósofo acerca do que vem a ser a função simbólica – que diz respeito ao ponto na consciência humana em que ocorre a união dos opostos, ou seja, as duas metades que compõem o símbolo – e interpretando as inúmeras significações possíveis nos elementos presentes na lista enumerada pela narradora, proponho,

no âmbito da análise construída neste ensaio, a análise de alguns dos *faz de conta* da personagem. A relação entre *crepúsculo* e *azul*, ligados à feminilidade de Lóri, pode ser um símbolo da sua *melancolia*, que também está conectada à profunda *saudade*, necessidade do *amor e nostalgia de Deus* por meio do usufruto do *seu nome real*; a ligação entre *ouro* e *sensações*, do alto valor que a personagem dá à interiorização das impressões que as coisas causavam nela, apesar de que, muitas vezes, elas podem atrapalhar o aspecto prático da vida, que também pode acelerar o encontro definitivo com a morte. Estas confabulações a respeito da vida íntima de Lóri parecem conectar-se a uma prece que a personagem dirige, no momento em que ocorre o clímax epifânico da narrativa, a Deus. Tal oração foi motivada, conforme a leitura do romance deixa entrever, pelo seu relacionamento com Ulisses, professor universitário do curso de filosofia, que tanto instigou nela este contato com o Transcendente:

Alivia a minha alma, faze com que eu sinta que Tua mão está dada à minha, faze com que eu sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos na eternidade, faze com que eu sinta que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte, faze com que eu sinta uma alegria modesta e diária, faze com que eu não Te indague demais, porque a resposta seria tão misteriosa quanto a pergunta, faze com que me lembre de que também não há explicação porque um filho quer o beijo de sua mãe e no entanto ele quer e no entanto o beijo é perfeito, faze com que eu receba o mundo sem receio, pois para esse mundo incompreensível eu fui criada e eu mesma também incompreensível, então é que há uma conexão entre esse mistério do mundo e o nosso, mas essa conexão não é clara para nós enquanto quisermos entendê-la, abençoa-me para que eu viva com alegria o pão que eu como, o sono que durmo, faze com que eu tenha caridade por mim mesma pois senão não poderei sentir que Deus me amou, faze com que eu perca o pudor de desejar que na hora de minha morte haja uma mão humana amada para apertar a minha, amém (Lispector, 1982, pp. 58-59).

Os pedidos presentes na oração vão desde o desejo por um refrigério espiritual – passando pela ânsia por sentir Deus fisicamente, a agonia que o correr das horas trás, a contraposição do amor à morte, o amor a si mesma como prerrogativa para perceber o amor divino – à vontade de ter uma companhia durante a passagem para o que há depois da morte. Trata-se, portanto, da presença, no romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, da configuração daquela tradição espiritual, representada pelo arquétipo da Papisa, que culminará nos diversos êxtases poético-espirituais presentes em *Um sopra de vida* e que são compartilhados tanto por Ângela Pralini quanto por seu Autor.

No âmbito deste ensaio, é o romance *Água Viva* que se torna objeto de contemplação subsequente, trazendo consigo uma protagonista de habilidades pictóricas que audaciosamente se aventurou nas artes da escrita literária.

Nesse percurso, o enredo não apenas entrelaça as características intrínsecas da pintura e da literatura, mas culmina em seus derradeiros capítulos com uma sequência de monólogos interiores que refletem uma profunda abertura para a transcendência. Adicionalmente, destaca-se no cerne do romance a meditação sobre o estado de graça. Contudo, convém ressaltar que esse estado não se liga ao âmbito teológico convencionalmente associado à expressão. Pelo contrário, ele se manifesta como a sensação profunda de ter sido agraciada pelo mensageiro da vida, com a revelação do mundo em toda a sua plenitude. Em meio a essa exploração, a pintora não hesita em revelar suas próprias apreensões, delineando um temor palpável em relação a Deus e à morte, sentimentos que se desvelam com franca honestidade:

Não vou morrer, ouviu, Deus? Não tenho coragem, ouviu? Não me mate, ouviu? Porque é uma infâmia nascer para morrer não se sabe quando nem onde. Vou ficar muito alegre, ouviu? Como resposta, como insulto. Uma coisa eu garanto: nós não somos culpados. E preciso entender enquanto estou viva, ouviu? porque depois será tarde demais (Lispector, 2019, p. 89).

Pouco antes deste momento, a pintora inicia uma descrição poética de uma série de flores, conferindo-lhes uma espécie de personalidade e caráter distintos. Nessa fantasia botânica, sua imaginação epifânica se manifesta por intermédio das rosas femininas, que emanam uma aura delicada; o cravo, ostentando sua natureza agressiva; o girassol, com sua afiliação solar e radiante; a violeta introspectiva; a sempre-viva, que exibe sua segura perene; a margarida, personificando alegria; a orquídea, carregando consigo uma certa antipatia; a tulipa neerlandesa; a modesta flor dos trigais; a perigosamente extática angélica; o encantador jasmim; a estrelícia com suas qualidades masculinas; a dama-da-noite, que se projeta de forma quase fantasmagórica; a edelvais, cuja natureza quase inatingível a define; o gerânio fenestral, que espreita através das janelas; a majestosa e singela vitória-régia; e o crisântemo profundamente exultante.

Essa ilustração notável de uma lista exemplariza a concepção de que “os enfeites não eram apenas agradáveis para os olhos: também serviam a propósitos mais profundos, exercendo poderes de cura e funcionando como alegorias” (Blom, 2003, p. 53). Dessa maneira, o indivíduo que acumula objetos evidencia uma inclinação para possuir um microcosmo emblemático em sua galeria privada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### "A última palavra será a quarta dimensão"

No interior da obra *Um Sopro de Vida*, que marcante e triunfantemente assinala o ápice da trajetória literária trilhada por Clarice Lispector, emergiria outra lista poética de igual importância. Fruto de um laborioso parto textual permeado por aflições, conforme explicitado pelas próprias expressões da autora dirigidas a Olga Borelli, este livro intrínseco se desdobraria na trama que encerra a jornada do Autor-Escritor<sup>5</sup>. Atravessado por um desejo irrefutável de engendrar uma personagem, almejando, entre outras metas, lançar luz sobre as complexidades do processo criativo, esta criação literária se concretiza de forma concomitante à gestação de *A Hora da Estrela*. Neste contexto, *Um Sopro de Vida* desvela-se como um caleidoscópio narrativo de caráter multifacetado, uma tessitura literária que transcende os limites convencionais e se manifesta em formas cambiantes e envolventes:

O diluído enredo, que ainda subsiste rarefeito em seus primeiros livros, se dissolve, progressivamente a favor da anotação de cada dia, cada hora, cada minuto que escorre. Como se houvesse uma vida superficial, tecida de fatos, que é preciso esgotar e viver depressa; e uma vida profunda, latente, da qual é urgente contar, instante a instante, as pulsações (Sá, 1999, p. 201)

Dentro das páginas do *Livro de Ângela* repousa, em toda a sua poética magnificência, a relação mencionada anteriormente, uma enumeração repleta de nuances e ornamentos, das coleções e adornos que adornam a figura emblemática da “mulher-coisa”; daquela que é “mãe-coisa”; do evocativo “biombo”; do estado que se converte em coisa; daquilo que é tão indescritível quanto misterioso; da caixa de prata que guarda segredos insondáveis; da morada que acolhe histórias e silêncios; do cronista do tempo, o relógio; das grades de ferro que contornam e limitam; do automóvel que leva sonhos e esperanças; da vitrola que sussurra canções de tempos remotos; da borboleta que personifica a efemeridade; da lata de lixo, testemunha dos descartes da vida; da joia que reluz em todo o seu esplendor; e por fim, o elevador, guardião das ascensões. Cada um destes agrupamentos de palavras é agraciado com uma descrição minuciosa e literariamente elaborada, destilada para exibir sua capacidade alegórica de cura. Contudo, tal como nos traços de *Água Viva*, emerge outra elocução, uma enumeração de pedras preciosas personificadas, como se fossem dotadas de personalidades distintas e singulares. A joia, em sua ira cintilante, o colar de pérolas exibindo um fulgor terno e sereno, o ouro branco que emana uma ameaça latente, o ouro-sol, glorioso em sua irradiante majestade, os brilhantes

---

5 Cf. Borelli, 1981.

que entoam uma alegria radiante, o diamante-pedra de aparência circunspecta, o broche que ostenta um caráter sereno e sisudo, os brincos que se entregam a exclamações de brilho, o coral selvagem e indomável, o diadema real que alça sua frente, o jade que evoca uma divindade interior, o fragmento de vidro, tesouro raro, o rubi que flameja com intensidade, a esmeralda quebradiça e frágil, o topázio transparente e translúcido, a pedra íntima e secreta, a safira que ofusca com seu brilho intenso, a pulseira que subjuga e cativa, a platina gélida e distante, a ametista repulsiva em sua peculiar atração, o ônix que se alça como uma joia principesca e a água-marinha, tingida de um temor inquietante.

Bachelard, ao manifestar a dualidade intrínseca nos anseios daqueles que concebem a beleza como o ápice valorativo, enfatiza a esfera das grandiosidades cósmicas e a esfera dos minúsculos componentes. O devaneio de matizes botânicos, em *Água Viva*, harmonizado com o devaneio cristalino, presente em *Um Sopro de Vida*, desvelam a existência nas respectivas personagens de uma alma de cunho onírico, anelante por apreciar objetos que se adequam às proporções da mão humana:

Num dos pólos, a alma sonhante interessa-se por uma beleza imensa, sobretudo por uma beleza familiar, pelo céu anil, pelo mar infinito, pela floresta profunda – por uma floresta abstrata tão grande, tão incorporada na unidade misteriosa de seu ser que já não se vêem as árvores. E a noite estrelada é tão vasta, tão rica em luz de estrelas, que, do mesmo modo, já não se vêem os astros.

No outro pólo, a alma sonhante interessa-se por uma beleza excepcional, surpreendente. Desta vez a imagem maravilhosa não tem a grandeza de um mundo, é uma beleza que se segura na mão: *bonitas miniaturas, flores ou jóias, obras de uma fada* (Bachelard, 2016, pp. 231-232, grifos meus).

A pesquisa elaborada por Bachelard relativa ao reino das flores e das joias (abrangendo, nesse contexto, a vasta gama de gemas preciosas presentes no universo conceitual de Ângela Pralini), proporciona uma oportunidade exponencial para aprofundar ainda mais a conexão entre as duas narrativas, apesar de suas distintas abordagens estilísticas. As protagonistas de ambas as histórias compartilham uma característica intrínseca de serem visionárias, e é por meio de seus devaneios epifânicos que se desnuda o potencial imaginativo que engendra o Livro enquanto veículo que transmite a possibilidade de contato com o âmbito do transcendental. A translúcida e quase etérea natureza dos cristais, asseverado pelos eruditos Chevalier e Gheerbrant (1993), constitui um dos mais sublimes exemplares da harmoniosa confluência dos opostos. Assim delineado, presta-se magnificamente a personificar o domínio intersticial entre o tangível e o imperceptível, o corpóreo e o espiritual, o perceptível pelos sentidos e o apreensível pelo intelecto. De maneira análoga, a flora, em sua generalidade,



encarna o princípio passivo, porquanto, como a ânfora, assume o papel de receptáculo das influências celestiais. Seu desenvolvimento, engendrado pela conjunção de água e terra, simboliza, por sua vez, a materialização. Entretanto, por meio da correspondência simbólica com as borboletas, as flores também se erigem em ícones das almas dos defuntos. Logo, a flor se desvela como uma figura arquetípica da alma enquanto epicentro espiritual. As tonalidades que a adornam, segundo os peritos do *Dicionário de Símbolos*, são emblemas de tendências psíquicas singulares. A título de exemplo, o amarelo ostenta simbolismo solar; o vermelho, um ícone de vitalidade sanguínea; e o azul, a representação de uma irrealidade onírica.

A trama de *Um sopro de vida* de Clarice Lispector representa um notável cenário onde os personagens se engajam em diálogos profundos acerca da divindade. A narrativa é permeada por uma qualidade visionária que, em grande medida, evita manifestações de rebelião contra a entidade divina. Conforme a história alcança seu desfecho, as ponderações de Ângela Pralini sobre Deus adquirem uma intensidade acentuada. Ela O enxerga como aquEle que concede perdão por sua vida errática, que a encontrou nos momentos de desespero e a ergueu, que a abençoa e para quem ela se oferece em um gesto de devoção, apesar de seu corpo estar quase exaurido pela busca incessante. Contudo, ainda perduram momentos fugazes de hesitação, nos quais Pralini experimenta uma sensação de não ser totalmente compreendida por Ele. Essa momentânea ambiguidade é aparentemente resolvida na prece que encerra o romance, onde as incertezas se dissipam e um sentido de clareza espiritual é alcançado:

Meus Deus, me dê a coragem de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites, todos vazios de Tua presença. Me dê a coragem de considerar esse vazio como uma plenitude. Faça com que eu seja a Tua amante humilde entrelaçada a Ti em êxtase. Faça com que eu possa falar com este vazio tremendo e receber como resposta o amor materno que nutre e embala. Faça com que eu tenha a coragem de Te amar, sem odiar as Tuas ofensas à minha alma e ao meu corpo. Faça com que a solidão não me destrua. Faça com que minha solidão me sirva de companhia. Faça com que eu tenha coragem de me enfrentar. Faça com que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo. Receba em teus braços o meu pecado de pensar (Lispector, 1978, p. 171).

A última prece articulada por Ângela Pralini, que se erige como o ápice culminante de sua empreitada literária, representa a mais completa síntese do arquétipo da Papisa. Através de uma habilidosa mescla de construções oximorônicas – tais como vazio e presença, vazio e plenitude, solidão e companhia, nada e tudo – emerge a incontestável evidência da invocação poética utilizada para articular a experiência mística. Dessa maneira, os estados visionários percorridos por Ângela Pralini exibem, ainda que de maneira embrionária, o

ápice de uma narrativa nutrida pela imaginação onírica, epifânica e simbólica, características intrínsecas à célebre obra de Clarice Lispector. Estamos, portanto, diante da oportunidade de perceber os ecos precoces da convergência entre Ângela Pralini e a Papisa, ao longo do percurso literário delineado por Clarice Lispector. Mediante a técnica das listas, suas personagens conferem aos objetos enunciados a potência de um talismã de cura. Em última instância, sua carga simbólica aprofunda a natureza epifânica da escrita romanesca.

## REFERÊNCIAS

**“SÓ ME INTERESSA O QUE NÃO SE PODE PENSAR – O QUE SE PODE PENSAR É POUCO DEMAIS PARA MIM”**

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade**: Ensaio sobre a Imaginação das Forças. 4<sup>a</sup>. ed. Trad: por Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BLOM, Philipp. **Ter e Manter: Uma História Íntima de Colecionadores e Coleções**. Trad: de Berilo Vargas. São Paulo: Editora Record, 2003.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. (orgs.). **Dicionário De Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números**. 7<sup>a</sup>. Ed. Trad: por Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. Trad: Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993.

ECO, Umberto. **A Vertigem das Listas**. Trad: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

HUXLEY, Aldous. **A Filosofia Perene**. Trad: Murillo Nunes de Azevedo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

LISPECTOR, Clarice. **A Maçã no Escuro**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998<sup>a</sup>.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco digital, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **Onde Estivestes de Noite**. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.

LISPECTOR, Clarice. **Perto Do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998<sup>b</sup>.

LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro De Vida (Pulsações)**. Edição integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou O Livro Dos Prazeres**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

OLIVEIRA, Victor Hugo P. de. **A simbologia da água em Água viva, Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres e Perto do coração selvagem de Clarice Lispector**. RIBANCEIRA, v. 10, p. 144-154, 2017.

SÁ, Olga de. **A Escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SÁ, Olga de. **Clarice Lispector: A Travessia do Oposto**. São Paulo: Annablume, 1999.

TOMBERG, Valentin Arnoldevitch. **Meditações sobre os 22 Arcanos Maiores do Tarô**. Trad: por Benôni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

## A ESPIRITUALIDADE DO ROSÁRIO NO *RETÁBULO DE SANTA JOANA CAROLINA*, DE OSMAN LINS

*Marina Arantes Santos Vasconcelos<sup>1</sup>*

“(…) Há, no feito miraculoso com o qual se estabeleceu a devoção ao santo Rosário, algo análogo ao modo como Deus entregou Sua Lei ao mundo no Monte Sinai, e dá prova evidente de seu valor e importância. (…”. (Aquino, 2020, p. 1736).

### INTRODUÇÃO

Desde os primórdios do cristianismo, as hagiografias eram imbuídas de certo caráter catequético, oferecendo às comunidades primitivas testemunhos de fé e inspiração para o seguimento ao caminho proposto pela doutrina religiosa católica. Como desmembramento resultante da elaboração de uma tese de doutorado (Vasconcelos, 2022) sobre o *Retábulo de Santa Joana Carolina* (Lins, 1994), este artigo propõe uma leitura literária que não seja avessa ao sopro da espiritualidade emanado do próprio tecido narrativo costurado por Osman Lins no cerne de seu **Nove, Novena** (Lins, 1994).

Parte-se de uma concepção do sagrado justamente como um mistério a se contemplar, algo que não se reduz ao inteligível, ao alcance da matéria e da física, mas as ultrapassa para uma dimensão metafísica. Daí a ideia da sacralidade da vida de Joana Carolina (Lins, 1994) em uma medida que a razão não compreende – “quinhão de espanto numa vida pobre de mistério” (Lins, 1994) – e cuja manifestação se dá a partir do cultivo da vida interior.

### ESPIRITUALIDADE EM MISTÉRIOS

Já no primeiro Mistério da trama, a narradora alude à presença de “imagens de santos” (Lins, 1994, p. 73) que ladeiam a cama onde nascera a filha de Totônia. No segundo Mistério, por sua vez, o tesoureiro da Irmandade das Almas acusa a existência de uma “(…) Caixa das Almas, (...) transformada

---

1 Marina Arantes Santos Vasconcelos é Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília e Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. *E-mail*: asvamarina@gmail.com.

quase em santuário, pois algumas pessoas aí acendem velas, rezam para seus mortos. (...)” (Lins, 1994, p. 75).

O terceiro Mistério remete à presença da trindade carmelita na composição do enredo (Lins, 1994). Também a imagem de São Sebastião irrompe na cena da trama: “(...) Joana descalça, vestida de branco, os cabelos de ouro esvoaçando, traz sobre o peito a imagem emoldurada de *São Sebastião (...)*” (Lins, 1994, p. 76). A imagem de Joana descalça pondo-se em procissão inevitavelmente remete à particularidade desse ramo da espiritualidade católica. Também a filha de Joana Carolina chama-se Maria do Carmo, que corresponde a outra referência a essa Ordem religiosa dos irmãos do Carmelo.

De forma suplementar, o sétimo e o décimo primeiro Mistérios aludem a essa espiritualidade carmelita. No décimo primeiro Mistério, por exemplo, ao mencionar a vida de São João da Cruz, o padre (†) que unge a heroína com o óleo da extrema-unção alerta (Lins, 1994): “(...) Vede a advertência de *São João da Cruz, para quem a memória será posta em Deus na medida em que a alma desembaraçá-la de coisas que, embora importantes, não sejam de Deus. Como, porém, nesse sentido, chegar à perfeição? (...)*” (Lins, 1994, p. 110).

Aliada à espiritualidade carmelita, reconhece-se, na história da vida de Joana Carolina, uma espiritualidade cotidiana, marcada pelo escondimento, no aqui e agora. Pelos registros bíblicos. Jesus, antes de iniciar sua vida pública, permaneceu trinta anos no escondimento da tutela de seus pais, Maria e José. Essa – assim chamada – escola de Nazaré, como se sabe, foi a escola de muitos santos da história da Igreja Católica. Bruno Varriano, em **O bom mestre de Nazaré: com o coração humano nos amou** (2016), registra que: “(...) Em Nazaré, Jesus crescia e se fortificava. Esta expressão o evangelista São Lucas repete duas vezes (cf. Lc 2, 40-52). Ele se desenvolveu no âmbito fisiológico, psicológico e em graça. (...)” (Varriano, 2016, p. 127).

Neste texto, pretendo, portanto, apresentar uma análise relacionada à configuração do estado de espiritualidade, configurado na representação da vida da Santa Joana Carolina, conformada em uma santidade escondida, forjada e “(...) penetrada do silêncio [das tardes de domingo] com que ficava sozinha (...)” (Lins, 1994, p. 117).

De acordo com Rosana Gomes (2003), “descer também é preâmbulo para subir. Assim pensavam os medievais, quando viam no sofrimento do corpo uma forma de redenção da alma, um meio de tornar leve a subida.” (Gomes, 2003, p. 50). Por meio do estudo dos símbolos de inversão e dos símbolos da intimidade, Gomes (2003) salienta que “o sofrimento é eufemizado, porque se constitui em uma forma de purificação do espírito, indica aceitação do castigo, e não um motivo de revolta para com o Criador” (*ibidem*, p. 50).

Conforme pontuado na tese *Retábulo de Santa Joana Carolina, de Osman Lins: tecendo Mistérios de santidade* (Vasconcelos, 2022), a revelação da récita frequente do rosário pela heroína do *Retábulo de Santa Joana Carolina* (Lins, 1994), consiste num instante epifânico do arco narrativo que inaugura o período crepuscular da vida da protagonista. Ali é dado ao leitor, conhecer o cerne da espiritualidade vivenciada por aquela que agora é *tida como Santa* (Lins, 1994), do mesmo modo que *há que se considerar o conjunto de remissões às vidas de santos e santas*<sup>2</sup>, que são enredadas na costura da trama que desfia a história da mãe de Laura.

A espiritualidade de Joana Carolina é desvelada pelo narrador coletivo do *Mistério Final* (Lins, 1994). Em *Glórias de Maria* (2018), Afonso de Ligório, o santo e doutor da Igreja Católica, ao falar dos milagres e histórias relacionados à intercessão de Maria Santíssima, elenca 89 (oitenta e nove) testemunhos que atribuem à oração do rosário o alcance de inúmeras graças, conversões e aparições de Maria SS., como no relato de número 29: “Outro irmão estava para ser encarcerado por não poder pagar os seus credores; recomendou-se a Maria e a SS. Virgem inspirou os seus credores a perdoar-lhe a dívida, e assim aconteceu.” (Ligório, 2018, p. 421). Adiante, no registro de número 72, diz Afonso de Ligório (2018) que “um pecador não tomava coragem de abster-se de um pecado de impureza; começa então a rezar o Rosário e se liberta.” (*ibidem*, p. 435). O autor (2018), logo no início da obra, faz referência ao ensinamento deixado por São Bernardino de Sena ao anunciar as glórias de Maria:

Quantas são as criaturas que servem a Deus, tantas devem, portanto, servir a Maria, já que os anjos, os homens e todas as coisas que há no céu e na terra, uma vez que são sujeitas ao império de Deus, são também sujeitas ao domínio da Virgem (Ligório, 2018, p. 17-18).

Segundo explicação constante da obra de Ligório (2018), são virtudes de Maria Santíssima: a humildade, a caridade para com Deus, a caridade para com o próximo, a fé, a esperança, a castidade, a pobreza, a obediência, a paciência e a oração. Adicionalmente, no Apêndice da edição de **O segredo admirável do Santíssimo Rosário**, traduzida por Raul Martins, São Luís Grignon de Monfort (2019) transcreve palavras de Nossa Senhora ditas ao Beato Alain de Roche:

---

2 Cf. **Dicionário de Espiritualidade** (2012): “A Sagrada Congregação para as Causas dos Santos, examinando cuidadosamente a vida dos candidatos à canonização, analisa se ela foi em tudo conforme ao Evangelho e se eles praticaram heroicamente as virtudes e como cumpriram os diferentes deveres do próprio estado. Os processos de beatificação e canonização nos demonstram que os santos são fruto da obra santificante da Igreja, mestra de toda santidade, e são ao mesmo tempo um forte argumento da sua santidade, que é continuamente confirmada por Deus com os milagres, como foi na vida de Cristo, cuja divindade, santidade, missão divina, doutrina e obras foram comprovadas por Deus com os milagres.” (Ancilli, Vol. III, 2012, p. 2264).

Por meio do Rosário, pecadores impenitentes de ambos os sexos se converteram e começaram a levar vidas santas, lamentando-se pelos seus pecados passados com lágrimas genuínas de contrição. Até mesmo crianças se punham a fazer penitências inacreditáveis; a devoção ao meu Filho e a mim se espalharam tão formidavelmente que era quase como se os anjos estivessem a viver na Terra. A Fé se expandia, e muitos católicos ansiavam por derramar o sangue em seu favor e lutar contra os hereges. Assim, pois, por meio dos sermões de meu querido Domingos e pelo poder do Rosário, as terras dos hereges foram todas conquistadas pela Igreja. [...]. O Rosário tornou-se tão difundido e bem conhecido que as pessoas que lhe eram devotas eram sempre consideradas como obviamente membros da Confraria. [...]. Não devo deixar de mencionar os sinais e maravilhas que fiz em terras diversas por meio do Santo Rosário; freei pestilências e dei fim a guerras horríveis, bem como a crimes sangrentos, e por meio do meu Rosário as pessoas conseguiram coragem para fugir da tentação (Monfort, 2019, p. 271-273).

Um dado que se pode depreender do anúncio córico sobre a Devoção Mariana de Joana Carolina (LIns, 1994), por meio da reza do rosário, é que esse exercício espiritual amolda os mecanismos de enfrentamento e sobrevivência diante de cada rito de passagem que vivencia. A experiência do sofrimento parece ser ressignificada pela ascese propiciada por essa prática de devoção. Nos termos da pesquisadora sobre a obra de Osman Lins, Rosana Gomes (2003): “O principal objetivo da sociedade medieval era garantir a salvação da alma. Disso decorria uma postura de resignação perante as intempéries da vida material” (Gomes, 2003, P. 96). Consoante sua explicação: “As orações se multiplicavam, gerando uma energia coletiva, uma ânsia de equilíbrio” (*ibidem*, p. 96). Ademais, de acordo com o entendimento de Fulcanelli, em *El Misterio de las Catedrales* (1971):

Na iconografia simbólica, a estrela serve para designar tanto a concepção quanto o nascimento. A Virgem é muitas vezes representada rodeada de estrelas. A de Larmor (Morbihan) pertence a um belo tríptico da morte de Cristo e do sofrimento de Maria – *Mater Dolorosa* –, no céu de cuja composição central podemos ver o sol, a lua, as estrelas e o candelabro de Íris, e na mão direita segura uma grande estrela – *maris stella* –, epíteto dado à Virgem em um hino católico (Fulcanelli, 1971, p. 85, tradução nossa<sup>3</sup>).

---

3 *En la iconografía simbólica, la estrella sirve para designar tanto la concepción como el nacimiento. La Virgen es representada a menudo nimbada de estrellas. La de Larmor (Morbihan), perteneciente a un bellissimo tríptico de la muerte de Cristo y el sufrimiento de María – Mater dolorosa –, en el cielo de cuya composición central podemos observar el sol, la luna, las estrellas y el candel de Iris, sostiene con la mano derecha una gran estrella – maris stella –, epíteto que se da a la Virgen en un himno católico. (Fulcanelli, 1971, p. 85).*

## A ESPIRITUALIDADE DO ROSÁRIO E A DEVOÇÃO MARIANA DE JOANA CAROLINA

A preferência do evangelista Lucas pelos humilhados e pelas mulheres, estabelece o forte elo com a Espiritualidade Mariana, considerando já o fato de que foi o que mais teve contato com Maria, entre os narradores do Evangelho, além de ter sido o único a relatar, desde a Anunciação ao *Magnificat*<sup>4</sup>, além de ter atuado como iconógrafo e de ter pintado a Virgem Maria. Consoante anotações do **Dicionário de Mística** (2003):

A Virgem de Nazaré não só viveu a piedade judaica, mas também a representou em seus mais altos vértices, tomando lugar entre o 'povo humilde e pobre.'. [...]. Os pobres de Javé são 'o Israel permanente, que vive de orações e espera' (Borrielo, 2003, p. 662).

Nas palavras dos organizadores do referido **Dicionário** (2003):

A personificação suprema dessa espiritualidade se realizou na figura misteriosa do servo de Javé descrito nos quatro cânticos do Dêutero-Isaías (42, 1-9: investidura; 49, 1-6: vocação; 50, 4-9: confissão; 52, 13 – 53, 12: lamentação): ele era 'pobre' chamado para a difícil missão de sofrimento expiatório do pecado do povo e glorificado por Deus depois da humilhação. No limiar do NT, a espiritualidade dos pobres de Javé se concentrou na Virgem de Nazaré. Na realidade, a Mãe de Jesus é a personificação do povo eleito, do qual cumpriu duas missões: dar nascimento ao Messias e acolhê-lo pela fé. Ela realizou as características dos pobres de Javé: a pobreza tanto no plano econômico como no espiritual (cf. Lc 1, 38.48; 2,24), a alegria em Deus Salvador (cf. Lc 1,46-47), a confiança nas promessas divinas (cf. Lc 1,46-47.55). Nessa espiritualidade vivida na vida cotidiana fez a ela a experiência de Deus e descobriu seu rosto autêntico. O *Magnificat* revela a experiência realizada por *M.* [Maria] no fato central de sua vida, antes, da história da salvação: a concepção virginal de Jesus. *M.* a viveu como a grande realidade efetuada nela por Deus, na esteira das maravilhas do êxodo do Egito, e descobriu nela um efeito do olhar benevolente de Deus (cf. Lc 1,48-49). O rosto de Deus descoberto por *M.* [Maria] é poderoso, santo, misericordioso e fiel (cf. Lc 1,49-50.54-55): um Deus transcendente e condescendente, que age na história operando a mudança de situação favorável aos pobres e aos oprimidos, e sendo fiel à aliança com seu povo. Diante de Deus, a Virgem de Nazaré se punha na atitude de pobre que tudo espera dele e que o deixa agir, isto é, realizar seu plano de salvação, sem interferir. *M.* era toda disponibilidade, mansidão, esperança e oração (*ibidem*, p. 62).

4 Cf. **Dicionário de Espiritualidade** (2012): "Um eco significativo, uma como que *magna charta* da visão messiânica veterotestamentária sobre a intervenção escatológica de Deus a favor dos pobres, proclamada no momento decisivo da sua atuação, é representada pelo canto do *Magnificat* que brota do coração de Maria: 'Ele interveio com toda a força do seu braço; dispersou os homens de pensamento orgulhoso; precipitou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes; os famintos, ele os cobriu de bens e os ricos, despediu-os de mãos vazias' (Lc 1, 51-53)." (Ancilli, Vol. III, 2012, p. 2017).



A Espiritualidade do Rosário remete-nos, inicialmente, à figura da *Mater dolorosa* e à contemplação de seu sofrimento, como postulado por Fulcanelli (1971). E tal remissão pode ser interpretada como uma característica que corresponde à perspectiva cristocêntrica da vida mística de Joana Carolina (Lins, 1994), ainda que aparente sugerir um caminho distinto, num primeiro momento. Segundo o mesmo **Dicionário de Mística** (2003), “o cristocentrismo trinitário foi aplicado por Bérulle à Virgem, com base na realidade relacional dela” (Borriello, 2003). Nas palavras de Pierre de Bérulle (citado por Borriello, 2003): “Jesus é um sol, e a Virgem, uma estrela que tem sua rotação e seus movimentos em torno de Jesus” (Bérulle *apud* Borriello, 2003, p. 667).

Segundo a obra **O segredo admirável do Santíssimo Rosário** (2019), escrito por São Luís Maria Grignon de Monfort, “(...) Foi apenas no ano 1214 (...) que a Igreja recebeu o Rosário em sua forma atual (...). Foi dádiva oferecida à Igreja por São Domingos, que, por sua vez, o recebera da Santíssima Virgem como meio de converter os (...) pecadores (...)” (Monfort, 2019, p. 31, 32). Tendo sido publicado originalmente apenas 200 (duzentos) anos após a morte de Monfort, em 1912, o conteúdo do referido livro vem a esclarecer que:

(...) Desde a época em que São Domingos estabeleceu a devoção ao santo Rosário até o tempo em que o Beato Alain de la Roche o restabeleceu, em 1460, sempre o temos chamado de o Saltério de Jesus e Maria. Isto se dá por ele ter tantas Ave-Marias quanto há salmos no livro dos Salmos de Davi. Uma vez que a gente simples e não instruída é incapaz de ler os Salmos de Davi, o Rosário é tido na conta de coisa tão frutífera para eles quanto é o Saltério de Davi para outros (...). (Monfort, 2019, p. 49).

Desse modo, sequencialmente, São Luís Maria Grignon de Monfort (2019) apresenta às ‘*Almas boas e devotas*’ a *Roseira Mística*, a ser plantada no ‘*jardim de vossas almas*’ (Monfort, 2019, p. 19). Conforme explica, “(...) esta roseira mística é Jesus e Maria, na vida, na morte e na eternidade (...)” (Monfort, 2019, p. 20). Assim a descreve (2019):

(...) Suas folhas verdes exprimem os Mistérios Gozosos de Jesus e Maria; seus espinhos, os Dolorosos; e suas flores, os Gloriosos. Os botões são a infância de Jesus e Maria; as flores abertas os representam em seus sofrimentos; quanto às rosas completamente florescidas, estas simbolizam Jesus e Maria em seu triunfo e glória. (...) (Monfort, 2019, p. 20)

Esse compasso solene que inspira a ‘*primeira oração e devoção principal dos fiéis*’ (Monfort, 2019, p. 31) parece, analogamente, reverberar a poeticidade do texto de Osman Lins na condecoração literária que empreendeu em seu *Retábulo de Santa Joana Carolina* (Lins, 1994).

No *Retábulo* osmaniano (Lins, 1994), o encadeamento de episódios que levam à canonização da mãe de Maria do Carmo (Lins, 1994) é movido pela

*Piedade Popular*<sup>5</sup>, pulverizada nos relatos geometrizados e fragmentados, e tem na *Devoção Mariana*<sup>6</sup> o fundamento místico de sustentação da vida interior da protagonista, de modo a se aproximar – em método, em forma, em substância – se é que se pode se considerar nesses termos, de histórias de vida de venerados santos cultuados nos altares das regiões sertanejas do Nordeste brasileiro, e também no Sudeste mineiro, como Padre Cícero, Frei Damião e Nhá Chica, almas que dedicaram a vida terrena à conversão da vida em Cristo e que buscaram deixar Cristo viver em si<sup>7</sup> (Borriello, 2003, p. 943).

Também pelos rincões do Nordeste brasileiro, contemporaneamente a Padre Cícero, Frei Damião realizou suas andanças. No capítulo introdutório da 5ª edição do livro **Em defesa da fé**, sob o título *Frei Damião, Missionário do Nordeste* (2021), Antônio Manuel Bozzano descreve algumas vertentes da vida missionária do irmão capuchinho, ressaltando que ele “não cabia na cidade grande” (Bozzano, 2021, p. 14). Elementos como a *Piedade Popular* e a *Devoção Mariana* ganham força com a meditação do rosário nas madrugadas: “Ele foi lá nesses locais e andou em cada vilazinha, [...] rezando o rosário com seu sotaque estrangeiro e seu rosto crispado de sol. E [...] os choros eram ouvidos porque o Frei dizia para mudar de vida” (*ibidem*, p. 14).

Esses mesmos componentes mobilizadores da Espiritualidade Devocional Mariana e vinculados à religiosidade do povo animam a vocação missionária da vida de Francisca de Paula de Jesus, popularmente conhecida como Nhá Chica e reconhecida como Venerável Nhá Chica pelo então Pontífice Bento XVI, atual Papa Emérito – ou a ‘Mãe dos Pobres’, tendo vivido entre 1808 e 1895, em Minas Gerais, conforme registros constantes da sua biografia escrita por Gaetano Passarelli (2013). Segundo seus relatos:

- 
- 5 Cf. **Dicionário de Mariologia** (1995): “Resumidamente, podemos dizer que a piedade popular, nos seus riscos e com os problemas abertos que apresenta, é um itinerário para a evangelização. Paulo VI, com feliz intuição, disse que ela é <<pedagogia para a evangelização>>” (De Fiores, 1995, P. 1066-1075).
- 6 Cf. **Dicionário de Mariologia** (1995): A partir de uma “[...] perspectiva [...] fundamentalmente fenomenológica, Paulo VI na *Marialis cultus* (MC) fala expressamente [...] que o culto mariano se insere no álveo do culto único que justa e merecidamente chama-se cristão. [...] A devoção é o termo com que no vocabulário religioso, e não somente o cristão, designa a atitude que comporta a entrega total de si mesmo; que, como a fé da qual é equivalente, só pode ter por termo a Deus” (De Fiores, 1995, p. 391-410).
- 7 Cf. **Bíblia de Jerusalém** (2002), “19De fato, pela Lei morri para a Lei, a fim de viver para Deus, Fui crucificado junto Com Cristo. 20Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim (Gl 2, 19, 20) (**Bíblia de Jerusalém**, 2002, p. 2033).

Vestia-se com simplicidade e fora de casa sempre usava um grande lenço que lhe cobria a cabeça e o colo. Vestia um casaco e sempre levava um guarda-chuva. Nunca usou o fino vestido que o irmão Teotônio tinha-lhe dado de presente. Sempre trazia o rosário nas mãos e, quando tinha que trabalhar, enrolava-o no braço direito. Era vista cuidando dos animais no quintal, capinando na horta, lavando, tecendo e cozinhando. Com os produtos de suas terras e do galinheiro, cozinhava para as pessoas que vinham a sua porta com a certeza de que sempre encontrariam alguma coisa para comer (Passarelli, 2013, p. 51).

## ESPIRITUALIDADE E LITERATURA NO *RETÁBULO*: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

A cada circunstância vivida, a heroína do *Retábulo* arquitetado por Osman Lins e narrado por seus personagens geometrizados (Lins, 1994) escolhe como pode deixar transparecer o Cristo em si, possibilitando ao analista pensar a santidade de Joana Carolina representada literariamente nas “circunstâncias e modalidades particulares de sua vida, [por meio da qual, ela] pode e deve deixar Cristo viver em si” (Borriello, 2003 p. 943). Propõe-se aqui que a protagonista tenha sobrevivido às circunstâncias adversas do contexto em que viveu em função da liberdade e da integridade com que realizou suas escolhas. Disso decorre que, pela sacralidade dos milagres que opera, pela dignidade do sofrimento que suporta e pela transfiguração de sua face na hora da morte, torna-se uma pequena do Reino<sup>8</sup>, não uma sábia do mundo.

A filosofia de Edith Stein (2018) estabelece um diálogo da fenomenologia existencialista com o fenômeno religioso, no intuito de elaborar uma reflexão mais honesta a respeito do conhecimento do ser, de modo que o aprofundamento sobre o estado de santidade de Joana Carolina (Lins, 1994) parece buscar considerar perspectivas que ponderem sobre a extensão metafísica da existência, de modo particular, considerando o itinerário místico da escola carmelita, como ensinou Teresa de Jesus, em seus escritos, mencionados pelos organizadores do **Dicionário de Mística** (2003):

O *Caminho da perfeição* expõe a pedagogia de T. [Teresa de Jesus (santa)] na formação de seus mosteiros. Contém o tratado sobre a oração vocal e mental, estruturado como comentário ao pai-nosso (caps. 17-42). [...]. Em qualquer etapa do itinerário espiritual em que se encontre, o problema consiste, portanto, em ‘tornar possível o encontro’, isto é, a oração. Ela não é só a aventura da alma convertida, mas também a estrada das almas que têm necessidade de conversão. A oração é a aceitação do encontro do próprio ser com Deus. Dada essa aceitação, desenvolve-se o caminho que

---

8 Cf. **Dicionário de Mística** (2003): trata-se do reino que não é deste mundo: “Deus manifesta vivamente aos homens sua presença e seu rosto. Neles é ele mesmo que nos fala e nos mostra a marca de seu reino’ [...] (LG 50).” (Borriello, 2003, p. 943).

conduz ao encontro. [...]. E, sendo essencialmente ‘encontro e diálogo’ com Cristo, a oração tende a privilegiar todas as fontes possíveis de sua Palavra: das mais sagradas e objetivas (a Escritura, os testemunhos da tradição, o apoio da liturgia) às mais cotidianas e indiretas (incluída a voz que nos chega das imagens sagradas e dos símbolos naturais) (Borriello, 2003, p. 1014)

Outrossim, consoante o pensamento de Victor Frankl (2014), os “homens dispõem de uma dimensão mental, que encontra na busca do sentido sua expressão existencial de ser” (Frankl e Lapide, 2014, p. 50). Essa expressão existencial manifestada na santidade de Joana Carolina (Lins, 1994) é instituída pela instância da palavra; a palavra mergulhada no mundo. A correspondência simbólica entre a protagonista do *Retábulo de Santa Joana Carolina* e a Pessoa Divina de Jesus Cristo inicia-se na correspondência simbólica da Natividade, mas também nas iniciais dos nomes: JC, dados que apontam para a espiritualidade de base cristocêntrica da heroína osmaniana. Mais uma vez, de acordo com o **Dicionário de Mística** (2003):

Se num passado recente a reflexão cristológica partia do interesse do homem contemporâneo pelos valores históricos, para apresentar aquela imagem humana de *Jesus Cristo* em que só se reconhecia a possibilidade de falar de modo sensato de Deus ao homem secular, hoje podemos dizer que ‘novo ponto de abordagem’ propõe-se para o Mistério de ‘Jesus Cristo’ e para o valor ‘cristocêntrico’ da fé. A *forte exigência místico-experiencial* abre ‘nova fase na história do homem na terra: o ano dois mil do nascimento de C.’. Superada a crise do ateísmo, que constituiu num dos principais desafios à fé do nosso tempo, a ‘questão cristológica’ propõe-se, hoje, naquele novo contexto que é o *lugar da mística como dimensão essencial da vida espiritual do homem* e que poderia ser definida genericamente como ‘experiência do Deus presente e infinito, provocada na alma por moção especial do Espírito Santo (Borriello, 2003, p. 288).

Compreender a santidade e a mística que conformam a vida de Joana Carolina (Lins, 1994) passa pela reflexão sobre a sacralidade de seus atos e de sua história, de modo que o sentido do termo *sagrado* pode ser interpretado, primordialmente, na perspectiva da abertura semântica possibilitada pelo desdobramento conceitual da palavra *mística*. De acordo com a definição do compêndio organizado por Borriello (2003): “a mística se refere à relação com Deus e com o s. [sagrado] na qual o próprio estado de conhecimento nutre a consciência, cheia de amor, do Mistério presente atrás da rotina da disciplina sagrada” (Borriello, 2003, p. 936). Adicionalmente, os autores do **Dicionário de Mística** esclarecem:

Em suas origens, a mística estava em relação com o uso paulino de *mysterion* na Escritura, indicando assim algo escondido ou secreto. O Mistério de Deus e o do s. [sagrado] se tornaram expressão da revelação e do amor. No judaísmo, no cristianismo e no islamismo, a mística emergiu como vocação que descrevia o ato de relacionar-se com o texto s. [sagrado], chegando assim ao significado mais profundo do texto. Mais especificamente para os cristãos, a mística pôs seus fundamentos no conhecimento e na experiência mais profunda do Mistério de Cristo como foi revelado nas Escrituras do NT (Borriello, 2003, p. 936).

Para o teórico da literatura Otto Maria Carpeaux (2012), “a mística está acompanhada de efusões poéticas” (Carpeaux, 2012, p. 181). De modo complementar, desde as origens etimológicas, a palavra *mística* carrega, na raiz dos sentidos possíveis, uma explanação de cunho religioso. Conforme documentação levantada por Borriello, na elaboração do **Dicionário de Mística** (2003):

Os místicos são os que atestam que Deus é visível já agora pela fé ou em visão. Ver a Deus é dar-se conta de que ele existe e de que, como no caso de Agostinho, é inútil procurá-lo fora de si, porque ele está no íntimo do homem mais do que o próprio homem. Por isso a história da mística, isto é, daquela experiência que se faz no plano sobrenatural e nas profundezas misteriosas do encontro homem-Deus, só pode ser a tentativa de apreender a experiência que, ao longo dos séculos, o homem fez dessa presença misteriosa e, no entanto, clara, secreta, mas também luminosa. Em particular, significa anotar como os místicos, em sua abertura ao divino, tiveram a capacidade gratuita, mas ardente e nostalgicamente esperada, de viver e narrar aquelas maravilhas de Deus das quais os filhos dele podem gozar porque ontologicamente abertos ao divino e, se quiserem, capazes de abrir-se ‘geneticamente’ (C. Tresmontant) à intimidade mais profunda com o Deus que os criou e que ‘quer ter sua alegria em contemplar-se neles’ (Isabel da Trindade). ‘Místicos houve em todos os tempos e lugares, e haverá sempre e em toda parte, porque pensar ou criar misticamente é necessidade insuprimível da vida como o pensar filosófico ou o criar poético (Borriello, 2003, p. 706).

A vida de *Joana Carolina* (Lins, 1994) é subdividida em *Mistérios* que se tornam acessíveis ao leitor a partir da experiência do contato com o texto literário, de onde emana o conhecimento do amor e da vocação à santidade do escondimento, experimentada pela protagonista e eternizada nos episódios sacros de seu *Retábulo*. A narrativa em *Mistérios* (Lins, 1994) e os elementos da Arte Sacra reportam, como dito, ao diálogo com o conhecimento metafísico herdado de pensadores da humanidade desde a Antiguidade Clássica Ocidental, a exemplo dos gregos e latinos, até dialogarem com teólogos e filósofos da religião contemporâneos. Pela explicação do **Dicionário** estruturado por Borriello (2003):

Ao longo da tradição, a mística cristã se manifestou como a qualificação da vida da graça, da qual surge a consciência profunda e amorosa para com Deus ou o s. [sagrado]. Esse estado de consciência se manifestou seja como consequência de ser alguém discípulo autêntico de Cristo, seja como dom imerecido do amor de Deus [...]. Um estudo da mística cristã e de sua relação com o s. [sagrado] incluiria não só os escritos dos primeiros Padres da Igreja oriental e ocidental, mas também a tradição medieval, transmitida, por exemplo, pelos escritos de são Bernardo de Claraval e de santo Tomás de Aquino, e de mulheres místicas como Hildegarda de Bingen e Juliana de Norwich. Os místicos da Renânia [...] bem como o influente Tomás de Kempis († 1471) e os místicos ingleses ensinaram a união com Deus por meio do crescimento na oração e da vida virtuosa (*ibidem*, p. 937).

No âmbito do pensamento da Filosofia da Religião, adicionalmente, o espanhol Miguel de Unamuno (1996) parece não se alinhar às tentativas filosóficas de se perceber, via racionalismo, como se daria o problema do conhecimento de Deus, de uma totalidade capaz de assegurar ao homem a salvação em relação ao seu desejo de imortalidade – uma entidade garantidora da existência em si. Em tese, o teórico busca apontar para o fato de que, diante da finitude inevitável do homem de carne e osso, o elemento instigador da atitude humana terminaria sendo mesmo o anseio da imortalidade.

Miguel de Unamuno (1996) também revisita a obra de Santo Agostinho (2015) para dialogar sobre essa dialética entre fé e razão, de modo que situa o leitor diante de um tema caro à filosofia do século XIX, que seria o problema da consciência. Para Unamuno (1996), corresponderia a uma tentativa de pensar sobre a forma como o sujeito pode falar de algo que existe no mundo, a partir da percepção de um *eu* (da *minha consciência*), considerando aí a concepção de um olhar interior da própria subjetividade intrínseca a esse homem de carne e osso. Em suas palavras:

Nosso anseio de salvar a consciência, de dar finalidade pessoal e humana ao Universo e à existência é tal, que até, num supremo, dolorosíssimo e dilacerante sacrifício, chegaríamos a ouvir ser-nos dito que, se nossa consciência se desvanece, é para ir enriquecer a Consciência infinita e eterna, que nossas almas servem de alimento à Alma Universal. Enriqueço, sim, a Deus, porque antes de eu existir não me pensava como existente, porque sou mais um, mais um, ainda que entre infinitos, que, tendo vivido, sofrido e amado realmente, permaneço no seu seio. Foi o furioso anseio de dar finalidade ao Universo, de torná-lo consciente e pessoal, que nos levou a crer em Deus, a querer que haja Deus, a criar Deus, numa palavra. A criá-lo, sim! O que, diga-se, não deve escandalizar nem ao mais piedoso teísta. Porque crer em Deus é, de certo modo, criá-lo, ainda que Ele nos crie antes. É Ele que, em nós, cria a si mesmo continuamente (Unamuno, 1996, p. 148-149).

Para Edmund Husserl (2020), “a fenomenologia é a doutrina universal da essência, na qual a ciência da essência do conhecimento se encontra.” (Husserl, 2020). Ademais, de acordo com relatos biográficos sobre Edith Stein, foi por volta da década de 1920 que ela passou a prestar mais atenção ao fenômeno religioso, em uma busca intermitente de sistematização de sua relação com Deus e com o que está além da matéria. Tendo traduzido parte da obra de Santo Tomás de Aquino do latim para o alemão, interessou-se pela filosofia medieval e buscou convergências entre as obras de Santo Tomás de Aquino e Edmund Husserl, sobretudo em relação ao existencialismo e à fenomenologia.

A filósofa (Stein, 2018) propõe um minucioso diálogo entre o fenômeno da ciência, a lógica e o fenômeno religioso. Em termos gerais, sua investigação parte de uma dúvida: pode o filósofo ou a atividade filosófica desconsiderar o fenômeno religioso? Em busca de respostas, procurou compreender que passo a razão precisaria dar no intuito de se abrir à fé. Ao redigir sua tese de habilitação sobre Santo Tomás de Aquino e a filosofia moderna, intitulada **Ser finito e ser eterno** (2018), sistematiza, então, seu pensamento sobre o ser, o conhecimento e a filosofia cristã:

A fé quer de Deus mais que verdades particulares, ela quer a Deus mesmo, que é a verdade, o Deus inteiro; capta sem ver ‘ainda que seja noite’. É a profunda escuridão da fé frente à claridade eterna para a qual se dirige. Nosso santo padre São João da Cruz fala dessa dupla obscuridade, quando escreve ‘[...] o ir adiante do entendimento é ir-se mais profundamente em fé, e assim ir-se escurecendo mais, porque a fé é treva para o entendimento.’ No entanto, é um ir adiante: um sair-se de todo conhecimento particular conseguido por conceitos para entrar na simples apreensão da verdade única. Por isso, a fé está mais perto da sabedoria divina que toda ciência filosófica ou ainda teológica. Mas, ciente de que o caminhar em obscuridade se nos faz difícil, por isso todo raio de luz que cai em nossa noite como um precursor da claridade futura é um socorro inestimável para não nos perder, e ainda a pequena luz da razão natural pode dar-nos serviços valiosos. Uma ‘filosofia cristã’ considerará como sua mais nobre tarefa preparar o caminho da fé (Stein, 2018, p. 1234).

O filósofo espanhol Miguel de Unamuno, de modo similar, reflete sobre o existencialismo, a filosofia moderna e a preocupação com a dialética entre fé e razão. É no desejo de imortalidade do homem que o filósofo detecta a tensão entre a negação da razão e a ansiedade espiritual, que seria, como defende no referido **Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos** (1996), superada apenas por meio da fé. Nos seus termos:

Crer em Deus é ansiar que ele exista e, ademais, é conduzir-se como se existisse: é viver desse anseio e fazer dele nosso motivo íntimo de ação. Desse anseio ou fome de divindade surge a esperança; desta, a fé, e da fé e da esperança, a caridade; desse anseio partem os sentimentos de beleza, finalidade, bondade. Vejamo-los. Chega-se a esse Deus cordial ou vivo, e a Ele se volta quando deixado em troca do Deus lógico ou morto, pelo caminho da fé e não da convicção racional ou matemática (Unamuno, 1996, p. 178-179).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, para além de uma polarização entre amor carnal e amor espiritual, a questão que se apresenta na cena do cortejo fúnebre de Joana Carolina (Lins, 1994) está ancorada, portanto, na questão de um amor concretizado pela fidelidade a convicções interiores advindas de preceitos atribuídos à figura de um Deus, como dito, garantidor da existência em si. A possibilidade de apagamento desse Deus, como reflete Unamuno (1996), talvez signifique o apagamento das próprias raízes do homem ontológico – aqui representado por Joana Carolina, que “Morreu com mínimos bens e reduzidos amigos [...] Morreu no fim do inverno. Nascerá outra igual na próxima estação?” (*ibidem*, p. 116-117).

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. **A Fé**. Tradução, edição e notas de Paulo Faitanin, Bernardo Veiga. São Paulo: Edipro, 2016.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *La Bible de Jérusalem*, edição de 1998. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARPEAUX. Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Volume I. São Paulo: Leya, 2012.
- CARPEAUX. Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Volume II. São Paulo: Leya, 2012.
- CARPEAUX. Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Volume III. São Paulo: Leya, 2012.
- CARPEAUX. Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Volume IV. São Paulo: Leya, 2012.
- FRANKL, Victor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 54ª edição. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2021.
- FRANKL, Victor; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**. Tradução de Márcia Neumann. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



FULCANELLI. **El misterio de las catedrales**. Traducción do francês de J. Ferrer Aleu. 5ª edición. Plaza & Janes S. A. Editores, 1971.

GOMES, Rosana Maria Teles. **O medievo em Nove, Novena**: um percurso para o imaginário. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE, 2003.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. 1ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

LIGÓRIO, Afonso Maria de, Santo. (Alphonsus Liguori), 1669-1787. **Glórias de Maria**. Tradução de Veríssimo Iglesias Anagnostopoulos. Dois Irmãos/RS: Minha Biblioteca Católica, 2018.

LINS, Osman. **Nove, Novena**: narrativas. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONFORT. Luís Maria Grignon de. **O segredo admirável do Santíssimo Rosário**. Tradução de Raul Martins. Dois Irmãos, RS: Editora Biblioteca Católica, 2019.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015 (Vozes de Bolso).

STEIN, Edith. **Ser finito e ser eterno**. Versão para eBook. Editora: Forense Universitária; Edição: 1 (16 de outubro de 2018).

UNAMUNO, Miguel de. **Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VARRIANO, Bruno. **O bom mestre de Nazaré**: com o coração humano nos amou. São Paulo: Ed. Canção Nova, 2016.

VASCONCELOS, Marina Arantes Santos. **Retábulo de Santa Joana Carolina, de Osman Lins**: tecendo Mistérios de santidade; orientador(a) Ana Cláudia da Silva. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Literatura. Brasília, 2022.

## DA INTERNET

GOTLIB, Nádia Battella. **De engenho a engenho**: Notas de leitura do “Retábulo de Santa Joana Carolina”, de Osman Lins. Fortaleza/CE, 14 (1/2): Revista de Letras, jan./dez 1989, p. 145-160. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/19607/30275>. Acesso em 18 de setembro de 2022.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Disponível em: <Suma Teológica, em versão quase integral (em português). In. <http://permanencia.org.br/drupal/node/8>>, 1273. Acesso em 25 de agosto de 2020.

## DICIONÁRIOS

ANCILLI, Ermanno et al. (Org.). **Dicionário de Espiritualidade**. (Vol. I). Tradução de José Raimundo Pinto de Melo, Silva Debetto C. Reis, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola (Paulinas), 2012.

ANCILLI, Ermanno et al. (Org.). **Dicionário de Espiritualidade**. (Vol. II). Tradução de Orlando Soares Moreira, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola (Paulinas), 2012.

ANCILLI, Ermanno et al. (Org.). **Dicionário de Espiritualidade**. (Vol. III). Tradução de Orlando Soares Moreira, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola (Paulinas), 2012.

BORRIELLO, L. et al. (Dir.). **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus (Edições Loyola), 2003.

DE FIORES, Stefano et al. (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. Tradução de Álvaro A. Cunha, Honório, Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Dicionários).

## DE JERUSALÉM À GONDOLIN: UM ENCONTRO NA HEROICIDADE DA MISSÃO PROFÉTICA

*William Alves Biserra*<sup>1</sup>

*Cássio Selaimen Dalpiaz*<sup>2</sup>

*Mayra de Jesus Souza Silva*<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

Fruto da pesquisa *De Jerusalém a Gondolin: da queda ao soerguimento*, este artigo trata da relação analógica na ação profética em Jerusalém e Gondolin a partir da narrativa bíblica e da obra *A Queda de Gondolin* de J.R.R. Tolkien, que se encontram na heroicidade dos profetas que aí exercem sua missão. Como a abertura da ‘subcriação’ tolkieniana – processo criativo literário – será necessariamente eco da tradição presente na formação do autor, reflexo da formação da tradição europeia, propiciando aplicabilidade na compreensão dos textos e da missão dos heróis neles encontrados. Esta relação se encontra na ação profética em Jerusalém e Gondolin a partir da narrativa bíblica e da

---

1 Professor adjunto de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade de Brasília (UnB), psicanalista e líder do grupo de pesquisa Literatura e Psicologia, e docente-orientador do programa de pós-graduação em Teoria Literária e Literaturas (UnB). Licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (UnB - 2004) e Língua Inglesa e Respectiva Literatura (UnB - 2005). Mestre em Literatura (UnB - 2007), Doutor em Teoria Literária (UnB - 2011). Pós-doutorado em Literaturas de Língua Inglesa (UFMG - 2013) e em Literatura e Psicanálise (Universidade Goethe/ Frankfurt-am-Main - 2019). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (UnB - 2021). E-mail: wiliamalves@unb.br.

2 Professor no Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília (RMATER), da Faculdade de Teologia de Brasília (FATEO) e do Seminário Arquidiocesano Propedêutico São José. Mestrando em Literatura do Programa de Pós-Graduação em Literatura pela Universidade de Brasília (PÓSLIT - UnB). Coordenador adjunto do Projeto de Extensão: Uma Jornada Literária Inesperada (UnB) e coordenador adjunto do grupo de pesquisa de Literatura e Espiritualidade (UnB). Licenciado em Português e Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - 2001) e em Filosofia pela Faculdade Serra da Mesa (FASEM - 2021). Bacharel em Sacra Theologia pela Universidade Lateranense de Roma (2013). E-mail: csdalpiaz@gmail.com.

3 Estudante de Licenciatura em Letras - Língua Francesa e Respectiva Literatura/LET pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: mayrasouzajs@gmail.com.

obra de J.R.R. Tolkien. Tal fenômeno não rouba absolutamente a originalidade daquele que o compõe. A nova roupagem dada a um tema permitirá, entretanto, aproximações, nas quais podemos encontrar a relação entre as obras, nem tampouco limita a compreensão daquele que lê.

## DESENVOLVIMENTO

Aqui se inicia a nossa aventura. Tudo começou com uma frase: “Em um buraco no chão vivia um hobbit...” (Tolkien, 1998). Foi o início de um pai, professor, filólogo, católico, numa aventura que se tornou um legendário, que logo entrou para o patamar dos Clássicos e, ainda por cima, premiado em adaptações cinematográficas. Rapidamente, conquistou o coração de um simples jovem, que teve o início de sua jornada como uma diversão na época de adolescente, com dados estranhos e um tabuleiro. Com muita criatividade acumulada, esse jovem cresceu e 25 anos depois nasceu um grupo de leitura das obras daquele que idealizou aquele universo mitológico onde ficava a *Terra-Média*. Uma Live em tempo de pandemia, um curso sobre as obras póstumas de Tolkien e agora, duas cidades se encontraram. Jerusalém, a cidade santa de três religiões (Cf. Armstrong, 2011), e Gondolin, a cidade de sete nomes. Dois tempos, duas mitologias e, aparentemente, uma distância incalculável:

Aproximando-se do entendimento de Robert Adler, quanto ao tipo de “exposição inicial”, portanto, pré-temporal, relacionada a dados estáticos sem conexão com um momento específico do tempo: “são fatos antes do tempo em que a história transcorre” (Alter, 2007, p. 127). Tempo este que Mircea Eliade adjetiva de cosmogônico, por servir de “modelo a todos os *Tempos sagrados*: porque, se o Tempo sagrado é aquele em que os deuses se manifestaram e criaram, é evidente que a mais completa manifestação divina e a mais gigantesca criação é a Criação do Mundo.” (Eliade, 2001, p. 73, grifo do autor apud Nascimento, 2022, p. 107)

*A Queda de Gondolin* (2020) foi a primeira história composta por J.R.R. Tolkien em 1917, enquanto se recuperava de uma febre das trincheiras durante sua estada no fronte da Primeira Guerra Mundial (Carpenter, 2018, p. 131). Nela, Tuor tornou-se um herói por ter sido projetado dentro de uma aventura. Tendo ficado órfão na *Batalha das Lágrimas Incontáveis*, ocasião em que seu pai lutava ao lado dos Elfos. Ele era da casa de Huor de Dor-lómin, uma das mais renomadas das casas dos Homens. Criado então pelos Elfos, foi capturado e escravizado aos 16 anos pelos homens orientais de Hithlum. Tendo fugido, escolheu viver na solidão contemplando a natureza até ser atraído pelo Vala Ulmo para conhecer o Mar (Derobért, 2012).

Nessa circunstância, recebe desse Vale das águas a missão enviada pelos demais seres celestiais de ir à Gondolin levar uma profecia para Turgon, o Rei

Élfico da cidade secreta refúgio dos Elfos da casa dos Noldor. A princípio, hesita em partir do idílico mundo em que vive, até que lhe é enviada a ajuda de Voronwë, um elfo que lhe servirá de guia para cumprir a missão que lhe fora encomendada. Alcançando os portões da cidade, auxiliado pelo companheiro que lhe serve de embaixador, se identificam aos que guardam, e assim lhes é concedido entrar na cidade élfica, a cidade escondida.

Já diante do Rei, profere o que Ulmo lhe indicara: deviam os Noldor, o povo élfico que ali habitava, ir confrontar o inimigo Melko para que seu poder não crescesse e se tornasse impossível de ser combatido. Ante a recusa por parte do rei elfo, uma alternativa lhes é dada por parte do porta-voz do Vale: deveriam então partir, sob pena de permanecerem e terem a cidade invadida pelo exército de criaturas horrendas criadas pelo Senhor das Trevas.

Diante da nova recusa, Tuor é convidado para permanecer na cidade e, encantado pela beleza do lugar e pela sabedoria daquele povo, decide ficar, viver e aprender com eles. Acabando por se apaixonar e se casar com a elfa filha do Rei, chamada Idril, tendo com ela um filho, Eärendel. Contudo, o casamento suscita o ciúme no sobrinho do rei, Meglin, que por vingança, por não se casar com a prima, Idril, entrega o paradeiro da cidade secreta, ao ser capturado por orques quando ia buscar minérios no alto da montanha, a Melko. Nesse ínterim, a esposa de Tuor motiva-o a escavar um túnel secreto de fuga, na tentativa de preservar a vida de sua família e, principalmente, a vida de seu filho Eärendel. Essa rota serve de escape para eles dois, o filho e um pequeno número de sobreviventes na ocasião em que o inimigo tomará a cidade e acabará por matar o rei.

Tendo sido protegidos por Ulmo, acabam por encontrar a saída para o mar e, mais tarde, o caminho de Valinor, terra dos Valar. Percorre assim, Tuor, o caminho do Herói, que se inicia no momento em que ele é retirado do seu povo e do lugar onde vivia como homem solitário e termina quando retorna para seu lar, um lugar belo e tranquilo após se cumprir a missão e se concretizar a vontade dos seres divinos.

Percebe-se que lhe é atribuído muitas características de um herói em sua jornada, como um jovem virtuoso e de honra, e que ainda que seja um homem comum, em determinados momentos seus atos de nobreza e bravura transcendem aos de qualquer outra pessoa, possuindo força e coragem para seguir em frente em momentos onde geralmente todos já estariam esgotados e sem esperanças, passando por provações, e se tornando o porto seguro daqueles que o acompanham na jornada, formando uma família e estabelecendo uma morada como imagem do retorno à casa (Campbell, 2007).

Sendo assim, podemos afirmar que Tuor é um herói, apesar de possuir em sua história uma característica atípica, pois Tuor não nasceu herói, ele

foi, na verdade, escolhido para ser herói. Dando, nesse caso, a abertura para a possibilidade de relacioná-lo à figura de um profeta segundo a Escritura.

Agora, para relacionar nosso herói a um profeta é necessário entender primeiramente, o que é um profeta. O termo Profeta é polissêmico. Entre as diversas possibilidades que a Escritura traz, acrescidos ao uso para o profetismo pagão, podemos delimitar a partir da palavra do hebraico *nabí*, que no texto veterotestamentário significa ‘chamar, convocar’, como ‘aquele que foi chamado para o conselho de Deus ou para uma vocação / missão concreta’ (De Lacy, 1998, p. 28). Na Língua Portuguesa, ele aparece no século XIII através do latim *propheta* como derivação do grego ‘*Pro-phetes*’ podendo significar: “falar em vez de”, “ser porta-voz de” ou também “Falar diante de alguém” ou ainda “falar em voz alta” (Cunha, 2007, p. 523). Para o Povo de Deus, o profeta por excelência é Moisés: Apoiados em Deuteronômio, os judeus esperavam o Messias como o novo Moisés, uma vez que ele é considerado o profeta por excelência, por sua intimidade com Deus. Para delimitarmos nossa perspectiva, consideraremos aquilo que afirma o livro de Deuteronômio<sup>4</sup>:

Quando entrares na terra que Iahweh teu deus te dará, não aprendas a imitar as abominações daquelas nações. (...) Tu serás íntegro para com Iahweh teu Deus. (...) Vou suscitar para eles um profeta como tu, do meio dos teus irmãos. Colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que eu lhes ordenar. (...) Talvez pergunte em teu coração: “Como vamos saber se tal palavra não é uma palavra de Iahweh?” Se o profeta fala em nome de Iahweh, mas a palavra não se cumpre, não se realiza, trata-se então de uma palavra que Iahweh não disse. Tal profeta falou com presunção. Não o temas! (Dt 18, 9s.13.18.21s)

Um verdadeiro profeta de Israel se caracteriza por ser tirado do meio do povo, ser comparável a Moisés e por ter aquilo que profetizou concretizado. Vale ressaltar que o profeta é um dom de Deus, concedido gratuitamente. Em que apesar de pertencer à comunidade, seu dom de profetizar surge a partir de um chamado de Deus como uma vocação para a missão, por isso não pode ser comparado uma profissão ou cargo, como um Rei ou outro membro da Lei, que é, em geral, escolhido pelo povo. Portanto, a eleição do profeta é de origem divina.

O Anjo de Iahweh lhe apareceu numa chama de fogo, no meio de uma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. Então disse Moisés: “Darei uma volta e verei este fenômeno estranho; verei por que a sarça não se consome.” Viu Iahweh que ele deu uma volta para ver. E Deus o chamou do meio da sarça. Disse: “Moisés, Moisés!” Este respondeu: “Eis-me aqui.” Ele disse: “Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra

4 Usaremos os textos bíblicos da *Bíblia de Jerusalém* (2010) conforme a referência a seguir, indicando através da notação usual o capítulo e o versículo.

santa.” Disse mais: ‘Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó.’ Então Moisés cobriu o rosto, porque temia olhar para Deus. (Ex, 3, 2-6)

Assim, podemos afirmar que Tuor corresponde a um verdadeiro profeta, uma vez que além de ser um herói ele é também um enviado da parte da divindade da história, Ulmo, o Deus do mar, no qual ambas figuras, Moisés e Tuor, são utilizadas como instrumento de uma entidade divina para que sua palavra seja concretizada. E aqui, digo palavra, pois tanto Deus quanto Ulmo falam com seus escolhidos no momento do chamado. E Deus deu a missão a Moisés dizendo: “Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas. Então disse Moisés a Deus: “Quem sou eu para ir a Faraó e fazer sair do Egito os Israelitas?” Deus disse: “Eu estarei contigo e este será o sinal que eu te enviarei: quando fizeres o povo sair do Egito, vós servireis a Deus nesta montanha” (Ex 3,10-12).

O conto de Tolkien, no primeiro momento, mostra Tuor como um homem comum, sem habilidades para realizar obras grandiosas. Ele sequer tinha habilidades musicais ou os ouvidos abertos para escutar e perceber Ulmo presente nos rios e mares, além de ser um homem naturalmente solitário, que evitava estar em meio a multidões ou em ambientes movimentados. Provavelmente, se não fosse desejo de Ulmo, ele viveria sozinho em lugares isolados tranquilamente por vários anos, sem se incomodar. Mas esse não era o seu destino, pois Ulmo tinha planos para ele, por isso Tuor foi levado ao seu encontro, e aquilo que parecia natural era na verdade uma maneira do Vala aproximar-se de Tuor, que aos poucos foi se apaixonando pelos rios e mares e suas criaturas, tornando-se apto aos desígnios que Ulmo teria para ele. Porém, o Vala tinha medo de que Tuor se distanciasse d’Ele e não fosse capaz de realizar aquilo que havia planejado para ele desde o início. Na tentativa de evitar que isso acontecesse, Ulmo se personifica, toca suas conchas, abre os ouvidos de Tuor e aparece para ele.

Ulmo, amando todos os rios mais do que muitos, prosseguiu a pé, trajado até a cintura, em cota de malha semelhante a escamas de peixes azuis e prateados, mas seu cabelo era de prata azulada e sua barba, chegando até os pés, era do mesmo tom e ele não portava nem elmo e nem coroa. Debaixo da cota de malha desciam as dobras de sua túnica de verdes brilhosos e de que substância elas tinham sido tecidas não se sabe, mas todo aquele que olhava para as profundezas de suas cores sutis parecia contemplar os movimentos tênues de águas profundas mescladas com as luzes fugidias de peixes fosforescentes que vivem no abismo. Cingira-se ele com uma corda de grandes pérolas e calçava sapatos de pedra. (...) Chegando então ao longo do rio ele se sentou entre os caniços no crepúsculo e tocou seu instrumento de conchas e era perto desses lugares que Tuor se demorava. E Tuor escutou e emudeceu (Tolkien, 2020, p. 48).

Em um paralelo comparativo, Deus se fez presente diante de Moisés, que também tinha suas debilidades e jamais pensaria ser capaz de guiar um povo para a Terra prometida. Porém, graças à Providência Divina, o Senhor o capacitou para resgatar o povo Hebreu da escravidão do Egito e ser o guia deles em direção à Terra Prometida, ainda que tivesse que passar por diversas provações durante o caminho, como aconteceu também com Tuor em sua jornada. Sendo assim, conseguimos fazer uma relação entre os dois personagens tanto na ocasião em que ambos necessitam de auxílio para anunciar sua chegada quanto no momento de cumprir a missão que lhes foram dadas. Ademais, assim como Tuor tinha seu guia Voronwë, Moisés teve Aarão, seu irmão, que o ajudou servindo como seu orador, uma vez que Moisés tinha dificuldades com a fala. Para Tuor, Voronwë, exerce um papel semelhante ao de Aarão no breve momento em que ele fez a intermediação entre Elfos e Homens na porta de entrada de Gondolin, explicando o motivo de estarem pisando naquele reino, conseguindo assim a permissão para adentrar na Cidade e falar ao rei. Vejamos que em ambas histórias os deuses não oferecem, simplesmente, uma habilidade nova, mas provêm os meios para que sua vontade aconteça, sem mudar ou tirar o valor da posição que deu ao seu enviado. Tuor, não deixa de ser o escolhido por receber ajuda de Voronwë da mesma maneira que Moisés não perdeu o posto de profeta para Aarão.

Disse Moisés a Iahweh: “Perdão, meu Senhor, eu não sou um homem de falar, nem de ontem nem de anteontem, nem depois que falaste a teu servo; pois tenho a boca pesada, e pesada a língua.” Respondeu-lhe Iahweh: “Quem dotou o homem de uma boca? Ou quem faz o mudo ou o surdo, o que vê ou o cego? Não sou eu Iahweh? Vai, pois, agora e eu estarei em tua boca, e te indicarei o que hás de falar.” Moisés, porém, respondeu: “Perdão meu Senhor, envia o intermediário que quiseres.” Então se ascendeu a ira de Iahweh contra Moisés, e ele disse: “Não existe Aarão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele fala bem. E eis que sairá ao teu encontro e, vendo-te, alegrar-se-á em seu coração. Tu, pois, lhe falarás e lhe porás palavra na boca. Eu estarei na tua boca e na dele, e vos indicarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo; ele será a tua boca, e tu serás para ele um deus. (Ex 4, 10-16)

Relacionando diretamente a história aqui contada e a contada na *Sagrada Escritura* que narra a trajetória de Moisés, outro fato em comum está em os personagens conseguirem, em vida, ver o rosto de Deus ou ter um encontro pessoal com Ele, sinal de intimidade. Pois, imediatamente Moisés caiu de joelhos por terra e adorou; depois ele disse: “Iahweh, se agora encontrei graça aos teus olhos, continua mesmo que este povo seja de cerviz dura. Perdoa as nossas faltas e os nossos pecados, e toma-nos por tua herança.” (Ex 34, 9). No caso desses dois sujeitos é Deus quem vai ao encontro do seu escolhido para que seus planos



sejam concretizados. Sendo assim, Tuor pode ser comparado a Moisés, tendo visto que o Vala Ulmo, falou com ele tal qual Moisés ao ver a Iahweh face a face, ambos sem passar pela experiência da morte.

Quando Moisés desceu da montanha do Sinai, trazendo nas mãos as duas tábuas do testemunho, sim, quando desceu da montanha, não sabia que a pele de seu rosto resplandecia, porque havia falado com ele. (...) Quando Moisés entrava diante de Iahweh para falar com ele, retirava o véu, até o momento de sair. Ao sair, dizia aos israelitas o que lhe havia sido ordenado, e os Israelitas viam resplandecer o rosto de Moisés. Depois Moisés colocava o véu sobre a face até que entrasse para falar com ele. (Ex 34, 29.33-35).

A palavra de Ulmo se cumpriu ante a resposta negativa de Turgon sobre deixar a cidade, pois o rei élfico deixou-se levar pela soberba, acreditando e confiando que a magnitude, sabedoria e beleza da cidade e de seu povo, não seriam levadas pelo horror de Melko, uma vez que a cidade estava escondida e protegida dos olhos do inimigo. Além de se prender aos bens que construiu ao longo dos anos de trabalho. Infelizmente, foi esse apego aos bens e a confiança na sua própria sabedoria que fez com que sua soberba subisse à cabeça, não dando importância ao que foi dito pelo Vala, através do seu porta-voz. Consequentemente, alguns anos depois, a cidade foi arrasada, como Tuor predissera, condenando o povo de Gondolin ao sofrimento devido à guerra que tiveram que enfrentar, presenciando a destruição da Cidade e a perda de entes queridos.

Desta forma, realizando aquela que era a vontade daquele que lhe enviara, Tuor exerce sua missão profética, cumprindo assim, a sua jornada como herói. Nesse contexto, o personagem tem como recompensa a sua acolhida entre as terras imortais, o conhecimento que adquiriu enquanto esteve com os Elfos e o nascimento de seu filho, Eärendel, como foi prometido por Ulmo no dia em que teve seu encontro com Tuor face a face<sup>5</sup>.

Portanto, ao traçar essa relação entre o herói e o profeta, percebe-se que uma via para o encontro entre Jerusalém e Gondolin fica aberta. E partindo dessa premissa de liberdade, entretanto, acreditamos que, seja a Cidade de Davi, seja a cidade refúgio do Noldoli, têm histórias que se ligam, se combinam, se explicam, mas uma não é metáfora da outra. A primeira existindo anuncia e faz compreender a segunda. A subcriação, como Tolkien denomina seu processo de autoria literária na ficção, bebeu das fontes às quais ele teve contato, como todo autor. Tal fenômeno, não diminui a originalidade daquele que compõe. Cada história permite, entretanto, aproximações, nas quais podemos encontrar

---

5 Note-se que àqueles que exercem missão profética poderiam ser enquadrados na categoria de anti-herói pela natureza de sua missão. Contudo, pensemos que essa categoria é muito mais tardia que o profetismo exercido em Israel.

uma relação, entre a realidade imediata do Mundo Primário, e a obra do autor, o subcriador do Mundo Secundário. Aproximá-las faz-nos entrever no fazer criativo do grande filólogo e professor de Oxford ecos de uma tradição que estava na sua formação, e mesmo na formação de toda a tradição europeia.

## **O HERÓI E O PROFETA, OU O PROFETA-HERÓI**

Acerca de Gondolin, cabe-nos dizer, será o último reino Élfico, o maior obstáculo a Melko, o Vala que, se revoltando por não poder criar para além do Criador, Eru, empenha-se em dominar e perverter o que já foi criado, porque não querendo mais que prescindir deste, logra somente a recriá-lo. Por isso, o malvado quer a conquista de toda a Terra Média, sendo reino oculto e o seu rei Turgon sempre alvo de sua maior ira, estando o senhor do escuro sempre em busca de informações sobre o seu paradeiro. Depois de séculos, são os próprios Valar que enviam Tuor para dizer a Turgon, rei dos Noldoli:

Então Ulmo levantou e falou com ele e, em terror, Tuor esteve perto da morte, pois grandíssima é a profundidade da voz de Ulmo: tão profunda quanto seus olhos, que são as mais profundas de todas as coisas. E Ulmo disse: “Ó Tuor do coração solitário, não desejo que habites para sempre em belos lugares de aves e flores, nem levar-te-ia por esta terra agradável, se não fosse isso o que tem de ser. Mas segue agora a jornada do teu destino e não te demores, pois para longe daqui te leva a tua sorte. Agora tu deves buscar através das terras pela cidade do povo chamado de Gondothlim, os habitantes da pedra, e os Noldoli hão de te escoltar até lá em segredo por medo dos espias de Melko. Palavras porei em tua boca e lá residirás por um tempo. Contudo, talvez tua vida volte-se outra vez para as águas poderosas e com certeza um filho virá de ti que, mais do qualquer homem, há de conhecer as últimas profundezas, sejam elas do mar ou do firmamento do céu. (Tolkien, 2020, p. 48-49)

Assim como Moisés, Tuor resiste diante do numinoso, pondera a respeito daquilo que lhe foi dito, depois de um tempo decide responder e por obediência cumprir com a missão que lhe foi designada, pois o chamado lhe foi feito.

Então falou Ulmo também a Tuor sobre algo de seus desígnios e desejos, mas disso Tuor pouco entendeu naquela hora e tinha grande temor. Então, Ulmo foi envolvido por uma névoa como se fosse a dos ares do mar naqueles locais terra adentro, e Tuor, com aquela música em seus ouvidos, de bom grado retornaria as regiões do Grande Mar, mas, lembrando-se das ordens de Ulmo, voltou-se e partiu terra adentro ao longo do rio, e assim seguiu até o raiar do dia. Contudo, aquele que ouviu as conchas de Ulmo há de ouvi-las a chamá-lo até a morte, e isso foi o que Tuor descobriu. (Tolkien, 2020, p. 49)

Frente a não compreensão de Tuor, esses desígnios não são ao menos indicados aqui. Quem os ouviu, não pôde entender.

Vede, ó pai da Cidade de Pedra, mandou-me aquele que faz profunda música no abismo, conhecedor da mente de Elfos e Homens, dizer-vos que os dias da Soltura estão próximos. Chegaram aos ouvidos de Ulmo sussurros sobre a vossa morada e vosso monte de vigilância contra o mal de Melko e isso o agrada: mas seu coração está irado, e enraivecido estão os corações dos Valar que se sentam nas montanhas de Valinor e observam do pico do Taniquetil, vendo a tristeza da servidão dos Noldoli e as andanças dos Homens, pois Melko os aprisiona na Terra das Sombras para além das colinas de ferro. Portanto fui trazido por um caminho secreto para dizer que conteis vossas hostes e vos prepareis para a batalha, pois o tempo é propício. (Tolkien, 2020, p. 56)

Então o contestou Turgon: “Isso eu não farei, ainda que sejam as palavras de Ulmo e de todos os Valar. Não aventurarei este povo meu contra o terror dos Orques, nem porei em perigo minha cidade contra o fogo de Melko.” (Tolkien, 2020, p. 56)

Então falou Tuor: “Não, se vós agora não ousardes grandemente, então os Orques cá habitarão para sempre e possuirão, no fim, a maioria das montanhas da Terra e não cessarão de atormentar Elfos e Homens, mesmo que por outros meios os Valar consigam mais tarde libertar os Noldoli, mas se confiardes agora nos Valar, ainda que terrível seja o confronto, então cairão os Orques, e o poder de Melko diminuirá até se tornar coisa pequena.” (Tolkien, 2020, p. 56)

Turgon manifesta sua recusa em abandonar o labor de tantas eras passadas na cidade, a que segue a profecia de Tuor:

Então me cabe dizer que os Homens dos Gondothlim devem partir veloz e secretamente descendo o Sirion até o mar, e lá construir para si barcos e tentar retornar a Valinor. Eis que os caminhos para lá estão esquecidos e as estradas sumidas do mundo, e os mares e montanhas a cercam, mas lá ainda habitam os Elfos no monte de Kôr e os Deuses sentam-se em Valinor embora seu regozijo esteja diminuído pela tristeza e pelo temor de Melko e eles ocultem sua terra e tensão a sua volta magia inacessível para que nenhum mal cheguei a suas costas. Contudo ainda podem vossos mensageiros chegar até lá e mudar os corações deles, para que se levantem irados e firam Melko e destruam os Infernos de Ferro que ele fez sobre as Montanhas da Escuridão. (Tolkien, 2020, p. 56-57)

O rei volta a ignorar o aviso frente a desconfiança no silêncio dos Valar aos emissários enviados para pedir-lhes ajuda. O coração de Tuor fica pesaroso e Voronwë, seu companheiro de viagem, chora. Sentado ao lado da fonte do rei, Tuor ouve a água e deseja retornar para o mar. Contudo, Turgon o convida para ali permanecer com o seu favor, permitindo, mais tarde, que desposasse sua filha e com ela tivesse filho. Será, então, uma questão de anos para que tudo se consumasse segundo a profecia, como vimos acima.

## GONDOLIN E JERUSALÉM

Ambas as cidades não acolheram a profecia nem os profetas que lhes foram enviados. Jerusalém acaba por matar os enviados do Senhor, e Gondolin, ainda que Tuor se torne esposo de Idril, a filha do rei, é rejeitado no conteúdo de sua profecia e visto com desprezo por habitantes da cidade, como é o caso de Meglin, o sobrinho traidor do rei.

Coincidentemente, Jerusalém caiu por conta dos cultos a outros deuses e da infidelidade do povo à Deus, enquanto que Gondolin caiu por ser infiel aos valar, pois estes, através de Tuor que fora porta voz de Ulmo, receberam uma notícia e a missão de ferir Melko e assim evitar que sua maldade se espalhasse. Porém, o aviso de Ulmo foi ignorado, e sabendo que o rei élfico se negaria a escutar e acolher o primeiro aviso, foi-lhe oferecido uma segunda proposta de deixar a Cidade dando-lhe uma nova oportunidade, de preservar sua vida e seu povo, proposta essa que foi negada novamente.

Assim, dentro do *Legendarium* da Terra-Média, Gondolin se encontra presente num tempo preciso e um local específico, no qual Tolkien quis situar dentro da nossa história, como pré-história, dando verossimilhança ao ser contado como um mito para a Inglaterra entre os mitos conhecidos na contemporaneidade. A beleza e a originalidade de sua criação estão justamente na abertura à compreensão do que por ele foi contado. Tolkien mesmo afirmara que

Quanto a qualquer significado oculto ou “mensagem”, na intenção do autor estes não existem. O livro não é alegórico e nem se refere a fatos contemporâneos... Outros arranjos poderiam ser criados de acordo com os gostos ou as visões daqueles que gostam de alegorias ou referências tópicas. Mas eu cordialmente desgosto de alegorias em todas as suas manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei adulto e perspicaz o suficiente para detectar sua presença. Gosto muito mais de histórias, verdadeiras ou inventadas, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor. (Tolkien, 2002, p. 14-15)

Portanto, devido a esta liberdade que autor faz questão de dar ao leitor, foi possível realizar essa análise de forma comparativa entre Tuor e Moisés, relacionando-os entre a heroicidade e a missão profética, tendo em vista que Tuor é um herói com características suficientes para ser um profeta, uma vez que a profecia, que é a palavra de Deus, no caso, Ulmo, se cumpriu, assim como a profecia de Moisés. Do mesmo modo, foi possível aproximar as cidades Gondolin e Jerusalém devido às semelhanças físicas e históricas entre as cidades, identificadas no decorrer das narrativas. E essa relação foi feita de maneira que não caíamos em alegoria, mas em uma analogia, como uma dentre as várias

interpretações que podem ser feitas por meio da leitura dessa obra, o que Tolkien chamou de “Aplicabilidade” em uma de suas cartas ao explicar sua intenção com a sua criação.

Não tenho propósito alegórico algum e nenhuma intenção alegórica. (Não gosto da alegoria (propriamente assim chamada: a maioria dos leitores parece confundi-la com significação ou aplicabilidade), mas essa é uma questão longa demais para ser tratada aqui.) Porém, narrativas longas não podem ser criadas do nada; e não se pode rearranjar a questão primária em padrões secundários sem indicar sentimentos e opiniões sobre determinado material. (Tolkien e col., 2006, p. 284)

Com isso, se consolida toda a nossa tese de que, por meio de aproximações, conseguimos associar a heroicidade de Tuor e a magnitude de Gondolin, a cidade de Élfica, à figura profética de Moisés e à Jerusalém Celeste. Colocando em prática o conceito de aplicabilidade proposto por Tolkien a respeito de sua obra em suas cartas, no qual ele prioriza ao interpretar sua obra, a liberdade do leitor. Diferentemente do conceito estrito de alegoria, pois conservando a originalidade da obra, a compreensão do leitor fica aberta à experiência deste.

Além disso, o intuito deste artigo é proporcionar uma nova perspectiva diante das características encontradas em comum entre as narrativas da literatura bíblica e fantástica, considerando, assim, desde os elementos do mundo primário até o secundário, como Tolkien compreende a sua Subcriação. Seguindo essa linha de raciocínio, temos, como exemplo, a aparição da figura de Ulmo a Tuor e de Deus a Moisés, da mesma forma que se assemelham às características de ambas cidades e em seus desfechos no decorrer dos acontecimentos da narrativa, incluindo os eventos sobrenaturais presentes nas duas histórias, preservando o valor original de cada obra.

Nesse sentido, Tolkien, com maestria, utiliza de elementos criativos em sua narrativa, possibilitando ao leitor uma experiência nova ou a oportunidade de relacionar seu universo fantástico com outras histórias e até mesmo com o momento presente, sem causar estranhamento àqueles que leem, devido ao equilíbrio na composição de elementos reais e fictícios da literatura tolkieniana.

Por fim, tivemos como aliado o tempo e a palavra, pois como uma viagem no tempo, através da literatura, foi possível transitar entre os dois universos, o da *Terra-média* e o da *Sagrada Escritura*.

## REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. A arte da Narrativa Bíblica. São Paulo: Companhia das Letras. Apud: NASCIMENTO, Everton Levi Matos do. **A Poiésis Cosmogônica de J.R.R. Tolkien em O Silmarillion**: influências da cosmogonia judaico-cristã na subcriação do mundo secundário tolkeniano. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisitos parcial à obtenção de título de Mestre em Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2023. Disponível em: <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/abc691cb-158d-4178-89d4-4b834a666b91/content>. Acesso em 12 set. 2023.

ARMSTRONG, Karen. **Jerusalém: uma cidade, três religiões**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2010.

CARPENTER, Humphrey. **J.R.R. Tolkien: uma biografia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DÉROBERT, Marine. Gondolin. In: FERRÉ, Vincent (org.). **Dictionnaire Tolkien**. A-K. Paris: CNRS, 2012. p. 412.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Apud NASCIMENTO, Everton Levi Matos do. **A Poiésis Cosmogônica de J.R.R. Tolkien em O Silmarillion**: influências da cosmogonia judaico-cristã na subcriação do mundo secundário tolkeniano. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisitos parcial à obtenção de título de Mestre em Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2023. Disponível em: <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/abc691cb-158d-4178-89d4-4b834a666b91/content>. Acesso em 12 set. 2023.

FERRÉ, Vincent (Org.). **Dictionnaire Tolkien**. A-K. Paris: CNRS, 2012.

FERRÉ, Vincent (Org.). **Dictionnaire Tolkien**. L-Z. Paris: CNRS, 2012.

LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Tradução: Fr. Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 2008.

MJL & PG. Jerusalém. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (org.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Tradução: Fr. Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 467-473.

NASCIMENTO, Everton Levi Matos do. **A Poiésis Cosmogônica de J.R.R. Tolkien em O Silmarillion**: influências da cosmogonia judaico-cristã na sub-

criação do mundo secundário tolkeniano. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisitos parcial à obtenção de título de Mestre em Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2023. Disponível em: <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/abc691cb-158d-4178-89d-4-4b834a666b91/content>. Acesso em 12 set. 2023.

PROVINI, Sandra. Tuor. *In*: FERRÉ, Vincent (org.). **Dictionnaire Tolkien**. L-Z. Paris: CNRS, 2012. p. 439-441.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis**. Tradução: Lenita Maria Rímoli Esteves, Almiro Pisetta. 4ª tiragem. SP: WMF Martins Fontes, 2002.

TOLKIEN, John Ronald Reuel; CARPENTER; Humphrey; TOLKIEN, Christopher (ed.). Tradução: Gabriel Blum Oliva. **As Cartas de J.R.R Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra, 2006.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Silmarillion**. Edição de C. Tolkien. Tradução: Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: Harper Collins Publishers, 2019.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **A Queda de Gondolin**. Edição de C. Tolkien. Tradução: Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: Harper Collins Publishers, 2020.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Sobre Histórias de Fadas**. Tradução: Ronald Kyrme. 2.ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

## POSSIBILIDADES CONTRIBUTIVAS DO ESPIRITISMO: UMA LEITURA DE “O OUTRO PÉ DA SEREIA”, DE MIA COUTO

*Anderson Silva Jacomini<sup>1</sup>*

*Marina Arantes Santos Vasconcelos<sup>2</sup>*

### INTRODUÇÃO

Este artigo visa a uma análise do livro **O outro pé da sereia**, de Mia Couto (COUTO, 2006), a partir de alguns fundamentos do Espiritismo, como a existência do mundo espiritual, a comunicabilidade dos espíritos e a mediunidade, além de examinar alguns pontos das relações inter-religiosas que se estabelecem no texto.

A publicação de uma obra literária possibilita um ampliado leque de interpretações por parte de seus leitores; é um convite a encontros e experiências múltiplas, na medida da diversidade desse público que ela alcança. Nessa multiplicidade, há um encontro pessoal da obra com cada leitor – encontro único, privilegiado sempre, na perspectiva da recepção que se dá no conjunto de percepções sensoriais que se formam (Zumthor, 2018).

É para esse campo interpretativo, fenomenológico, lugar próprio destinado ao leitor, que trazemos o romance de Mia Couto, **O outro pé da sereia** (Couto, 2006) e o analisamos em alguns pontos à luz da doutrina e literatura espíritas, com o intuito de ampliarmos os horizontes de recepção dos textos e paratextos que o compõem, demonstrando as possibilidades contributivas que uma análise a partir da cosmovisão espírita pode trazer para a fortuna crítica da obra mencionada.

Assim, objetivamos investigar, no romance, conceitos espíritas, tais como a existência do mundo espiritual e sua ação no mundo material, a comunicabilidade dos Espíritos e a mediunidade – especialmente na fase

---

1 Bacharel em Direito pelo Centro Universitário do Distrito Federal; Especialista em Gestão Pública pela Universidade Estadual de Goiás e Graduando em Letras Português – licenciatura, pela Universidade de Brasília. Analista em Políticas Públicas e Gestão Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: [ajacomini@gmail.com](mailto:ajacomini@gmail.com).

2 Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília e Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: [asvamarina@gmail.com](mailto:asvamarina@gmail.com).



contemporânea do livro –, além de examinar o diálogo inter-religioso caracterizado no texto, o qual pode ser visto em ambas as fases temporais nas quais se desenvolve o romance.

Este estudo justifica-se, primeiramente, pela importância que o autor tem para a literatura de língua portuguesa. O autor moçambicano, também biólogo de formação e atuação, consolidou-se como um dos grandes nomes da contemporaneidade, contribuindo desde a década de 1980 como poeta, contista, cronista e romancista. Recebeu diversos prêmios, entre eles, o Prêmio Passo Fundo Zaffari e Bourbon de Literatura, com o livro **O outro pé da sereia (2006)**, em 2007; o Prêmio Camões, em 2013, e o Prêmio Internacional de Literatura Neustadt, da Universidade de Oklahoma em 2014; em 2019, foi galardoado com o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Brasília, em função de seus feitos humanísticos e literários. Atualmente, é o escritor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior, tendo sido publicado em pelo menos 24 (vinte e quatro) países. É sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, cadeira nº 5, desde 1998 (Frazão, 2021).

Há também uma ampliação crescente nos estudos sobre as obras de Mia Couto no Brasil e, conseqüentemente, no acesso e circulação desses estudos pelo país. Foi o que observou a professora e pesquisadora Ana Cláudia da Silva (2010, p. 75) no estudo em que há um levantamento da fortuna crítica do autor, realizado até janeiro de 2010:

O estudo da obra coutiana vem se ampliando pelo país, saindo do eixo Minas-Rio-São Paulo e ganhando espaço em outras regiões; sendo também o eixo que concentra maior parte da crítica sobre a literatura africana de língua portuguesa no Brasil, podemos inferir que a fortuna crítica acadêmica monográfica de Mia Couto no país vem sendo construída a partir dos referenciais comuns aos estudos literários em geral, e não mais apenas especificamente a partir dos estudos africanos. O que equivale a dizer que a obra do autor tem sido aceita cada vez mais pelo seu valor estético, como literatura, que é mais marcante do que a sua procedência (Silva, 2010, p. 75).

Para realizar a leitura do romance com a ótica espírita que se propõe, foram utilizados os pressupostos da Doutrina dos Espíritos consubstanciados nas obras básicas publicadas por Allan Kardec (2013, 2013a, 2016), além de literatura espírita correlata. Para a aproximação dos estudos da religião e da literatura, com o objetivo de demonstrar como pode se dar a compreensão e a recepção da obra por um leitor com conhecimentos da doutrina dos Espíritos, foram utilizados conceitos da fenomenologia (Husserl, 2020) e estudos acerca dos fenômenos literários de recepção e leitura (Zumthor, 2020).

## FENOMENOLOGIA E RECEPÇÃO

A escrita de Mia Couto (Couto, 2006), fantástica por excelência, amplia fortemente a capacidade interpretativa do leitor, como podemos ver na citação de Pires Laranjeira (2001, *apud* Silva, 2010, p. 69):

(...) o discurso de Mia Couto entrelaça culturas e registros diversos, num equilíbrio que permite falar do racismo, da guerra, da vida e da morte, do amor e do ódio, da política e do comércio de almas, sempre com o gosto de contar desempenhando o papel de farol do leitor, redefinindo os seus gostos e visões de mundo, como se a ficção pudesse devolver à realidade a fantasia da verdade. (Laranjeira, 2001, *apud* Silva, 2010, p. 69).

A obra possui densidade e versatilidade ímpares, carregando minucioso e rico trabalho tanto narrativo, quanto linguístico. Nela, sobressaem a forma como se representa a natureza humana e sua relação umbilical com a terra, alcançando o aspecto do fantástico e do surreal no universo que se desenha. Essa liberdade no uso da linguagem e a fertilidade na construção de neologismos, com os quais se estabelece uma percepção sublime da beleza interna do mundo e das pessoas, oferece vasto campo para estudos literários, possibilitando aí a compreensão da obra do autor a partir de uma ótica espírita, ricamente amparada por cânone literário pertinente, caminho que se pôde construir por meio da fenomenologia, pelas possibilidades investigativas que ela nos fornece, e pela ótica da recepção literária.

Fenomenologia, conforme Edmund Husserl (2020), e sem pretender esgotar sua definição ou ideia, “designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas a fenomenologia designa igualmente e acima de tudo, um método e uma atitude do pensar: a *atitude do pensar* especificamente *filosófica*, o método especificamente *filosófico*” (Husserl, 2020, p. 79). Não se trata, portanto, de um subjetivismo puro, nem de uma tendência a impor o ponto de vista particular do leitor sobre quaisquer objetos de análise, um psicologismo, mas, antes de tudo, essa atitude do pensar filosófico preocupa-se em buscar o fenômeno homogêneo e integral, tal como é, sendo “similar ao conhecer pré-científico imediatamente orientado para o objeto” (*ibidem*, p. 15).

Essa busca por se destrinchar o objeto de análise exige do observador a capacidade de investigação e diferenciação. Nas palavras de Husserl (2020, p. 114):

É preciso diferenciar até mesmo as várias formas e tipos dele (*do conhecimento*), e não apenas isso: é preciso investigá-las nas suas mútuas relações da essência. Pois entender o conhecimento significa trazer ao esclarecimento genérico as conexões teleológicas do conhecimento, que acaba em certas relações da essência de diversos tipos de essência de formas intelectuais. E a isso pertence também o último esclarecimento dos princípios que, como condições ideais da possibilidade da objetividade

científica, regulam como normas todo o procedimento científico empírico. Toda a investigação do esclarecimento dos princípios se move inteiramente na esfera da essência, a qual se constitui, por sua vez, sobre o solo de fenômenos singulares de redução fenomenológica. (Husserl, 2020, p. 114).

Assim, a obra (Couto, 2006) está dada, publicada no mundo fático, consubstanciada nos textos e intertextos que a compõem e torna-se, portanto, um convite a um “debruçar-se sobre”, à prática de atos de pensá-la e que não estão soltos, desconexos, mas que criam “vínculos teleológicos e conexões correspondentes de cumprimento, corroboração, verificação e seus opostos” (Husserl, 2020, p. 131). A objetividade está aí também constituída, da interligação de “atos doadores impróprios e dos atos doadores próprios, atos de mero representar ou, antes, de mero crer e atos do entender, e, novamente, as multiplicidades dos atos que dizem respeito ao mesmo objeto, seja de um pensar intuitivo ou não intuitivo” (*idem, ibidem*).

Para realizar esses atos de entender, o leitor traz consigo sua bagagem intelectual e vivencial, o que individualiza a correlação com o texto. Para Antoine Compagnon, “encontra-se neste caso a noção de pré-compreensão como condição preliminar, indispensável a toda compreensão, que é uma outra maneira de dizer, como Proust, que não há leitura inocente, ou transparente: o leitor vai para o texto com suas próprias normas e valores” (Compagnon, 2010, p. 146).

Não de forma impositiva, exclusivista, aberta puramente, se faz a inteligência de um texto por parte de seu leitor – o autor e os limites da própria obra escrita já não podem, também, ser excluídos por teóricos da recepção (*ibidem*, p. 161). A interpretação contextual, ligada a todos os aspectos de uma obra, além da bagagem do leitor, é que permite a este, com respeito e critério, adensar a fortuna crítica de um autor, intencionalidade contida neste trabalho quanto à análise da obra de Mia Couto (Couto, 2006), a partir de conhecimentos básicos do espiritismo.

## **MWADIA – UMA CANOA ENTRE DOIS MUNDOS**

O romance (Couto, 2006) é formado por duas narrativas. Uma, que se passa no século XVI, durante a navegação de Dr. Gonçalo da Silveira, saindo de Goa, na Índia, com destino ao Império do Monomotapa, na África, com o intuito de converter o imperador desta terra à fé cristã. A outra, em Moçambique, no início do século XXI, tempo atual, em que se desdobra a história de Mwadia e Zero, desde que este descobre uma estrela caída em seu quintal.

Os períodos são ligados por uma imagem de Nossa Senhora, batizada pelo Papa, inicialmente transportada no navio do século XVI, rumo à África, e encontrada por Mwadia Malunga e Zero Madzero, séculos depois. Essa imagem alinhava toda a travessia literária, levando a encontro as fés cristã e africana em tempo de colonização portuguesa e em atual processo de globalização, revelando a

forma espetacular com que o autor constrói o romance. Para Carlos Eduardo Soares da Cruz (2008), a santa é a própria estrela encontrada por Zero Madzero no início do romance (Couto, 2006): “É a própria estrela que liga os tempos e que ilumina o passado. É ela que faz a ligação entre o passado e o presente, para que se descubra o que se foi e o que se é, o que foi e o que é ser moçambicano” (Cruz, 2008, p. 207).

Caída essa estrela em Anticamente, descoberta por Zero Madzero, descortina-se, para Mwadia Malunga, sua esposa, uma série de travessias: a que se dá no espaço – interior e exterior –, a que percorre os tempos – passado e presente – e a que liga os mundos espiritual e material. Ela, “que tinha corpo de rio e nome de canoa” (Couto, 2006, p. 16), flui pelo romance.

É sobre a trajetória entre dois mundos (espiritual e material) que nos importa fazer um realce interpretativo, à luz dos ensinamentos espíritas, já que vida e morte são realidades que dialogam por todo o romance. Em **O outro pé da sereia** (Couto, 2006), não há como se afirmar com certeza quais de seus personagens estão vivos ou mortos.

Kardec (2016) nos traz informações sobre o mundo espiritual na questão 84: “Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora aquele que vemos? ‘Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas’”<sup>3</sup> (Kardec, 2016, p. 85); e, quanto à sua correlação com o mundo material, nos denota, na questão 86 (Kardec, 2016), que: “eles são independentes e, não obstante, a correlação entre ambos é incessante, porque reagem incessantemente um sobre o outro”. (*idem, ibidem*). Ademais, trata sobre o espaço em que ocupam os Espíritos, nos revelando, em questão 87 (Kardec, 2016):

Os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-vos e atuando sobre vós, sem que o saibais, já que os Espíritos são uma das forças da Natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, pois há regiões interditas aos menos adiantados.” (*idem, ibidem*).

Na condição de Espírito desencarnado, encontra-se o burriqueiro Zero Madzero (Couto, 2006), que tem no próprio nome a grafia da nulidade, “zero”, como se inexistente fosse, e que traz pelo romance os indícios descritivos e narrativos de estar morto. A certa ocasião, na qual Mwadia dava banho em Zero, há o relato: “desta vez, como sempre acontecia, manchas de sangue iriam sujar a água que restava do banho. Ela nunca lhe perguntou por quê. A um homem não se perguntam certas coisas (Couto, 2006, p. 12). E, em seguida, o registro (Couto, 2006): “Contemplava o marido caminhando como uma queimada na

---

3 Importante observar que **O Livro dos Espíritos** (KARDEC, 2016) é composto por perguntas formuladas por Kardec e com respostas dadas pelos Espíritos, obtidas e confirmadas pelo trabalho de médiuns, em sessões mediúnicas diversas.

extensão de savana. De repente, ela se alvoroçou. Porque lhe pareceu que Zero não deixava pegada atrás de si” (*ibidem*, p. 33). Ao final do romance, a morte de Zero Madzero foi confirmada pela personagem Constança como tendo sido uma morte violenta, ocasionada pelo padrasto de Mwadia, em razão dos ciúmes que tinha desta (Couto, 2006).

O estado errante<sup>4</sup> de Zero e sua forte ligação à Mwadia (Couto, 2006), permanecendo ao lado dela como se vivo fosse, demonstra, primeiramente, que a alma<sup>5</sup> jamais perde sua individualidade, ou seja, passa ao mundo espiritual com o grau de evolução que aqui possuía, permanecendo por um tempo, mais ou menos longo, a depender do Espírito, com as mesmas ideias e pensamentos que apresentava antes de tornar-se Espírito desencarnado e leva consigo os resultados de suas ações. Em segundo lugar, que as ligações que o encarnado apresentava permanecem com grande peso registradas em si, posto que suas paixões são levadas consigo ao mundo espiritual – à exceção dos Espíritos puros (Kardec, 2016).

A influência do pensamento das pessoas vivas sobre os desencarnados é muito relevante, uma vez que estabelece atração fluídica, magnética, sobre os desencarnados, mais ou menos forte, a depender de seu grau de desprendimento das paixões – materiais ou pessoais – que aqui mantinha (Kardec, 2016). No romance (Couto, 2006), Mwadia parece não aceitar a morte de seu companheiro, persistindo em não colocar seu quadro na parede dos ausentes<sup>6</sup> por um bom tempo, o que parece facilitar o não desligamento de Zero Madzero de si. Aliás, o nome Antigamente, onde morava com Zero, é “nome que antes de ser de lugar é de tempo” (Cruz, 2008, p. 210), sendo um indicativo de que ela vivia em um tempo passado, à recusa de seguir adiante.

O estado de Zero nos parece dialogar com o conceito de perturbação espiritual, em que “a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se estivesse em um estado de catalepsia, de modo que a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro” (Kardec, 2003a, p. 157). Pode durar de horas a alguns anos, a depender de como era o estado evolutivo do Espírito e de como se deu o desencarne (*idem, ibidem*). O livro **O Céu e o Inferno**, de Kardec (2013a, p. 159), ilustra, com muita proximidade, a situação passada pelo burriqueiro:

---

4 Com relação ao estado em que se acham, os Espíritos podem ser encarnados, isto é, ligados a um corpo; errantes, isto é, desligados do corpo material e aguardando nova encarnação para se melhorarem; Espíritos puros, isto é, perfeitos, não precisando mais de encarnação (KARDEC, 2016, p. 150).

5 A alma é o Espírito encarnado. Após o desencarne, torna-se apenas Espírito (KARDEC, 2016, p. 104).

6 Em casa de Constança (COUTO, 2006), havia uma parede em que se colocavam as fotos dos entes já desencarnados, uma espécie de memorial familiar.

Na morte violenta as sensações não são precisamente as mesmas. Nenhuma desagregação parcial pôde iniciar previamente a separação do perispírito<sup>7</sup>; a vida orgânica em plena exuberância de força é subitamente aniquilada. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado. Este estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é dos mais interessantes para ser estudado, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito que julga material o seu corpo fluídico, experimentando ao mesmo tempo todas as sensações da vida orgânica. Há, além disso, dentro desse caso, uma série infinita de modalidades que variam segundo os conhecimentos e progressos morais do Espírito. Para aqueles cuja alma está purificada, a situação pouco dura, porque já possuem em si como que um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não faz senão apressar. Outros há, para os quais a situação se prolonga por anos inteiros. É uma situação essa muito frequente até nos casos de morte comum, que, nada tendo de penosa para Espíritos adiantados, se torna horrível para os atrasados. (Kardec, 2003a, p. 159).

Em sua viagem a Vila Longe (Couto, 2006), “Mwadia Malunga reencontra familiares e amigos.” A aldeia guarda em si e em seus habitantes “as feridas da guerra e da colonização” que “ainda estão aparentes nas casas e nas almas dos personagens” (Cruz, 2008, p. 204); tanto que também os habitantes da aldeia vão ganhando pelo romance indicações de que já não estão mais vivos, posto que, em Vila Longe, a morte não é exatamente um fato e seus habitantes morrem sem nunca chegarem a morrer (Couto, 2006).

Em diálogo de Mwadia com Jesustino (Couto, 2006), seu padrasto, por exemplo, ela mira seu olhar e observa que “seus olhos estão claros, deslavados, quase azuis” (Couto, 2006, p. 95-96):

Seus olhos, padrasto...

- Estou mudando de raça, estou cansado de ser caneco...

- Diga a verdade, o senhor está doente?

- Os olhos são o espelho da alma, não é o que dizem? Pois eu já quase não tenho alma. (*idem, ibidem*).

Rose Southman, a brasileira, possuía as mãos geladas como a de um morto e, em outra passagem, Mestre Arcanjo Mistura, o barbeiro, reclama de ninguém mais utilizar-lhe seus serviços, mesmo os mais fiéis clientes, indicando haver uma maldição para que, em Vila Longe, mais nenhum cabelo crescesse. Ademais, sua barbearia já não possuía paredes, uma vez que havia sido arruinada pela guerra. Também é com Arcanjo Mistura que Mwadia se depara frente a um espelho e apenas o seu reflexo aparece, não o dele (Couto, 2006).

7 Perispírito é o laço que une a alma ao corpo - ou que reveste o Espírito. Tem natureza semimaterial, intermediária entre corpo físico e Espírito. É um primeiro envoltório deste. (KARDEC, 2016, p. 104-105).

Em final de romance, quando Mwadia consegue visualizar no horizonte a verdadeira parede dos ausentes, a morte dos moradores de Vila Longe fica comprovada (Couto, 2006, p. 330-331):

À noite, Mwadia sentou-se na varanda. Olhou o horizonte como um fundo esborado, uma espécie de parede escura, pontuada de rostos. Ergueu-se como que para ganhar precisão e foi caminhando até distinguir as fotografias, uma por uma, expostas nesse paredão de ardósia. Lá estavam o padraсто Jesustino e sua irmã, a beata Luzmina. Lá estavam Zeca Matambira, Chico Casuarino, o barbeiro revolucionário Arcaño Mistura. Bem no alto, junto à espingarda, posava, garboso, o seu primeiro pai, Edmundo Capitani. No centro, se impunha a redonda figura de Dona Constança, sua velha mãe. Desta vez, conforme o vaticínio, os olhos dela a fixavam sem culpa, sem vergonha. Com gesto largo, Mwadia como que afastou a visão. Em vão. No momento, ela entendeu: aquela era a parede dos ausentes. E não estava no horizonte. Erguia-se no interior de sua própria alma. (*idem, ibidem*).

A existência do mundo espiritual e a sua constante ligação com o mundo material, pressupostos existentes na doutrina dos Espíritos, podem, então, ser observadas nas linhas do romance de Mia Couto (2006), conforme vimos. Também a sensibilidade e o cuidado com essa realidade espiritual se coadunam com os princípios da Doutrina dos Espíritos e com o trabalho desenvolvido pelo espiritismo e suas diversas instituições, em passagem de procissão que Constança faz pelas ruas de Vila Longe, por exemplo, não pelo rito dominical que se vê, mas pela afirmação que se faz: “Não é de flores que os mortos necessitam. Carecem é de companhia.” (Couto, 2006, p. 95). Considerando a importância do trabalho de acolhimento, de oitiva e de aconselhamento que se faz aos Espíritos desencarnados nas sessões mediúnicas e em outros momentos de acolhimento fraterno na prática diária dos centros espíritas, essa frase nos parece acolhida.

Outro ponto a dialogarmos é o conceito espírita de mediunidade e alguns de seus desdobramentos possíveis, por meio da personagem principal da narrativa contemporânea do livro, Mwadia Malunga (Couto, 2006). Ela, que está encarnada, tem constante contato com os mortos, ouvindo, vendo e interagindo com eles de diversas maneiras. O outro personagem que possui tal capacidade comunicativa é Lázaro Vivo, o curandeiro. O nome “Vivo” já indica no romance que não se trata de mais um espírito desencarnado que Mwadia vê, mas, antes, consciente de suas faculdades, auxilia no início da jornada de (auto) descobrimento da personagem principal.

A essa possibilidade de comunicação entre mortos e vivos, chamamos mediunidade. O nome de Mwadia (Couto, 2006), conforme já falado, significa canoa, o que dá a entender essa possibilidade de comunicação entre duas margens, entre dois mundos, entre duas realidades. Para um leitor sem os

conhecimentos espíritos, por exemplo, essa capacidade de comunicação e todos os fatos decorrentes dela poderiam ser vistos apenas como um estado de perturbação psicológica ou de imaginação da personagem.

Em **O Livro dos Médiuns** (Kardec, 2013), temos que ‘médium’ é todo aquele que sente, em um grau qualquer, a influência dos Espíritos. Todos os seres humanos, com raríssimas exceções, são médiuns, ainda que possuam somente rudimentos de mediunidade. Usualmente, apenas os que possuem capacidade mediúnica ostensiva é que são denominados médiuns. “Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, de modo que há tantas variedades quantas são as espécies de manifestações” (*ibidem*, p. 169). Mwadia (Couto, 2006) dá sinais de possuir essa faculdade de forma muito intensa, demonstrando várias espécies de manifestações mediúnicas, as quais podem ser observadas ao longo do romance.

Mwadia Malunga (Couto, 2006), medianeira, então, entre o mundo espiritual e material, sem que disso se dê conta, possui capacidades mediúnicas ostensivas, como a vidência, a audiência, a psicometria e a psicofonia, entre outras. “É preciso, contudo, estar alerta para o fato de que a fenomenologia psíquica não é nada fácil de se enquadrar em rígidas e didáticas classificações” (Miranda, 2016), razão pela qual não é nosso intuito a supervalorização ou rigidez quanto à indicação dessas classificações. Sem pretender, ainda, pontuar todas as oportunidades narradas, algumas situações que demonstram essas faculdades podem ser rememoradas em **O outro pé da sereia** (Couto, 2006):

Mwadia possui a mediunidade da vidência, motivo pelo qual é dotada da faculdade de ver os espíritos. Em seu caso, em estado de vigília normal, acordada, lembrando-se de tudo e interagindo com os espíritos que vê (Couto, 2006). Há médiuns que só possuem essa capacidade em estado sonambúlico ou próximo a esse estado (Kardec, 2013). Também é capaz de ouvir os espíritos, conversar com eles, o que a torna uma médium audiente. Por todo o romance (Couto, 2006), Mwadia ouve e conversa com os espíritos desencarnados, como de Zero e dos moradores de Vila Longe. Interessante fenômeno de psicometria parece ocorrer na alfaiataria de Jesustino, quando Mwadia decide visitá-la, a fim de dar um lugar à santa. Ao ingressar no ambiente, ela “sentia o escuro do aposento entrando no escuro de seus olhos” (Couto, 2006, p. 125-126). Adentrava roçando os dedos sobre os móveis empoeirados, observando panos, maquinário e instrumentos de costura antigos. Ela parecia impregnar-se do ambiente, ao observar o efeito do tempo naquele lugar. Ao apoiar-se no balcão, “fechou os olhos e inspirou fundo como se convidasse o passado a entrar dentro de si” (*idem, ibidem*). Teve visões de Jesustino Rodrigues no dia de sua morte, vendo e tendo sensações, como odores, de todo o processo de sua morte, ocorrida tempos atrás, ocasião em que descobriu



tratar-se de um suicídio, tendo-o visto em detalhes.

Acerca da psicometria, trata-se da “faculdade pela qual o sensitivo, tocando em determinados objetos, entra em relação com pessoas e fatos aos mesmos ligados. Essa percepção se verifica em vista de tais objetos se acharem impregnados da influência pessoal do seu possuidor” (Peralva, 2009, p. 270). O mesmo autor afirma ainda que, “em qualquer tempo e lugar, a nossa vida, com méritos e deméritos, desfilará em todas as suas minúcias ante o ‘radar do psicômetra’ (*ibidem*, p. 271). Essa mediunidade parece explicar o fenômeno ocorrido com Mwadia (Couto, 2006) na alfaiataria e, mais precisamente, poder-se-ia tratar de uma ‘psicometria ambiental’, termo utilizado por Hermínio Miranda, em **Diversidade de carismas: teoria e prática da mediunidade** (Miranda, 2016, p. 243), para descrever a psicometria que se dá ao ingressar-se em alguns espaços, tomando as impressões registradas no ambiente.

Ao fim das mediunidades elencadas, citamos a psicofonia, que pode ser observada no episódio do transe mediúnicos que Mwadia (Couto, 2006) protagoniza na obra. Inicialmente, trata-se de uma encenação, a fim de enganar o casal Southman, entretanto, a personagem começa a apresentar comportamentos e falas não próprios de si, não combinados com Casuarino (Couto, 2006). No estudo **O sagrado e o profano em O outro pé da sereia, de Mia Couto**, de Shirley Carreira (2012), entendemos:

O que a princípio era um transe forjado, baseado nos dados que obtivera do diário encontrado com a ossada do jesuíta, torna-se verdadeiro, sem que ela mesma entenda como, o que acaba por comprovar que Lázaro Vivo estava certo ao vaticinar a sua vocação para lidar com os espíritos. (Carreira, 2012, p. 256).

A mediunidade de psicofonia caracteriza-se, em explicação singela, pelo breve afastamento da alma do médium de seu corpo para que o espírito desencarnado possa aproximar-se dele, ligando-se a ele e exprimindo suas próprias ideias, sentimentos e impressões, por meio de seu veículo corporal. Não há um completo desligamento da alma do médium, que continua com a consciência de tudo o que é falado pelo espírito que se aproxima – caso da psicofonia consciente (Luiz, 2017). Mwadia (Couto, 2006) parece apresentar esse caso de psicofonia (ou mediunidade falante).

## **O DIÁLOGO ENTRE RELIGIOSIDADES: UMA REPARAÇÃO LITERÁRIA**

O romance (Couto, 2006) traz, em sua trama, um evidente diálogo inter-religioso entre o cristianismo e a fé africana, no qual a imagem de Nossa Senhora é o símbolo central – a atravessar o tempo como uma estrela, conforme já abordado. A narrativa não se dá por relato histórico puro. Mia Couto (2006),

ao contrário, desconstrói a lógica religiosa, levando a razão e o conhecimento espiritual para fora das figuras cristãs historicamente dominantes.

Na narrativa (Couto, 2006), que se passa na Nau Nossa Senhora da Ajuda, no século XVI, por exemplo, o escravo Nimi Nsundi é que parece tomar-se de maior percepção do sagrado, reconhecendo a imagem de Nossa Senhora como sendo de Kianda, “uma entidade oriunda do espaço aquático e, de acordo com a tradição oral, criada pelo deus Nzambi. Na verdade, trata-se de um gênio da natureza, capaz de emanar luz e vida e se apresentar sob forma humana, com um perfil acentuadamente feminino” (Carreira, 2012, p. 251). A fim de libertar a deusa das águas da forma que a impede de ser sereia, decide, inclusive, cortar seus pés, atitude da qual logrou êxito parcial (Couto, 2006).

Por sua vez, o padre Manuel Antunes é que se vê abandonando a fé cristã, após presenciar as atrocidades ocorridas na nau. Começa a achar, segundo ele mesmo diz, que está se transformando em um negro, transitando de raça (Couto, 2006), o que implicaria, ironicamente, em uma conversão de um branco para os costumes de um negro – reparação literária histórica dada por Mia Couto no romance, poderíamos assim dizer.

Já em uma abordagem contemporânea, nos termos de Carlos Eduardo Soares da Cruz (2008), o que se vê “é um sincretismo religioso que vai caracterizar os personagens e o próprio romance, misturando em vários momentos o sagrado africano e o cristianismo” (Cruz, 2008, p. 206). Não há uma divisão sempre bem definida entre as religiosidades. Há, sim, uma viagem constante entre duas ou mais margens: a de um mundo antes bipartido e a de um atual, globalizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A multiplicidade de conexões possíveis por parte de um leitor diante de uma obra literária é fenômeno que leva em consideração toda a bagagem e a capacidade de interpretação de mundo que esse leitor traz consigo. Assim, pudemos fazer uma breve análise de **O outro pé da sereia** (Couto, 2006), por meio de alguns conceitos e experiências próprias do Espiritismo, como a existência do mundo espiritual e a comunicabilidade dos espíritos com os encarnados, ação que visou enriquecer a fortuna crítica da obra sob exame. Ademais, uma rápida explanação quanto ao intercâmbio religioso registrado no texto nos permitiu verificar o tom transgressor utilizado pelo autor para dar uma, talvez, resposta literária – reparação – à histórica dominação religiosa do cristianismo para com a fé africana.

Assim como Mwadia (Couto, 2006) faz a ligação entre os mundos, pudemos ligar aqui, ainda que brevemente, o espiritismo – e suas bases doutrinária e literária – com o universo amplo da literatura, tão bem representado pela genialidade de Mia Couto.

## REFERÊNCIAS

- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia: cinco lições**. Trad. Marloren Lopes Miranda. Petrópolis: Vozes, 2020.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2ª ed. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno**. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2ª ed. Brasília: FEB, 2013a.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4ª ed. Brasília: FEB, 2016.
- LUIZ, Espírito André. **Nos Domínios da Mediunidade**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 36ª ed. Editora: FEB, 2017.
- MIRANDA, Hermínio C. **Diversidade de carismas: teoria e prática da mediunidade**. 8ª ed. São Paulo: Instituto Lachâtre, 2016.
- PERALVA, Martins. **Estudando a mediunidade: segundo a obra “Nos domínios da mediunidade” de Francisco Cândido Xavier**. 27ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009.
- SILVA, Ana Cláudia da. **O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. Lopes Miranda. Petrópolis: Vozes, 2020.
- \_da internet*
- CARREIRA, Shirley de Sousa Gomes. **O sagrado e o profano em O outro pé da sereia, de Mia Couto**. *Ipotesi, Juiz de Fora*, v. 16, p. 249-262, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/25778>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- CRUZ, Carlos Eduardo Soares da. **Uma estrela que atravessa o tempo: [O] outro pé da sereia, de Mia Couto**. *SOLETRAS*, [S.l.], n. 15, p. 203-211, jan. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4872>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- FRAZÃO, Dilva. **Mia Couto: escritor moçambicano**, 2021. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/mia\\_couto/](https://www.ebiografia.com/mia_couto/). Acesso em: 05, outubro de 2021.

## **Eixo Temático 2**



**SOCIEDADE, POLÍTICA,  
MISTICISMO E HISTÓRIA**

## ESPIRITUALIDADE E POLÍTICA: CONEXÕES POSSÍVEIS

*Márcia Helena Rodrigues Paroli<sup>1</sup>*

### INTRODUÇÃO

No presente artigo, propõe-se um breve passeio sobre esses temas, que parecem antagônicos – espiritualidade e política –, na tentativa de identificar conflitos, mas também de estabelecer conexões possíveis e, ao mesmo tempo, lembrar que são o cerne da boa espiritualidade cristã católica, pautada na essência da mensagem do Evangelho.

Nesta jornada, haverá algumas paradas obrigatórias. Na primeira, a intenção é contextualizar o momento em que vivemos, valendo-nos, tanto das abordagens de sociólogos, de cientistas da religião, quanto do Magistério da Igreja Católica. Na segunda parada, olhando pela janela da Teologia, o intuito é identificar o que parece ser a essência da espiritualidade cristã, para, finalmente, alcançar o destino proposto, à luz das reflexões de Papa Francisco – ações concretas para a vivência e a reflexão sobre esse tema.

Atualmente, a humanidade vive em tempos chamados hipermodernos, nos termos adotados por Ortiz (Ortiz, 2001), ou denominados modernidade tardia, conforme Hall (Hall, 2006). Para o contexto da Conferência de Aparecida, considera-se tempo de mudança de época (Celam, 2007, n. 44), e Papa Francisco assume, em suas falas, o termo pós-moderno.

Há séculos, abandonou-se o teocentrismo e vive-se sob a égide do antropocentrismo; ousaríamos dizer “consumocentrismo”, em um mundo dito globalizado, de éticas e amores líquidos (Bauman, 2009). Nesse contexto, também o conceito de espiritualidade adquire sentidos diversificados. Na Idade Média, a identidade das pessoas era marcada predominantemente pela espiritualidade cristã católica, não obstante, em todos os tempos, sempre tenha havido uma diferenciação da espiritualidade institucional e da espiritualidade popular sincrética.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Religião; Mestre em Teologia; Pedagoga, Coaching, Especialista: Pastoral da Educação; Formação Humana; Aconselhamento Espiritual e Espiritualidade.

Por sincrética, entende-se misturada, o que Hevieu-Léger chama de bricolagem de crenças (Hevieu-Léger, 2008). A modernidade, portanto, rompe e não rompe com a visão religiosa; ela gera novas necessidades e não conseguiu exauri-las, causando permanentemente insatisfação, fomentou novas utopias prometendo um mundo de abundância e de paz, finalmente realizado.

Instaurou-se uma insaciabilidade, e a busca frenética por conhecer, por comunicar cada vez mais rápido, abrindo espaço para a produção imaginária, tal sede busca preencher o vazio de existência. Para Hevieu-Léger (2008), é errado dizer que houve um retorno ao religioso, pois no fenômeno atual há crença (necessária diante das incertezas que se apresentam), não religião. Nessa crença faz-se uma bricolagem, marcada pela “tendência geral à individualização e a subjetividade das crenças religiosas” (Hevieu-Léger, 2008), dissociou-se ainda mais a crença da prática.

O próprio conceito de Deus não é mais o mesmo, tornou-se “força superior” e, para entrar em contato com essa energia, faz-se uma composição com as práticas que interessam. Essa mistura fez com que a fronteira entre católicos e não católicos – os que creem e os que não creem – não seja tão distinta. Não se dedicam a uma prática única. “A crença não desaparece, ela se desdobra e se diversifica, ao mesmo tempo em que rompe, com maior ou menor profundidade, de acordo com cada país, os dispositivos de seu enquadramento institucional” (Hevieu-Léger, 2008, p. 187). Não há busca por respostas além desta vida, as necessidades são imediatas e não há respostas certas. Portanto, para Hevieu-Léger (2008), a identidade não é mais determinada pelo fator religioso, esse existe, mas divide espaço com outros, a crença não interfere mais na prática.

Ledo engano pensar que sincretismo é algo apenas das nações menos abastadas. Os europeus que aqui aportaram não eram de tudo cristãos católicos, tinham também eles práticas, ritos, superstições que não tinham a ver com a *doxa* (BORDIEU, 1989) católica. Para que haja uma vivência em profundidade de uma crença, é preciso ter conhecimento profundo, e esse conhecimento sempre foi parco e, por vezes, inexistentes, quando falamos de nossa Igreja. Muitos aderiram à religião por *status*, conveniência e por quererem pertencer a um grupo majoritário<sup>2</sup>; a cisão se deu desde que o cristianismo tornou-se religião oficial do Império Romano, muitos se tornam cristãos por imposição e, até mesmo, por covardia, e não mais por convicções de fé; em nome da fé, não só se morre, mas também se mata.

---

2 Com a conversão do imperador Romano Constantino (313 d.C.), o cristianismo deixa de ser perseguido e, em 391 d.C., passa a ser religião oficial do estado, onde os que não o seguiam eram perseguidos. Ocorre então, nesse instante, o esvaziamento da proposta inicial, a cisão entre fé e vida; estabelece-se a cristandade (Síntese da autora).

## DESENVOLVIMENTO

Feita essa introdução, podemos tentar entender a espiritualidade hodierna que é fluida, pois o sujeito pós-moderno não se tornou ateu, contrariando as expectativas dos que apostavam na extinção da religiosidade com o império da ciência. Realmente, ela não se extinguiu, mas não é a mesma, personalizou-se e individualizou-se, distanciando-se, dessa forma, das instituições religiosas tradicionais, tanto católica como protestante, e vê-se paralelamente o pulular de novas experiências neopentecostais e filosofias de vida holísticas.

Detendo-me no campo cristão católico brasileiro, percebe-se também certa estagnação: da autoridade; das lideranças; dos grupos de estudo e reflexão; do interesse por formações consistentes; das celebrações desencarnadas que transitam entre o amorfo e o espetaculoso, e não poderia deixar de mencionar a influência da mídia católica, regida pela linha teológica de caráter neopentecostal. Ademais, o que parece ainda mais grave é a divisão explícita daqueles que se posicionam pró ou contra o pontificado de Papa Francisco, o que é muito estranho, já que sempre apregoamos a unidade de nossa Igreja em torno do sumo pontífice.

Há tendências internas de contestação e oposição, porém, há um movimento externo que se vale da diversidade das ideias dos fiéis católicos para semear e fomentar a divisão. Mais uma vez, realiza-se a máxima do império romano: “divide e impera”. Se há interesse em dividir, é porque ainda hoje a Igreja Católica causa desconforto e, para alguns segmentos, parece se tornar preciso fazer o possível para minimizar sua influência.

Essas polarizações não se restringem ao âmbito eclesial; nos cenários social e político, nos deparamos com governos frágeis, divididos e desnorteados, muito preocupados em fazer e desfazer *fake news* (Ancona, 2018), nas quais as diferentes instâncias e poderes divididos se digladiam, a fim demonstrarem ter o poder.

Diante desse contexto, nos deparamos com a questão: o que é, então, ter espiritualidade cristã católica dentro desse cenário?

## ESPIRITUALIDADE CRISTÃ CATÓLICA

Parto da premissa de que os fundamentos do cristianismo não mudaram, o Evangelho é ainda instigante. O modo como ele é anunciado e a linguagem é que foram se modificando, mas a essência continua a ser o que encontramos na perícopes de Mt 25 35-36; 40 (Bíblia de Jerusalém, 1997):

Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes me ver. [...] Em verdade vos digo: cada vez que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes (Bíblia De Jerusalém, 1997, p. 1750).

O cristão não está fora do mundo líquido, polarizado e fragmentado; sempre esteve imerso no tempo e no espaço de cada época – é o que já é evidente desde os primórdios, e é evidenciado na Carta a Diogneto, em 120 d.C (Apologistas, 1997):

Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e à especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em casas gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, cada pátria é estrangeira. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem às leis estabelecidas, mas, com sua vida, ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos; são desconhecidos e, apesar disso, condenados; são mortos e, deste modo, lhes é dada a vida; são pobres e enriquecem a muitos; carecem de tudo e têm abundância de tudo; são desprezados e, no desprezo, tornam-se glorificados; são amaldiçoados e, depois, proclamados justos; são injuriados, e bendizem; são maltratados, e honram; fazem o bem, e são punidos como malfeitores; são condenados, e se alegram como se recebessem a vida. Pelos judeus são combatidos como estrangeiros, pelos gregos são perseguidos, a aqueles que os odeiam não saberiam dizer o motivo do ódio (Apologistas, 1997, p.17).

Falam a mesma língua, vivem nas cidades com os outros, adaptam-se aos costumes do lugar; parece evidente que eles não se fecham em guetos de pessoas “puras”; vestem e comem como os demais. No entanto, “com suas vidas, ultrapassam as leis”, pois a lei do amor vai além das leis civis.

Isso posto, parece que já começamos a delinear a espiritualidade que herdamos dos primórdios do cristianismo: ser solidário onde quer que se encontre.

Porém, dentro de uma sociedade: hedonista, individualista, consumista, enxergar o outro e ter por ele empatia tornam-se atitudes cada vez mais raras. A ausência da presença: fecha, deixa solitário e, com a solidão, vêm o mal-estar e as síndromes, que favorecem a indústria farmacêutica.

A espiritualidade cristã católica é marcada pela cruz e bem cantava P. Zezinho<sup>3</sup>: “Feita de dois riscos é a minha cruz; [...] é a minha fé sem esses dois riscos: não se tem Jesus [...] sem esses dois riscos posso não chegar”. Esses eixos

---

3 PADRE ZEZINHO. **Dois riscos**. Disponível em: <https://www.letras.com.br/index.php/padre-zezinho/dois-riscos>. Acesso em 15 de Outubro de 2023.



fundamentais falam de relações: com Deus (Trindade Santa) e com os irmãos; se não tiver esses dois riscos, a fé fica manca e estéril. Esse próximo não é só desvalido, mas também o próximo que me é antipático, divergente, que não tem o mesmo partido, nem tem as mesmas convicções devocionais.

Parece ser necessário, para o cuidado e o cultivo da espiritualidade cristã católica, resgatar a espiritualidade da primeira comunidade cristã, que, pelo exemplo de convivência, de alegria e comensalidade, atraíam os que estavam fora, como bem narra Lucas, no livro dos Atos dos Apóstolos (At 2, 42; 46-47):

Mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, a comunhão fraterna, à fração do pão e as orações. [...] Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos. (Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1905).

O jeito de ser e de agir, o testemunho eram o *marketing* da comunidade nascente. O **Documento de Aparecida** (Celam, 2007) aponta as saídas para essa espiritualidade, que é de comunhão, o que fica claro no texto, quando aponta como as diversas tendências de igreja estão dialogando entre si, em cada artigo.

Se não bastassem o Evangelho e as reflexões maduras e equilibradas de **Aparecida** (Celam, 2007), ganhamos o bônus de um papa humano, próximo, humilde, que nos presenteou com algumas pérolas, infelizmente pouco conhecidas: **Evangelii Gaudium** (Francisco, 2013), **Laudato Sí'** (Francisco, 2015), **Fratelli tutti** (Francisco, 2013), entre outras, estudadas até mesmo por pessoas de outras igrejas, e que nós, católicos, porque dispersos, não conhecemos, não aprofundamos, não ruminamos, e, por isso, fica sendo uma voz do Espírito Santo calada, sufocada e, muitas vezes, criticada.

Num mundo de pós-verdade (*Ancona, 2018*), nós, cristãos católicos, sabemos Quem é a Verdade, o Caminho a Vida (Cf. Jo 14, 6; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1879). Até que ponto o nosso adorado Jesus Cristo não está sendo substituído por intérpretes dele, que, por vezes, são movidos por egos inflados, pastores que apascentam a si mesmos (Vide Ez 34, 10; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1530).

O conceito de Espiritualidade carece de entendimento, pois, em certas ocasiões, confunde-se espiritualidade com religiosidade e com devoção.

E há um retorno imenso de devocionismos, quase como uma tentativa frenética de se demarcar território; tal fenômeno já esteve presente no início da Idade Moderna. Vê-se ressuscitar práticas, vestes, posturas arcaicas, que, além de distanciarem os fiéis do mundo e do convívio social, de certa forma, tornam-nos reacionários, arraigados numa posição de conforto, com caricatura de santidade.

Espiritualidade é mais que isso, é um jeito de ser; poderíamos fazer uma analogia com a maquiagem e a pele. A maquiagem é a religiosidade e as devoções, enquanto espiritualidade, são a pele. Não podemos deixar a pele que reveste o nosso corpo. Espiritualidade é um modo ser constante, impregna toda a existência; **é um jeito de ser e agir.**

O Evangelho nos diz que somos feitos para ser sal e luz, fermento na massa (Mt 5 13-16; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1711). todos esses elementos se entregam, não se economizam, se misturam e, se não o fizerem, **não cumprem o seu papel.** Misturam-se para tornar melhor, dar sabor, fazer crescer, colorir e saciar; essa é a missão de todo batizado.

Esse retorno à zona de conforto que enfatiza a relação individual com Deus tem feito com que cada vez mais os cristãos católicos se distanciem da política, que, particularmente, considero pecado grave.

Não exagero, basta que abramos os ouvidos e vamos escutar, no centro do poder do Brasil, constantemente, “a bancada evangélica”, o que é maravilhoso, pois, a julgar pelo nome, teríamos tudo para viver em um país onde os que ditam as leis e as executam são cristãos que pautam suas vidas no Evangelho. Sem entrar no mérito da questão, da veracidade ou não dessa afirmação, podemos nos questionar sobre a representatividade católica dentro até dessa bancada, pois também seguimos o Evangelho. Parece-me que não precisamos ter a bancada católica, mais uma divisão ideológica e bairrista. No entanto, é preciso que os cristãos católicos se façam presentes; temos algo a dizer, afinal de contas, segundo os dados recentes<sup>4</sup>, que não é de todo correto, ainda somos boa parte da população brasileira.

Parece que a posição atual dos católicos (e por católicos, entendo todos os batizados, sejam da hierarquia ou do povo de Deus) no Brasil corresponde a como viviam os discípulos antes do dia de Pentecostes, não reunidos, mas com medo. E o pior: rezamos e batemos no peito em nossos atos penitenciais – “pequei muitas vezes, por pensamentos e palavras, atos e omissões.”

Estamos realmente pecando gravemente, pois, a cada vez que uma lei injusta é aprovada, somos responsáveis, pois não estamos vivendo o múnus do sacerdócio, do profetismo e do governo recebidos no Batismo, ou isso não é pecar por omissão?

---

4 Cf. Informações oriundas do Estado do Vaticano, “O Anuário Pontifício 2023, apresentado pela Santa Sé, com dados do Escritório Central de Estatística da Igreja, nos mostra algumas novidades relativas à vida da Igreja Católica no mundo, entre 1º de dezembro de 2021 a 30 de novembro de 2022: o Anuário Pontifício confirmou que o Brasil é o país com maior número de batizados no mundo – quase 180 milhões da população brasileira são de fé católica.” (Portal da Arquidiocese de Belo Horizonte | Cúria Metropolitana / Notícias de 07/03/2023. Disponível em: <https://arquidiocesebh.org.br/noticias/brasil-e-o-pais-com-maior-numero-de-fieis-catolicos-no-mundo-segundo-anuario-pontificio/>. Acesso em 15 de Outubro de 2023.)

A inércia, o descaso e o delegar responsabilidades que são nossas fazem com que a voz católica seja calada e banida dos centros de poder e decisões, e, como afirmará o filósofo existencialista Martin Heidegger (Heidegger, 1997), “O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons”, expressão que pode ser comparada à resposta que Jesus deu ao legista em Lucas 10, 25-37 (Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1808), quando esse respondeu que era o seu próximo.

## ESPIRITUALIDADE EM AÇÃO

Papa Francisco aponta algumas linhas para a superação desse ostracismo na **Encíclica Laudato Si'** (Francisco, 2015) e pergunta-se, no n. 196: “Qual é o lugar da política?” Ao que afirma que ela precisa valer-se do princípio da subsidiariedade, que impulse o desenvolvimento e a liberdade, que não se vergue ao que dominam o poder econômico, pois “não se pode justificar uma economia sem política, porque seria incapaz de promover outra lógica para governar os vários aspectos da crise atual” (Francisco, 2015, n. 196) – tanto em relação ao meio ambiente, quanto no que tange à inserção dos menos favorecidos, “os mais frágeis”.

Isso considerado, Francisco diz que a política precisa passar por uma reformulação integral (Francisco, 2015, n. 197), onde se teça um “diálogo interdisciplinar com os vários aspectos da crise” (Francisco, 2015, n. 197). Reconhece, alhures, que a política se encontra em descrédito, devido à corrupção, mas que ela não pode deixar de cumprir seu papel, para que não sejamos presas fáceis de alguns grupos com interesses vários:

Se o Estado não cumpre o seu papel numa região, alguns grupos econômicos podem se apresentar como benfeitores e apropriar-se do poder real, sentindo-se autorizados a não observar certas normas até se chegar às diferentes formas de criminalidade organizada, tráfico de pessoas, narcotráfico e violência muito difícil de erradicar. Se a política não é capaz de romper uma lógica perversa e perde-se também em discursos inconsistentes, continuaremos sem enfrentar os grandes problemas da humanidade (Francisco, 2015, n. 197).

Francisco nos lembra que a política e sua estrutura estão postas na sociedade para que o bem comum possa ser pensado e protegido, e que, para que tal ocorra, é preciso que os interesses pessoais sejam colocados em segundo plano e que não seja simplesmente um ringue, onde se dispute quem tem mais poder.

Ressalta ainda, no n. 214 (Francisco, 2015), que a política e as associações precisam ocupar-se em formar a consciência da população, e ressalta: “Naturalmente compete também à Igreja. Todas as comunidades cristãs têm um papel importante a desempenhar nesta educação” (Francisco, 2015, n. 214).

Refere-se à questão ambiental, mas também ao cuidado dos mais necessitados, já que também a Igreja tem um papel educativo.

E, no n. 222 (Francisco, 2015), destaca que a espiritualidade cristã tem, sim, uma proposta alternativa de qualidade de vida:

Encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo. É importante adotar um antigo ensinamento, presente em distintas tradições religiosas e na Bíblia. Trata-se da convicção de que “quanto menos, tanto mais”. Com efeito, a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento. Pelo contrário, tornar-se serenamente presente diante de cada realidade, por mais pequena que seja, abre-nos muitas mais possibilidades de compreensão e realização pessoal. A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres (Francisco, 2015, n. 222).

Para desenvolver e assegurar essa educação ao essencial, a simplicidade, a sobriedade e o re-encantamento com a vida, parece ser necessário investir e assegurar uma sólida formação humana, doutrinal e espiritual dos católicos, particularmente, acerca dos documentos da Doutrina Social<sup>5</sup>, para que, munidos dessa acurada formação, possam vir a se tornar presença ativa e profética na política e em todas as instâncias de decisão. Impregnar a Terra com “o bom odor de Cristo” (2 Coríntios 2, 15; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 2019) começa com pequenos gestos e comprometimento:

O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também «as macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos». Por isso, a Igreja propõe ao mundo o ideal dum “civilização do amor”. O amor social é a chave para um desenvolvimento autêntico: “Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social – nos planos político, econômico, cultural – fazendo dele a norma constante e suprema do agir”. Neste contexto, juntamente com a importância dos pequenos gestos diários, o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma cultura do cuidado

5 Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO; Justiça e Paz. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html). Acesso em 15 de Outubro de 2023.

que permeie toda a sociedade. Quando alguém reconhece a vocação de Deus para intervir juntamente com os outros nestas dinâmicas sociais, deve lembrar-se que isto faz parte da sua espiritualidade, é exercício da caridade e, deste modo, amadurece e se santifica (Francisco, 2015, n. 231).

O Papa Francisco, portanto, amplia o conceito de caridade, que extrapola o âmbito pessoal e familiar, mas se expande e atinge a sociedade como um todo. Fala de um amor social, sem o qual não pode haver desenvolvimento, e da necessidade de que implantemos a cultura do cuidado, pois a mesma faz parte da espiritualidade cristã.

Cuidar do bem comum é compromisso de todo cidadão e, na sua excelência, dos cristãos; não compete apenas aos que têm um mandato político. O papa Francisco dá exemplos concretos de associações que se empenham nas mais diferentes frentes:

Por exemplo, preocupam-se com um lugar público (um edifício, uma fonte, um monumento abandonado, uma paisagem, uma praça) para proteger, sanar, melhorar ou embelezar algo que é de todos. Ao seu redor, desenvolvem-se ou recuperam-se vínculos, fazendo surgir um novo tecido social local. Assim, uma comunidade liberta-se da indiferença consumista. Isto significa também cultivar uma identidade comum, uma história que se conserva e transmite. Desta forma cuida-se do mundo e da qualidade de vida dos mais pobres, com um sentido de solidariedade que é, ao mesmo tempo, consciência de habitar numa casa comum que Deus nos confiou. Estas ações comunitárias, quando exprimem um amor que se doa, podem transformar-se em experiências espirituais intensas (Francisco, 2015, n. 232).

Francisco une aqui fé e vida, o fazer em prol do bem comum pode tornar-se uma forte experiência espiritual, pois o cuidar e o estar em relação podem tornar-se um profícuo momento de infundir luz aos meandros mais recônditos do ser humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **Espiritualidade e política: caminhos concretos**

Chego, então, ao momento de sintetizar e tentar traçar algo de prático para a vivência de uma espiritualidade cristã. Faço-o em três âmbitos: pessoal, comunitário e ecológico.

**a) Pessoal:** por sermos filhos muito amados de Deus (Mateus 3, 17; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1708) e sabedores do segundo mandamento sintetizado por Jesus – “ama o próximo como a ti mesmo” (Mt 22, 39; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1744), ressalte-se que, para amar o outro, é preciso que haja um amor a si mesmo primeiramente; nesse sentido, parece ser necessário:

- Voltar a perceber-se como filho (a) muito amado (a) por Deus;

- Resgatar a dignidade de filho(a) de Deus (a exemplo da parábola do pai misericordioso em Lc 15, 11-32; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1817); implica cuidar de si: físico, intelecto, relacional e espiritual;

- Querer-se bem, ter a mente e o coração repletos de alegria e gratidão (1 Tes 5, 16-22; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 2064);

- Estudar a Doutrina Social da Igreja, entendê-la e incorporá-la.

**b) Comunitário:** sentir-se parte do corpo (I Cor 12; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 2007-2009) – a parte não pode decidir isolar-se e não pertencer; se um membro sofre, todos sofrem; isso posto, é importante:

- Comprometer-se em exalar o bom odor de Cristo (2 Coríntios 2, 15; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 2019); implica em fazer bem todas as coisas, sendo ético, justo, verdadeiro e solidário;

- Integrar-se à comunidade (At 2, 42-47; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1905), combatendo o individualismo e o ostracismo;

- Olhar outro(a) um irmão (ã) com amorosidade (Jo 15, 17; In. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1997, p. 1883), por mais diferente, contraditório e contrário às próprias percepções.

**c) Ecológico:** a partir do debruçar-se no estudo atento e refletido da Encíclica *Laudato Si'*, despontam as ações:

- Cultivar a virtude da sobriedade (I Pd 5, 7-8; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 2119), vivenciar o mais é menos;

- Vivenciar as leis sistêmicas: da hierarquia (Ex, 20, 12; Rm 13, 1-12; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 131; 1987-1988), do equilíbrio entre dar e receber (Lucas 17, 12-13; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1819) e do pertencimento (Rm 12, 5; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1986);

- Não se omitir diante da injustiça e da corrupção (Mt 5, 33-37; In. Bíblia de Jerusalém, 1997, p. 1712).

## REFERÊNCIAS

ANCONA, *Matthew D'*. **Pós-Verdade:** A Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de *Fake News*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

APOLOGISTAS, Padres. **Patrística:** Carta a Diogneto; Aristides de Atenas; Taciano, o Sírio; Atenágoas de Atenas; Teófilo de Antioquia; Hérmiás, o Filósofo, Vol. 2. São Paulo: Paulus, 1997.

CELAM. **Documento de Aparecida.** São Paulo: Paulus, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas.** Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *La Bible de Jérusalem*, edição de 1998. São Paulo: Paulus, 2002.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

FRANCISCO, Papa. **Encíclica Evangelii Gaudium**. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Alegrai-vos**: Carta Circular aos Consagrados e Consagradas. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Encíclica Laudati Si'**. Sobre o cuidado da Casa Comum. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Encíclica Fratelli Tutti**: Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. 1ª Edição Português. Instituto Piaget, 1997.

HEVIEU-LEGER, Daniël. **O peregrino e o convertido**: A religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

## Da internet

PADRE ZEZINHO. **Dois riscos**. Disponível em: <https://www.letras.com.br/index.php/padre-zezinho/dois-riscos>. Acesso em 15 de Outubro de 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO; Justiça e Paz. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html). Acesso em 15 de Outubro de 2023.

PORTAL da Arquidiocese de Belo Horizonte | Cúria Metropolitana / **Notícias de 07/03/2023**. Disponível em: <https://arquidiocesebh.org.br/noticias/brasil-e-o-pais-com-maior-numero-de-fieis-catolicos-no-mundo-segundo-anuario-pontificio/>. Acesso em 15 de Outubro de 2023.

## O DICIONÁRIO INFERNAL E O MISTICISMO NA SOCIEDADE

*Sandro Xavier<sup>1</sup>*

### INTRODUÇÃO

A intenção deste artigo é mostrar a obra secular de Jacques Collin de Plancy mais difundida e consultada até hoje, apesar de ter sido produzida no século 19, qual seja, o **Dicionário Infernal** (De Plancy, 2019).

Trata-se de um escrito que reúne a definição de vários demônios e temas relativos à visão sobrenatural de sua época, que era muito retratada na sociedade pelos mandados expedidos pela igreja e sua liderança, bem como por vários escritos influenciados ainda pelo romantismo.

Será mostrado um pouco da época da publicação do dicionário, como é a composição da publicação, bem como um relato breve da vida do autor, para que se possa compreender o que envolvia a edição da obra e seu contexto.

Em seguida, será feito um relato da compreensão a respeito dos demônios e dos anjos, como surgiram e a sua relação com a vida das pessoas. No mesmo viés, o tema dos sete pecados capitais nos vai levar a procurar pelos demônios que são seus regentes, bem como as virtudes contrárias e seus anjos. Além disso, serão ilustrados mais alguns demônios que fazem parte, ainda hoje, do conhecimento mais *latu senso*.

Na sequência, em “desafios atuais” (parte 4), veremos como esses escritos podem mostrar o funcionamento da sociedade, com suas relações de poder, e como isso reflete o pensamento das pessoas em seu contexto e prática de vida.

Para que o mergulho no **Dicionário Infernal** nos dê a verdadeira impressão que Collin quis naquele longínquo (mas nem tanto) século 19, devemos compreender um pouco da sua época, mas tentar transferir toda aquela tentativa dele de mostrar como o imaginário popular criava seres que se tornaram tão reais para eles a ponto de seus medos serem materializados e personalizados.

---

1 Doutor e mestre em Linguística (UnB); doutor em Divindade e Ministérios (h.c.); bacharel em Teologia, licenciado em Letras. Membro do Núcleo de Linguagem e Sociedade (Nelis) da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [revsandro@yahoo.de](mailto:revsandro@yahoo.de).



Os demônios descritos por Collin De Plancy estão andando, ainda hoje, entre nós, exigindo exorcismos, tratamentos psiquiátricos e exortações de todo tipo das mais variadas vertentes religiosas, não somente da cristandade.

## O DICIONÁRIO INFERNAL E SUA ÉPOCA

O **Dicionário Infernal**, cujo título completo é **Dicionário Infernal: repertório universal dos seres, dos personagens, dos livros, dos fatos e das coisas que concernem aos espíritos, aos demônios, aos bruxos, ao comércio do inferno, às adivinhações, aos malefícios, à cabala e às outras ciências ocultas, aos prodígios, às imposturas, às superstições diversas e aos prognósticos, aos fatos atuais do espiritismo, e de modo geral a todas as falsas crenças fantasiosas, surpreendentes, misteriosas e sobrenaturais** (De Plancy, 2019) – sim, isso tudo! –, foi publicado, pela primeira vez, em 1818, pelo francês Jacques Collin de Plancy, de quem falaremos mais detalhadamente adiante. Seu tempo era marcado por muita efervescência política na França, especialmente porque, havia pouco tempo, o país passara pela famosa Revolução Francesa (1789-1799), trazendo uma maior participação do povo nas ações de governo; a ascensão do pensamento iluminista, com o reconhecimento da importância da razão; bem como a marcante separação entre Igreja Católica e Estado.

A inquietação que tomou conta da sociedade nesse período ainda foi impulsionada pelo estabelecimento e pela queda do Império Napoleônico, a fase da Restauração francesa e as Revoluções de 1830 e 1848, a Segunda República e o Segundo Império, que teve seu fim em 1870. Podemos, então, considerar que a França viveu praticamente um século de movimento intenso na vida política e social do país, com mudanças significativas no pensamento e na forma de pensar das pessoas.

O que impressiona, nesse movimento, é que, a despeito dos caminhos traçados mostrando a importância do Iluminismo e do uso da razão, começa a entrar em foco o romantismo marcado por mitos tradicionais – o que é totalmente compreensível quando se vivia um momento em que havia o estímulo a crer na atuação providencial de um personagem histórico, como era Napoleão para o povo francês –, trazendo o foco no nacionalismo e em temas exóticos e sentimentais.

Nesse contexto, surgiam muitas histórias de bruxas e criaturas fantásticas. Não eram raros os relatos de aparições de fantasmas e de monstros que atacavam as pessoas na surdina. Tais relatos, no imaginário popular, não ficavam somente na criatividade de escritores talentosos para deleite dos leitores ou ouvintes. Muita gente acreditava na existência de tais fantasmas ou criaturas das trevas e as temia com toda sua sinceridade.

Collin De Plancy aproveitou (segundo alguns estudiosos da literatura da época) esse espírito para entender a predileção do público e oferecer a sua sanha pelo oculto. Senão, vejamos o que nos diz Wade Baskin:

A predileção de Collin de Plancy pelo irracional, pelo tormentoso e pelo patético dão a ele um lugar na gênese de uma das fases do Romantismo [...] O maior feito do Romantismo foi ter servido de fonte para grandes movimentos literários nos dois últimos séculos. Alguns dos que contribuíram para a emergência do Romantismo obtiveram fama, alguns foram esquecidos. Collin de Plancy, apesar de sua vasta produção, poderia ter sido esquecido se não fosse pela obra que permanece seu monumento duradouro. (Baskin, 1965, p. 5-7)

Por isso mesmo, a importância do **Dicionário** tem sido evidenciada até os dias atuais. A busca por “dicionário infernal em português” é tão alta na *internet*, que é mostrada como sugestão automática em buscadores da rede (Osório, 2019, p. 9). O interesse pela obra reside na sua demonstração do ocultismo e da demonologia detalhada que era apresentada em sua época, e que serve de base, ainda hoje, para a definição de entidades do inferno. Segundo Marie-Charlotte Delmas (Delmas, 2010), a intenção de Collin não era ser uma enciclopédia sobre o tema, mas uma espécie de “denúncia” da forma supersticiosa como se vivia na sociedade:

Que ele zombe do diabo ou passe a temê-lo, Collin de Plancy manifesta nele [no *Dicionário*] seu interesse, como o de muitos de seus contemporâneos, em tudo aquilo relacionado ao sobrenatural e ao fantástico. Ele se interessa pelas ciências ocultas, integrando todos os seus avanços em seu dicionário, e coleciona as lendas que viria a coligar mais tarde em uma coleção de pequenos livrinhos. (Delmas, 2010, p. 12).

Sendo assim, Collin publicou, na primeira edição, o **Dicionário Infernal** em dois volumes, em 1818, destacando a superstição que circulava no meio popular, a despeito das “luzes” lançadas pelos grandes filósofos que influenciaram a época, que podemos destacar, por exemplo, Voltaire (1694-1778) e Jean-Jaques Rousseau (1712-1778).

Quando foi lançado, o **Dicionário** teve boa aceitação do público, que já estava familiarizado como o tema do fantástico, do aterrorizante e do ocultismo. Em seguida, houve uma segunda edição, com quatro volumes, quando começaram a surgir as litogravuras, que são famosas até hoje e tradicionais na representação de muitos demônios conhecidos. Além disso, acrescentaram-se 250 (duzentos e cinquenta) verbetes à coleção.

Para a terceira edição, após sua conversão ao cristianismo, Collin fez a alteração de alguns termos, como chamar de “falsas crenças” o que antes eram somente “crenças”.

O **Dicionário Infernal** contou, ainda, com mais quatro edições, totalizando seis delas até 1863, quando houve o último trabalho nesse sentido. O trabalho que chega ao Brasil tem as famosas gravuras de Louis Breton, gravadas por M. Jarrault, que mostram os demônios da hierarquia infernal mais representados nos diversos grimórios da Idade Média.

Durante décadas, o **Dicionário Infernal** foi consultado em sua língua original, a saber, o francês, por não haver, ainda, edição em língua portuguesa. Em 2019, entretanto, a Universidade de Brasília e a Universidade de São Paulo, em parceria com o Arquivo Nacional, lançaram uma edição da obra em português, com tradução, assinada por Angela Gasperin Martinazzo, primorosa, e uma belíssima apresentação de capa e interna, com diagramação caprichosa e sem deixar de figurar as gravuras de Breton (De Plancy, 2019).

O que se pode falar, mais especificamente, de Collin de Plancy é que ele nasceu Jaques Auguste Simon Collin, na cidade de Plancy-L'Abbaye, em 30 de janeiro de 1793 ou 1794, e adotou vários pseudônimos, o que gera dúvidas com relação a seu nome verdadeiro.

Collin foi um pensador influenciado por Voltaire e exerceu o ofício de livreiro e editor radicado em Paris desde 1812, tendo escrito muitos livros, dicionários de vários temas, como um “dicionário feudal” e um “dicionário de relíquias e de imagens milagrosas” (Osório, 2019, p. 11).

Sua conversão ao catolicismo ocorreu no tempo em que viveu em Bruxelas, e resolveu se retratar de muitos de seus pensamentos e consequentes escritos, com declarações como “condeno e rechaço tudo que escrevi contra a fé e os costumes” (De Plancy, 1841, p. 1), o que lhe rendeu absolvição do papa Gregório XVI e uma tranquilidade para continuar publicando seus escritos.

## **A IDEIA DE ANJOS E DEMÔNIOS**

Desde a chamada Baixa Idade Média, mais ou menos localizada entre 1300 e 1500, caracterizada por um grande crescimento populacional na Europa, com avanço estrutural urbano que influenciou alterações na forma de lidar com a terra e com a agricultura, e trouxe diversidade na forma de pensamento significativa, a influência do ocultismo ainda foi-se estendendo até a Idade Moderna.

Na cultura medieval, marcada pelo domínio do pensamento de mosteiros, era comum que a liderança da igreja divulgasse, por meio da demonologia, uma forma de materialização das agruras humanas em forma de entidades infernais. A antropomorfização dos demônios, portanto, era uma forma de advertência com relação a comportamentos reprimidos e uma orientação para lidar com a maldade, considerando o meio cruel e hostil em que viviam os fiéis.

Ainda na época de Gregório, o Grande (papa entre 590 e 604), escritor influente da Igreja Católica de seu período, surge a criação da figura personalizada do Diabo e toda uma categoria com hierarquias determinadas:

De todos os seres, o Diabo foi o primeiro a ser criado. Ele era um querubim, o mais alto de todos os anjos, e poderia ter permanecido no pináculo da criação se não tivesse escolhido pecar. Esta visão, ao contrário de Dionísio, ficou como modelo na Idade Média: a maioria dos teólogos considerou o Diabo o mais alto ou um dos anjos mais altos, como um querubim (Ezequiel 28.14-19) ou um serafim. Uma vez que pecou, ele foi subjugado e afastado à condição inferior, para as profundezas e sendo orgulhoso se opôs aos céus. Para Isidoro, anjos têm categorias e graduações que refletem na dignidade e no poder deles. (Russel, 2003, p. 88).

Essa visão de poder e de hierarquia ainda vige mesmo hoje em agremiações religiosas e no imaginário popular. Até mesmo para cada demônio que se apresenta, uma forma de anjo faz o contraponto a ele em poder e resistência.

A ideia dos compartimentos do inferno ficou muito popularizada por meio da parte da **Comédia** de Dante Alighieri, em “Inferno” (Alighieri, 2020). Ao longo da tradição medieval, a Igreja Católica relacionou demônios específicos a cada um dos compartimentos, totalizando nove círculos.

As divisões em tormentos e demônios que os apadrinham têm diferenças de interpretação de acordo com vários pesquisadores. Tentarei fazer, aqui, uma explanação geral e condensada das mais comuns ideias e algumas variações que são mais encontradas<sup>2</sup>.

Os pecados capitais foram distribuídos em sete, após algumas apresentações divergentes iniciais, e relacionadas a eles se encontram sete virtudes, com seus anjos relativos. Eles serão enumerados, para efeito de facilitar a compreensão e a localização, mas não há hierarquia nem ordem entre eles. No princípio, foram elaborados nove pecados capitais, entre os quais, incluíam-se a heresia e a mentira. Com o tempo, eles foram retirados permanecendo somente os sete a seguir:

(i) *Luxúria* – cujo demônio relativo é Asmodeus (ou Lilith para alguns). A virtude contrária é a castidade (ou integridade), e seu anjo regente é Anael.

A ideia é que a luxúria é contrária à instituição da família e da união entre homem e mulher. Entregar-se a Asmodeus, ou seja, à luxúria, é um ataque à instituição familiar. Por meio dela, ocorre o ato sexual fora do

---

2 Peço vênha para cometer, aqui, um dos maiores pecados do mundo acadêmico. Ocorre que o levantamento dos demônios dos 7 pecados capitais, bem como a relação com as 7 virtudes e seus anjos, é resultado de pesquisa variada em livros, páginas de internet e vídeos em plataformas virtuais ao longo de anos. O resultado disso foi um texto com muitas anotações sem, entretanto, deixar apontadas suas fontes. Diante disso, fiz um resumo das principais ideias desses registros, cujas referências foram pulverizadas, infelizmente.

casamento e o pecado contra o sexto e o nono mandamentos, mesmo que por atos, pensamentos, desejos, más companhias, filmes, revistas, e o adultério, que é a traição do juramento matrimonial. A luxúria gera cegueira espiritual, precipitação, inconstância e amor desordenado.

(ii) *Soberba* (ou orgulho/vaidade) – sob a regência de Lúcifer. Tem como virtude antagônica a humildade, com a guarda do anjo Miguel.

A soberba é uma estima excessiva de si mesmo. Não agradece a Deus as qualidades que possui, fica procurando elogios e procura sempre rebaixar as qualidades dos outros. Pela soberba, chega-se a ambição, presunção, vã glória, hipocrisia, obstinação e desprezo pelos outros.

(iii) *Avareza* (ganância) – cujo demônio é Mamom, tem como virtude contrária a suficiência (ou generosidade), com a liderança do anjo Cassiel.

A avareza é a estima excessiva das riquezas e dos bens materiais e a alma passa a viver só em torno disso, esquecendo-se de Deus e do próximo. O avaro prefere morrer a perder seus bens. Só pensa em comprar, em ter, em mostrar aos outros tudo o que possui. Pela avareza, pode-se produzir injustiça, traição, dureza de coração, medo de perder tudo e esquecimento de Deus.

(iv) *Inveja* – cujo demônio é Leviatã, tem a caridade (ou desapego/bondade) como sentimento divergente, sob o cuidado do anjo Rafael.

A inveja faz com que se olhe o bem no próximo como mal, pelo fato de gerar um sentimento de diminuição da própria grandeza e glória. Faz com que alguém não fique feliz ao ver alguém sendo elogiado ou obtendo algo que não se tem. A inveja faz alguém atrapalhar o outro e ficar feliz quando o vê atribulado. Assim o invejoso carrega ódio, murmúrio e detração.

(v) *Gula* – cujo demônio é Beelzebuth, tem como virtude contrária a moderação (ou a sobriedade e a temperança). O anjo regente da moderação é Sachiel.

A gula é um apetite desordenado pela comida ou pela bebida. Essa desordem pode existir na alma de cinco modos: procurando desordenadamente comidas caras e diferentes (tipo), comendo em excesso (quantidade), demasiada atenção na preparação (qualidade), comendo ou bebendo de modo voraz e sem educação (modo) ou preocupando-se demais com a hora da comida (precipitação). Pela gula, pode-se chegar à embriaguez, dificuldade de concentração e de estudo, e fuga da vida de oração.

(vi) *Ira* – capitaneada pelo demônio Azazel (ou, segundo outras interpretações Asmodeus ou o próprio Satã). A paciência (ou ainda a serenidade, a mansidão ou a resiliência) é a virtude contrária, que tem o anjo Miguel como seu mentor (alguns afirmam ser Asariel).

A ira é uma forma de paixão descontrolada demonstrada por um desejo

imoderado de vingança. O descontrolo da paixão é a raiva, que chega a modificar nosso semblante; a vingança imoderada consiste em vingar-se quando não nos cabe vingar ou vingar-se de alguém que não nos fez nada que merecesse vingança. Pela ira, encontra-se a indignação, maus pensamentos e juízos temerários, gritos e agitação, blasfêmias, acusações injustas, rixas e brigas.

(vii) *Preguiça* – cujo demônio que a lidera é Belphegor, conta com a diligência (ou a disciplina e o trabalho), como virtude contrária e tem o anjo Gabriel como seu exemplo.

Pode-se entender a preguiça como a busca incessante por repouso e o conforto do corpo. Por outro lado, é comum alguns pesquisadores do tema considerar a “tíbieza”, que é o tédio pelas coisas espirituais, pela oração e por tudo que nos aproxima de Deus, como o cerne desse pecado capital. Pela preguiça, pode-se desenvolver fraqueza, rancor e raiva pelos que tentam estimular às atividades, pusilanimidade, atenção voltada para coisas ilícitas. Afirma-se, também, que esse é um dos vícios mais difíceis de ser controlado.

Entre as variações de nomes e de relações de demônios, alguns incluem um pecado separado da soberba, dando à vaidade um *status* separado, tendo como demônio a própria Lilith. Para virtude contrária, relaciona-se a modéstia, e o anjo Anael como seu líder.

Começamos a notar, nessa relação e na prática advinda da Idade Média, tomada pelo pensamento eclesiástico, com os ensinamentos de monges e lideranças da Igreja Católica, que as agruras humanas são materializadas em personagens que habitam o mundo espiritual e podem ser agentes de ameaça para os fiéis. Da mesma forma, os anjos vêm com virtudes contrárias para se combater essa ameaça às almas.

Em algumas das várias fontes que versam sobre os sete pecados capitais, e suas produções com informações distintas e acréscimos valiosos, também apontavam que havia orientações específicas para se enfrentarem os pecados e as ameaças à vida de fé cristã. Eram dicas para comportamento e diligência em oração e uma vida devocional rígida, a fim de que o fiel não se afastasse da presença de Deus.

Com essa forma de pensar, Collin elencou, no **Dicionário Infernal**, não somente os sete demônios que foram expostos como regentes das fraquezas humanas, mas também muitos outros que rondavam a vida cotidiana das pessoas. Assim, ele pôde conquistar o povo com aquilo que mais habitava o seu imaginário.

## OS DEMÔNIOS E AS AGRURAS HUMANAS

O **Dicionário Infernal** (De Plancy, 2019) conta, em sua apresentação, com a seguinte definição:

É uma compilação de lendas, crenças e superstições, a exemplo das grandes obras do enciclopedismo francês. São milhares de monstros, demônios, espíritos e diabretes, duendes, feiticeiras, com os quais o autor construiu pequenas e inventivas histórias, procurando analisar e denunciar a superstição.<sup>3</sup>

Note que já se percebe que o intuito de Collin de Plancy (De Plancy, 2019) é jogar com a superstição que vogava na época. Ocorre que, hoje mesmo, muitas dessas superstições ainda estão vivas em nossa sociedade.

Quero apresentar, então, alguns dos verbetes apresentados por Collin no **Dicionário Infernal** (De Plancy, 2019), para que tenhamos a real noção de como isso se relaciona com os problemas enfrentados pela humanidade em razão de suas fraquezas psíquicas e sociais.

Considerando a força dos sete demônios que regem os pecados capitais, sugiro encontrarmos o que se fala na obra a respeito desses seres que materializam as mais condenadas atitudes pela igreja:

(a) Asmodeus é um dos que têm sua figura retratada em gravura de Jarrault. Considerando que nem todos são retratados na obra, podemos deduzir que os demônios que contam com uma representação gráfica de si são importantes.

Seu verbete é denominado somente “Asmodeu” e é definido como “demônio destruidor”, também chamado por alguns rabinos de “Samael”. Segundo a definição, ele “semeia o desperdício e o erro” e está relacionado com a serpente que seduziu Eva no paraíso. Sendo considerado o “príncipe dos demônios” é poderoso a ponto de mostrar aos homens “como se tornarem invisíveis”. Ensina geometria, aritmética, astronomia e artes mecânicas, e tem sob seu comando 72 legiões (*Ibid.*, 2019, p. 93-94).

(b) Lilith é considerada a soberana dos demônios súcubos, que são aqueles que se travestem em mulher e aproveitam para manter conjunção carnal com os homens durante o sono. Ela é acusada de procurar matar recém-nascidos (*Ibid.*, 2019, p. 543).

(c) Lúcifer é classificado como o “rei dos infernos” e, segundo alguns demonômanos, é superior a Satã. O vocábulo alerta para a personalidade por vezes brincalhona de Lúcifer, aparecendo, algumas vezes “sob a forma e a aparência da mais linda criança”. Apresenta o rosto avermelhado quando fica irado, mas, diferente do que se imagina, não tem imagem monstruosa (*Ibid.*, 2019, p. 554).

---

3 Apresentação da obra na página da Edusp na *Internet*. Disponível em: [www.edusp.com.br/livros/diconario-infernal/](http://www.edusp.com.br/livros/diconario-infernal/). Acesso em 4 de outubro de 2023.

(d) Mamom é relacionado com a avareza e diz-se dele que foi o “primeiro a ensinar aos homens a rasgar o ventre da terra para arrancar seus tesouros” (*Ibid.*, 2019, p. 575).

(e) Leviatã é citado muitas vezes na Bíblia e já era uma criatura temida pela religiosidade judaica, representando tudo aquilo de misterioso na profundidade das águas. Até por essa relação com os mares, ele é relatado no **Dicionário Infernal** como “grande almirante dos infernos” e “o grande mentiroso”. Ele ensina a mentir e a ludibriar. O vocábulo também afirma que “a massa das águas é sustentada sobre o Leviatã” (*Ibid.*, 2019, p. 539).

(f) Beelzebuth (ou Belzebu e Belzebug) é também príncipe dos demônios e o “primeiro em poder e em crime depois de Satã”. O significado do seu nome é “senhor das moscas”. Segundo o livro, ele tem o poder de “livrar os homens das moscas que arruinam as colheitas”. Tem a quase totalidade das opiniões dos demonômanos em classificá-lo como “soberano do império das trevas”. Suas representações são diversas, apresentado como uma mosca, ou até como uma serpente, com traços de mulher ou alto como uma torre, variando até para um tamanho como o dos humanos, confundido com muitos outros personagens antigos (*Ibid.*, 2019, p. 137-138).

(g) Azazel é chamado de “guardião do bode”. O vocábulo ainda reporta que “durante a festa da Expição, que os judeus celebravam no décimo dia do sétimo mês que corresponde a setembro para nós, levaram-se ao grão-sacerdote dois bodes que ele sorteava da seguinte maneira um para o Senhor, outro para Azazel”. Esse bode oferecido a Azazel era portador das confissões de pecados do sacerdote e do próprio povo, em seguida era levado para o deserto e libertado (*Ibid.*, 2019, p. 116-117).

(h) Satã tem seu nome muito difundido e é chamado de “chefe dos demônios e do inferno, segundo a opinião geral”. Ele é tido como o demônio da discórdia e príncipe revolucionário no império de Beelzebuth. Segundo se divulga, “quando os anjos se revoltaram contra Deus, Satã, então governador de uma parte do norte do céu, pôs-se à frente dos rebeldes; foi vencido e precipitado no abismo”. O significado do seu nome é “inimigo”, “adversário” (*Ibid.*, 2019, p. 775-776).

(i) Belphegor é considerado o “demônio das descobertas e das invenções engenhosas” e aparece, muitas vezes, travestido de uma jovem mulher, oferecendo riquezas. Há relatos de que, em algumas cerimônias dedicadas a ele, ofereciam-lhe o “ignóbil resíduo da digestão”, ao sentarem-se em cadeiras furadas. Outros afirmavam “que lhe eram oferecidas vítimas humanas, cuja carne era comida por seus sacerdotes”. Com a imagem de um demônio sempre de boca aberta, aguardando por suas oferendas, acabou por ser relacionado a preguiça (*Ibid.*, 2019, p. 135).



Além dos já citados demônios que regem os sete pecados capitais, o **Dicionário Infernal** também apresenta muitos outros vocábulos que mostram outras entidades e termos relacionados com a situação sobrenatural da vida. Entre eles, podemos destacar, a título de ilustração, mais alguns termos a seguir:

(j) Belial é classificado como o “espírito mais dissoluto, mais sórdido e mais imbuído do vício pelo próprio vício” que o inferno jamais recebeu. Ele é portador de uma alma hedionda e vil, com um exterior, entretanto, bastante sedutor, com um semblante cheio de graça e de dignidade. O nome de Belial significa “rebelde” e “desobediente”. Há quem afirme que ele é um dos reis do inferno e que fora criado imediatamente após Lúcifer, tendo arrastado a maioria dos anjos na revolta contra Deus, sendo, assim, um dos primeiros a serem expulsos do céu. Fala com suavidade, apresenta-se como um anjo, mas tem natureza mentirosa. Belial comanda oitenta “legiões da ordem das Virtudes e da ordem dos Anjos” (*Ibid.*, 2019, p. 135-136).

(k) Baal é uma das entidades mais conhecidas, em razão de suas diversas citações no Antigo Testamento. Segundo o **Dicionário Infernal** (De Plancy, 2019), é classificado como grão-duque do inferno, e é designado por alguns demonistas como “general em chefe dos exércitos infernais. Ele “era adorado pelos cananeus, cartagineses, caldeus, babilônios e sidônios, bem como pelos israelitas, quando caíram na idolatria”. Baal recebia como oferenda vítimas humanas e seus adoradores não lhe atribuíam um sexo determinado (*Ibid.*, 2019, p. 118).

O **Bestiário goeta** (Pawlick, 2020), livro composto com imagens e detalhamento de vários demônios, resultante de grimórios montados desde o século 14, aponta que Baal é um demônio diurno e uma criatura com cabeças de homem, sapo e gato, que “possui uma voz rouca, ressonante e profunda” e controla tempestades e condições atmosféricas diversas (Pawlick, 2020, p. 13).

(l) Moloch, chamado de “rei do país das lágrimas, membro do conselho infernal, era adorado pelos amonitas”. É retratado com uma cabeça de bezerro portando uma coroa, com braços estendidos aguardando vítimas humanas. A ele, sacrificavam-se bebês, por isso era relatado como “coberto pelas lágrimas das mães e pelo sangue das crianças”. Há relatos de rabinos que afirmam que dentro da estátua de Moloch havia compartimentos para oferendas específicas, a saber, farinha, rolas, ovelhas, carneiros, bezeros, bois e crianças. Por causa desses sete compartimentos, alguns confundem Moloch com Mitras e suas sete portas misteriosas. Sobre o sacrifício de crianças, o vocábulo afirma que “quando se devia sacrificar crianças a Moloch, acendia-se um grande fogo no interior dessa estátua e, a fim de que não se ouvissem os gritos suplicantes das vítimas, os sacerdotes faziam um grande barulho de tambores e de outros instrumentos ao redor do ídolo” (De Plancy, 2019, p. 624).

(m) Samael, segundo alguns rabinos, era príncipe dos demônios. Para eles,

era o demônio que seduziu Eva montado em uma serpente. Doutores judeus relacionavam-no como “anjo da morte”, representado com uma espada ou portando arco e flecha. Como dito acima, para alguns é o mesmo que Asmodeus (*Ibid.*, 2019, p. 772).

Com diversas representações de demônios e os detalhamentos de suas particularidades, habilidades e até aparências, o **Dicionário Infernal** (De Plancy, 2019) aponta para, como foi dito, a materialização (ou até antropomorfização) das agruras humanas. Com isso, as ameaças sofridas pelos seres humanos por suas tentações ou pelas fraquezas psíquicas (criadas na própria perda da razão e do equilíbrio mental, ou incutidas na ordem psicológica pelo moralismo imposto no poder da religiosidade exacerbada) tomavam forma e personalidade de monstros, chamados de demônios.

Collin de Plancy colecionou as mais diversas manifestações desses demônios e outros temas afins e condensou no seu **Dicionário Infernal**, tomado como base, ainda hoje, para o estudo da personalidade dessas entidades do reino das trevas.

## DESAFIOS ATUAIS

Mergulhando no trabalho de Collin de Plancy, mais especificamente o **Dicionário Infernal**, considerando que ele produziu diversas outras obras, também relacionadas a essa particularidade do mundo sobrenatural, podemos entender que ainda há muito desse olhar sobrenatural e supersticioso na sociedade.

O ser humano ainda vive a influência da religiosidade na sua subjetividade, o que pode causar medos, distúrbios e opressão de diversas ordens, o que foi materializado como ação de demônios, gerando a necessidade de ação da igreja, especialmente por meio de exorcismos: eventos dramáticos de expulsão dos demônios, seja de dentro do corpo da pessoa, ou mesmo do seu derredor.

A literatura, ao longo de sua produção nos mais diversos contextos sociais, dá conta de manifestar aquilo que ocorre nos mais recônditos lugares em que o ser humano convive, mas também faz chegar à superfície o que está no mais profundo do âmago das pessoas.

A relação intrínseca entre os eventos sociais e os discursos é uma forma de entender essa manifestação literária nos fatos que ocorrem nos diversos contextos em que vivem as pessoas. Já ao longo das pesquisas envolvendo a Análise de Discurso Crítica (ADC), consoante o método utilizado em **O papai me machucou: abuso infantil – terapia – ADC – Análise de Discurso Crítica de relatos de terapeutas sobre abusos a crianças e adolescentes** (Xavier, 2021), pude compreender essa importância e retratar na tese que se transformou,

posteriormente, em publicação, conforme a seguir:

É consenso entre os estudiosos da área do discurso que há uma ligação intrínseca entre os campos da atividade humana e o uso da linguagem. Isso significa que este se realiza em algum evento social e pode ter diversas formas tantas quantas forem as condições específicas e as finalidades desses eventos. (Xavier, 2021, p. 84).

Essas análises e verificações do que se manifesta nos textos também é feita de forma multidisciplinar, utilizando conhecimentos específicos de outras áreas do saber para que se investiguem, o mais eficientemente possível, as implicações sociais e psicológicas, entre outras nuances, da produção dos discursos.

Senão, vejamos o que descobre Marina Vasconcelos, em sua pesquisa sobre **Os estrangeiros na obra de Milton Hatoum** (Vasconcelos, 2022), da implicação de diversos domínios do conhecimento para um tema:

Percebe-se, com essa classificação, que a psicologia e, de forma fronteira, a geografia e a antropologia estão mais inclinadas para os aspectos abstratos; ao passo que a ciência política, a economia e a sociologia oferecem noções mais concretas sobre as relações entre sujeito e território. (Vasconcelos, 2022, 47).

É evidente que, quando Collin de Plancy explana, com seus demônios que materializam os diversos comportamentos e medos da sociedade da época, o pensamento comum do seu tempo, consegue, dessa forma, descortinar algumas relações entre pessoas e instituições, bem como relações de poder.

Como vimos acima, dando forma monstruosa para alguns dos desejos e atitudes humanas, o poder religioso consegue controlar e direcionar o indivíduo por meio do medo.

Esse fenômeno não foi ainda superado pela sociedade e, por meio do exemplo que fez Collin de Plancy, podemos entender que alguns dos discursos religiosos que se valem do medo dos fiéis podem estar travestido de proteção e cuidado, entretanto, assim como o demônio Belial (no item j da parte 3 deste artigo), têm uma cara bonita, mas proferem mentiras e ameaças.

Fica o desafio de entender o que é superstição, o que é discurso de medo em busca de domínio ou até mesmo um legítimo cuidado com a saúde mental das pessoas. Em **Dicionário Infernal**, temos o exemplo do que se pode depreender do funcionamento da sociedade, bem como do imaginário de seus componentes, por meio da produção literária, beneficiando, assim, nossa compreensão do contexto social e suas práticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O **Dicionário Infernal**, de Collin de Plancy, figura entre as mais importantes obras que condensam a materialização da maldade e das agruras que atingem os seres humanos. Eivado de hierarquias militares e de disputas por poder, as hordas infernais estão povoadas pelos anjos caídos, punidos por rebelarem-se contra o céu e contra Deus.

Collins (De Plancy, 2019) procurou mostrar a personalização desses sentimentos e comportamentos considerados malignos pela igreja, que tinha sua produção literária calcada pelos monastérios, que também davam orientações para superar as ações dos demônios em suas vidas.

Observar, por meio mesmo da produção literária, até que ponto as ações dos demônios podem ser utilizadas para manipular a vida dos fiéis ou até mesmo da sociedade, é importante para que não seja retirada das pessoas a possibilidade de governar a sua própria vida.

A possessão demoníaca também representa a incapacidade de o próprio indivíduo controlar seus pensamentos e ações. Dessa forma, a representação daquilo que faz o ser humano perder sua razão e entregar sua vida a um sentimento ou atitude materializados em um “monstro” é uma forma de personalizar o inimigo e traçar uma estratégia contra ele. O medo paralisava as pessoas. Contar com uma forma de detectar o perigo e combatê-lo poderia ser, também, uma maneira de estabelecer um controle às ameaças que se apresentavam para as pessoas e para a sociedade.

Com isso, combatia-se, como se vê nos exemplos dos sete pecados capitais, a gula, a avareza, a ira e outros sentimentos e tentações que degradam a vida humana. Por outro lado, a linha tênue entre a ajuda e a manipulação, por meio do medo, é evidente. Fica, assim, o desafio da avaliação profunda por meio das mais diversas áreas do saber de que dispomos hoje.

## REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. “Inferno”. In: **A Divina Comédia**. Tradução: José Pedro Xavier Pinheiro. Jandira, SP: Principis, 2020.

BASKIN, Wade. “Translator’s introduction”. In: DE PLANCY, Jacques Collin. **Dictionary of Demonology**. Org e Trad. Wade Baskin. Nova York: Philosophical Library, 1965.

DELMAS, Marie-Charlotte. “Présentation”. In: DE PLANCY, Jacques Collin. **Dictionnaire infernal: recherches et anecdotes sur les demons, les esprits, les fantômes, les spectres, les magiciens [...]**. Présentation de Marie-Charlotte Delmas. Paris: Fetjaine, 2010.

DE PLANCY, Jacques Collin. **Dicionário infernal**: repertório universal. (tradução: Angela Gasperin Martinazzo) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp); Brasília: Editora da Universidade de Brasília (Editora UNB); Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2019.

OSÓRIO, Ana Alethéa de Melo Cesar. “Dicionário infernal: um panorama”. In: DE PLANCY, Jacques Collin. **Dicionário infernal**: repertório universal. (tradução: Angela Gasperin Martinazzo) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp); Brasília: Editora da Universidade de Brasília (Editora UNB); Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2019. (p. 9 a 15)

PAWLICK, Gersoni. **Bestiário goeta: os 72 espíritos da *Ars Goetia***. São José: Skript, 2020.

RUSSEL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras Editora, 2003.

VASCONCELOS, Marina Arantes Santos. **Estrangeiros na obra de Milton Hatoun**: leitura dos contos de *A cidadeilhada*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2022.

XAVIER, Sandro. **O papai me machucou**: abuso infantil – terapia – ADC – Análise de Discurso Crítica de relatos de terapeutas sobre abusos a crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021.

### da internet

DE PLANCY, Jacques Collin. “Retractation de M. Collin de Plancy”. In. **L’ami de la religion et du roi**: jornal ecclésiastique, politique et littéraire, tome cent-onzième. Paris, n. 3497, p. 1-2, out. 1841. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1qABXrZc13wC>. Acesso em: 13 out 2018.

PORTAL Edusp. Apresentação de **Dicionário Infernal**, de Jacques Collin De Plancy, na página da Edusp na *Internet*. Disponível em: [www.edusp.com.br/livros/diconario-infernal/](http://www.edusp.com.br/livros/diconario-infernal/). Acesso em 4 de outubro de 2023.

## RAÍZES DA FÉ: TRAÇOS HISTÓRICOS DA RELIGIOSIDADE MATOENSE<sup>1</sup>

*Francisco José da Silva<sup>2</sup>*

*Dirce Maria da Silva<sup>3</sup>*

Preservar a história religiosa de Matões é manter viva a chama de nossa identidade cultural, pois a religião é uma das pedras angulares que moldaram nosso caráter, nossa devoção e nossa herança espiritual (*Silva, F. J.; Silva, D. M.*).

### INTRODUÇÃO

A importância da religiosidade para a formação do povo brasileiro é tema de grande relevância histórica e cultural no Brasil. Desde os primórdios, o país foi moldado pelo trabalho messiânico da Igreja Católica e, de forma concomitante, pela diversidade de influências religiosas que desempenharam papel fundamental na construção da identidade nacional.

As informações apresentadas no presente texto discorrem a respeito da representação e importância da Igreja Católica em Matões, no estado do Maranhão, trazendo aspectos da religiosidade da comunidade matoense desde suas origens.

A história da Igreja Católica Apostólica Romana em Matões remonta ao período colonial, quando colonizadores europeus, notadamente os portugueses, trouxeram consigo a fé católica. Desde então, a religião não se limitou à aceitação passiva da religiosidade, pelo contrário, a fé sempre desempenhou papel ativo

---

1 O presente texto é uma versão ampliada de parte da obra *Caminhos e Memórias de Matões: Uma História Secular* (2013).

2 Graduado em Química e em Educação Física pela Universidade Estadual do Maranhão. É Professor aposentado da Secretaria de Educação de Matões. Autor da obra *CAMINHOS E MEMÓRIAS DE MATÕES: UMA HISTÓRIA SECULAR*/Francisco José da Silva. Timon: Grafiset, 2013. 500 p. E-mail: [dasilvafranciscojose992@gmail.com](mailto:dasilvafranciscojose992@gmail.com).

3 Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit/TEL/UnB). E-mail: [dircem54@gmail.com](mailto:dircem54@gmail.com)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>.

na vida cotidiana e organização da sociedade matoense, tanto em termos de devoção quanto de suas festividades (SILVA, F. J., 2013, p. 250)

Nesse sentido, o presente capítulo consiste num resumo histórico sobre a religiosidade matoense, constante em sua forma integral na obra *Caminhos e Memórias de Matões: Uma História Secular*<sup>4</sup> (2013).

## OS PRIMÓRDIOS

A história da Igreja Católica no município de Matões, estado do Maranhão, antigo São José dos Matões, teve sua evangelização ainda quando era um pequeno arraial, por volta do Século XVIII, período Colonial, época na qual já prestávamos culto ao Senhor, com celebrações à Santa Religião Católica Apostólica Romana e devoções aos santos (Silva, F. J., 2013, p. 250).

Devemos esse início, particularmente, aos primeiros religiosos que por aqui passaram, como os Jesuítas, vindos da Bahia, muito antes da emancipação política de Matões, por meio das “missões jesuíticas” que fundaram a “Missão em Aldeias Altas”, as quais pertenciam à freguesia de São José das Aldeias Altas, hoje Caxias/MA. As “Missões” primavam pela catequese dos índios e

---

4 A evolução do termo “secular” para significar questões não ligadas à religiosidade é um processo que se desenrolou ao longo da história e variou em diferentes contextos culturais e históricos. A secularização gradual das questões sociais e políticas podem ser rastreadas a partir da *Ilustração*, no século XVIII, quando o pensamento racional e científico começou a ganhar proeminência, desafiando a autoridade da religião em áreas como governo, filosofia e educação. A Revolução Francesa teve um impacto significativo na separação entre a Igreja e o Estado. A “*secularização*” também esteve ligada ao desenvolvimento da democracia e dos sistemas legais modernos, que buscam garantir direitos e igualdade para todos, independentemente da religião. Conforme as sociedades se tornaram mais diversificadas em termos de crenças religiosas e filosofias de vida, a necessidade de uma esfera pública “*secular*” se tornou mais evidente. Assim, a transformação do termo “secular” para significar questões não ligadas à religiosidade é um processo histórico que tem raízes em eventos e movimentos que ocorreram ao longo dos últimos séculos. Portanto, o termo “secular” refere-se a tudo o que está relacionado a questões não religiosas ou que não está associado a instituições religiosas. Trata-se de uma abordagem que separa assuntos do âmbito religioso, como governo, educação e cultura, dos princípios e crenças religiosas, promovendo a neutralidade ou a separação entre religião e assuntos seculares em sociedades e governos. Entretanto, a obra “*Caminhos e Memórias de Matões: Uma História Secular*” adota o termo “secular” de forma abrangente, não se limitando apenas às questões religiosas. Na obra, explora-se a história da cidade ao longo do tempo, abordando aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos, além de eventos e desenvolvimentos que moldaram a comunidade, independente de suas origens religiosas, mas também por meio delas. Nesse sentido, a obra fornece uma visão ampla e holística da evolução de Matões ao longo dos anos, destacando como a cidade se desenvolveu, não apenas do ponto de vista religioso, mas também em termos de sua identidade, cultura, transformações sociais e políticas. A pesquisa, que gerou o livro do qual o presente excerto foi retirado, procurou documentar a história da cidade, que teve início no século XVIII, ou seja, sua história, para além do aspecto religioso, contribuindo para uma ampla compreensão do seu passado e da sua evolução ao longo do tempo.

davam assistência aos colonizadores aqui existentes (Ibid., p. 250).

No princípio, os cultos eram celebrados na casa dos aristocratas da cidade, que mais tarde construíram capelas e igrejas em devoção aos santos dos nomes ou em cumprimento a promessas de devoção. Dentre essas famílias encontravam-se a família Moura, na Fazenda São Pedro; Silveira, na Fazenda Brejo São Félix; Santa Luzia; Serra; Cana-Brava dos Costa; Cunha, na região do Porto São Luís; Assunção, na região do Bonitão (Silva, F. J., 2013, p. 251).

Conforme Dom Felipe Benito Condurú Pacheco (1892-1972), bispo católico brasileiro, primeiro da Diocese de Parnaíba/PI, pertencíamos àquelas 30 fazendas existentes entre o Rio Parnaíba e o Rio Itapecuru. E ali, na região do Brejo de São Félix, foi construída a Capela Senhora Santana.

A primeira Igreja, em seguida, foi erigida no local em que hoje se encontra o cemitério da cidade. O início da construção deu-se a partir da Provisão de 23 de fevereiro de 1818, realizada pelo Vigário Capitular e Mestre-Escola Dr. João de Bastos de Oliveira, que concedia licença para o levantamento de uma capela com invocação à Padroeira Nossa Senhora da Conceição. A doação da terra para a construção da Igreja foi concedida pelo Cel. Antônio José de Assunção, filho do primeiro donatário do sítio São José, hoje Matões. A escritura da doação possui data de 14/08/1818 (Ibid., p. 251).

Na mesma época foi também construída a igreja de São Sebastião, ambas de taipa, à época, a requerimento do Alferes Raimundo Antônio da Cunha, católico, morador no sítio São José.

Durante pesquisas realizadas para o livro *Caminhos e Memórias de Matões*, encontramos documentos da antiga Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, antiga freguesia de São José dos Matões, momento em que tivemos a oportunidade de conhecer os fatos históricos ora narrados, e centenas de registros de batizados, casamentos e registros de óbitos, realizados à época, na primeira igreja do povoado (Silva, F. J., 2013, p. 252).

Pode-se dizer que tais documentos constituem um verdadeiro acervo histórico do Município. Infelizmente, muitos dos papéis estavam danificados, corroídos por cupins, desgastados pela ação do tempo, e da falta de cuidado. Muitos foram encontrados em caixas de papelão.

Após isso, conseguimos a doação de estantes para que acondicionassem outros documentos no local, pois a importância desses papéis e livros de anotações é incomensurável. Nesse acervo encontram registros que revelam informações sobre nossos primórdios, com fatos que remontam ao longínquo ano de 1834.



## OS SANTOS

### Nossa Senhora da Conceição

No decorrer dos séculos XVIII a XX, no interior do Maranhão, as pessoas viviam mais em fazendas, distantes umas das outras, com pouca comunicação entre esses moradores. A vida girava, de modo especial, em torno da casa, da fazenda e da capela. O lazer e as celebrações religiosas eram as únicas maneiras do povo se reunir e tornar a vida mais alegre (Silva, F. J., 2013, p. 271).

Nos festejos dos santos, as famílias se reuniam para participar das novenas, missas, procissões, batizados e casamentos. Dentre as festas religiosas, além da festa de Nossa Senhora da Conceição, realizavam a festa do Divino Pai Eterno e São Sebastião. E, nas redondezas, outros santos de devoção, por meio de devoções, danças e folguedos, como “Os reis”, as danças de “Roda de São Gonçalo” e “São Benedito”.

São José foi o primeiro padroeiro, quando transferiram pela segunda vez, em 1865, a sede da vila para as margens do Rio Parnaíba, Porto das Cajazeiras, para onde levaram o santo como patrono. Em 1870, reconquistamos a autonomia, mas São José permaneceu como padroeiro de São José das Cajazeiras (atual Timon/MA) (Ibid., p. 271).

Então, passamos a festejar nossa Padroeira, Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro, dentro de uma programação bastante voltada para ações, nessa data, quase que totalmente devocionais.

O dogma da Imaculada Conceição foi definido pelo Papa Pio IX em 1854, por meio da *Bula “Ineffabilis Deus” - Dogma da Imaculada Conceição*. Mas muitos séculos antes, o povo já reconhecia a pureza da Mãe de Deus, concebida sem a mancha do pecado original (Silva, F. J., 2013, p. 273).

Séculos antes o povo já reconhecia a pureza da Mãe de Deus, celebrando sua festa. Em 1708, Clemente XI tornou a festa de Nossa Senhora da Conceição obrigatória a toda cristandade. E a instituição da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição, por D. João VI, em Portugal, assegura que a crença existia antes da institucionalização do dogma (Silva, F. J., 2013, p. 272).

A imagem clássica de Nossa Senhora da Conceição chegou ao Brasil em uma das Caravelas de Pedro Álvares Cabral. Ela representa Maria Santíssima Nossa Senhora da Conceição, de pé sobre o globo terrestre, esmagando uma cobra, símbolo do pecado original, com seus próprios pés. No Brasil, temos notícias de mais de 500 paróquias espalhadas pelo país dedicadas a ela.

## O Divino Espírito Santo

De origem europeia, a festa do Divino, que comemora a descida do Espírito Santo aos apóstolos, foi introduzida em Portugal pela Rainha Izabel, monarca caridosa, que dava esmolos, e mandou construir na cidade de Alencar uma igreja para o Espírito Santo. A ação de dar esmolos aos pobres perdura até os nossos dias (Silva, F. J., 2013, p. 273).

A festa foi trazida para o Brasil pelos colonizadores, por volta do século XVII e se espalhou por várias regiões do país. No Maranhão, tornou-se uma manifestação popular tradicional do calendário cultural do estado, sendo realizado tanto no período compreendido entre a Ascensão do Senhor e o Domingo de Pentecostes, quanto em outros períodos do ano. Em Matões, a festa do Divino acontece, anualmente, em agosto, mas durante o ano perpassa por mais de 23 municípios.

Na Paróquia matoense, desde o início do século XIX, o Festejo do Divino Espírito Santo sempre ocorreu na última semana do mês de agosto. Essa data foi escolhida em virtude da ocorrência das outras festividades religiosas, que são, o Festejo de São Sebastião, em janeiro; o mês de maio é dedicado à Maria e as comemorações de Nossa Senhora da Conceição, que conforme explicitado acima, ocorrem no mês de dezembro (Ibid., p. 273).

Quanto à imagem do Divino (tem origem na história bíblica do batismo de Jesus no Rio Jordão, momento em que o Espírito Santo desceu sobre ele em forma de uma pomba; desde então, a pomba se tornou um símbolo popular para representar o Espírito Santo), não se sabe ao certo a data em que chegou à nossa paróquia e quem a trouxe. Supõe-se que foi algum colonizador.

Dentre os rituais cultivados durante as festividades do Divino estão as visitas de casa em casa, em peregrinação. O grupo de foliões é composto por pessoas simples, Há um tocador de rabeca (violino), três pares de foliões com primeira e segunda voz, um batedor da caixa, um encarregado dos arreios e do animal; um imperador, a pessoa responsável por toda a equipe e pelo santo; uma bandeira vermelha com estandarte da imagem do Divino Espírito Santo no centro; a imagem representada por uma pombinha no oratório (em três dimensões, em Matões, ela é de prata), conduzida por uma mulher pagadora de promessa.

Muita tradição desta linda festa foi extinta. Algumas foram suprimidas pelo modernismo, outras pela ausência da educação cultural das gerações e o afastamento dos jovens da igreja (Silva, F. J., 2013, p. 274).

Atualmente, o Festejo do Divino, em Matões, se tornou o maior festejo regional do Maranhão. No ano de 2009 compareceu um público de mais de trinta mil pessoas na cidade. Grande parte desse contingente já não tem qualquer

intenção religiosa. Eles vêm à procura das badaladas festas e diversões que fazem parte das programações do Festejo de agosto em Matões.

Mas a tradição resiste, com romeiros pagando promessas pelas graças alcançadas. Com filhos ausentes, que a força do destino e as circunstâncias econômico-financeiras levaram para outros estados, que, culturalmente, planejam suas férias para esse período, ou então para janeiro, quando comemoramos o Festejo de São Sebastião (Silva, J. F., 2013, p. 275).

## São Sebastião

Oficial militar romano, Santo Mártir da Igreja Católica. São muitas e variadas as informações biográficas de São Sebastião. São Jerônimo afirma que ele nasceu na cidade portuária de Narbona, na Gália mediterrânica (região sul da atual França). Cresceu e viveu em Milão e faleceu martirizado na cidade de Roma, no dia 20 de janeiro. São Sebastião pertenceu à Guarda Pretoriana, batalhão de elite que tinha a responsabilidade pela guarda do próprio Imperador Romano (Silva, J.F., 2013, p. 278-280).

Anos antes, Sebastião convertera-se ao cristianismo, por isso entrou em choque com as autoridades romanas, que o condenaram à morte. Encontra-se em registros hagiográficos, que tinha grande poder de persuasão, chegando a converter ao cristianismo muitos dos seus companheiros soldados, além do então Prefeito Cromato, de Roma, toda a família e mais pessoas chegadas ao mesmo. Na *Acta Sanctorum*, tradução brasileira da *Vida dos Santos*, lê-se:

*“Era Sebastião nascido em Narbona, na Gália, mas criado em Milão, de onde era originária a família. A princípio resolvera não encarar a carreira das armas. O desejo de servir os irmãos nas perseguições que sofriam levava a melhor contra o pendor. Aceitou, portanto, um posto e fez-se amar dos soldados e de todos. Sob as vestes militares, dedicava-se, incessantemente às boas obras do cristão, conservando todo o segredo possível. Por que Jesus Cristo não tinha medo de perder nem a vida nem os bens.*

*O Papa Caio, o 28º papa da história da Igreja Católica, depois São Caio, nomeou Sebastião, já um capitão da Guarda Pretoriana, como “defensor da igreja”. Este título assinalava na época de São Gregório, “aqueles que os papas empregavam particularmente no auxílio e assistência dos pobres”. Após haver Sebastião fortalecido tantos mártires contra o temor dos suplícios, e, encorajado a combater heroicamente pela coroa da glória, deu finalmente a conhecer a todos o que ele próprio era.*

*Diocleciano mandou chamá-lo e censurou-o, por se esquecer das obrigações que devia. Respondeu o Santo que, notando haver loucura em pedir favores e socorros a pedras, havia incessantemente adorado Cristo e o Deus do céu, para a salvação do príncipe e de todo o império.*

*Tão sábia resposta não satisfez Diocleciano, que entregou o Santo às mãos dos arqueiros da Mauritânia, os quais, por ordem sua, o vararam de flechas. Deixaram-no, depois, por morto no lugar, mas Irene, viúva de São Cástulo, tendo ocorrido para sepultá-lo, encontrou-o ainda com vida e levou-o para casa, no próprio palácio do Imperador, onde em pouco tempo recobrou a saúde.*

*Exortavam-no os cristãos a que se retirasse. Mas, após invocar a Deus, colocou-se numa escadaria pela qual passava Diocleciano e censurou-o pela injustiça com a qual os seus pontífices o levaram a perseguir os cristãos, acusando-os de inimigos do estado, logo eles, que oravam continuamente pelo Império e pela prosperidade dos exércitos!*

*Diocleciano surpreendeu-se bastante ao vê-lo, pois o julgava morto, segundo a ordem que dera. Disse-lhe o Santo que Jesus Cristo lhe devolvera a vida, a fim de que protestasse diante de todo o povo, por ser extrema a injustiça de perseguir os servidores de Cristo.*

*Imediatamente, Diocleciano ordenou que o levasse ao hipódromo do palácio, onde o abateram a bordoadas. Mas de medo, dizem os atos, que os cristãos fizessem dele um mártir, lançaram-lhe, de noite, o corpo a uma cloaca. O Santo apareceu a uma mulher chamada de Lucina e, mostrando-lhe o ponto em que estava o corpo, pediu-lhe que fosse enterrar nas catacumbas, na entrada da gruta dos apóstolos. Lucina executou religiosamente a ordem e passou trinta dias ao pé do túmulo do santo”.*

São Sebastião é considerado um mártir do cristianismo. A Igreja Católica Romana o canonizou ainda muito cedo e o povo cristão o tornou um dos seus Santos mais lembrados, com seu culto espalhando-se por todo o mundo, onde a fé cristã alcança até hoje. Na península Ibérica, mais notadamente em Portugal, São Sebastião tornou-se muito popular, especialmente a partir do reinado do Rei Sebastião, entre os anos 1568 a 1578 (Silva, F. J.; 2013, p. 279).

O Festejo de São Sebastião, realizado todos os anos em Matões, em janeiro, teve seu início por volta do final do século XVIII. Não sabemos de certeza quem iniciou esta programação, tão pouco quem doou a imagem do Santo. Conforme já foi esclarecido, a maioria das famílias colonizadoras de Matões que para cá vieram, na esteira dos jesuítas, era católica. Então, a imagem pode ter vindo de Portugal.

Homenagens aos santos dos nomes são inúmeras em solo brasileiro. Os nossos antepassados também os homenagearam. Isso é tão certo, que duas igrejas foram construídas, à época, em 1818, conforme informado, sendo a primeira de Nossa Senhora da Conceição e a segunda de São Sebastião (Ibid., p. 279).

O Festejo de São Sebastião é menos movimentado que o Festejo do Divino, de agosto. Por acontecer em um período de férias, é bastante frequentado por jovens, alguns romeiros e filhos que moram distante. Por ser período propício a chuvas, dizem os mais velhos que quando não chove no dia 20 de janeiro, é mau sinal para os lavradores.

Nessa festa, em homenagem ao glorioso Mártir São Sebastião, milagres acontecem. Muitas fiéis deixam para pagar promessas, batizar filhos e realizar casamentos neste período, por acreditarem que dá sorte.

## EVANGELIZAÇÃO, PADRES E MISSÕES

Os padres desempenham um papel fundamental na difusão do catolicismo no Brasil. Em Matões eles sempre tiveram papel de destaque, tanto na seara religiosa quanto no aspecto social. Além do trabalho da missão evangelizadora, da difusão da fé e da conversão de fiéis, eles trabalham como agentes sociais e dão apoio à comunidade, ajudam a resolver questões locais, apoiam interesses dos fiéis e algumas vezes se envolvem também em questões políticas (Silva, F.J., 2013, p. 250 a 282).

A comunidade de Matões recebeu, desde o início do século XX, uma extensa lista de padres que colaboraram na preponderância do catolicismo na região. Essa colaboração e continuidade assegurou que a comunidade sempre tivesse acesso à orientação espiritual e pastoral por parte dos representantes diretos da Igreja Católica.

Em Matões, alguns padres tiveram permanências bastante longas na paróquia, a exemplo do Padre Theófilo e do Padre Delfino, que permaneceram por 36 e 41 anos, respectivamente, como vigários responsáveis da cidade. A permanência do Padre Theófilo é considerada maior pelo fato dele ser residente de tempo integral na comunidade, portanto, ficou mais tempo junto à comunidade.

Entende-se que espaço de tempo tão generoso de permanência permite o estabelecimento de laços sólidos junto à população, contribuindo de maneira significativa para o fortalecimento da religiosidade e representando o compromisso perene de apoio social junto à população local.

O primeiro Vigário do povoado foi Francisco Ramos, que permanece até 1818. A partir daí, sucessivos padres legaram relevantes contribuições à cidade e ao município de Matões, uns como colaboradores, outros *colados*. Vigário *colado*, ou efetivo, era o sacerdote indicado para assumir, em caráter permanente, uma paróquia. Francisco Ramos foi o primeiro Vigário *colado*, ou seja, permanente, de Matões.

A partir deste ponto trazemos as datas e nomes dos padres que dedicaram seus esforços à cidade, por meio do compromisso de evangelização católica e papel social no percurso histórico centenário de Matões. Os excertos textuais sobre a religião católica em Matões, aqui apresentados, estão dispostos na íntegra entre as páginas 250 a 282 do livro “Caminhos e Memórias de Matões: Uma História Secular”.

De 1823 a 1859, o Padre Theofilo Francisco Gonçalves, foi residente na então freguesia de São José dos Matões. Essa foi a maior permanência de um padre na comunidade, ainda sob a égide do Brasil Imperial, por um período que durou 36 anos. Além de desempenhar com dignidade a missão evangelizadora, difundiu os interesses da comunidade na luta da Independência.

No mesmo ano de 1859, o Padre Diocleciano do Rego Moura Thales também foi um colaborador. A seguir, de 1859 a 1864, o Padre Thomaz de Moraes Rego colaborou na comunidade. Nesse período voltamos a ser povoado, subordinado a São José das Cajazeiras, atual Timon/MA.

No período de 1870 a 1875, o Padre Antônio Firmino Sanches esteve na cidade como padre colaborador na freguesia. De forma concomitante, entre 1872 e 1873, o Padre José S. Castro também foi um colaborador. No mesmo período ele celebrou junto com o Padre Feliciano de Abreu.

Entre 1873 e 1875 esteve na cidade também o Padre Hildebrando Arati. Concomitantemente, entre 1870 a 1877, o Padre Manoel José de Oliveira Mirassol foi nomeado encarregado na freguesia, prestando relevante serviço à comunidade cristã de São José dos Matões.

De 1876 a 1880 o Capuchinho Osório Altayde Cruz substituiu o Padre Mirassol, cuja permanência na freguesia de São José dos Matões deu-se de 1877 a 1878, um ano, apenas. Em 1879 esteve também na freguesia de São José dos Matões, Antônio Clímaco de Moura, fazendo algumas celebrações, como padre colaborador.

No ano de 1880 chegava outra vez à freguesia, o Padre Diocleciano do Rego Moura Thales, padre residente, que desta feita permaneceu por um longo tempo, até 1894. Ele foi um religioso que defendia e apoiava as ideias republicanas. Diocleciano foi substituído depois pelo Cônego Gil da Silva Brito. Concomitantemente, em 1879 esteve em Matões o Padre Anélio Marques da Silva Guimarães, como colaborador, ajudando nas duas igrejas. Ele ficou na comunidade por pouco menos de um ano.

Em 7 de dezembro de 1884 chegou a São José dos Matões uma Comitativa Pastoral procedente de Amarante, via São Francisco do Maranhão, desembarcando no porto São Luís deste município. No dia seguinte, dia 08 houve missa e instruções para crisma. Na ocasião, 451 pessoas participaram à noite, sendo conduzidos por 04 auxiliares do bispo da preparação. Houve também na mesma ocasião, 56 casamentos e 569 batizados. A referida Visita Pastoral foi liderada pelo Arcebispo Dom Antônio Cândido de Alvarenga (Arquivo Público de São Luís, 2007; *Ibid.*, p. 250-282).

De 1880 a 1889, Frei Afonso Alves colaborou na freguesia. Ele foi substituído em seguida pelo Padre Tavares. Ato contínuo, entre 1889 a 1901, tivemos o Padre Antônio Marques dos Reis.

Em 1893, o Padre Roberto D'Aguiar Almeida foi colaborador, ordenado em 1892. Ele chegou no início de 1893 para trabalhar como evangelizador na freguesia e, por força do destino, faleceu no fim daquele ano. A seguir, entre 1894 e 1897, contamos com a presença do Padre Luís Gonzaga de Sousa. A seguir, de 1897 a 1901, o Padre Dorothea Dias de Freitas foi o último pároco do século XIX.

No limiar do novo século XX, de 1901 a 1908, o Padre José Evertho Tavares Benvenute veio designado a substituir o Padre Dorothea Dias, que já estava em idade avançada.

Entre o ano de 1907 a 1908, Padre Francisco Richard auxiliava o Padre Tavares na freguesia, permanecendo por mais um ano, após o falecimento de Tavares, que se deu em 1908. A seguir, entre 1910 e 1915, a cidade contou com a presença do Padre Alexandre Carozzi, que substituiu Tavares.

Em 1916 o Padre Fernando Lopes e Silva atuou como colaborador. Logo depois, no biênio de 1916 e 1918, o Padre Luís Maurinnucci ficou como encarregado. De forma concomitante, de 1915 a 1926, o Padre Leopoldo Gerosa foi residente na cidade. Também entre 1917 a 1925 foi residente também na cidade o Padre Roque Caruzzi. Também no ano de 1924, o Padre Cirilo Chaves foi um colaborador. Logo a seguir, no ano de 1925, o Padre Antônio Norberto, esteve na cidade como colaborador.

De 1927 a 1929 contamos com a presença do Padre Astolfo Serra. Entre 1927 a 1928, o Padre Leopoldo. No ano de 1929, o Padre Ceroni foi colaborador temporário. Entre 1934 a 1938, o Padre Eurico Pinheiro Bogéa foi residente. Padre de temperamento alterado, político e defensor do povo carente, era inimigo do chefe político da época, o senhor Antônio Joaquim da Silva.

De 1938 a 1979 permaneceu na gestão paroquial da cidade o popular Padre Delfino, um dos vigários mais longevos que tivemos. Ele era maranhense, de Pedreiras/MA. Padre Delfino marcou por seu zelo e dedicação em sua caminhada de fé na sociedade religiosa matoense, muitas vezes fazendo distantes e penosas viagens em lombos de animais. Ele serviu por 41 anos em Matões, Timon e Parnarama, respectivamente. Ele não ficava permanente em Matões, sua residência era em Flores, atual Timon, no Maranhão<sup>5</sup>. Em 1981, Padre Delfino foi nomeado Cônego, sendo substituído pelo Padre espanhol Santiago Prieto. Durante o padroado de Padre. Delfino, a cidade contou com diversos padres colaboradores.

O Padre Delfino desenvolveu diversas e importantes ações sociais durante sua gestão. Ele conseguiu concluir a obra da Igreja Matriz, paralisada há muito

---

5 Flores, hoje Timon/MA. Dec. 50 de 22/12/1890. A Lei que mudou o topônimo de Flores para Timon é de 1943.

tempo. Construiu a Casa Paroquial, foi o idealizador dos novos hinos do Divino Espírito Santo e São Sebastião.

Em 1939 a Diocese de Caxias foi desmembrada da Arquidiocese de São Luís, constituída pela Bula Papal “*Siqua Diocesis*”, publicada pelo Papa Pio XII em 1939.

De 1962 a 1983, o Padre Tarcísio Cruz foi colaborador bastante atuante na cidade. Tradicionalista, bom pastor e com fama de zangado. Durante batizados e casamentos, falava duro e impunha respeito. Com sua batina preta, estilo Padre Cícero Romão, pregava o Evangelho de maneira atraente, de forma que todos ouviam com atenção.

No ano de 1964, os Padres Manoel de Macedo Costa e Padre Jesus Soares também atuaram como colaboradores na cidade.

Entre 1979 e 1982, o Padre Santiago Suarez Prieto, espanhol, veio como missionário cooperador para o Brasil e se estabeleceu no estado do Maranhão, na Diocese de Caxias. Ele foi transferido para nosso município, substituindo o Cônego Delfino, momento de tristeza para os paroquianos mais velhos, que gostavam muito do cônego, mas de alegria para os mais jovens, que gostaram de contar com um vigário mais jovem na igreja. Santiago trouxe sua irmã, a religiosa Finny Suarez Prieto, que prestava serviço à comunidade como enfermeira ambulante.

Com gestão moderna e arrojada, o Padre Santiago implantou novas dinâmicas no âmbito da igreja. Reformou o altar da Igreja Matriz; construiu um galpão de madeira coberto de palha para realização das reuniões de vicentinos e grupo de jovens. Na sua gestão, a imagem primitiva de Nossa Senhora, a padroeira, foi roubada e o sino antigo foi vendido. Por ser jovem era desportista, jogava futsal e tomava banho na lagoa. Na sua gestão teve como padre colaborador o cônego Jesus, em 1981.

Em 1982, Padre Santiago, desistindo do seu trabalho em nossa Paróquia e Diocese, pede ao bispo para retornar à sua terra natal. Após ser liberado, foi embora e, mais uma vez os católicos matoenses sofreram uma despedida. Muita gente chorou. Pouco tempo depois de sua partida, ficamos sabendo que ele havia falecido. Quando tomamos conhecimento deste acontecimento, o povo chorou novamente sua perda. É uma tradição dos católicos matoenses o apego por seus sacerdotes.

Entre 1982 e 1983, o Padre Francisco Maximiliano Damasceno tomou posse como vigário da cidade. Houve celebração e almoço de confraternização na comunidade e despedida do Cônego Jesus. Padre Damasceno teve pouca permanência na paróquia de Matões, mas desenvolveu um trabalho de evangelização, voltado para todas as classes sociais, conseguindo criar os grupos de casais e grupos de jovens.



Com isso, conseguiu trazer de volta as famílias e os jovens para a Igreja, que estava sempre lotada. Conseguiu fazer algumas reformas, realizou festejos animadíssimos, com boas arrecadações para a Igreja. Formou-se à época o Conselho Paroquial, composto pelos integrantes: Maria da Glória, José Ariosto e Luzia Cunha. Padre Damasceno faleceu em 1991, num acidente de automóvel na estrada de São Luís. Todos seus amigos e fiéis lamentaram a tragédia.

Entre 1983 e 1997, o Padre Otacílio Laurindo dos Santos foi o pároco de Matões. Bem recebido pelo povo matoense, sob sua gestão a igreja em Matões tomou novos rumos. Ele encontrou paróquia e fiéis um pouco desanimados, vivendo apenas dos movimentos devocionais e sacramentos (missas, confissões, batizados e casamentos), quase que tão somente à época dos festejos de São Sebastião, Nossa Senhora da Conceição e do Divino Espírito Santo.

Padre Otacílio passou a desenvolver ações que foram capazes de trazer fiéis de volta. As pessoas estavam se afastando e aderindo ao movimento evangélico, que se expandia.

Ele passou a apoiar os grupos de jovens, a incentivar crianças a fazerem a Primeira Comunhão, celebrando a missa delas aos domingos. Criou o sistema de visitas às famílias, incentivou a criação das Comunidades Eclesiásticas de Base nas comunidades de Santo Antônio de Cana Brava, Santa Luzia, Mandacaru, Centro do Diamante, dentre outras. Apoiou a luta dos trabalhadores rurais em conflitos, como os da Onça, Floresta, Baixão Grande, dando a eles direitos da posse, em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Matões (STRM).

Ao prestar assessoria ao STRM, Padre Otacílio implantou o sistema de semente emprestada ao agricultor, em convênio com a Cáritas, entidade alemã de promoção e atuação social, com atuação na defesa dos direitos humanos. Ele criou a primeira Farmácia Popular de Matões, em convênio com uma empresa alemã, do ramo.

Sempre dando suporte à causa dos sem terra, conseguiu 1.750 hectares para as comunidades da Onça e Baixão Grande. Construiu a Igreja do Divino Espírito Santo e reformou a Igreja Matriz, equipando-a com bancos novos, substituiu a cobertura de palha do galpão de reuniões dos Vicentinos e grupo de jovens, ao lado da Casa Paroquial, instalando também banheiros.

Como missionário de Cristo, Padre Otacílio fez sua parte eclesial sem esquecer da social. Paralelo ao serviço da Igreja, possuindo habilitação em Magistério, ele exerceu o cargo de diretor da Escola Municipal de 2º Grau João Paulo I, de 1984, ano da fundação, até 1997, a convite do então prefeito Alcino Pereira.

Ele também lecionou as disciplinas de Psicologia, Fundamentos da Educação e Filosofia. Ao ser questionado sobre o motivo do crescimento da igreja evangélica em Matões, ele respondeu que o fenômeno era mundial e não estava ocorrendo apenas na comunidade matoense de então.

Com a saída de Otacílio, em 1993 os padres Hugo Ronaldo Santa Cruz e Guilherme E. Anleu Rangel e também o padre Gustavo Adolfo Agreda, vieram assumir as igrejas matoenses e municipais. Muitos jovens, ainda em adaptação com o clero e a língua portuguesa. Falavam castelhano, eram da Guatemala e El Salvador. Ficaram pouco tempo, devido a denúncias de insatisfação por parte de fiéis com o comportamento dos mesmos.

Entre 1995 e 2000 o padre José Marques Alcobaça, Padre Marques como é conhecido, permaneceu na cidade. Sob sua gestão ocorreu a construção da Igreja de Santo Antonio, no bairro Mangueira, por meio das Santas Missões Populares, no ano de 1999. Intelectual, mostrava-se muito seguro nas pregações, mas se exaltava facilmente, o que causava certo temor. Apesar de mostrar-se descontraído, por vezes também xingava as pessoas, quando irritado.

Em 2001, esteve na paróquia de Matões o Padre Dailton Carneiro de Sousa, que apesar de muito jovem, possuía competência e maturidade espiritual. Durante o período em que esteve na cidade, soube conduzir de forma equilibrada os trabalhos paroquiais, apoiando os grupos pastorais e de catequese. Suas missas eram muito bem frequentadas. Deixou uma boa impressão da sua imagem na comunidade.

Entre 2002 e 2005, o Padre Luciano Matias Aquino foi o responsável pelos trabalhos eclesiais na cidade. Também muito jovem, com seu jeito simples e humilde conseguiu conquistar o coração dos matoenses, que colaboravam com sua obra. Padre Luciano desenvolveu trabalho pastoral exemplar. Sua missa, em estilo moderno, era apreciada tanto pelos jovens quanto pelos mais ortodoxos.

Revelando um bom administrador, o Padre Luciano soube aplicar os recursos arrecadados com seriedade e honestidade. Ele construiu e reformou centros paroquiais de igrejas municipais. Reformou e ampliou a Casa Paroquial da Matriz; reformou o Santuário do Divino Espírito Santo, colocando grades de proteção em todas as janelas e portas.

Ético, no início de 2005, afetado por problemas pessoais de saúde e emocionais, Padre Luciano apaixonou-se por uma jovem, afastou-se, pedindo um tempo para refletir, e terminou por renunciar ao sacerdócio por tempo indeterminado.

O Cônego matoense Jesus Moura Soares, quando era padre, sempre nutriu o desejo de servir em sua comunidade natal, em 1981, ao ser nomeado Cônego, passou seis meses na administração da Paróquia Nossa Senhora da Conceição,

em Matões, o suficiente para deixá-lo muito feliz. Como evangelizador tradicional e democrático, prestou relevante serviço à igreja, sempre tentando agradar aos fiéis mais jovens, realizando todos os sacramentos, de forma muito paciente.

Em 2003, quando se aposentou do cumprimento da missão evangelizadora, mudou-se para Matões, vindo falecer pouco tempo depois.

Em 2005, o Padre José Pedro da Silva Filho chegou a Matões para substituir o Pe. Luciano Aquino. Até 2012, ano da publicação de “Caminhos e Memórias de Matões”, ainda exercia a função de pároco, mantendo suas obrigações sacerdotais em dia.

Muito diligente desde o início, Padre José Pedro reorganizou a Casa Paroquial, mandou limpar toda a área, plantava e conseguia produzir alguns produtos para consumo próprio. Muito zeloso com os bens da igreja, conseguiu adquirir mais equipamentos, desenvolvendo um bom trabalho em ambos os aspectos, eclesiástico e social. Seguia de perto todos os projetos eclesiásticos, apoiando as pastorais, à catequese, a organização dos festejos, de forma democrática. Gostava de fazer as coisas de maneira certa e por isso era bastante exigente.

Entre 2014 e 2022, o Padre Maurício George Costa Carvalho permaneceu frente à Paróquia matoense por um período de 8 anos. Ele prestou relevantes serviços à comunidade cristã da cidade e dos municípios matoenses. Recebido com muito entusiasmo, exerceu de forma muito competente as atividades eclesiásticas e sociais na Paróquia, conquistando devotos e romeiros (Silva, J. F., 2022, 2ª Edição).

Sob sua gestão muitas ações foram concretizadas. Dentre elas, na zona rural, foi erigida a Igreja de Nossa Senhora da Penha, no povoado Limoeiro. Também, a construção da Igreja N.S. do Perpétuo Socorro, no Brejinho do Bia. A Igreja de São Domingos, no povoado Exú. A Igreja N.S. Aparecida, no Atoleiro. A Igreja N.S. de Fátima, no Pichuri. A Igreja de São Francisco, na Lagoa do Forno, A Igreja N.S. Aparecida, em Poços. A Igreja N.S. da Conceição, em Pedreira.

Na sede, foi edificada a Igreja São Jose, no Bairro Matador. A Igreja N.S. Aparecida, no Conjunto João Coutinho, e a reforma da Casa de São Vicente de Paula, hoje Igreja de São Vicente. Também foi feita a reforma da Igreja de Santo Antônio, no Bairro Mangueira, além da conclusão do Santuário do Divino Espírito Santo, feito que coroou de forma brilhante sua obra eclesiástica.

Padre Maurício foi sempre muito comprometido e preocupado com os movimentos Pastorais. Na sua gestão realizou-se a primeira perignação internacional pelo mundo, feito que deu oportunidade a alguns paroquianos de conhecerem Santuários em lugares sagrado da nossa História Religiosa, como: Fátima em Portugal, Espanha, França, Itália, Israel, Grécia e Turquia.

Padre Maurício fez Mestrado em Direito Canônico, pela Faculdade de Direito Canônico de São Paulo/SP.

### **O Padre João Paulo Ribeiro Lima**

João Paulo Ribeiro Lima, nosso atual vigário, cresceu em Matões. Sua família reside na cidade desde 1970. Ele nasceu no ano de 1968. Em 1989, ele foi para o Seminário, formando-se em Filosofia (1995) e em Teologia (1996). Recebeu sua ordenação prebiterial em 1999 (Silva, J. F., 2022, 2ª Edição).

Em 23 anos de sacerdócio, o Padre João Paulo já prestou serviço em várias paróquias no Maranhão, tendo assumido diversas funções na Diocese de Caxias, dentre elas, de Coordenador de Pastorais e de Comunidades Eclesiais de Base.

Em 2022 ele retornou à cidade como pároco. Com ele, a paróquia passou a contar com transformações e renovações.

Visto como sacerdote de pulso firme, bom conselheiro, humilde e criativo, desde sua chegada, construindo sua missão e desempenhando bravamente seu papel nos caminhos do Bom Pastor, ele incentiva o protagonismo das pastorias, movimentos e grupos, mostrando a importância do serviço solidário para com o semelhante.

Entre as ações desenvolvidas por ele então a Criação da Missa das Crianças, a Páscoa das Crianças, o 1º e 2º Trídios Mirins do Divino Espírito Santo; a realização de gestão descentralizada do Festejo do Divino, inclusive, conseguindo reintegrar fiéis que se encontravam afastados da Igreja. Também a 1ª e 2ª Cavalgadas do Divino Espírito Santo; a compra de terreno e construção da Casa dos Romeiros; a Cozinha Solidária; a Peregrinação de Nossa Senhora da Conceição, dentre outras.

O Padre João Paulo implementou a reforma da Igreja Matriz e também da Igreja do Divino Espírito Santo, acompanhando de perto os projetos das mesmas, bem como a reforma das respectivas praças, os largos das duas Igrejas, locais importantes na vida da comunidade, que são usados para eventos, festivais e atividades religiosas. E, além disso, o Padre João Paulo também conduz a Paróquia de Lagoa do Mato/MA, comunidade que fica a 112 quilômetros da Sede, Matões.

### **RITUAIS E FESTIVIDADES CATÓLICOS**

A centenária cidade de Matões, antiga São José dos Matões, pequena vila do interior maranhense, encravada em plena mata, longe da civilização e do progresso, se transformava, como por encanto, para a Festa do Divino. O povo se preparava com antecedência, fazendo roupas novas, reformando as casas, escolhendo dádivas para os leilões. A Prefeitura melhorava o aspecto urbano,

tapava buracos nas ruas, capinava o mato que teimava em invadir, ousadamente, a praça da Igreja matriz (Silva, F. J., 2013, p. 274; Moura Rêgo, 1985, p. 169-171).

Vinha gente de longe, dos lugares vizinhos, das cidades distantes. De Caxias, Amarante, Teresina, São Luís, utilizando o transporte que era possível. Improvisavam estradas, vinham de automóvel, caminhões. Entravam buzinando forte nas esquinas e fazendo com que todos, particularmente os meninos, alvoroçados pela novidade, corressem às janelas e às ruas para ver os carros passarem.

O largo em frente à igreja enchia-se, lado a lado, de barraquinhas enfeitadas de bandeirolas de papel colorido. Nelas, durante todo o novenário preparatório da missa principal, vendiam-se bugigangas, sorvetes e refrescos, doces e salgados, e se arriscava a sorte através de dados, no jogo do caipira, o empresário anunciando num gracejo rimado: Olha o caipira! Quanto mais joga menos tira!

O repique dos sinos, festivo, chamava às missas, nas manhãs friorentas, convidando às novenas nas tardes fagueiras, que enchia as ruas, alegrando a gente que saía apressada, a fim de não perder os mínimos detalhes dos atos religiosos.

Diariamente, de todos os cantos, especialmente do largo da igreja, transformado em feira, troavam as ronqueiras, pipocavam os foguetes, mantendo viva a chama de alegria da festa. No momento da elevação do Santíssimo, nas novenas e missas, o foguete se repetia em salva prolongada.

Há algum tempo, um padre novato, da ordem dos Barnabita, vindo de Caxias, interrompeu o ofício na primeira noite de novena para pedir a suspensão do tiroteio. Perturbava-o de tal modo que não podia se concentrar nas rezas. E no dia seguinte dirigiu apelo ao encarregado do Divino para evitar manifestação daquele gênero, explicando que sua fobia a tiros vinha do tempo da guerra, onde servira como oficial aliado. Os tiros foram suspensos, e essa foi a mais triste das festas do Divino.

Mas o alvoroço crescia de verdade era quando a caixa do Divino, ouvida ao longe, com batida característica, cadenciada, acordava o povaréu, anunciando afinal a chegada do domingo, o dia máximo dos festejos do Espírito Santo. Todos contentes, aprontando-se às pressas, corriam para a praça da matriz, onde, já antes do nascer do Sol, começava a juntar gente. E o burburinho crescia, à proporção que o som da caixa, sustentando o ritmo característico que conhecemos se aproximava do local.

Em pouco tempo o largo da igreja parecia não comportar mais ninguém. Todos se acotovelando. Velhos conhecidos se abraçando, em alegre reencontro. Os dados do caipira, nos copos de alumínio, maracateando nas barracas de

jogo. A orquestra, vinda de Teresina ou de Caxias, atacando marchas festivas, num pequeno coreto improvisado. Moças e rapazes, aos grupos, indo e vindo, combinando encontros para o baile da noite, enquanto as senhoras casadas envergavam vestimentas recebidas da Capital, disputavam lugares nos bancos da modesta nave, para melhor assistir à missa que não tardava.

Aproxima-se a hora da missa. Aos poucos vai cessando a barulheira. Suspende-se o jogo. Os músicos, descansando os instrumentos na bancado ou levando-os consigo, encerram a retreta. O próximo vozerio do povo em movimento, fica reduzido. Só o batido da caixa aumenta de volume. Os foliões do Divino vêm vindo. À frente deles, a madrinha da festa, vestida a capricho, conduz, à altura do peito, a salva de prata com a pombinha do Espírito Santo, também de prata, mas o bico e os pezinhos de ouro.

Tudo brilhando ao sol da manhã sobre a toalha branca, de rendas. Por cima, como a proteger os representantes da Divindade, tremula a grande bandeira vermelha com a pombinha ao centro, bordada em seda branca, conduzida por outro membro destacado do grupo. Seguem-se os demaisromeiros, dispostos em duas filas encabeçadas pelos violeiros e rabequistas, e a imensidão dos curiosos e devotos. Os rojões enfeitam o espaço.

E o cortejo vem vindo. E canta. O povo abrindo alas para deixá-lo passar. No adro, em frente à porta principal da matriz, destaca. Ao som dos instrumentos rústicos e sempre na cadência da caixa que não pára, inicia-se então um desafio interessante e vivo entre os violeiros, o povo se acercando para ouvir melhor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em Matões, a evangelização da região se deu graças à presença inicial dos Jesuítas, que estabeleceram “missões” de catequização para os índios e como auxiliou colonizadores numa demonstração clara de como a religião desempenhou papel central na educação, organização social e apoio material e espiritual às comunidade.

Conforme salientado, a religiosidade em matoense não está restrita à Igreja Católica. Nesse sentido, o município também é lar de ampla diversidade de religiões e sistemas de crenças, que abarca credos como a Umbanda, o Espiritismo Kardecista, ateus e outras crenças religiosas. Essa multiplicidade de olhares é um reflexo da diversificada culturalidade brasileira (Silva, D. M., 2023, p. 230).

A religiosidade sempre desempenhou papel fundamental como motor de coesão social e inspiração para a expressividade cultural matoense. Nossa religiosidade tem sido, desde o início, fator unificador de uma sociedade

composta também de diversidade cultural e subjetividades, típicas da dinâmica da sociedade em evolução.

Através da religiosidade, o povo brasileiro encontrou uma base comum para sua identidade, que lhe proporcionou orientação espiritual, apoio social e profundo senso de comunidade. Portanto, a importância desse aspecto na formação do povo brasileiro, e da religião na cidade de Matões, é inegável, continua e elemento vital na vida da dessa comunidade.

Além da religião Católica, a sociedade matoense também passou a contar, desde o início do Século XX, com diversidade religiosa, fato que desempenha papel fundamental em todas as sociedades ao redor do mundo, e Matões não ficou à margem deste aspecto.

Nesse sentido, a presença de religiões protestantes como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Assembleia de Deus, a Igreja Batista e Testemunhas de Jeová trouxeram perspectivas espirituais diferenciadas à vida religiosa de Matões (Silva, F. J., 2013, p. 267-271; Silva, D. M., 2023, p. 230).

É importante enfatizar que a diversidade de expressões de fé enriquece a espiritualidade, fomentando a tolerância, o respeito mútuo que, como resultado, facilita o diálogo inter-religioso, contribuindo para o progresso social e para o desenvolvimento das subjetividades (Silva, D. M., 2023, p. 230).

A diversidade religiosa promove a liberdade religiosa, Direito Humano essencial, permitindo que as pessoas pratiquem sua fé de acordo com suas crenças individuais. Isso promove a tolerância e o respeito mútuo, contribuindo para a coexistência pacífica das multiplicidades históricas de fé religiosa na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO LUÍS. **Livro 324 de registro de visitas pastoraes** às freguesias: Parnaíba, Natal, Teresina, Oeiras, Amarante e São José dos Matões. Pesquisa feita em 20/09/2007.

**BULA INEFFABILIS DEUS - Dogma da Imaculada Conceição.** MONTFORT Associação Cultural. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/decretos/20060220/> Acesso: 5, Nov. 2023.

MOURA RÊGO, Raimundo. **As mamoranas estão florindo.** Editora Projeto Petrônio Portella, 1985, 197p.

NETO, Antônio Fonseca dos Santos, **Memórias das Passagens.** Teresina: EDUFPI, 2005, págs. 443-v.

ROHRBACHER, Padre, **Vida dos Santos.** SP: Editora das Américas, 1959, p. 46-62. Acta S. Sebast. 20 jan. Apud *Acta Sanctorum*; Tillemont Et Baile.

SILVA, Francisco José da. **CAMINHOS E MEMÓRIAS DE MATÕES:**

**UMA HISTÓRIA SECULAR**/ Francisco José da Silva. – Timon: Grafiset, 2013. 500 p. ISBN: (978-85-99631-02-7).

SILVA, Dirce Maria da. *Resenha*. SILVA, Francisco José da. CAMINHOS E MEMÓRIAS DE MATÕES: UMA HISTÓRIA SECULAR/ Francisco José da Silva. – Timon: Grafiset, 2013. 500 p. ISBN: (978-85-99631-02-7). In: SILVA, Dirce Maria **Memórias Literárias: O Poder da Leitura e da Escrita.** / Organizadoras : Dirce Maria da Silva... [et al.]. – Itapiranga : Schreiber, 2023. 240 p.



## **TORTO ARADO: MANIFESTAÇÕES DE RELIGIOSIDADES EM OBRAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS**

*Bruna Bezerra Araújo Alves<sup>1</sup>*

*Romildo Pedro da Silva<sup>2</sup>*

*José Mário da Silva Branco<sup>3</sup>*

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho objetiva apresentar uma análise comparativa entre as relações de espiritualidade e misticismo da religião do jarê, representadas na obra literária *Torto Arado* (Todavia, 2019), com a percepção de identidade, pertencimento e resistência das famílias que trabalham na comunidade fictícia de Água Negra, Chapada Diamantina, na Bahia.

O romance *Torto Arado*, escrito pelo baiano Itamar Vieira Jr, conta a história de descendentes de escravizados, recrutados para trabalhar em uma fazenda de nome Água Negra. A fazenda é ambientada no sertão baiano da Chapada Diamantina, em uma região entrecortada pelos rios Utinga e Santo Antônio.

Os trabalhadores, de início, são submetidos a um processo de reconhecimento, sendo eles acomodados em barracões até ganharem a confiança dos donos das terras, que cedem uma pequena porção delas para que os trabalhadores tenham apenas o direito de construir casas de barro e colocar pequenas roças de subsistência. Mas isso já é um outro assunto, nosso foco aqui é apenas falar do aspecto religioso presente na obra.

Para narrar essa história, o romance dispõe de três personagens narradoras, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, sendo a última uma entidade espírita do jarê, é caracterizada como um narrador onisciente, uma vez que, possui a liberdade de narrar assumindo um ponto de vista divino, se colocando acima dos

---

1 Graduada em Letras - Língua Portuguesa – UFCG. *e-mail*: bruna.bezerra@estudante.ufcg.edu.br.

2 Graduando em Letras - Língua Portuguesa – UFCG. *e-mail*: romildo.pedro@estudante.ufcg.edu.br.

3 Mestre em Literatura Brasileira – UFCG. *e-mail*: jose.mario@professor.ufcg.edu.br.

limites de tempo e espaço. Assim, a personagem é responsável por apresentar ao leitor os motivos pelos quais os moradores chegaram àquela região.

Desse modo, o romance é narrado por três personagens distintas, cada uma com suas perspectivas narrativas, que vão além do ponto de vista e percepção de espaço narrativo e de ambiente, mas que concomitantemente são entrelaçadas pelo contexto religioso, principal pilar da organizacional dos trabalhadores da comunidade Água Negra.

Apesar das dificuldades enfrentadas na fazenda, com jornadas exaustivas de trabalho e supressão dos direitos básicos, os trabalhadores encontram na religiosidade um alento, não só espiritual, mas também uma forma de resistência e de se manterem vivos nos costumes e tradições das crenças herdadas de seus antepassados:

[...] africanos trazidos para trabalhar nos garimpos fossem da África Ocidental, das nações Jeje e Nagô. No entanto, devido a sua dispersão pelo território nacional, muitos deles possivelmente eram oriundos da região Congo-Angola, na África Central. Com eles vieram suas formas de vida, sociabilidade e cosmovisões. Foi no bojo desse processo que teve origem o jarê da Chapada Diamantina (Zanardi e Castilho, 2021, p. 24).

Dentre as poucas coisas a que os moradores de Água Negra têm direito, está a liberdade religiosa para professar sua fé, através de celebrações e festejos do jarê, descrita por Alves e Rabelo (2009) como um tipo de candomblé rural bastante sincrético que se desenvolveu na Chapada Diamantina (Bahia).

Diante disso, ao nos debruçarmos sobre o contexto espiritual presente no enredo do romance, buscaremos apresentar aqui nesta pesquisa, entre outros aspectos, a perspectiva identitária, cultural e de resistência, frutos da manutenção das crenças herdadas dos ancestrais, dos povos que foram trazidos à força para serem escravizados nas lavouras e garimpos dessa região brasileira.

Nesta perspectiva, Silva e Leonel (2020, p. 8) afirmam que a religião é um dos elementos fundantes e estruturantes da história dos povos. Não é diferente no caso do Brasil, vejamos:

[...] o povo brasileiro tem a religiosidade como um elemento fundamental de sua cultura, o qual não apenas desempenhou papel facilitador de seu processo “civilizatório”, mas mobilizou igualmente movimentos de resistência, dos quais Canudos, na Bahia, e Lagolândia, em Goiás, dão testemunho (Silva e Leonel, 2020, p. 8 *apud*, Darcy Ribeiro, 1995).

A literatura contemporânea também tem funcionado como um fio condutor, que possibilita uma experiência de dar voz a grupos que há muito tempo são excluídos e tem seus direitos negados. Este procedimento denuncia a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido

social, (Scarpelli e Duarte, 2002, p. 47).

Para tanto, este estudo está estruturado em três seções. Além desta introdução, um tópico referente à religião e identidade e outro à religiosidade e resistência. Por fim, nas considerações finais, buscou-se refletir sobre a necessidade de trazer à luz da literatura contemporânea, a escrita e a representação de grupos sociais historicamente silenciadas.

## RELIGIOSIDADE E IDENTIDADE

Em *Torto Arado*, o jarê tem no personagem Zeca Chapéu Grande a maior referência, tanto dentro da comunidade, quanto em seus arredores. O pai das personagens narradoras, Bibiana e Belonísia, desempenha o papel de curador e chefe espiritual do povo de Água Negra. Além de outras atribuições, ele é responsável por manter viva a identidade religiosa e cultural do seu povo, as 40 famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam, segundo Vieira Junior (2019, p. 23):

O curador Zeca Chapéu Grande tudo podia. Se transformava em muitos encantados nas noites de jarê. Mudava a voz, cantava, rodopiava ágil pela sala, investido dos poderes dos espíritos das matas, das águas, das serras e do ar (Vieira Junior, 2019, p. 126).

A identidade dos povos trazidos de África para o Brasil, ao entrarem em contato com outras culturas e crenças, a exemplo as culturas dos povos indígenas que aqui viviam, gerou um cruzamento de cultura, religião e das suas divindades.

Esse cruzamento entre divindades africanas, ameríndias e do catolicismo talvez se explique pela natureza dos cultos e culturas bantu-nagô que se encontram no Brasil. A interação que escravos e libertos nagôs estabeleciam com culturas locais e outras nações africanas ajudaram a criar novas identidades e sociabilidades que resultaram na organização de formas de associação em torno da religiosidade (Zanardi e Castilho, 2021, p. 24).

De acordo com Bastos, (2021, p. 747), as festividades do Jarê narradas na obra e absorvidas de revisão bibliográfica se darão como rico arcabouço de análise do sincretismo e da religiosidade popular na formação identitária presente no Nordeste [...]. Podemos dizer que a estreita relação entre espiritualidade e identidade são traços fortes na cultura nordestina a exemplo as grandes romarias empreendidas por toda a região, de pessoas buscando através de suas crenças cura para os mais diferentes males, seja espiritual ou físico.

Na obra de Vieira Junior, a personagem Bibiana, que é responsável pela primeira parte da narrativa, descreve a sua experiência com a religião do jarê, e como isso faz parte da sua formação identitária:

Cresci em meio às crenças de meu pai, de minha avó, e mais recentemente de minha mãe. Os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantos que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos (Vieira Junior, 2019, p. 59).

O misticismo que circunda o entorno do personagem Zeca Chapéu Grande, soma-se à sua função social em Água Negra, que se estende à de conselheiro dos trabalhadores e das famílias da comunidade. Dentre os poderes de Zeca, o poder de persuadir as pessoas à sua volta, era um dos mais relevantes para manter a organização dos trabalhadores ele:

[...] era respeitado pelos vizinhos e filhos de santo, por seus patrões e senhores, e por Sutério, o gerente. Era o trabalhador citado como exemplo para os demais, nunca se queixava, independente da demanda que lhe chegava. Por mais difícil que fosse, arregimentava os vizinhos e trabalhava para entregar o que lhe foi encomendado com o esmero que lhe era creditado (Vieira Junior, 2019, p. 53).

Em detrimento da confiança a ele creditada, e com as habilidades místicas, o líder do povo de Água Negra convence o prefeito, em uma noite de celebração do jarê, a construir uma escola na fazenda para os filhos dos trabalhadores. Tudo começou quando:

[...] antes de todos os outros encantados chegaram e se abrigarem no seu corpo, Santa Bárbara girar, gritar e parar com sua espada apontada para o prefeito, a quem fez honras, como se cumprimentasse um monarca, mas também como se se dirigisse a um súdito, para lhe pedir, na frente da audiência, que cumprisse a promessa feita no passado – e que não me recorde de sabermos – de construir uma escola para os filhos dos trabalhadores (Vieira Junior, 2019, p. 65).

Além de Zeca Chapéu Grande, a personagem narradora Santa Rita Pescadeira surge primeiramente na narrativa de Bibiana, em uma noite de celebração do Jarê. A entidade foi incorporada pela viúva, dona Miúda, uma senhora que morava próximo ao cemitério da Viração.

Santa Rita vem para aconselhar Bibiana sobre o destino que o aguarda, possibilidade iminente de fuga da fazenda. Depois da aparição na primeira parte do romance, Santa Rita Pescadeira assume a narrativa da terceira e última parte do romance.

Dentro de sua perspectiva, Santa Rita narra os fatos que ocorreram antes mesmo da chegada dos primeiros moradores a fazenda Água Negra. Investida de sua capacidade sobrenatural, a entidade retoma aspectos que ficaram confusos e os explica ao leitor, preenchendo algumas lacunas do texto, entre eles a trajetória da própria entidade:

Me embrenhei entre o povo que os donos da terra chamavam de trabalhador, e morador. Era o mesmo povo que me carregou nas costas quando eram escravos das minas, das lavouras de cana, ou apenas os escravos de Nosso Senhor Bom Jesus. Me embrenhei entre o povo que os donos da terra chamavam de trabalhador, e morador. Era o mesmo povo que me carregou nas costas quando eram escravos das minas, das lavouras de cana, ou apenas os escravos de Nosso Senhor Bom Jesus (Vieira Junior, 2019, p. 205).

No seu modelo narrativo, é adotada uma perspectiva de autor onisciente intruso que, segundo a tipologia de Norman Friedman, apresentada por Leite (1985, p. 27), esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou por trás, adotando um ponto de vista divino, transpondo os limites de tempo e espaço. Com os poderes pelos quais foi investida enquanto entidade espírita, poderes esses que a permitem transitar entre vários períodos do tempo, Santa Rita Pescadeira se autodescreve:

Sou uma velha encantada, muito antiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca. Atravessei o tempo como se caminhasse sobre as águas de um rio bravo. A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes (Vieira Junior, 2019, p. 212).

Santa Rita, em sua narrativa, também aborda a resistência de seu povo, que enfrentou com muita garra os problemas que os acometeram, após a libertação da escravidão sem seus direitos básicos assegurados, e sem aceitação nas fazendas por proprietários que temiam a lei.

Meu povo segue rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores (Vieira Junior, 2019, p. 204).

Com a venda da fazenda, para os novos donos de Água Negra, onde antes era permitido aos trabalhadores a morada no local, agora passou a ser um ambiente mais hostil a eles; de início, o novo dono, de acordo com a narrativa de Santa Rita Pescadeira, imaginou diversas culturas para a fazenda; porém, em nenhum dos seus planos o povo de Água Negra tinha lugar. Eram meros trabalhadores que deveriam ser deslocados para dormitórios. Deveriam viver efetivamente longe da fazenda, porque eram intrusos em propriedade alheia (Vieira Junior, 2019, p. 211).

## RELIGIOSIDADE E RESISTÊNCIA

O personagem Severo, primo das narradoras Bibiana e Belonísia, vai surgir na trama como adolescente idealista, cheio de sonhos; assim como Bibiana, ele também sonha em ter uma vida melhor fora da fazenda. Seu desejo de ir além, projetando uma vida melhor em sua própria terra, e com isso, ser uma pessoa livre, libertar da servidão seus pais Servó e Hermelina, assim como os pais de Bibiana, seus tios. Tudo isso faz de Severo o ponto central na percepção da necessidade de mudanças no seu espaço.

A força e resistência dos povos que fizeram a travessia do mar, vítimas da diáspora africana no Brasil, é lembrada no romance de Vieira Junior, entrelaçados como:

[...] o medo atravessou o tempo e fez parte de nossa história desde sempre. Era o medo de quem foi arrancado do seu chão. Medo de não resistir à travessia por mar e terra. Medo dos castigos, dos trabalhos, do sol escaldante, dos espíritos daquela gente. Medo de andar, medo de desagradar, medo de existir. Medo de que não gostassem de você, do que fazia, que não gostassem do seu cheiro, do seu cabelo, de sua cor. Que não gostassem de seus filhos, das cantigas, da nossa irmandade. Aonde quer que fôssemos, encontrávamos um parente, nunca estávamos sós (Vieira Junior, 2019, p. 178).

A constante tensão conflituosa existente no romance *Torto Arado*, na visão do líder espiritual, Zeca, é situação por ele administrada através da religião e pela percepção dos personagens; para alguns ela não é percebida, já outros, mesmo que a percebam, preferem buscar a conciliação, como é caso do curador e conciliador Chapéu Grande.

As histórias que contam a origem de Salustiana, mãe de Bibiana e Belonísia, e dos antepassados dela, são registradas pela narrativa de Santa Rita, quando os antepassados da personagem Salustiana moravam nas terras do Bom Jesus, em Lagoa Funda, que se referem a uma comunidade quilombola, descrevendo as experiências de seus ancestrais no local, contadas a ela pela sua avó:

[...] Minha avó contava que os negros de Lagoa Funda chegaram num tempo que ninguém sabia dizer. Cada um tinha sua tapera, tinham suas roças, plantavam na vazante do rio São Francisco. Os filhos iam nascendo e iam fazendo suas casinhas e botando suas roças onde os pais já tinham. Durante muito tempo, não houve nada nem ninguém por aquelas bandas. Eram só o povo e Deus (Vieira Junior, 2019, p. 227).

Um dos conflitos apresentados no romance refere-se à disputa por terras em Lagoa Funda, que ganha contextos religiosos, quando chegou à igreja e disse que as terras da cidade lhe pertenciam. Não demorou muito e chegou até Lagoa Funda e tudo o que estava em volta da cidade. Disse que nossa terra pertencia à igreja também (Vieira Junior, 2019, p. 227).

Donana é personagem que transita nas diferentes dimensões do espaço, a avó das narradoras Bibiana e Belonísia e mãe do líder espiritual de Água Negra, Zeca, sua presença no enredo é dividida entre o passado e o presente, o real e místico.

Sua primeira aparição na trama fica por conta de um acidente ocorrido com as narradoras, quando vasculham a velha mala da avó e encontram sua faca, que as fere, trazendo à tona não só a existência do objeto, mas também do segredo por trás dele.

Na sua narrativa, Bibiana, Donana, sua avó, transitava como uma entidade viva, quase “sobre-humana”. A história da vida de Donana, contada por sua nora Salustiana, mostra sua origem como cativa na fazenda Caxangá, local onde viveu quase toda sua vida. “Ainda menina, Donana viveu na companhia da família do capataz que havia assumido sua guarda, servindo como empregada em sua casa na fazenda”. Donana, ainda na fazenda Caxangá inicia sua vida espiritual:

Aprendeu a manusear ervas e raízes para fazer xaropes e remédios para os mais distintos males que acometiam gente de toda origem: de coronéis a trabalhadores, de moças ricas que viviam na cidade às mulheres da roça que trabalhavam ao lado de seus maridos (Vieira Junior, 2019, p. 166).

Donana passa por dias difíceis em sua vida, quando filho, Zeca, filho que teve dificuldade quando cortava cana-de-açúcar. Enlouquece e vai viver no mato, embaixo de uma árvore, e ao encontrá-lo descobre se que não era loucura, ele apenas estava passando por um processo de formação de sua capacidade mística de incorporar as entidades espíritas do jarê, tornando-se o líder espiritual e curador Zeca Chapéu Grande.

A personagem, mãe de Zeca, é atormentada pelo seu passado na fazenda Caxangá, a avó das narradoras cometeu um crime, matou seu companheiro, depois que descobriu os abusos dele com a filha dela, Carmelita, iniciando a tormenta espiritual e psicológica de Donana, passando a conviver com medo que segue a personagem até os últimos dias de sua vida, temendo não ser descoberta ou que alguém encontrasse a arma do crime nas suas coisas.

A entidade viva não narra nenhuma parte do romance, mas sua presença no espaço narrativo é determinante para a construção de toda a trama, a começar por sua faca, um instrumento investido de forças místicas, atraindo aqueles que nele tem fascínio, determinando desse modo a vida e o futuro das duas netas de Donana.

Sua presença no espaço também delimita o passado e o presente do povo de Água Negra, atuando como um elo que une os dois períodos, deixando evidente a sua importância para história contada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda essa temática abordada no romance *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior, observamos e reconhecemos a necessidade de a literatura contemporânea conseguir se voltar para representação de alguns grupos sociais silenciados, como: pobres, negros, mulheres, dentre outros.

Nesse contexto, como já abordado no decorrer deste artigo, a produção literária de Itamar Vieira Junior, como tantos outros artistas, dá voz aos aspectos culturais, sociais, e históricos de uma identidade negra.

O intuito dessa análise foi previamente fazer um recorte a representação das personagens, pois é uma obra polifônica, de uma entidade encantada, vozes femininas que expressam memórias coletivas e atribuladas de desigualdades raciais, sociais e de gênero, e também evocam as resistências ancestrais dos povos quilombolas, suas lutas e ligações com a terra, marcada pelas narrativas das irmãs Bibiana e Belonísia.

Por fim, as relações em a religiosidade do jarê e a identidade e resistências do povo de Água Negra, vão culminar não apenas na busca incessante dos personagens do romance pela existência, uma vez que suas presenças nas terras da fazenda são constantemente ameaçadas pelos donos, que ora os considera como mecanismos pelos quais conseguem produções cada vez maiores, ora aqueles que não querem nem seus corpos ocupando o espaço, mas por uma manifestação religiosa que ultrapassa gerações, apesar das dificuldade encontradas pelos seus praticantes.

A literatura contemporânea nos tem dado a possibilidade de ter conta com diferentes experiências, como é o caso da obra *Torto Arado*, que traz para o ambiente acadêmico a espiritualidade dessa religião que mescla o sincretismo religioso, presente na Chapada Diamantina, Bahia, região marcada pelo passado de lutas por terras e o garimpo de diamante.

Concluimos que a representação do sagrado na obra de Vieira Junior tem o propósito de dar voz e espaço a uma religião de matrizes africanas, se afastando das doutrinas dominantes representadas pelas crenças advindas do europeu colonizador imposta aos colonizados e escravizados.

## REFERÊNCIAS

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou A polêmica em torno da ilusão). São Paulo: ática, 1985. Série Princípios.

PIRES BASTOS, Maria Eduarda. **Enquanto a terra não for livre, eu também não sou**: o jarê da Chapada Diamantina (BA) como resgate da memória em *Torto Arado*. Terra Livre, [S. l.], v. 2, n. 57, p.741–758, [s.d.]. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/2288>. Aces-



so em: 28 de set. de 2023.

SILVA, Ana Cláudia da; LEONEL, João. **Dossiê:** Literatura e Espiritualidade. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília – Vol. 53, p.1-393 - Brasília: Póslit, 2020.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. (1979-) **Torto arado**/ Itamar Vieira Junior. – I. ed. – São Paulo: Todavia, 2019.

ZANARDI, Paula Pfluger. **Memória das cantigas do Jarê** [livro eletrônico] / Paula Pfluger Zanardi, André Castilho Pinto. -- 1. ed. -- Lençóis, BA: Fundação Pedro Calmon, 2021.

## **Eixo Temático 3**



# **ARTE, ESTUDOS MÍTICOS E ARQUETÍPICOS**

## NA ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO: FORMAS ARTÍSTICAS COMO ATO SACERDOTAL DO ATOR

*Roberto Medina<sup>1</sup>*

*Marcelo Lucchesi Rocha Carvalho<sup>2</sup>*

*Jefferson Gomes Leão Bezerra<sup>3</sup>*

“A teatralidade é essencialmente humana. Todo mundo tem dentro de si o ator e o espectador. Representar num ‘espaço estético’, seja na rua ou no palco, dá maior capacidade de auto-observação. Por isso é político e terapêutico.” Augusto Boal.

### INTRODUÇÃO

A arte está presente na jornada humana na Terra desde a antiguidade. Houve um tempo em que as artes estavam relacionadas aos ritos religiosos (Berthold, 2008, p. 104). O artista é como um sacerdote, cabendo a ele a tarefa de proporcionar ao povo um momento de encontro consigo e com sua divindade. Em meio a várias revoluções e golpes que marcam a história da América Latina, nos anos de 1960 a 1980, surge Augusto Boal (1931-2009), que desenvolve a metodologia teatral denominada: o Teatro do Oprimido. Ela surgiu a partir do drama vivido pelos oprimidos diante de seus opressores, tendo entre suas funções a de fazer a arte chegar às pessoas, independente de sua condição, para que se tornassem protagonistas da transformação de sua realidade, construindo formas de sair da condição de opressão.

---

1 Doutor em Teatro e Literatura pelo Pós-lit-UnB. Atualmente, realiza o doutoramento no Programa de Pós-graduação de Psicologia Clínica e Cultura na UnB-DF, com estágio de Pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS) e pós-doutorando no Pós-lit-UnB; E-mail: prof.medina@gmail.com.

2 Psicólogo, artista cênico e visual; Graduado pela FUMEC/BH/MG e Faculdade de Artes Dulcina de Moraes/DF. E-mail: mlucchesi.fadm@gmail.com.

3 Ator, diretor, produtor cultural, educador social, apresentador e professor de artes licenciado em artes cênicas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes/DF. E-mail: jeffersonleao83@gmail.com.

Em 1970, Boal cria o Teatro Jornal, mas no ano seguinte, foi exilado na Argentina, onde desenvolveu o Teatro do Invisível. Depois no Peru, desenvolveu o Teatro Fórum; no Equador, o Teatro Imagem; na França, o Teatro Arco-íris do Desejo; e, de volta ao Brasil, o Teatro Legislativo. Técnicas que compõem a Metodologia do Teatro do Oprimido; portanto, mantêm um estreito relacionamento entre si (Boal, 2008, p.15).

Essa Metodologia de trabalhar o teatro, desenvolvida por Augusto Boal, que teve início na América Latina, tornou-se conhecida pelo mundo, trabalhando tanto o fazer teatral do artista, como mobilizando o “não artista”<sup>4</sup> para as questões políticas e sociais. Portanto, reconhecer-se oprimido ou opressor é um desafio para todos, quer estudante, quer professor.

## **HISTÓRICO E TÉCNICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO**

As artes da cena são artes que atravessaram séculos, possivelmente surgidas nos ritos religiosos (Berthold, 2008, p.103). Há suspeitas de que os primeiros intérpretes tenham sido religiosos, mas não há nada conclusivo. Alguns dizem ter sido os egípcios, e outros, os gregos, mas foram esses últimos que registraram sua contribuição para a história do teatro, como conhecemos contemporaneamente. Para Augusto Boal, o teatro existe dentro de cada pessoa e pode ser praticado em qualquer lugar (Boal, 2014, p. 9).

Para Boal, o teatro era o cantar livre de um povo, criador e, ao mesmo tempo, o destinatário do espetáculo teatral. Portanto, era como uma festa onde todos podiam participar livremente. Aconteceu que essa manifestação popular tornou-se arte e, talvez, uma das virtudes que ela traga para o ser humano seja a possibilidade de ver a si, ao outro e ao futuro.

Precisamos lembrar que teatro não é a edificação e seus objetos, mas a capacidade humana que se tem de observar a si mesmo em ação, da mais simples à mais complexa. O ser humano pode se ver no ato de ver, de agir, de sentir, de pensar. Ele pode se sentir sentindo e se pensar pensando.

Desse modo, o teatro estuda as relações humanas, seus conflitos, contradições, confrontos, enfrentamentos. Como arte, o teatro trata desde o mais trivial da vida ao que tem mais alto valor social, porque o que tem valor para uma comunidade, tem valor social.

No percurso da história da humanidade, essa manifestação livre e pública, puramente social, foi denominada arte. Porém, um grupo se apropriou dela, distanciando o teatro de seu público de origem. Essa ação de apropriação do que é social por grupos hegemônicos não parece existir apenas nas artes, mas

4 Para Boal o teatro “é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo em ação, em atividade” (Boal, 2002, p. 27).

em todos os inventos sociais que tomam força e conseguem influenciar um povo. Talvez aqui esteja a origem da dicotomia que se encontra na sociedade, os oprimidos, uma grande maioria, e os opressores.

O teatro é um dos ramos das artes cênicas, ou seja, a arte da cena, a arte da atuação e da interpretação, por meio do qual atores e atrizes representam, na presença e para um público, uma plateia, uma história com seus dramas, conflitos, sentimentos, paixões e escolhas, passando a ser metodologia de trabalho político, ético, estético, social e artístico. Assim, ele articula para composição da cena e do discurso: texto, voz, gestos, corpos, movimentos, sons, luz, imagens, música, objetos e intenções. A articulação desses elementos constrói a cena, realizada num determinado espaço que Boal denomina de Espaço Estético, ou seja, um espaço que alguém possa trazer uma representação para que outros possam observar. Desse modo, o Espaço Estético pode ser as salas de teatros, as salas de aula, as associações ou qualquer lugar que evidencie quem atua e quem vê. Podemos compreender que, para que haja teatro e sua teatralidade, não é necessário o palco nem as salas teatrais, mas sim quem atue e quem assista.

O teatro, de um modo particular, é produzido para a sociedade muito mais que as demais artes, dado o seu contato com a plateia e o seu maior poder de convencimento. Tal determinação atinge tanto a apresentação exterior do espetáculo quanto o próprio conteúdo de ideia do texto escrito (Boal, 2008, p. 100).

O teatro é uma arte que, durante séculos, percorreu os mais variados espaços nas mais distintas formas e métodos. Um, em particular, temos colocado foco neste trabalho: a Metodologia do Teatro do Oprimido.

Augusto Boal desenvolveu, a partir de seu caminho artístico, a Metodologia do Teatro do Oprimido, que buscava e, até hoje, busca o fortalecimento das habilidades das pessoas em lidar com suas ações de criação estética, de reflexão artístico-cultural e de conscientização política. Desse modo, ele propõe uma valorização do teatro no seu papel de transformação social, visando aos oprimidos, de forma que sejam ações para, com e pelos oprimidos. Esse é um destaque no trabalho de Boal, pois, ele não pensou apenas para os oprimidos, mas com e por eles.

Em 1965, iniciou o sistema “coringa”<sup>5</sup>, ainda no Teatro Arena, que revolucionou o teatro brasileiro da época (Boal, 2008, p. 262). Em 1971, cria o

---

5 Coringa enquanto sistema é uma técnica concebida pelo dramaturgo, teórico e diretor teatral Augusto Boal, análoga ao efeito de distanciamento da teoria brechtiana. “Em linhas gerais, consistiria na desvinculação ator/personagem, ou seja, diferentes atores revessam-se nos papéis, utilizando a máscara (características psicológicas ou sociais) das personagens para que o espectador pudesse reconhecê-las. Desta forma, os atores colocavam-se nas mesmas perspectiva de narradores, interpretando, portando, “a totalidade da peça” (Guinsburg, 2003, p.98).

Teatro Jornal, que foi sua primeira linguagem teatral de resistência ao sistema de opressão política brasileira, a ditadura militar, vigente naquela época. Podemos considerar com o início do que viria ser a Metodologia do Teatro do Oprimido.

Para Boal, o teatro é um instrumento artístico e social, por meio do qual as pessoas podem buscar maneiras de transformar a realidade em que estão inseridas, pois, o teatro pode contribuir na libertação da opressão (Boal, 2008, p. 16). Nessa perspectiva, ele procurava explicitar as necessidades dos oprimidos e realçar diferentes formas de superar as opressões. Na época em que surge o Teatro Jornal, considerado uma das primeiras técnicas da Metodologia do Teatro do Oprimido, desenvolvida em 1971, Boal desenvolveu uma forma de mostrar a manipulação das informações divulgadas pela mídia, buscando trazer o que poderia estar escondido nas reportagens, geralmente a serviço do opressor. Essas notícias, muitas vezes, têm a função de reforçar a opressão e manter o oprimido calado.

Boal buscou defender, também, o direito do artista de gerar uma arte acessível, o que causou polêmica ao mostrar que a arte não estava a serviço nem acessível a apenas um segmento da sociedade. Assim, a luta de Boal parecia ser a de horizontalizar a relação espectador e ator.

Boal acreditava que o teatro, enquanto ação humana, é um tipo de atividade carregada de cunho político, não sendo neutra, por isso, os artistas que assumem sua discordância com o mundo que conhecemos não devem desenvolver um processo artístico que confirme ou reforce a desigualdade social (Canda, 2012, p. 191).

O teatro é uma ação humana que está ligada a todas as outras esferas sociais, porque o teatro é uma atividade política, mesmo que o assunto político não esteja sendo tratado (Boal, 1991, p.15).

A conscientização, para Boal, não é um estado de consciência, mas o consenso entre a criticidade e a realidade, a história e a sociedade; portanto, a conscientização é um desvelamento da realidade. Para ele, quanto mais se vivencia e se tem experiências no mundo, no seu mundo, mais a pessoa poderá compreender seu papel na sociedade, podendo tornar mais qualificada a sua participação e a transformação de que a sociedade precisa.

Para participar da sociedade de forma atuante, é necessário estar consciente do seu papel na comunidade em que se está inserido, ou seja, de sua realidade. Mas temos que ressaltar que a realidade sempre será objeto de crítica por parte das pessoas que podem atuar para modificá-la, aperfeiçoá-la. Afinal, as distinções entre opressão e oprimidos existem e precisam ser discutidas à luz da cultura e da sociedade por cada pessoa.

Boal afirma que o processo de conscientização também se dá na relação ação-reflexão-ação. Para o autor, não é preciso simplesmente compreender a realidade, é imprescindível transformá-la. E para isso, amparado nos pressupostos teóricos libertadores, Boal apresenta uma proposta metodológica do teatro popular que dê conta do processo de libertação social (defendido também por Freire) no bojo de movimentos populares na América Latina (Canda, 2012, p. 193).

Boal afirma que a percepção das pessoas precisa de qualificação crítica e criadora e a arte pode oferecer instrumentos importantes para a promoção do autoconhecimento, o conhecimento do outro e do futuro da sociedade da qual participam. Desse modo, o teatro pode criar possibilidades de libertação, em conjunto com os outros elementos da sociedade, usando as técnicas desenvolvidas no Método do Teatro do Oprimido. A conscientização atravessa o corpo, a voz, as ideias, o compartilhamento e as expressões criadoras. Dizendo de outro modo, o autoconhecimento perpassa todas as dimensões do humano, e esse autoconhecimento toca o outro e a sua sociedade.

A proposta de Boal com o Teatro do Oprimido busca a conscientização da pessoa, procurando proporcionar o empoderamento dela por meio dos instrumentos culturais, educativos, artísticos, imagéticos e o meio de consumir cultura. Ele ressalta que as pessoas devem se apropriar dos meios de produção teatral, e que o oprimido não pode receber passivamente o que é oferecido pelos grupos hegemônicos e opressores. Pode-se considerar, desse modo, o Teatro do Oprimido como um instrumento que o oprimido deve aprender a manejar.

O Teatro do Oprimido pode ser visto como formação para atuação prática, com base no conhecimento do corpo, da mobilização das formas de expressividade e de construção de debates de cunho estético e político em diferentes meios sociais. Para Boal, a exclusão da população dos conteúdos e práticas artístico-culturais é um modo de manipulação e exploração social, pois retira dos sujeitos a sua capacidade de ler o mundo e de produzir saberes sensíveis na sua cultura (Canda, 2012, p. 194).

Para Boal, o processo de tomada de consciência perpassa a prática de se estar no mundo, e, assim, para um produtor de cultura, é fundamental a libertação social, visando à transformação das formas de opressão e a compreensão da dicotomia opressores-oprimidos. Então, numa perspectiva dialética, podemos compreender que, na realidade existente, as forças que dominam o mundo precisam ser vistas com criticidade.

O oprimido não é aquele que perde a luta e resigna-se, mas aquele que está sempre a lutar, em conflitos em que não consegue atingir o objetivo, muitas vezes porque seu olhar está obnubilado e não consegue criar estratégias de saídas possíveis que não visem a uma solução apenas temporária de problema.

Contudo, como o Teatro do Oprimido pode promover essa conscientização?

Como Boal, após trazer foco sobre opressão vivida pelo oprimido, poderia ajudar para a saída dessa condição? Com certeza, um objetivo tão auspicioso.

Trazer conscientização da condição de oprimido, já é em si um desafio, foi o êxito da Metodologia do Teatro do Oprimido. Mas foi a partir das várias técnicas, utilizadas com consciência, que a Metodologia começou a mostrar eficiência. A criatividade humana possibilitava criar saídas, quando se tornava consciente de sua condição. Assim, a Metodologia do Teatro do Oprimido que é um conjunto de técnicas desenvolvidas para atender as necessidades dos oprimidos, que Boal encontrou pelos países por onde passou, mostrou que o caminho estava certo. Ele reconheceu a influência de Paulo Freire, Bertold Brecht, Shakespeare, Molière e Marx.

O início do desenvolvimento da Metodologia do Teatro do Oprimido foi em 1970, quando sistematizou as Técnicas do Teatro Jornal, durante o regime militar brasileiro, na cidade de São Paulo. Em 1971, Boal foi exilado e mudou-se para Argentina, país da sua esposa Cecília Boal, onde permaneceram durante cinco anos e desenvolveram o Teatro do Invisível. Depois, mudou-se para o Peru, onde desenvolveu o Teatro Fórum; no Equador, o Teatro Imagem; na França, em Paris, o Teatro Arco-íris do Desejo; e, no Brasil, o Teatro Legislativo. Todas essas são técnicas que mantêm um estreito relacionamento entre si, possuem um solo fértil da Ética e da Política, da História e da Filosofia, onde nossa árvore busca seus nutrientes e sua seiva (Boal, 2005, p.15).

Silvia Beatriz Paes Lima Rocha Garcia nos chama a atenção para a escolha feita por Boal para representar o Teatro Oprimido.

O símbolo que Boal escolheu para representar o arsenal do Teatro do Oprimido foi uma árvore, por estar em constante transformação e ter a capacidade de se multiplicar. A Ética é a base dessa árvore que se respalda na estrutura pedagógica criada por esse teatrólogo e cujo solo se alimenta de outras áreas do conhecimento, como a Filosofia, a História, a Política e a Economia, o que respalda seu trabalho na junção do artístico com o social.

As técnicas representadas em cada galho se multiplicam através da solidariedade, uma vez que, ao ter acesso ao arsenal do Teatro do Oprimido, é possível aplica-lo em grupo sociais e em comunidades que necessitam transforma fatos e cotidianos (Garcia, 2016, p. 21).

Os frutos e suas folhas caem em solo fértil e alimentam a árvore e outros campos e ações humanas, produzindo possíveis transformações sociais. Afinal, todas as técnicas que compõem o arsenal do Teatro do Oprimido visam oferecer ao oprimido possibilidades de se reconhecer e reconhecer o que o oprime e, assim, buscar alternativas de luta e estratégias de saída da opressão. Vejamos uma representação da Árvore do Teatro do Oprimido, onde identificamos as técnicas e seu papel no contexto.



A imagem da *Árvore do Teatro do Oprimido*, contudo, dispensa a palavra e é carregada de sentido para o observador e para aquele que a produz. A imagem pode ser a que existe agora diante dos nossos olhos, mas há também a imagem criada, produzida na mente e que precisa de um trabalho para ser expressa, seja em palavra ou em formação de imagem, como na fotografia. De semelhante modo, temos o som que precede todas as artes e está em todos os momentos da vida humana, desde a fase pré-natal. Assim, os sons, as palavras e as imagens são as raízes das artes, e elas nutrem as experiências de vida e as formas de ler o mundo.

É preciso conhecer não apenas as suas próprias, mas também as opressões alheias. A solidariedade entre semelhantes é parte medular do T.O. No tronco da *Árvore* surgem, primeiro, os Jogos, porque reúnem duas características essenciais da vida em sociedade: possuem regras, como a sociedade possui leis, que são necessárias para que se realizem, mas necessitam de liberdade criativa para que o Jogo, ou a vida, não se transforme em servil obediência. Sem regras não há Jogo, sem liberdade não há vida (Boal, 2008, p.16).

Os jogos teatrais do *Teatro do Oprimido* estão divididos em cinco categorias: sentir tudo que se toca, escutar tudo que se ouve, ativando os vários sentidos, sentir tudo que se olha e a memória dos sentidos (Garcia, 2016, p. 22). Os Jogos têm a função de possibilitar o reconhecimento do corpo e a totalidade de seus sentidos, buscando tirar as pessoas da atrofia do dia a dia.

Nos galhos, têm-se as técnicas usadas desde as raízes para trazer aos espect-atores<sup>6</sup> uma possibilidade de se repensar e repensar o mundo que os cercam e a possibilidade de transformá-lo.

A primeira técnica desenvolvida foi o *Teatro Jornal*, quando Augusto Boal estava no Grupo *Teatro Arena*, em 1970. Essa proposta teatral consiste na dramatização das notícias presentes na imprensa cotidiana de uma determinada sociedade, com vistas a trazer à luz o que está oculto, revelando o lado manipulador da imprensa. As imagens, palavras, manchetes, formas, colocação das notícias, sequências, diagramação, revelam significados que, muitas vezes, passam despercebidos pelas pessoas. Desse modo, o *Teatro Jornal* procura revelar que não há imparcialidade dos meios de comunicação.

Podemos dizer que seria algo impossível se apenas consideramos a história, a ética e os princípios de uma pessoa. Mas, quando falamos de um sistema econômico onde os jornais, as revistas, os rádios, as TVs, a internet e as redes sociais estão anunciando e pagando por seus anúncios,

---

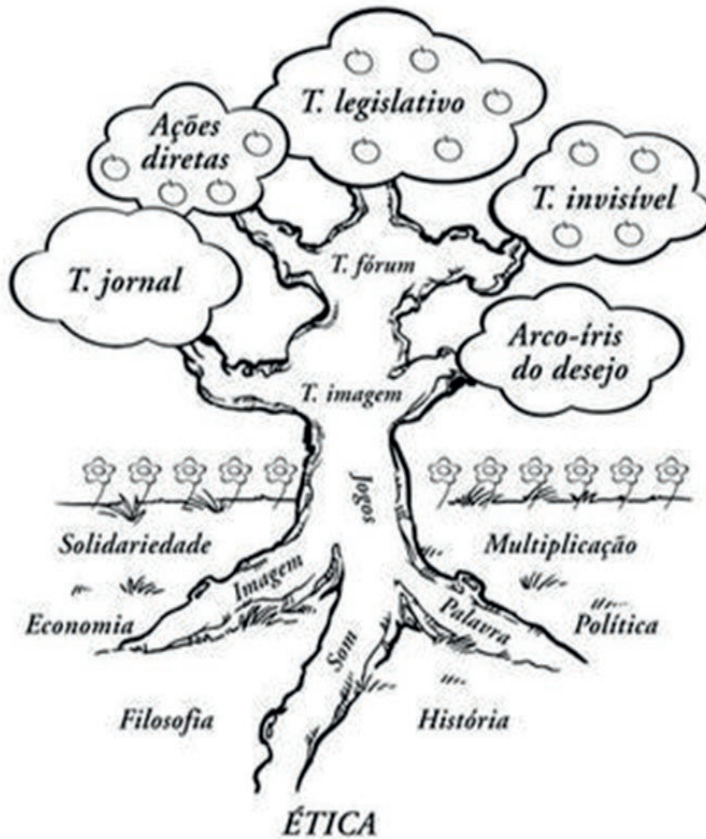
6 Espect-ator é o nome dado por Boal ao espectador que passa pela experiência de ator no espaço estético, para debater e discutir questões, cenicamente, relacionadas ao tema, e ao problema apresentado pelo espetáculo. O espect-ator é convidado a pensar possíveis soluções para o problema de opressão apresentado cenicamente (Canda, 2012).

Não permitirão jamais que informações ou notícias verdadeiras revelem a origem e a veracidade daquilo que publicam, ou a quais interesses servem – a mídia será sempre usada para agradar aqueles que a sustentam: será sempre a voz do seu dono! (Boal, 2008, p.18).

Boal propõe algumas aplicações para o Teatro Jornal (2005, p. 217):

Figura Única

## ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO



*“Leitura simples” - destaca-se a notícia que se pretende trabalhar, e faz uma leitura da mesma, de forma objetiva, desvinculando-a da ideologia do jornal em que ela se encontra.*

*“Leitura cruzada” – Busca-se duas fontes da mesma notícia e faz-se a leitura de ambas ao mesmo tempo, de forma que surjam novos olhares.*

*“Leitura complementar” – Acrescenta-se dados/fatos que foram omitidos na notícia, para direcionar o pensamento do leitor.*

*“Leitura com ritmo” – A notícia é anunciada pelo canto, escolhendo-se um ritmo musical que funcione como “filtro” crítico do que se está falando.*

*“Ação paralela” – Cria-se cenas de mímica ou de “fiscalização” paralelamente a leitura da notícia.*

*“Improvisação” – explorar a maior possibilidade de improvisação de cenas sobre a notícia.*

*“Histórico” – Apresentar a notícia e encenar, paralelamente, cenas de fatos históricos idênticos a ela, já acontecidos em outros tempos e espaços.*

*“Reforço” – utilização de canto, dança, retroprojeto, jingles de publicidades e outros artifícios que reforce o que está sendo lido.*

*“Concreção da abstração” – Busca-se o que está implícito na notícia (normalmente fatos que oprimem) e revela na forma concreta da imagem, através de grafismos ou cenas dramáticas.*

*“Texto fora do contexto” – Encenar a notícia num contexto ao qual ela não caberia, como por exemplo, um pastor coberto de ouro e com vários seguranças, pregando aos seus fiéis o desapego material.*

O Teatro do Invisível, desenvolvido na Argentina, no ano de 1973, consiste em dramatizar cenas do cotidiano, representando situações de opressão ou conflito em espaço público. Ele se apresenta sem a revelação de que se refere a uma cena teatral, com o objetivo de estimular a discussão popular sobre determinadas questões políticas ou sociais.

A cena deve ser bem preparada, e os atores e espectadores se encontram num mesmo nível de diálogo e de poder de ação dramática. Assim, cabe aos atores criar cumplicidade e o envolvimento dos espect-atores, criando um ambiente de troca e de construção, procurando promover a conscientização e contradições sociais em que todos os participantes estão envolvidos. É importante que os atores não deixem que seja descoberto que se trata de uma cena teatral, porque pode comprometer e até impedir a livre participação dos espect-atores.

Em determinado momento da cena, o grupo de atores passa a ser de espectadores da cena e das discussões que se desenvolvem. Assim, pode diminuir a dicotomia entre o ator e o espect-ator, ação esta que pode trazer resultados sociais de transformação. Vale ressaltar que os atores devem estar bem treinados e terem uma facilidade de improvisar, porque os imprevistos são partes das cenas, independente da proposta do roteiro.

Mas o Teatro do Invisível é ético? É uma criação da imaginação ou é um fato? Os espectadores não sabem que é teatro, logo não sabem que são espectadores. Desse modo, não são compelidos a participar da cena. Contudo, a intervenção é espontânea, e a cena tem que tocar os espectadores; portanto, a cena tem que ser verdadeira em sua interpretação e relevante enquanto cena existente na sociedade, com atores que são capazes de improvisar diante das pessoas que

atuarão com realidade, sem nenhum ensaio. Elas serão protagonistas da realidade, espect-atores, que participam da ação dramática (Boal, 2001, p. 20).

As Ações Diretas consistem em teatralizar as manifestações de protesto, as caminhadas de camponeses, os cortejos laicos, os desfiles, as reuniões operárias e grupos organizados, comícios de rua etc., utilizando todos os elementos teatrais convencionais, como máscaras, canções, danças, coreografia, dentre outros (Boal, 2008, p. 20).

O Teatro Legislativo é um conjunto de procedimentos que têm como base o Teatro-Fórum e os protocolos da Câmara Legislativa. É quando a comunidade pode participar da elaboração democrática das leis – que são discutidas não apenas verbalmente, mas com base nas representações dos espect-atores que entram na cena-fórum para sinalizar alternativas e possíveis soluções aos pleitos conflituosos dramatizados. Desse modo, a participação popular pode acontecer com o ator-construtor ou com o ator-plateia.

Com a experiência de Augusto Boal como vereador na cidade do Rio de Janeiro, dramaturgo, diretor, exilado e com todo o trabalho realizado com o Teatro do Oprimido, ele pôde aproveitar a oportunidade para proporcionar uma nova variante do Teatro-Fórum. Essa nova técnica da Metodologia do Teatro do Oprimido tem como alicerce o Teatro-Fórum, proporcionando, por meio da dramatização, repensar leis existentes, novas leis, visando chegar à Casa da Lei e aos legisladores com propostas que possam tentar tornar a sociedade mais democrática, colocando a comunidade e os seus legisladores num mesmo lugar e momento, buscando assim criar possibilidade de refletir sobre a eficiência das leis vigentes e as necessidades de novas legislações (Boal, 2008, p. 20).

No estado e na cidade do Rio de Janeiro, o Teatro Legislativo gestou e produziu leis municipais e outros documentos legais com a participação da população, fruto do mandato do vereador Boal, durante quatro anos.

O Teatro-Fórum, talvez a forma do Teatro do Oprimido mais democrática e, certamente, a mais conhecida e praticada em todo o mundo, usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, a essas, acrescentando uma característica essencial: os espect-atores são convidados a entrar em cena e, atuando teatralmente e não com a palavra, eles revelam seus pensamentos, desejos e estratégias para a saída de uma situação de opressão. No Teatro-Fórum, a Cena Fórum pode sugerir, ao grupo ao qual pertence, um leque de alternativas possíveis para que se possa buscar saídas na situação da opressão e, principalmente, reconhecer que aquela situação é opressiva: “o teatro deve ser um ensaio para a ação da vida real, e não um fim em si mesmo” (Boal, 2008, p. 19).

Para a criação do Teatro Fórum, pode ser utilizada a Dramaturgia Simultânea, onde eram expostas situações de opressão experimentadas por

um determinado grupo para serem discutidas até se chegar à cena fórum, onde a opressão é explicitada, e o oprimido tem a possibilidade de sair, mas não consegue ver a saída para a situação. Assim, a plateia pode propor saídas.

O Coringa tem um papel muito relevante no Teatro-Fórum, pois é ele que procurará manter a neutralidade.

Sem impor suas próprias ideias, ele tem que manter os espectadores participativos e refletir se as saídas encontradas conseguem ou não resolver o problema do coringa, é ato responsável e surge depois da escolha feita; sua substância é a dúvida, semente de todas as certezas; seu fim é a descoberta, não a isenção (Boal, 2008, p. 26).

O papel do Coringa é muito importante durante a Cena-Fórum, porque o que o norteia é a dúvida, a incerteza, a investigação e a busca por outra resposta possível.

O Teatro-Fórum tem característica política, pois traz a realidade de uma pessoa em determinado grupo, dramatizada, para ser discutida, na busca de possibilidade de soluções. Temos, portanto, que registrar dois momentos importantes: o que está na perspectiva artística do ator, que deve encontrar a experiência do espect-ator. Esse encontrar pode gerar, pela identificação, a autonomia do sujeito (Garcia, 2016, p. 70).

O desafio do Teatro-Fórum é proporcionar aos espect-atores a vontade de intervir na cena fórum. Portanto, o trabalho dramático, de preparação dos atores, e a direção, são de grande responsabilidade e exigência, porque coloca os espect-atores diante de si, vendo-se e vendo o outro e com um olhar para o futuro, ou seja, procurando soluções para aquela que é o mobilizador de todos, que os identificam e os fazem querer mudar de destino.

A técnica do Arco-Íris do Desejo procura dar conta de opressões aparentemente mais diluídas e subjetivas, com as quais só se começa a se defrontar quando se está em uma situação mais confortável, em sociedades com mais possibilidades. As situações são mais introspectivas, estão dentro da pessoa, e, muitas vezes, ela não sabe que está oprimida. Um objetivo do Arco-Íris do Desejo é a encenação das opressões “internas” que podem ou não repercutir no convívio social e, de forma geral, são cenas que trazem semelhança com o Teatro Fórum, mas que são tratadas em grupo fechado, no qual são discutidas questões pessoais, e o grupo pode se mobilizar para auxiliar um dos participantes na solução de suas questões. Há, pois, um caráter terapêutico.

No Teatro Imagem, dispensam-se a palavra e a reprodução de sons e se usam o corpo, as fisionomias, os objetos, as distâncias, as formas e as cores, para apresentar um discurso ao público. Essa técnica nos obriga a ampliar nossa visão sinalética – em que significantes e significados soam indissociáveis – e não nos

restringirmos simplesmente à linguagem simbólica das palavras dissociadas das realidades concretas e sensíveis (Boal, 2005, p. 5).

Essa técnica visa a montar as imagens e treina o olhar dos participantes para perceberem a opressão, porque através das expressões dos corpos e sua interação com o grupo se pode identificar como está estruturada a opressão. As imagens podem ser construídas com o próprio corpo e o corpo de outro e com os corpos de todos os participantes e com os objetos disponíveis.

## **SEM OPRIMIR CERTA CONCLUSÃO INCONCLUSIVA**

A cada construção, pode-se trazer uma reflexão e, portanto, construir a projeção significativa que cada um tem em si e a forma com que se veem em si mesmos e na relação com o outro. Para que as imagens sejam produzidas, pode-se partir de palavras, frases, ideias, conflitos, dramas, situações reais, notícias, conforme a maturidade social e pessoal do grupo.

Em vários jogos teatrais, trabalham-se a imagem e a forma que as pessoas veem o mundo. Assim, propusemos um panorama da visão de Augusto Boal nessa metodologia para as artes cênicas, claro, não deixamos de citar a experimentação com jogos teatrais, bem como citamos sobre o Teatro Imagem como ferramenta para o autoconhecimento, o conhecimento do outro, o conhecimento de si em relação ao outro, o toque como lugar de acesso a si, a imagem de si, a imagem do grupo no qual se está inserido. O Teatro Imagem, na metodologia do Teatro do Oprimido, é uma técnica que possibilita o desenvolvimento de uma percepção de si, do outro e quiçá do futuro.

O Teatro do Oprimido é um sistema de exercícios físicos, jogos estéticos, técnicas de imagem e improvisações especiais que tem por objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar essa vocação humana, tomando a atividade teatral um instrumento eficaz na compreensão e na busca de solução para problemas sociais e interpessoais (Boal, 2002, p. 29). Ele se desenvolve em três vertentes principais: educativas, social e terapêutica (Boal, 2002, p. 28).

Desse modo, na Estética do Oprimido (2009, p. 19), Boal destaca que o ser humano é ser teatro. Vai desdobrar o conceito, afirmando que o ser humano é ser artista. Ele mesmo conclui que Arte e Estética são instrumentos de libertação. O Teatro do Oprimido busca a inclusão e a transformação social, mediante a diversificação da produção cultural, integrando em amplo espectro atores e não atores.

Essa é uma proposição de deslocamento de poderes cênicos que visa a ampliar a leitura de mundo e a leitura da realidade para que se obtenha espaços democráticos e não mecanizados, cerceadores de desejos e de expressão ativa dos praticantes, no intuito de uma arte cidadã. Boal (2008, p. 22) antecipa o propósito maior de suas formas estéticas: “humanizar a humanidade”, tornando

possível questionar, refletir e atuar sobre a sociedade, de forma crítica.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Carminda Mendes. **Teatro pós-dramático na escola: inventando espaço: estudos sobre as condições do ensino do teatro em sala de aula**, Ed. Unesp, São Paulo, 2011.
- BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**, Ed. Perspectiva, São Paulo, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais**. 2 ed. Ed. Cortez, 2008.
- BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 2008.
- BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BOAL, Augusto. **O Arco-Íris do desejo Método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BOAL, Augusto. **Teatro Legislativo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- CANDA, Cilene. Nascimento. **Paulo Freire e Augusto Boal: Diálogos entre educação e teatro**, Ano 28, v.4.
- DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan, o inconsciente estruturado como linguagem**. Tradução Carlos Eduardo Reis, Ed. Artmed, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Ed. Paz e Terra, 2017.
- GARCIA, Silvia Beatriz Paes Lima Rocha. **Transições de impacto: uma análise de construção de espetáculo teatral por meio do Teatro-Fórum**. UNB, 2016.
- GUINSBURG, Jaco; COELHO NETTO, José Teixeira; CARDOSO, Reni Chaves. **Semiologia do Teatro**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 2003.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygostsky, aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**, Editora Scipione, 2005.
- SILVA, Flávio José Rocha da. Uma história do teatro do oprimido. In: Aurora: **Revista de arte, Mídia e política**. São Paulo, v.7, n.19, p.23-38 – 2014.

## DEUSAS FIANDEIRAS E TECELÃS: TRAÇOS DA INFLUÊNCIA MÍTICA E ARQUETÍPICA NA LITERATURA

*Shirley de Medeiros Lopes<sup>1</sup>*

*Marina Arantes Santos Vasconcelos<sup>2</sup>*

### INTRODUÇÃO

No último século, acompanhamos a revalorização epistemológica do mito e o reconhecimento de sua abrangente influência na construção da subjetividade social contemporânea, configurando o modelo mítico objeto de estudo em diversas linhas de conhecimento, como a arte, a antropologia e a psicanálise.

Neste artigo, abordaremos alguns conceitos teóricos acerca da temática que permeia a herança mítica no imaginário social e seu reflexo na literatura, apresentando como referência arquetípica os mitos de deusas fiandeiras e tecelãs. Para ilustrar a presença dessas figuras mitológicas e seus símbolos na produção narrativa, vamos discorrer sobre o conto *A moça tecelã*, da escritora Marina Colasanti (2004), e o poema *A dona contrariada*, de Cecília Meireles (1983).

### DEMARCAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE A INFLUÊNCIA MÍTICA E ARQUETÍPICA NA LITERATURA

Considerado um estudioso que busca integrar a importância da mitologia na vida do homem contemporâneo, Joseph Campbell (1990, p.15) destaca que os mitos antigos carregam os profundos mistérios que sempre deram sustento à vida humana, exercendo quatro funções fundamentais para os indivíduos: a mística, a cosmológica, a sociológica e a psicológica.

---

1 Shirley de Medeiros Lopes é jornalista, analista junguiana, facilitadora de Biodança, sacerdotisa da Deusa e mestrande na linha Literatura e Psicanálise do Programa de Literatura (Póslit) da Universidade de Brasília (UnB).

2 Marina Arantes Santos Vasconcelos é Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília e Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. *E-mail*: asvamarina@gmail.com.



A mística se relaciona com o sentimento de assombro e o reconhecimento do mistério em relação à nossa existência (Campbell, 2008, p. 127). A cosmológica apresenta uma forma para se entender como se dá o funcionamento do universo dentro desse grande mistério (Campbell, 2008, p. 128). A sociológica está ligada ao modelo de conduta que se deve levar em determinada sociedade na qual determinado mito se destaca (Campbell, 2008, p.130). Sobre a quarta função, Campbell (2008) discorre:

Consequentemente, é sobretudo da perspectiva psicológica que se pode reinterpretar, reviver e reutilizar as grandes tradições míticas que as ciências e as condições da vida moderna tornaram inúteis, por estarem desligadas dos seus pontos de referência cosmológicos e sociológicos. (Campbell, 2008, p. 53).

Na literatura, estudiosos apontam a relação entre as estruturas literárias e a mítica, identificando os motivos míticos, alusivos também ao gênero épico, constantemente reelaborados na concepção dos personagens e dos enredos, com seu lastro verificado, inclusive, em obras recentes.

O mitólogo Mircea Eliade (1972) defende a importante influência dos mitos na contemporaneidade, destacando a possibilidade de se “dissecar a estrutura ‘mítica’ de certos romances modernos, demonstrar a sobrevivência literária dos grandes temas e dos personagens mitológicos.” (Eliade, 1972, p. 163).

Já o crítico literário Herman Northrop Frye (1957, p. 71) indica a conexão do modelo mítico aos modos da ficção, o que denomina como crítica arquetípica. Segundo ele, há uma tendência gradual na literatura de se narrar uma história com personagens que podem fazer o que quiser, conectada à de contar uma história plausível ou digna de crédito (Frye, 1957):

Os mitos de deuses imergem nas lendas de heróis; as lendas de heróis imergem nos enredos das tragédias e comédias; os enredos das tragédias e comédias imergem nos enredos da ficção mais ou menos realista. (Frye, 1957, p. 57).

Nesse sentido, as epopeias que permeiam a literatura clássica e preencheram suas narrativas com deuses e aventuras heroicas são consideradas os exemplos de obras cujos textos estão mais próximos dos mitos. A partir daí, o mito se perpetua como um elemento estrutural da literatura, conforme entendimento de Frye (1957):

À medida que o mito ficcional contínuo começa a parecer ilusório, quando o texto se decompõe em fragmentos cada vez menores, ele assume o aspecto de uma sequência de epifanias, uma série descontínua, mas corretamente ordenada de momentos significativos de percepção ou visão. (Frye, 1957, p. 319).

Para Frye (1957), em determinadas obras, a matriz mítica e seus personagens são reproduzidos de uma maneira direta – reconhecida, inclusive, pelos autores – e, em outras, a influência é subliminar. Dentro desse contexto, o autor defende a possibilidade de uma crítica morfológica simbólica da literatura:

O aspecto narrativo da literatura é um ato recorrente de comunicação simbólica, em outras palavras, um ritual. A narrativa é estudada pela crítica arquetípica como ritual ou imitação da ação humana como um todo. (Frye, 1957, p. 107).

Em seus estudos sobre a construção do imaginário social, o antropólogo Gilbert Durand (1983) também indica a existência das antigas temáticas míticas na literatura, orientando o sentido dos discursos e das imagens, mesmo que o mito diretor não seja citado ou apresentado em seu formato original. Para Durand (1983):

Entendemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito já é um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. (Durand, 2019, p. 62-63).

O autor chega a propor o que ele denomina de mitodologia, “uma filosofia para uma nova epistemologia que tem o mito como centro para a explicação humana” (DURAND, 1982, p. 60). Segundo ele, uma metodologia capaz de promover no Ocidente a reconciliação entre os poderes da imagem e do símbolo e os do raciocínio, ou seja, um outro modo de raciocinar (Durand, 1982, p. 64).

Ao estudar as estruturas do imaginário, o referido antropólogo desenvolve a mito crítica como possibilidade de se identificar e analisar o mito diretor presente em textos e obras literárias, que atue por trás da narrativa. Em seus termos (Durand, 1982):

A mitocrítica é justamente uma crítica tipo crítica literária, como se diz, crítica de um texto, crítica que tenta pôr a descoberto por detrás do texto, quer seja um texto literário (poema, romance, peça de teatro, etc.), ou mesmo o estilo de todo o conjunto de uma época – mas, em rigor, texto jornalístico - que tenta pôr a descoberto um núcleo mítico, uma narrativa fundamentadora. (Durand, 1982, p. 66).

Em seguida, Durand (1982) desenvolve o conceito de mitanálise, que ele considera uma extensão da mitocrítica e se volta ao exame do recorte histórico, das relações sociais e da época em que os autores das obras estão inseridos. De acordo com seu pensamento (Durand, 1982):

A mitanálise consiste, portanto, em examinar ou determinar num segmento de duração social os grandes esquemas míticos, os mitologemas, como eu dizia ontem, a partir dos índices mitémicos que podem passar por mitemas – quer seja um estilo de pintura, quer seja uma atitude social, quer seja uma atitude de estar à mesa. (Durand, 1982, p. 97).

Os estudos desenvolvidos por esses autores remetem à teoria da psicologia analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung (2000), que entende os mitos como narrativas constituídas por imagens advindas do inconsciente coletivo presentes em nossa psique, cuja projeção se reflete na mitologia, em modelos referenciais da experiência humana.

Assim, o inconsciente coletivo é a camada mais profunda e universal da psique, o repositório dos comportamentos herdados e inerentes a todos os seres humanos – cujo substrato psíquico comum existe em todos nós – e de onde emergem, além de imagens arquetípicas, os fenômenos considerados abstratos e místicos (Jung, 2000, p.15).

É neste ponto que a definição de arquétipo na visão analítica pode explicar como os modelos míticos se perpetuam nas manifestações sociais, incluindo a arte. Segundo Franz (1997, p. 105), os arquétipos são predisposições estruturais inatas da psique, que manifestam os conteúdos oriundos do inconsciente coletivo, organizados em imagens arquetípicas com determinados padrões, “ou seja, na forma de representações simbólicas, mitológicas, comuns a certas coletividades, bem como a povos ou épocas inteiras.” (Franz, 1997, p. 105)

Logo, durante toda a vida, somos influenciados pelos padrões arquetípicos cujo caráter universal se expressa em imagens e símbolos antigos presentes nos mitos, nos contos de fadas, nos sonhos, nas artes, nos relacionamentos humanos, nas religiões e, na história mais recente, também no cinema e na publicidade, por exemplo.

Suas referências são identificáveis em mitologias originárias de várias culturas e na base das diversas formas de religiosidade, paralelamente, em todo o mundo, e remontam a tempos muito antigos, anteriores à escrita e, até mesmo, antes das grandes navegações, ou seja, sem que pessoas de diferentes locais no planeta tenham tido, necessariamente, contato entre si.

Vejam os exemplos das fiandeiras e tecelãs, imagens arquetípicas especialmente representadas nos contos de fadas e nos mitos por meio de figuras femininas. Sabemos que a confecção de produtos como esteiras e cestos, trançados com fibras de cipós e folhas, foram as primeiras formas de tecelagem, atividades desenvolvidas ao longo da história, principalmente por mulheres, cuja inspiração pode ser advinda da observação da natureza em criações como os ninhos dos pássaros e as teias de aranhas.

Com o passar do tempo, as atividades de fiar e tecer também foram se

desenvolvendo, abarcando a confecção de cestarias, tecidos, roupas e tapeçarias, artefatos ligados à alimentação, à proteção do corpo e, conseqüentemente, da vida.

Como vimos, os arquétipos são considerados formas estruturais coletivas, que nos conectam a comportamentos intrínsecos à experiência da humanidade e, ao serem projetados nas narrativas míticas, podem atuar como modelos orientadores para questões existenciais. Dessa maneira, existiria uma forma arquetípica para expressar cada experiência repetida e registrada ao longo da jornada humana (Jung, 1971, p. 98).

Assim sendo, a arte ancestral de fiar e de tecer, por exemplo, está referenciada na simbologia das deusas que personificam uma espécie de força superior atuante na condução da vida das pessoas. Entre as deusas fiandeiras mais conhecidas, estão as chamadas Senhoras do Destino. Responsáveis pela tessitura dos fios que compõem a jornada de cada um de nós, são representadas por três mulheres e uma roca.

Para os gregos, elas são as temidas Moiras: Cloto, aquela que “dá o fio”; Láquesis, a que “mede o tamanho do fio” e o tempo de existência; e Átropos, a que “corta o fio” e traz a morte.

O poder das Moiras é tão significativo no panteão grego, que até os deuses as temem. “Impessoal e inflexível, a Moira é a projeção de uma lei que nem mesmo os deuses podem transgredir sem colocar em perigo a ordem universal” (Brandão, 1991, vol. 1, p. 230 - 231).

Na mitologia romana, elas são as Parcas: a Nona, a Décima e a Morta, que regem, respectivamente, o nascimento, o casamento e a morte. Já as Nornes são as deusas nórdicas do destino, conhecidas como Urth (a mais velha, que rege o passado), Weryhandi (que controla o presente) e Skuld (responsável pelo futuro), que também gozam de uma espécie de poder absoluto na regência da vida. Para Faur (2016):

Nas lendas, sagas e mitos nórdicos, as Nornes aparecem, às vezes, como profetisas (vôlvas) e videntes (valas). Todavia, elas são deusas que fiam e tecem os fios do destino de todas as criaturas dos Nove Mundos, inclusive das divindades. Suas ações não seguem suas preferências pessoais, mas a determinação de um poder maior, chamado Orlög, que abrange todos os seres, em todos os mundos, os próprios mundo e até mesmo o Universo. (Faur, 2016, p. 112).

Nesses mitos, encontramos a representação das mulheres no sagrado, aquelas que produzem e escolhem os fios que definirão o formato da teia da vida de toda a humanidade. Trata-se de uma simbologia viva e atrelada à arte da tecelagem cujo primeiro passo é a confecção e a seleção do fio, afinal, é a sua espessura, textura, cor, brilho e demais características que, combinadas ao formato do trançado, vão determinar o produto final que será tecido.

Ao partirmos do conceito de padrão arquetípico, é possível ampliar tanto o caráter simbólico dos fios quanto a associação desses mitos a outras significações. Um exemplo de analogia diz respeito aos filamentos de DNA na composição da biologia humana, que, de alguma forma, já contém em si uma predeterminação genética para o indivíduo, ou o cordão umbilical, o fio que nos liga desde a concepção à mãe, um vínculo indispensável para nossa sobrevivência, à qual estamos destinados.

Além disso, há em diversos panteões a menção a deusas que regem o dom e a proteção da arte da tecelagem, como Amaterasu (japonesa), Athena (grega), Chih Nu (chinesa), Frigga (nórdica), Holda (germânica), Ísis (egípcia), entre outras. Algumas mitologias reconhecem, em seus mitos da criação, a figura da deusa como a Grande Tecelã, responsável pela concepção de todo o universo. Segundo o pensamento de Mirella Faur (2011):

Mitos antigos descrevem como a Criadora tecia os fios do universo em cada dia e os recolhia à noite. O mundo chegaria ao seu fim quando a teia deixasse de ser fiada pela Deusa. O símbolo da teia era usado na consagração das antigas sacerdotisas dos cultos das deusas. Durante séculos, as mulheres europeias reverenciavam a Deusa Tecelã como a patrona das suas atividades de tecelagem e fiação, mesmo depois da igreja cristã ter proibido cultos pagãos e começado a punir as mulheres que invocavam a Deusa antes do ato de fiar ou tecer. (Faur, 2011, p. 142-143).

A partir dessa simbologia, povos nativos norte-americanos, como os Cherokee, Hopi e Kiowa, reverenciam a Mulher Aranha - chamada também de Avó Aranha -, a criadora e protetora da Teia da Vida e de todas as criaturas. Consoante explicação de Derval e Victoria Gramacho (2002):

Conta a tradição que a Mulher Aranha — Tse Che Nako, na língua hopi — teceu dois fios prateados, um ligando o Leste ao Oeste, o outro unindo o Norte ao Sul, e desta forma criou a Estrada da Vida. Depois de tecer estes fios, a Mulher Aranha cantou uma canção criando, a partir do som, as suas filhas gêmeas Ut Set e Nau Ut, que trouxeram o Sol, a Lua, as Estrelas e o movimento da Terra. Ela criou toda a vegetação, os pássaros, os animais e modelou, no barro, as quatro raças dos homens (vermelhos, brancos, amarelos e negros). Depois ela teceu uma teia mágica de amor e sabedoria e amarrou os fios prateados nas cabeças dos homens, ensinando-os que esta seria a maneira de manterem a conexão com Ela para receberem sua sabedoria espiritual. Os hopi chamam este fio de kopavi (o chakra localizado no alto da cabeça, o coronário). O homem precisa manter este ponto sempre aberto para a Deusa para que possa obter espiritualidade, criação e força vital. Foi a Mulher Aranha, que é cultuada pelos hopi como uma Deusa suprema, pois vem do tempo em que só havia escuridão, quem ensinou às mulheres a tecer e fazer cerâmica e, aos homens, como plantar e cuidar da terra. (Gramacho; Gramacho, 2002, p. 45)

Aqui, a simbologia da mulher e da aranha se unem na representação arquetípica da deusa tecelã, como um princípio feminino gerador e organizador

da vida, que possui a habilidade de transformar a matéria-prima e tecer um padrão, uma ordem para o funcionamento do todo.

A deusa tecelã também é considerada a Grande Conectora, pois sua teia integra a trama das relações, dos vínculos e nos remete ao preceito ecológico – cuja importância se faz gritante em nosso momento atual – de que somos parte de uma rede universal, onde tudo está interligado e que nossas ações reverberam no todo e retornam, de alguma forma, a nós.

Ao desenvolver o conceito de mitocrítica, Durand (*apud* Barbosa, 2009)) defende a possibilidade de se identificar e analisar o mito diretor presente em textos e obras literárias, e “estabelece que toda a ‘narrativa’ (literária certamente, mas também de outras linguagens: musical, cênica, pictural, etc.) entretém um parentesco estreito com o *sermo mythicus*, o mito” (Durand, 1995, p. 246, *apud* Barbosa, 2009).

Como vimos anteriormente, as nuances mitológicas e suas simbologias são reelaboradas constantemente no imaginário social, uma vez que essa dinâmica também é uma função psíquica arquetípica. Nesse sentido, é possível identificarmos em textos literários contemporâneos a presença de um núcleo mítico, que, de alguma forma, manifesta a simbologia contida nos mitos das fiandeiras e das tecelãs.

## **TRAÇOS MÍTICOS NA LITERATURA: UMA LEITURA DE *A MOÇA TECELÃ*, DE MARINA COLASANTI**

Como exemplo, citamos, inicialmente, o conto *A moça tecelã* (Colasanti, 2004), em que a protagonista seleciona com cuidado os fios que serão utilizados em seu trabalho no tear. O tapete vai sendo tecido por ela de acordo com os fios escolhidos ao longo dos dias, em uma espécie de dança com o destino.

Além da simbologia dos fios, o desenrolar da narrativa, a partir da condução da mulher que produz a peça, de acordo com o cenário apresentado pelo acaso do tempo, mudando constantemente sob a vontade da natureza, remete-nos à destreza das deusas fiandeiras, ao comandarem o destino, como se observa no trecho (Colasanti, 2004):

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava. Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela. Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza. (Colasanti, 2004).

Ainda ao entrelaçar os fios (Colasanti, 2004), a moça segue como a grande tecelã de sua própria realidade, criando tudo aquilo que era preciso para sua sobrevivência, a exemplo deste outro excerto (Colasanti, 2004):

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lâ cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado. (Colasanti, 2004).

A partir desse instante narrativo (Colasanti, 2004), o conto segue, agora com a presença de um marido da heroína, que, com o passar do tempo, começa a fazer exigências caprichosas à moça sobre o que ela deveria criar (Colasanti, 2004): “[...] E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.” (Colasanti, 2004).

A sequência narrativa (Colasanti, 2004), ademais, confere à mulher, representada na personagem principal, um poder sobrenatural em relação ao direcionamento da própria vida, podendo ela (res)significar toda a sua existência. A protagonista, por sua vez, começa a se sentir infeliz com as interferências do marido e a questionar sua própria criação. Então, como regente do próprio destino, ela começa a puxar os fios, desfazendo sua tessitura (Colasanti, 2004):

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela. A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu. Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte. (Colasanti, 2004).

A cronologia do conto (Colasanti, 2004) é marcada pela progressão dos períodos do dia e a ideia dos ciclos da natureza e da vida, com seus fins e recomeços. Nos mitos referidos, a metáfora da mudança de estações e da ciclicidade da roda está referenciada ao símbolo da roca, que, nas mitologias acerca das deusas Senhoras do Destino, é apresentado como objeto utilizado pelas Fiandeiras, onde são fiados os desígnios do destino.

## **TRAÇOS MÍTICOS NA LITERATURA: ANÁLISE DE *A DONA CONTRARIADA*, DE CECÍLIA MEIRELES**

No poema *A dona contrariada*, Cecília Meireles (1983) faz também alusão à ideia do tempo que passa, dos ciclos e das investidas do acaso – representado, novamente, pela ação da natureza – atrelando-a à tessitura da vida, por meio de outra arte aplicada com fios na tapeçaria: o bordado. Leia-se o trecho seguinte (Meireles, 1983):

Ela estava ali sentada, do lado que faz sol-posto, com a cabeça curvada, um véu de sombra no rosto. Suas mãos indo e voltando por sobre a tapeçaria paravam de vez em quando: e então, acabava o dia. Seu vestido era de linho, cor da lua nas areias. Em seus lábios cor de vinho dormia a voz das sereias. Ela bordava, cantando. E a sua canção dizia a história que ia ficando por sobre a tapeçaria. Veio um pássaro da altura e a sombra pousou no pano, como no mar da ventura a vela do desengano. Ela parou de cantar, desfez a sombra com a mão, depois, seguiu a bordar na tela a sua canção. Vieram os ventos do oceano, roubadores de navios, e desmancharam-lhe o pano, remexendo-lhe nos fios. Ela pôs as mãos por cima, tudo compôs outra vez: a canção pousou na rima, e o bordado assim se fez. Vieram as nuvens turvá-la. Recomeçou de cantar. No timbre da sua fala havia um rumor de mar. O sol dormia no fundo: fez-se a voz, ele acordou. Subiu para o alto do mundo. E ela, cantando, bordou. (Meireles, 1983, p. 178).

Vimos que existe um emaranhado simbólico entre os mitos das fiandeiras e das tecelãs com a arte de tecer a vida pelas deusas e o produto tecido pelas mulheres. Como uma projeção do inconsciente, a estrutura arquetípica contém um modelo cujo tema nos permite indefinidas possibilidades de associações. Uma vez que tecidos, bordados e tapeçarias são considerados documentos por já terem expressado desde motivos mitológicos a fatos históricos e cenas da vida cotidiana, essas peças são, ainda, narrativas contadas por mulheres cuja arte, muitas vezes, substituía as palavras não ditas. Por outro lado, produzir algo com palavras escritas também pode ser considerado uma atividade simbólica de tecelagem.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao discorrer sobre seu processo criativo para escrever uma obra, Ana Maria Machado (2001) percebe-se, também, como a tecelã de seu texto, conforme relato da própria escritora (Machado, 2001):

Quando estou escrevendo alguma obra de ficção mais complexa, sempre fico assim, me sentindo muito ligada a tudo que está se criando na natureza em volta de mim. Além disso, a noção de que existe uma estrutura subjacente, um projeto inconsciente segundo o qual se ordena a criação, é uma velha obsessão de quem escreve. Nem chega a haver novidade alguma em associar essa força regente a elementos de tecelagem e tapeçaria. (Machado, 2001, p. 12).



Nesse contexto, ao retomarmos a função arquetípica do mito, no sentido de expressar a experiência humana e se projetar durante os séculos por diversas áreas do imaginário social, entendemos que, de alguma forma, literatura, ficção e tecelagem são artes que simbolicamente se retroalimentam. Basta uma passada rápida em nosso vocabulário e vamos nos deparar com palavras como trama, enredo, texto, fio da narrativa e fio da questão, que fazem alusão à ideia de tecer a escrita.

Portanto, uma análise crítica sobre um texto literário possibilita identificarmos a herança mítica e sua presença, que conversam conosco, tanto por mensagens redundantes perpetuadas na literatura, quanto em atividades do cotidiano. Reproduzidas de forma inconsciente ou propositalmente articulada à narrativa mítica pelos autores, essas metáforas e símbolos ainda reverberam o legado da influência e da metamorfose mítica no mundo contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco Leandro. **Mito e literatura na obra de José Saramago**. Tese de doutorado. Araraquara, SP: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2009. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102388>. Acesso em: 09 Dez 2023.
- BRANDÃO, Jorge. **Mitologia grega**. Vol.1. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CAMPBELL, Joseph. **Mito e transformação**. São Paulo: Ágora, 2008.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. 1º ed. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4ª ed. São Paulo: VMF Martins Fontes, 2019.
- DURAND, Gilbert. **Mito, símbolo e mitodologia**. Tradução: Hélder Godinho e Vitor Jabouille. Lisboa: Presença, 1982. Coleção Clivagens.
- DURAND, Gilbert. **Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas**. Lisboa: A regra do jogo, 1983.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FAUR, Mirella. **As faces escuras da Grande Mãe**. São Paulo: Alfabeta, 2016.
- FAUR, Mirella. **Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas**. São Paulo: Pensamento, 2011.
- FRANZ, Marie-Louise V. **C. G. Jung: seu mito em nossa época**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- FRYE, Herman N. **Anatomia da Crítica**. Tradução: Pérricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

GRAMACHO, Derval; GRAMACHO, Victoria. **Magia Xamânica**. São Paulo: Madra, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. Tradução: Maria Luíza Apy. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

MEIRELES, Cecília. *A dona contrariada*. In: **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

## CRÍTICA CONTRASTIVA DA REPRESENTAÇÃO DA FIGURA MITÍCA DIONISIÁCA EM TRAGÉDIAS E EM COMÉDIAS GREGAS

*Edmar Ruvsel de Albuquerque Caiana<sup>1</sup>*

### INTRODUÇÃO

Este ensaio intenciona criticar a representação do deus Dionísio, da cosmogonia ática, nas obras *As Bacantes*, ou *As Mênades*, de Eurípedes e em *As Rãs* de Aristófanes em um estudo comparado. Para isso, alguns pensadores como Nietzsche (1872) e Carvalhal (2003) foram constitutivos em sua teoria para destacar a dialogicidade literária e edificação e figuração da figura mítica de Baco nas obras de natureza grega.

Nos períodos remotos da Grécia, o berço cultural da humanidade, trazia-se o mito e o ato religioso como uma premissa ímpar para a construção de sua sociedade, representando nas figuras divinas — rememorando sua cultura politeísta — as contradições humanas, levando-os à racionalização dos seus conflitos internos.

A mitologia ática, as histórias nucleares da obra religiosa dessa comunidade, conformam e trazem à tona a consciência do indivíduo e faz com que a realidade seja entendida ao se criar um ponto de vista comum aos contemporâneos de uma época, visando entendimento e adaptação às regras sociais de maneira orgânica e também a utilização da linguagem para perpetuar os estatutos, preceitos, princípios e normas para o grupo.

Vale enfatizar que as artes também têm um papel fático na constituição, adaptação e memória social, porquanto ressignifica a cultura de um povo e demonstra como é representado no fazer artístico os seus movimentos políticos, seus pensamentos sintonizados, no espírito da época e no acesso aos conhecimentos e métodos comunicativos que justificam seus costumes.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Português pela Universidade de Brasília (UnB). Mestrando em Literatura e Práticas sociais pela UnB. Pós-graduado em Gramática e Redação pelo Instituto de Ciências, sociais e Humanas. Professor da rede pública e privada do Distrito Federal/ E-mail: edmar.caiana@hotmail.com.

## **SOBRE A TRAGÉDIA GREGA: AS BACANTES**

Para o entendimento geral do nascimento dos gêneros da Tragédia e da Comédia grega, devemos iniciar pela proposição do que é o mito. Sobre esse tema, a autora Armstrong (2005, p.1) preconiza que os seres humanos, desde épocas primordiais, criaram mitos; pois, em sua sciência e consciência da morte, precisam de uma contranarrativa plausível para o enfrentamento da dor psicológica que os acomete em derradeira hora.

Sabendo-se disso, a busca pelo sentido faz com que nos apeguemos e construamos um além-horizonte que condense a agonia em um estado irracional que produza um potencial de logicidade para os acontecimentos vindouros e daí que temos a faculdade de criação dos mitos. Seguindo esse diapasão, é importante entender que os mitos são uma tentativa de construção narrativa história, assim como diz Armstrong:

Portanto, é um equívoco considerar o mito um modo inferior do pensamento, que pode ser deixado de lado quando as pessoas atingem a idade da razão. A mitologia não é uma tentativa inicial de fazer história e não alega que seus relatos sejam fatos objetivos. Como um romance, uma ópera ou um balé, o mito é fictício; um jogo que transfigura nosso mundo fragmentado e trágico e nos ajuda a vislumbrar novas possibilidades ao perguntar “e se?” — uma questão que também provocou algumas das descobertas mais importantes na filosofia, na ciência e na tecnologia (Armstrong, 2005. p.10).

Ao se conceber os mitos e seu papel fundamental na construção narrativa, é importante também comentar o processo da comédia e da tragédia gregas que são frutos do nascimento do culto dionisíaco, representação dos mitos na sociedade. Essa premissa, indica que os gêneros e os mitos são intrinsecamente interligados entre si - o trágico e o satírico -, de forma inegável, em sua gênese, como proposto por Brandão (2022, p.1). Para interpor esses rendimentos, devemos iniciar pelo entendimento do nascimento do próprio deus em si.

Mesmo tendo uma origem labiríntica, essa performática dos dramas psicológicos da Grécia antiga, há inúmeros trabalhos que pautam críticas e traços da construção desse gênero. Sobre a tragédia, Aristóteles (335 a.C.) imprime as seguintes palavras:

A tragédia é a imitação de uma acção elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes, que se serve da acção e não da narração e que, por meio da compaixão (eleos) e do temor (phobos), provoca a purificação (katharsis) de tais paixões (Aristóteles, 335 a.C, p.12).

Essa referência exprime bem o âmago da construção teatral desse gênero que se arroga diretamente aos sentimentos do homem, sendo o palco para a

construção das peças e fazendo o papel de contrapor a racionalidade grega que tomava conta dos pensamentos contemporâneos à época.

Nessa mesma época, o Estado e a Religião já se contrapunham em entendimento, no qual o processo êxtase proporcionado pelo culto dionisíaco colocava o homem em um estado sensorial e não racional. Essa condição causa a ultrapassagem da medida de cada um, campo explorado diretamente nas tragédias gregas por irem de encontro com o mantimento do *status quo* da pólis.

*As Bacantes*, de Eurípedes, é um exemplo cabal da estrutura da desmedida do conhecimento humano e do sentimento humano e figura a natureza original do homem: a dicotômica. A trama da peça grega fala sobre a chegada de Dioniso, em figura antropomórfica, e suas mênades, que vão à cidade de Tebas para trazer sua palavra e seus cultos no local. Em meio aos rituais báquicos, o rei Penteu, espionando as bancantes é dilacerado por sua própria mãe, inebriada, pensou que seu progenitor fosse um felino de grande porte e não sangue de seu sangue.

Nietzsche (1872), o autor prussiano, revela que essas expressões de dionísio são titânicas e bárbaras, sempre a levando para o desmesurado do deleite lírico em seu Uno-primordial, trazendo o pensamento e indo de contraponto à representação da arte apolínea da medida e plástica.

O mito dionisiano tem inúmeras variantes, mas em seu cerne, devemos entender que Dionísio é gerado em um corpo deificado, mas de uma semente híbrida humana, podendo-se assim suscitar uma natureza ambígua desde sua fundação.

Essa narrativa grega está impregnada da construção das formações contrárias, como o homem x mulher, o divino x o humano e o reinado x popular.

A figura dionisíaca é o pontapé basilar para o pensamento dicotômico e contraditório da própria natureza do deus olímpico criado entre os mortais e da visão das forças primordiais de maneira humanizada, ao trazer consigo as características terrenas a seres panteônicos, assim corroborado por Barros (2013):

Esta peça ilustra de forma exemplar a condição existencial ambígua para o indivíduo que se sente separado da natureza que o rodeia e, ao mesmo tempo, anseia por nela integrar-se e a ela retornar como parte de uma totalidade que o explica e supera. Entregar-se ao delírio (báquico) é uma forma de alcançar o esquecimento de si, ainda que temporário, e liberar dentro de si o outro, o diferente, até então desconhecido. Incestos, assassinios de todo tipo – infanticídios, regicídios, matricídios – são ingredientes recorrentes nos dramas áticos – lembremos Agamenão, Rei Édipo, Medeia; todavia, nas *Bacantes*, sobreleva-se radicalmente o insólito em um contexto em que se questiona a própria racionalidade do agir (Barros, Gilda Naécia Maciel de, 2013. P 82)

Essa ambiguidade é um tema recorrente na configuração dos textos gregos e na própria natureza. Neste tocante, presencia-se a representação do delírio e

o tecido da realidade habitando o mesmo centro, trazendo um questionamento para o contexto.

## **SOBRE A COMÉDIA – AS RÃS, DE ARISTÓFANES**

A comédia grega é a delegação da proposta chistosa e satírica dos atenienses comuns que eram representados de forma estereotipada, caricatural sem a catarse de emoções presentes nas tragédias e correspondendo a temas cotidianos, não obstante, deixando comunicar lemas morais, cívicos e filosóficos em suas narrativas.

Haja vista esse processo, podemos indicar que a comédia sempre esteve ligada diretamente às ordens sociais das pólis, pois a partir desse pressuposto poderia causar uma reflexão da sociedade grega. Puga (2022) traz em seus textos a relação de obras aristofânicas, comédia da época, com os aspectos socioculturais da organização ática:

(...) na obra *As rãs*, é possível dizer que Aristófanes dialoga com as ideias sociopolíticas e culturais de Ésquilo como intertexto, sobretudo na tragédia *Os persas* (472 a.C.), obra que aborda a derrota do exército de Xerxes I contra os gregos na Batalha de Salamina. Ésquilo enfatiza uma imprudência dos persas, na figura de Xerxes, contra a organização e prudência gregas – sobretudo sob o domínio de Atenas. Tal exaltação também é recorrente na comédia de Aristófanes, que procura dignificar a aristocracia em detrimento dos novos líderes políticos, muitos deles representando o domínio estrangeiro sobre a política ateniense (Puga, 2022. p. 146).

Dessarte, essas críticas sociais e políticas podem ser vistas na comédia *As rãs* de Aristófanes que apresenta Dionísio, deus do vinho e das festas, de forma cômica e dessacralizada e que em suas falas denuncia a crise ateniense sobre as lideranças políticas da época como alvitado por Puga (2022, p.145).

Esse texto traz consigo uma crítica à decadência de valores estéticos e psicossociais que assolavam o povo grego. A narrativa traça a perseguição de Diôniso ao tártaro, submundo das mitologias greco-latinas, de antigos e ilustres construtores de tragédias dos períodos áureos, em busca do resgate justamente dos preceitos supramencionados.

Dionísio, potência do vinho, é representado de maneira estrombólica e caricatural, como era caro ao gênero e já nas suas indumentárias trazia a dualidade perspicaz que a personagem mítica carrega em seu cerne. Ao se vestir com roupas delicadas, botas e com a pele de leão - *mímese* de seu meio-irmão Hércules - a quem ele pede auxílio por já ter feito o caminho para o Hades.

Diferentemente da deidade relatada na Tragédia *As bacantes*, que era ligado diretamente aos ritos religiosos, a narrativa de vingança e dotado de

maquiavelismo sombrio, na comédia *As rãs*, ele tem uma natureza mais festiva e praticante do seu êxtase e também se preocupa com o processo social passado em Atenas, expondo contrastes de personalidade e de intenções alegóricas de um mesmo deus, as faces flutuantes de uma moeda.

Ao trazer o mito encarnando como uma figura divina em proximidade ao homem comum, Aristófanes em sua comédia, humaniza o deífico, produzindo uma identidade conflituosa, seguindo a premissa da tragédia grega das dicotomias. Entretanto, as relações morais não vêm da personagem dionisiaca, mas sim do Corifeu<sup>2</sup>, ideando assim uma personagem com linhas éticas duvidosas e sempre fluidas, também de natureza dionisiaca e impetuosa relatada nas tragédias gregas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se pensar em uma configuração mitológica tão controversa, temos que elucubrar sobre o processo de criação e entendimento dos mitos. Armstrong (2015, p.15) indica essa separação para a dimensão humana:

Hoje separamos o religioso do secular. Isso teria sido incompreensível para os caçadores paleolíticos, para quem nada era profano. Tudo o que viam ou viviam era transparente para sua contrapartida no mundo divino. Qualquer coisa, por mais inferior que fosse, podia personalizar o sagrado. Tudo o que faziam era um sacramento que os punha em contato com os deuses. As ações mais ordinárias eram cerimônias que permitiam aos mortais participar do mundo intemporal do “todo sempre”. Para nós, modernos, um símbolo está essencialmente separado da realidade invisível para a qual chama a nossa atenção, mas o termo grego *symbollein* significa “colocar junto”: dois objetos até então distintos se tornam inseparáveis — como o gim e a água tônica da bebida. Quando contempla um objeto mundano a pessoa está, portanto, na presença de sua contrapartida celeste. Esse senso de participação no divino é essencial para a visão mítica do mundo: o objetivo de um mito é tornar as pessoas mais conscientes da dimensão espiritual que os rodeia e faz parte natural da vida (Armstrong, 2015 p.15).

Sobre esse pensamento contemplativo, pode-se perceber que o mito está sempre prescrito em dualidade. Jareski (2007, p. 215), demonstrando o contorno em Dioniso em sua natureza contraditória e capacidade de subversão da realidade como uma entidade paradoxal.

Essa figura mítica, ao mesmo tempo em que é benemérita à sociedade, por ser a patrona das musicalidades e das bebidas alcoólicas que extraem o ser humano do estado de si, também serve como alívio cômico em peças de comédia, demonstrando um tom humanizado, como visto em *As rãs* de Aristófanes e igualmente reverbera aspectos aterrorizantes macabros, quando

---

2 É o regente do coro da Grécia Antiga.

evoca o dilaceramento e a ingestão de vítimas sacrificiais, assim como visto na diegese d' *As Bacantes* de Eurípedes.

Outra configuração percebida nas diferentes obras são as representações antropomórficas e teriomórficas de Baco dualizadas nas obras. Essa configuração é totalmente escancarada na Tragédia em que, em sua forma humana vem com cabelos esvoaçantes e beleza estonteante como um avatar mensageiro de si próprio, mas em outros momentos se apresenta como figura bovina, uma de suas representações no mundo terreno, enquanto na comédia ele vem travestido e revestido com a couraça de um leão, fazendo-se assim uma exibição mais humana de sua figura, pautando-se na representatividade pela indumentária e por conseguinte, de contorno menos celeste e maravilhoso.

Em suma, é cabal que a percepção da figura dionisiaca, seja na tragédia, seja na comédia ática é de dualismo e dicotomia. Essa personalidade pertencente à cosmogonia grega sempre se configura em um limiar celeste e terreno, entre uma figura zoomórfica e antropomórfica, entre a força de deidade e de sentimentos humanos como inveja e vingança. Assim, o conspecto desse ser é figurar na representação da qualidade dupla do ser humano e nas deidades e permear entre os diferentes gêneros gregos de maneira comparativa e ambivalente.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Ars Poética, 1992.

ARISTÓFANES. *As rãs*. Tradução de Américo da Costa Ramalho. Coimbra: Edições 70, 2008.

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARROS, Gilda Naécia Maciel de. *As Bacantes - a face humana do irracional*. **Educação & Linguagem**. v. 16 • n. 2 • 77-98, jul.-dez. 2013.

BRANDÃO, Junito de Souza. 2022. **Teatro grego: tragédia e comédia**. 13. ed. Petrópolis: Vozes.

CARVALHAL, Tania Franco. **O próprio e o alheio: Ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

EURÍPIDES. *Alceste*. **Andrômaca**. Íon. *As Bacantes*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira e Maria de Fátima M. Machado. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1973.

JARESKI, Krishnamurti. Os Paradoxos de Dioniso n'As Bacantes de Eurípedes **Contexto - ano XV**. Rio de Janeiro: 215-236 - n. 14 - 2007.

KERÉNYI, **A mitologia dos gregos - A história dos deuses e dos homens** (Vol.I). Petrópolis: Vozes, 2015.



NIETZSCHE, Friedrich Wilhetm. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e o pessimismo**; tradução, notas e posfácio J. Guinsburg, - São Pauto, Companhia das Letras, 1992.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. São Paulo: USP, 2000.

PUGA, Dolores. O teatro ateniense como cenário para as facções políticas: uma disputa de poder na comédia *As rãs* de Aristófanes (405 a.C.). **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**. São Paulo, 17 (4): 132-162, out./dez. 2022.

## A SIMBOLOGIA DA ÁGUA NA ARTETERAPIA: EXPLORANDO CONEXÕES TERAPÊUTICAS E SIGNIFICAÇÕES ESPIRITUAIS

*Elizabeth Adelaide da Silva<sup>1</sup>*

*Dirce Maria da Silva<sup>2</sup>*

“Assim como precisamos estar sempre perto da água, seja por necessidade (para beber, lavar, crescer) ou por prazer (para brincar, relaxar diante dela, navegar), também devemos estar sempre perto da arte, em todas as encarnações, das frívolas às essenciais. Se não for assim, secamos” - Yann Martel - Autor de “A Vida de Pi”.

### INTRODUÇÃO

A Arteterapia emprega técnicas artísticas como ferramentas terapêuticas para auxiliar indivíduos que buscam um maior entendimento de si mesmos, procurando promover bem-estar e equilíbrio. Ângela Philippini, em “Universo Junguiano em Arteterapia”, explica que:

Na Arteterapia com abordagem junguiana, o caminho será fornecer suportes materiais adequados para que a energia psíquica plasme símbolos em criações diversas e as produções simbólicas retratam a *psique* em múltiplos estágios, ativando e realizando a comunicação entre inconsciente e ego (Philippini, 1995, p. 4-11).

Nesse sentido, “os materiais são considerados amplificadores da prática terapêutica, pois auxiliam na percepção e na reorganização interna dos

---

1 Arteterapeuta. Pós-Graduada em Arteterapia, Educação e Saúde (Especialização); Pós-Graduada em Musicoterapia com ênfase em Práticas Integrativas na área da Saúde (Especialização). Graduada em Estudos Sociais com habilitação em História (Licenciatura Plena pela UPIS/DF). Servidora pública da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, com atuação concomitante nas Práticas Integrativas de Saúde, desenvolvendo ações juntos à comunidade com Arteterapia e Musicoterapia. E-mail: betaadelaide@hotmail.com.

2 Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit/TEL/UnB). E-mail: dircem54@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>.

sentimentos, segundo configurações de estruturação espacial e objetivo da sessão terapêutica” (FUSSI, 2020).

O uso da água, na Arteterapia, permite que os participantes explorem emoções, experiências e simbolismos de maneira subjetiva, por que sua natureza fluida é terapêutica, podendo facilitar a liberação de tensões e bloqueios emocionais, adicionando dimensão mais espiritualizada à expressão artística.

A água é elemento frequentemente associado à espiritualidade, desde tempos imemoriais. No campo do sagrado, na obra intitulada “O mito do Eterno Retorno: Arquétipos e Repetição”, Mircea Eliade (1990) explica sobre a importância ancestral que a água sempre desempenhou em tradições culturais diversas: “a água sempre foi vista como símbolo universal de purificação, renovação e regeneração espiritual, de revelação e conexão com o Divino.”

Entendemos “espiritualidade” como um conceito amplo, referente à experiência pessoal de busca de significados, propósitos e conexões, numa abordagem que correlaciona transcendência, valores, ética e compreensão *de si* e da existência, e que pode ou não estar vinculado a religiões específicas.

Por conseguinte, um trabalho no escopo da Arteterapia, de abordagem espiritual ampliada, pode envolver a exploração de questões fundamentais sobre o significado da vida, identidade, propósito e destino. Por vezes, pode-se estar em busca de respostas para perguntas como “Quem sou eu?” e “Por que estou aqui?”.

Por conseguinte, um momento de maior elevação, muitas vezes, inclui a ideia de transcender o mundo material e experimentar um reino ou estado de existência que vai além do plano físico, o que pode ser alcançado por meio da meditação, da musicoterapia, da respiração profunda, de conexões com elementos da natureza.

A beleza e a complexidade dos elementos naturais, frequentemente evocam senso de admiração, humildade, paz e conexão com o Cosmos. Nesse sentido, a expressão artística criativa é via proveitosa de exploração da dimensão espiritual, por que a criação artística permite a comunicação direta com as emoções e seus significados.

Phlippini (1995) esclarece que “a Arteterapia reflete sobre a possibilidade de construir, expandir e multiplicar espaços de criação, a princípio internos, depois materializados externamente, em formas expressivas”.

Nesse mesmo sentido, de acordo com Fussi (2000), na Arteterapia os materiais e elementos desempenham uma linguagem peculiar própria, que servem para o encontro analítico, com base na aprendizagem da significação do agir, feito pela contextualização sensível das possibilidades, pois o modo como é sentida a influência do material, corresponde à forma pela qual os afetos são projetados.

Por conseguinte, o presente texto objetiva trazer uma reflexão sobre a importância do uso terapêutico da água na Arteterapia, de forma a incentivar que os participantes investiguem suas emoções, experiências, percepções e representações interiores, subjetivas, por meio da construção de expressões criativas com a utilização da água, desenvolvendo comunicação mais fluída com as emoções, ampliando a conexão com a natureza sagrada e natural.

## **COSMOGONIAS AQUÁTICAS E SIMBOLISMOS ESPIRITUAIS**

O simbolismo da água está profundamente enraizado na cultura humana desde tempos imemoriais e é uma parte importante de várias tradições culturais e religiosas em todo o mundo. A água é um elemento universalmente significativo, cuja variedade de simbolismos perpassa pela purificação, renovação, regeneração espiritual, revelação e conexão com o divino.

Na obra, Tratado de “História das Religiões” (2008), Mircea Eliade dedica o capítulo “Simbolismo e História” ao elemento águas, destacando o uso dele pelas religiões, dentre elas o cristianismo, explicando Imagens, símbolos e rituais, como o batismo e o dilúvio, nas cosmogonias aquáticas.

Eliade explica que o simbolismo das águas tem desdobramentos anteriores ao cristianismo, e, apesar de suas ressignificações com o passar do tempo, a presença de seu sentido primordial, como mito de origem, permanece.

Ao explicar a presença de passagens bíblicas, como a narrativa do dilúvio na obra “Deus: Uma Biografia” (2015), Jack Miles esclarece que “análises históricas revelaram semelhanças entre a mesma narrativa da Bíblia e um mito equivalente na Babilônia, com as semelhanças abrangendo não apenas a estrutura geral da história, mas também uma série de detalhes essenciais”.

Conforme Miles, o mito babilônico se diferencia, ao introduzir a presença de diversos deuses, como a representação da figura de Marduque, um deus que confronta outra divindade aquática caótica, Tiamat. O confronto épico dá início ao dilúvio, e, enquanto um deus o começa, outro deus põe fim a ele. Logo, as diferentes versões da antiga história israelita sobre o dilúvio representam uma adaptação monoteísta de uma história originalmente politeísta (Miles, 2015, pp. 61-62).

### **Um Mito do Povo Parakanã**

Os Parakanãs, grupo indígena Tupi-guarani que habita entre os rios Tocantins e Xingu do Brasil, no Sudeste do Pará, narram o surgimento do seu povo através do mito do dilúvio:

*“Há muito tempo, no começo do mundo, seu povo estava reunido, dançando e cantando em uma grande festa. Quando estavam cansados, foram para as redes e pediram*

*que as mulheres não fizessem barulho. Uma delas desobedeceu, elas se zangaram e provocaram, através de poderes xamânicos, uma grande inundação. Se salvaram, fazendo uma das casas voar com toda a tribo, mas atiraram nas águas a mulher que provocou a ira dos homens, responsabilizando-a pela inundação. Dois irmãos, que estavam na mata colhendo resina e penas para enfeitar o corpo, subiram em um pé de bacaba (árvore nativa da Amazônia) e apenas um se salvou. Este, com a ajuda dos animais, conseguiu secar as águas. Vivendo na mata, encontrou uma mulher, a mesma que havia sido atirada nas águas, e que foi salva pelos animais. Eles se casaram e deram início à etnia Parakanã”* (Silva, R. C. A., 2001).

Entende-se, nesse sentido, conforme Mircea Eliade, que os mitos funcionam como sistemas dinâmicos de símbolos e arquétipos que contam uma narrativa sagrada, relatando eventos que ocorreram no *tempo primordial*, isto é, o período fabuloso do começo. O mito abrange palavras, imagens e gestos que situam esses eventos no âmago da experiência humana (Eliade, 1972, p. 11-13).

Também no mesmo sentido, nos mitos heroicos, a água frequentemente desempenha papel associado ao nascimento ou renascimento. Conforme Mircea Eliade há exemplos notáveis na Literatura, como o mito de Poseidon, considerado o Deus das Águas pelos gregos e Netuno pelos romanos.

Poseidon é representado como um homem barbado segurando um tridente, que ele usava para governar o mar e separar pedaços de rocha. A água e os terremotos eram meios pelos quais ele exercia vingança, mas também podia assumir caráter cooperativo, amistoso, em certas circunstâncias.

A água nos envolve desde a concepção uterina. Ela é o *elemento-fonte*, primordial, onde habitamos antes do nascimento. Ela é fluida, em mudança constante. Vai das grandes turbulências à calmaria. Remete-nos ao fluxo da vida com suas mutações e transformações. Ela purifica e limpa, harmoniza e reflete a nossa essência mais profunda, em sua superfície, e ensina-nos a lidar com a força das nossas emoções. Conforme Ribeiro (1995),

Por sua energia receptiva, a água está intimamente ligada à lua e ao feminino, representa o eterno movimento, o vir a ser, a totalidade das virtualidades, germe dos germes, fonte e origem de todas as formas de existência. Sabemos que ontologicamente e filogeneticamente, a vida começa na água e conecta o concreto ao simbólico (Ribeiro, 1995, p. 2).

De acordo com Blofeld (1988),

A natureza da água é submissa, mas conquista tudo. A água conquista submetendo-se, nunca ataca, mas sempre ganha a última batalha. A água cede passagem para os obstáculos com uma humildade enganadora, pois nenhum poder pode impedi-la de seguir o seu caminho traçado rumo ao mar (Blofeld, 1988, p.110-111).

Assim, a energia da água revela a natureza dos sentimentos e emoções, que estão sempre parcialmente conscientes, por que, por mais límpida que seja a água, a sua transparência não é perfeita, e pode produzir imagens distorcidas.

### **O Simbolismo da Cabaça: Reservatório de Tradições e Espiritualidades**

**FIGURA 1 – CALABAÇAS**



**Acervo: Elizabete Adelaide, 2020.**

Da família botânica “Cucurbitaceae”, com nome científico de “Lagenaria siceraria”, a cabaça é uma trepadeira da mesma família da abóbora. As cabaças possuem formatos e tamanhos diversificados e algumas podem chegar a mais de um metro de comprimento. Ela cabaça desempenha um papel importante como recipiente sagrado, simbolizando a relação entre o ser humano, a água e o divino, sobretudo nas religiões e tradições culturais no Norte e Nordeste do Brasil.

Também conhecida como “cuia”, além da importância doméstica, a cabaça é utilizada, desde os tempos imemoriais, em cultos e práticas ligados

a tradições religiosas africanas e brasileiras como o Candomblé e a Umbanda, respectivamente, e indígenas, para transportar as oferendas a divindades e orixás.

Sua forma arredondada é vista como um símbolo da integridade e da continuidade da vida. Nesse contexto, a cabaça pode ser decorada e pintada, de acordo com os símbolos e cores associados a divindades específicas, tornando-se um objeto sagrado e ritualístico. Essas decorações e cores têm significados específicos em cada tradição religiosa.

Em tradições indígenas, a cabaça também é usada em rituais de cura, purificação e conexão com a natureza. Acredita-se que ela contenha poderes espirituais e seja capaz de transmitir as bênçãos da água aos que a utilizam.

Quanto ao uso de materiais naturais e diversificados no “setting” de Arte-terapia, Philippini nos explica que,

Uma dentre as inúmeras formas de descrever o que é mesmo Arteterapia, será considerá-la como um processo terapêutico que ocorre por meio da utilização de modalidades expressivas diversas. As atividades artísticas utilizadas configurarão uma produção simbólica, concretizada em inúmeras possibilidades plásticas, diversas formas, cores, volumes, etc. Esta materialidade permite o confronto e gradualmente a atribuição de significado às informações provenientes de níveis muito profundos da *psique*, que pouco a pouco serão apreendidas pela consciência (Philippini, 2013, p. 11).

No Brasil, a planta possui nomes populares diversos, que variam de acordo com a região. Ela pode ser chamada por outras designações como: porongo, coité, cabaça-amargosa, taquera, entre outras acepções oriundas de histórias de concomitâncias junto ao homem (Bastos, 2010, p. 34). Conforme Bastos,

A cabaça é representada em desenhos, pinturas, esculturas, literatura, versos e “causos”, cinema e teatro. Sugere sua forma para outros materiais, como para a cerâmica, a madeira, o vidro, a porcelana, os metais e até mesmo, bolhas de sabão. Poderes mágicos são atribuídos à cabaça, na qual as aberturas oferecem um portal de entrada para um mundo diferente, pertencente a outro espaço. Além de passagem, muitas vezes está ligado à imagem da mulher, à fecundidade e ao útero feminino (Bastos, 2010, p. 19; 45).

A cabaça é um fruto que nasce e se desenvolve no chão, numa simbiose com a própria terra. Para ilustrar de forma poética nossa homenagem ao princípio gerador, à mãe-terra, apresentamos abaixo um poema de Paula Chiziane (1955), escritora moçambicana, que diz,

“Comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida.  
Da mulher emana a força mágica da criação.  
Ela é abrigo no período de gestação.  
É alimento no princípio de todas as vidas.  
Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra.”

Nesse sentido, a cabaça, por sua semelhança com a Terra, representa também a simbologia do ventre e, na cultura africana ela se divide em duas partes: a metade superior representa “Orún”, o plano da existência divina, e o “Aiyé”, na metade inferior, o plano da existência terrena, o que nos reporta à dicotomia corpo-mente.

Então, o processo terapêutico configura-se como uma forma de “conceber”, “gestar” e ampliar possibilidades de autoconhecimento, de estudo e de existência no mundo. Nesse sentido, o fruto da cabaça, para as culturas de matriz africana, como a “Iorubá” (língua nígero-congolesa), remete à ideia de alimento da alma.

Não podemos esquecer que, durante nossa concepção e geração, permanecemos dentro de uma bolha água, sendo construídos, aconchegados, sendo desenvolvidos, numa alquimia espírito/matéria, quando dali fomos “desencantados” por nossas genitoras.

A água nos remete, então, de forma permanente, às emoções, sentimentos, à nossa origem, à concepção, ao nascimento, ao feminino, aos movimentos circulares, às curvas do corpo feminino, à expansão. Ela lembra-nos flexibilidade, fluidez, frescor e relaxamento. A dimensão do feminino nos permite acolher, germinar, gerar e nutrir novas propostas, projetos. Fonte de vida, a água é centro de regenerescência e meio de purificação (Chevalier e Gheerbrant, 2003).

## **ALQUIMIA E REPRESENTAÇÕES ARQUETÍPICAS**

Na obra de Jung, o arquétipo água<sup>3</sup> é elemento presente, especialmente em “Tipos Psicológicos, Psicologia e Alquimia” (1994). Conforme Jung, o arquétipo da água está relacionado à psicologia e à alquimia de várias maneiras.

A água representa a capacidade de adaptação, a profundidade do inconsciente e a conexão com as emoções. Jung acreditava que a água era um símbolo arquetípico de processos psicológicos como a transformação, a purificação e a regeneração.

De acordo com Jung, cada um dos quatro elementos (água, terra, ar e fogo) está relacionado com as funções psicológicas específicas e com operações alquímicas. Segundo Jung,

---

3 O termo “arquétipo” tem origem na psicologia analítica de Jung. O conceito é utilizado em várias áreas, incluindo psicologia, literatura, mitologia e religião. Um arquétipo é um padrão universal, inato e atemporal de pensamento, comportamento e emoção que está presente no inconsciente coletivo da humanidade. Eles são considerados formas primordiais e simbólicas que se repetem ao longo da história e são compartilhadas por todas as culturas (Chevalier e Gheerbrant, 2013).



**Água:** Representa a função do sentimento e está associada às emoções, à empatia e à intuição. Ela simboliza a profundidade do inconsciente e a capacidade de compreender os aspectos mais profundos da psicologia humana.

**Terra:** Corresponde à função do pensamento e está relacionada à lógica, à razão e à estabilidade. Ela representa a capacidade de lidar com questões práticas e concretas.

**Ar:** Está ligado à função da intuição e está associado à criatividade, à imaginação e à abstração. Representa a capacidade de ver conexões mais amplas e compreender conceitos abstratos.

**Fogo:** Refere-se à função da sensação e está relacionado à ação, à energia e à paixão. Ele simboliza a capacidade de estar presente no momento e de agir de forma enérgica (Jung, 1994; **Grifos Nossos**).

Dessa forma, a relação entre os elementos naturais e as funções psicológicas é uma parte importante da teoria de Jung e fornece uma estrutura para entender a diversidade dos tipos de personalidade e o funcionamento da mente humana. Jung acreditava que a exploração desses símbolos arquetípicos e dos elementos naturais poderia levar a uma compreensão mais profunda do eu e do inconsciente.

Também no livro “Memórias, Sonhos e Reflexões” (1975), Jung explora o arquétipo da água, descrevendo o mar como uma grandiosidade cósmica que impõe silêncio e simplicidade. Ele compara o mar à música, capaz de evocar todos os sonhos da alma. A beleza e magnificência do mar vêm do fato de nos levar às profundezas férteis de nossa própria alma, onde nos confrontamos e nos renovamos, trazendo vida ao deserto melancólico do mar (Jung, 1975, p. 316).

Nesse contexto, o arquétipo da água, considerado um dos quatro elementos, simboliza a esfera dos sentimentos, com as ondas do mar representando o movimento dessas emoções.

A poesia do mar é maternal, e a imagem da água, refletindo corpo e alma, oferece ao indivíduo um profundo senso de plenitude, como enfatizado por Fernando Pessoa em seu livro “Em Quadras ao Gosto Popular”: “Água que passa e canta, é água que faz dormir... Sonhar é algo encantador, pensar é não mais sentir.”

O arquétipo da água também desempenha papel significativo na alquimia, estudada por Jung por mais de 15 anos. A partir de suas pesquisas, Jung elevou a alquimia a um nível psicológico de busca da singularidade.

De acordo com a compreensão de Jung, a alquimia é caminho para estabelecer conexão psicológica entre terapeuta e cliente. Isso ocorre seguindo os passos da alma, que iluminando os aspectos obscuros, objetiva de alcançar a regeneração humana divina e atingir a essência, que é o amor.

Os principais elementos da transformação alquímica envolvem operações expressas em linguagem metafórica alquímica, buscando criar estados de

transformação da alma. Essas operações são conhecidas como “*calcinatio, solutio, coagulatio, sublimatio, mortificatio, separatio e coniunctio*”.

Para Jung, a alquimia, como símbolo transformador de energia com propriedades curativas, está em contínuo processo de dissolução e coagulação, que representa o ciclo evolutivo de expansão da consciência que representa o processo de morte e renascimento.

Conforme Jung, a operação conhecida como “*solutio*” está ligada ao elemento água, transformando um estado sólido em líquido, permitindo a absorção e dissolução desse estado sólido para possibilitar as transformações necessárias. Isso pode ser relacionado a períodos de seca, a aspectos psicológicos que se encontram estagnados e a padrões que requerem mudança.

A “*solutio*” envolve o choro, a purificação emocional e a lavagem das emoções. Em contrapartida, a “*coagulatio*” simboliza a concretização de algo novo, promovendo a transformação (Jung, 1994).

Dessa forma, conforme Jung, a psicoterapia promove a “*individuação*” e a busca por uma dimensão transcendente, oferecendo caminhos criativos para a integração do ego com o “*self*”, num processo contínuo de dissolução e coagulação, com particular ênfase no papel do elemento água.

Nesse processo, as angústias e aflições da alma vão passando por modificações, tornando-se mais compreensíveis e ressignificadas.

## ARTE E EXPRESSIVIDADE

Conforme Capucho (2020), a expressividade na Arteterapia envolve o uso da arte como ferramenta terapêutica para a expressão e exploração de emoções, pensamentos e experiências.

De acordo com Carvalho (2011), a expressão humana é canalizada por meio da arte, que atua como ferramenta simbólica de comunicação, originada tanto da intuição quanto da observação do consciente e inconsciente, das emoções e do conhecimento, do talento, da habilidade técnica e da criatividade.

Anda nesse sentido, conforme Andrade (2000), a arte é notória por desempenhar uma função simbólica, criando representações que são “*substitutas da vida*” e nunca meras descrições da realidade. Por meio da arte, o ser humano consegue se expressar e, ao mesmo tempo, atribuir significados à sua existência, na busca por equilíbrio com o mundo ao seu redor. A arte revela-se uma conexão profunda entre o ser humano e o universo.

Em diferentes períodos da história, a arte serviu a diversos propósitos. Às vezes como expressão subjetiva, desempenhando função mágica, ao se aproximar do mistério e ser seu veículo, e em outras ocasiões como manifestação de racionalidade, capaz de criticar ou celebrar aspectos diversos da vida (Eliade, 1990).

De acordo com Andrade (2000), desde os tempos do teatro grego, por meio de diferentes níveis de identificação, a plateia experimenta a liberação de sentimentos e emoções, de forma catártica.

Assim, nas diversas formas de expressão artística, percebe-se que não é somente o artista que organiza seu mundo interior e o comunica por meio de simbolismos (na forma de uma obra de arte), mas também o público tem a oportunidade de lidar com suas próprias emoções.

Em qualquer grau de envolvimento em uma apresentação artística, o indivíduo pode colher benefícios terapêuticos, pois a arte desempenha um papel fundamental na capacidade do ser humano de compreender e modificar o mundo, situar-se nele e se envolver com elementos mágicos intrínsecos.

Por conseguinte, Jung tem impacto significativo no campo da Arteterapia devido às suas teorias sobre o inconsciente, os arquétipos e a importância da expressão simbólica na psicologia. A influência de Jung fundamenta a compreensão de que a arte pode servir como uma ponte para o inconsciente e uma forma poderosa de autoexpressão e crescimento pessoal (Jung, 1964; Silva, E. A., Silva, D. M. e Portela, E. N., 2023, p. 43)

Jung acreditava que a mente humana é composta por diferentes camadas, que incluem o consciente e o inconsciente. Ele via a expressão simbólica como aquelas encontradas em sonhos, arte e mitos, como maneiras de acessar o inconsciente e entender aspectos ocultos da *psique*.

Dessa forma, a Arteterapia incorporando essa ideia, incentivar os pacientes a se expressarem através de meios artísticos, permitindo que surjam símbolos e imagens que reflitam seus estados emocionais e pensamentos profundos.

Dentre outros renomados autores, contribuíram sobremaneira para o campo da Arteterapia, o pediatra e psicanalista britânico Donald Winnicott, por meio de suas ideias sobre a importância do “espaço transicional”, conceito que explica que a arte fornece um espaço seguro em que a pessoa pode ser criativa, explorar sua identidade e expressar seus sentimentos, alinhando-se, dessa forma, à abordagem da Arteterapêutica, que valoriza a criação artística como um meio de exploração do emocional.

No mesmo sentido, a filha de Carl Rogers, Natalie Rogers, trabalha com abordagem centrada no cliente, por meio da arte. Ela integra os princípios da terapia centrada no cliente, de seu pai, com a expressão artística, enfatizando a importância de criar um ambiente de apoio e aceitação para o paciente explorar sua criatividade e suas emoções.

## **MATERIAIS EXPRESSIVOS**

### **Os “Materiais Molhados”**

Os materiais têm uma linguagem própria e servem para o encontro analítico como base na aprendizagem da significação do agir com o outro, feito pela contextualização sensível das suas possibilidades. O modo como é sentida a influência do material corresponde à forma pela qual os afetos são projetados (Fussi, 2020; Philippini, 2009).

Os materiais molhados na Arteterapia referem-se a qualquer material ou meio que envolva líquidos ou que possa ser manipulado enquanto está úmido ou molhado. Eles são frequentemente utilizados na prática arteterapêutica.

Alguns exemplos de materiais molhados incluem: tintas aquarela, tintas acrílicas líquidas, aquarelas em lápis ou pastilhas, tintas de guache, papéis de aquarela, colagens com cola branca diluída, materiais de textura úmida, técnicas de encharcamento, dentre outros.

O uso de materiais molhados na Arteterapia permite que os participantes explorem uma variedade de expressões artísticas que facilitam a expressão emocional, a catarse, limpeza emocional e acesso ao inconsciente. Isso se dá por que os materiais aquosos promovem maior conexão com a natureza, dando abertura à Intuição e facilitando o meio para a expressão emocional, e, como consequência o acesso ao inconsciente na exploração de questões pessoais. Por sua fluidez e textura, eles podem ajudar os clientes a se conectarem com sua criatividade, emoções e espiritualidade, promovendo o bem-estar emocional e psicológico mais facilmente (Fussi, 2020; Philippini, 2009).

Philippini explica que o manuseio de certas substancialidades provoca o confronto com a vontade pessoal. Essa interação atrai para o campo da consciência e consequente da autocompreensão.

Esse conhecimento é alcançado na presença de imagens criadas pela via da intuição (percepção sensível) no nível do inconsciente, estabelecendo conexão entre a tonalidade afetiva (de uma imaginação ativada), com as amplificações (associações) surgidas, segundo a diversidade de consistências oferecidas.

Conforme Jung (2000), Philippini (1995) e Fussi (2020), a estrutura dos materiais serve como atalho ao processo analítico, porque encurta as distâncias temporais entre as experiências passadas e as possibilidades futuras de cada individualidade, de cada cliente/paciente.

Por conseguinte, no contexto da Arteterapia, a água pode ser usada como material expressivo de formas diversas. A técnica da “aquarela”, guache (tinta a dedo ou têmpera), anilina, etc., está no escopo dos “materiais molhados”, isto é, todos aqueles que possuem a essência de serem fluidos e liquefeitos, como as

tintas, que pela qualidade neles implicada, são meios preferenciais às liberações das emoções.

Isso ocorre por que a característica fluídica traz em si dificuldades de controle e pode apresentar oscilações afetivas entre estados de tensão e de alerta. Os materiais molhados têm, assim, a propriedade de estimular a sensorialidade e a concentração, permitindo maior mergulho na subjetividade.

A pintura com aquarela envolve a aplicação de tintas diluídas em água, para uso em papel especial. A água permite que as cores se misturem de maneira suave, criando uma gama de tons e texturas. Isso permite aos participantes expressarem suas emoções de maneira não linear e intuitiva.

A “técnica de marmorização”, por sua vez, envolve a flutuação de tintas sobre a superfície da água e a criação de padrões únicos antes de transferir a imagem para o papel ou outro suporte. Essa técnica é frequentemente usada para criar imagens abstratas e simbólicas que podem refletir sentimentos e estados emocionais.

Já, “esculpir em gelo derretido” ou criar formas com gelo permite que os participantes explorem a impermanência e a transformação, auxiliando a liberação de tensões e emoções em um meio que está destinado a desaparecer.

A combinação de água e areia em recipientes de vidro pode ser usada para criar paisagens e cenários simbólicos. A manipulação desses elementos ajuda os participantes a expressarem sentimentos e a construir narrativas pessoais.

No “banho de som”, a imersão em água pode ser usada para criar uma experiência sensorial relaxante e para conectar-se com o elemento água de uma maneira mais direta. A música ou sons podem ser incorporados para aprofundar a experiência.

Nas “narrativas de viagem pela água”, a água é frequentemente associada a jornadas simbólicas, e os participantes podem criar histórias ou narrativas pessoais que envolvam a água como um elemento de transformação ou exploração interior.

E na “exploração de sonhos e subconsciente”, a água é muitas vezes usada como um meio para explorar os elementos do subconsciente e dos sonhos. Desenhar ou pintar imagens de sonhos ou memórias relacionadas à água pode ser uma forma eficaz de autoexpressão.

Nas representações alquímicas dos quatro elementos fundamentais, cada um deles possuem associações simbólicas e espirituais. A água é frequentemente relacionada à transformação e à renovação.

Nesse sentido, os temas alquímicos se conectam à busca pela individuação, conforme conceito oriundo da Psicologia Analítica.

Nesse sentido, conforme afirma Nise da Silveira (1981), em seu estudo “Jung: Vida e Obra”,

A “arte” alquímica seria a projeção sobre a matéria de processos em desdobramento no inconsciente, que, vivenciados pelos alquimistas, continuam a acontecer no presente, segundo o simbolismo que os sonhos de homens e mulheres contemporâneos deixam entrever (Jung, 1990; Silveira, 1981, p. 16).

Então, na Arteterapia, o ato de trabalhar com a água, como na pintura com aquarela, também pode representar a busca de limpeza espiritual e renovação interior.

A água está em constante movimento, fluindo e transformando-se. Isso pode ser uma metáfora para a vida e o crescimento pessoal. Sabemos que muitas tradições espirituais veem a água como uma ligação entre o mundo material e o espiritual. Nesse sentido, através da arte com água, os indivíduos podem explorar sua conexão com a natureza e o divino, buscando compreensão mais profunda de sua espiritualidade.

Além disso, as histórias e mitos relacionados à água em diferentes culturas podem ser usados como fonte de inspiração na Arteterapia. Além disso, os clientes podem criar obras de arte que reflitam suas próprias narrativas e mitologias pessoais, usando a água como elemento central em suas histórias.

Conforme Jung, a sensação é uma percepção sensorial que consiste em todas as experiências conscientes produzidas pelos órgãos dos sentidos: visões, ruídos, cheiros, paladares e todas as sensações que se originam no interior do nosso corpo. Esta função é ligada com o “Aqui e Agora”. Por conseguinte, os materiais molhados, a exemplo dos citados, possuem a capacidade de liberar emoções específicas por meio de seu contato.

Conforme Bittencourt (2014), o contato com materiais molhados ajuda a ativar emoções e sentimentos, pois exigem maior concentração no processo. Tintas que possuem água, como o guache e a técnica da pintura a dedo, “enquanto fluem, fluem também as emoções e sentimentos mais abrangentes. A função libertadora do meio aquoso induz o movimento de soltura, de expansão, trabalhando o relaxamento dos mecanismos de defesa e controle”.

Para Bittencourt, a aquarela criando um efeito fluido e espontâneo na pintura, permitindo que os pacientes se expressem sem a necessidade de habilidades artísticas avançadas, promovendo conexão direta com suas emoções e processos internos, porque no contexto da Arteterapia, as pinturas são meios reveladores de modos vivenciais marcantes, presentes nas necessidades arquetípicas.

Coutinho (2013) afirma que em sua pesquisa de Arteterapia com crianças, “a tinta costuma ser um material que provoca a liberação de afeto”. De modo diverso dos materiais mais secos, “a água não permite tanto controle, fazendo emergirem emoções diversas com seu uso”. O autor enfatiza que,

As emoções são abstratas e em alguns momentos somente as palavras não conseguem expressá-las, sempre deixando a sensação de que “existe algo mais profundo que não sei dizer o que é”. Através da criação, experimentarmos o nosso dia a dia, nos auxiliando a identificar pensamentos e comportamentos disfuncionais, além de perceber nossas habilidades em sentir as emoções. Quando identificamos as nossas emoções, nosso funcionamento, no momento da criação, é possível sair do automático, e o desconforto emocional pode ser melhor trabalhado e elaborado (Coutinho, 2013).

A fluidez então facilita na superação de limites, promovendo paciência, atenção e concentração, dentre outros aspectos. Nesse sentido, o encontro entre a Arteterapia, a alquimia e a água promovem abordagem fundamental nos processos terapêuticos, permitindo a exploração de aspectos simbólicos profundos da *psique* humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Arteterapia a água é frequentemente usada como um meio de expressão, permitindo que os indivíduos explorem seus processos internos de maneira simbólica e intuitiva.

A água na Arteterapia não se limita ao seu aspecto físico, ela é ferramenta simbólica com potencialidade expressiva ilimitada, que permite aos indivíduos a exploração de questões emocionais, pessoais e espirituais, de forma criativa, leve, natural, por meio de seu generoso histórico de simbolismos, operando como um meio eficaz para a expressão artística.

Com a água, o cliente/paciente pode explorar sua jornada interior de forma agradável. A água simboliza a fluidez e a transformação da *psique*, enquanto os princípios alquímicos da purificação se alinham com o processo de individuação, de acordo com Jung.

Nesse sentido, o contexto da Arteterapia proporciona uma plataforma segura para essa exploração, permitindo que os participantes expressem e possam compreender melhor aspectos inconscientes *de si*.

De acordo com Ângela Philipini (1995), podemos ver a Arteterapia como um grande caldeirão alquímico, em que histórias individuais podem ser transformadas em processos de autoconhecimento e alegrias ao final.

É importante ressaltar que a dimensão espiritual é bastante pessoal e varia significativamente entre os indivíduos. A espiritualidade não requer afiliação religiosa ou crenças específicas. As pessoas podem abraçar a dimensão espiritual em suas vidas, independentemente de tradições religiosas.

A busca de sentido e conexão com a natureza é parte fundamental da experiência humana e pode ser fonte de enriquecimento pessoal, bem-estar emocional e compreensão mais profunda do existir.

A ideia do “sagrado” não está necessariamente ligada ao religioso, pode ser interpretada de forma pessoal e individual. Para Mircea Eliade, filósofo pesquisador e historiador das religiões, “o sagrado é uma dimensão transcendental que vai além do mundo profano e mundano.”

Eliade argumenta que a experiência do sagrado/espiritual/individual, pode ocorrer em várias situações e locais, não apenas nos contextos religiosos tradicionais. Para ele, o sagrado/individual/espiritual, pode ser encontrado em momentos e lugares especiais que quebram a monotonia da vida cotidiana. Isso pode incluir rituais religiosos, mas também experiências pessoais, como a contemplação da natureza, a arte, a música e a literatura.

Nossa esperança é que os sentimentos suscitados pela arte nos ambientes terapêuticos conduzam à autoconsciência, frutifiquem e se multipliquem em conforto e alegrias.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Liomar Quinto. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vector, 2000.
- BASTOS, Moira Anne Bush. **Poética da Cabaça: fruto de tradição, arte e comunicação** / Moira Anne Bush Bastos. - São Paulo: [s.n.], 2010. 192 p.; il.
- BITTENCOURT, Danielle. **Diagnóstico intervencionista em arteterapia: dinâmicas psicoartísticas e criatividade expressiva**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 1ª edição, 2014.
- BLOFELD, John. *The Wheel of Life*. Shambhala Publications, 1988.
- CARVALHO, Daniela de; MARTINS, Souza. **Arte-Terapia e as Potencialidades Simbólicas e Criativas dos Mediadores Artísticos**. 2012. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Lisboa Faculdade de Belas Artes, [S. l.], 2012. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10008/2/ULFBA\\_TES665.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10008/2/ULFBA_TES665.pdf). Acesso em: 6 nov. 2023.
- CAPUCHO, Mariana Gonzaga. **Arteterapia: a arte como recurso terapêutico para a expressão de conteúdos inconscientes** /Mariana Gonzaga Capucho. - 2020. 65 f.
- CHEVALIER, Jeane GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número)**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013.
- COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com crianças**. Rio de Janeiro: Wak editora, 4ª edição, 2013.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Lisboa: Editora Arcádia, 1972.
- ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição**. Publicação: Lisboa: Circulo de Leitores, 1990.



ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 30 Ed. São Paulo. Martins Fontes, 2008.

FUSSI, Carolina Carvalho. **Arteterapia e os Fundamentos Psicológicos e Psicossociais I**. (Psicóloga; Arteterapeuta; Mestre em Psicologia Social). (Texto restrito à disciplina de Fundamentos Psicológicos e Psicossociais I: Aplicação dos materiais no desenvolvimento de processos arteterapêuticos, do Programa de Pós-Graduação em Arteterapia: Currículo do Instituto Saber e da Faculdade de Tecnologia de Palmas – FTP em 2020). Brasília, Distrito Federal, 2022.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Carl G. Jung e M. L. von Franz, Joseph L. Henderson, Jolande Jacobi, Aniela Jaffé. Tradução de Maria Lúcia Pinho, 5ª Edição, Editora Nova Fronteira, 1964.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. Tradução de Maria Luiza Appy; Margaret Makray; Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva; Revisão técnica de Jette Bonaventure. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994.

MILES, Jack. **Deus: uma biografia** / Jack Miles; tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PHILIPPINI, Ângela. *Universo Junguiano em Arteterapia*. **Revista Imagens da Transformação**, Vol. II, Rio de Janeiro, 1995. Vol. 2, n. 2, p.4-11.

PHILIPPINI, Ângela. **Para entender Arteterapia: Cartografias da Coragem**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

SILVA, Elizabete Adelaide da.; SILVA, Dirce Maria da.; PORTELA, E. N. *Arteterapia: Criatividade e Expressividade na Promoção do Bem-Estar*. In: PORTELA, Eunice Nóbrega; SILVA, Dirce Maria da.; ROCHA, Bruna Beatriz da.; IVANICKA, Rebeca Freitas.. (Org.). **Sociedade, Educação e Saúde: Pilares em (Re) Construção: Volume 2**. 1ed. Itapiranga-SC: Editora Schreiber, 2023, v. 1, p. 39-54.

SILVA, Rita de Cássia Almeida. **O mito na cultura Parakanã: análise comparativa entre as narrativas da “casa voadora” e a “arca de Noé**. In: Simões, M.S. (Org.). *Cultura e Biodiversidade: entre o rio e a floresta*. UFPA, Belem, 2001.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra** / Nise da Silveira – 7- ed.– Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1981.

## **Eixo Temático 4**



### **PSICOTERAPIA, POÉTICAS DA SUBJETIVIDADE E BIOGRAFIA**

## PELAS JORNADAS DO AUTOCONHECIMENTO E SENDAS DA ESPIRITUALIDADE

*Marineide de Jesus Gomes<sup>1</sup>*

*Roberto Luis Medina Paz<sup>2</sup>*

### INTRODUÇÃO

Eu não sei onde você está neste momento: em que estágio de sua vida, em qual cidade, em qual país; se está feliz e otimista ou amargurado e desesperançoso. Tampouco sei se acredita em Deus, no Universo, se professa alguma fé ou crença religiosa. Sei apenas que compartilho o que escrevo com aqueles que perceberam dentro de si uma inquietação incômoda e um desejo persistente de encontrar sentido e propósito para suas vidas.

Isso não significa que acessei uma lista daquilo que é necessário fazer seguindo dez passos mágicos para obter sucesso, fama ou prosperidade. Ao contrário, apresento um convite para caminhar por um labirinto misterioso e intrigante nos subsolos das trilhas do autoconhecimento e do autocentramento, a partir de uma trajetória pessoal, particular e peculiar, mas que de alguma forma poderia ser apropriadamente sua, uma vez que poderá inspirar você na construção da sua própria trilha.

Por conseguinte, o presente texto conterà recortes de descobertas determinantes que irão alterar alguns resultados diante das incontáveis trilhas da jornada da existência. Duas coisas, porém, são importantes saber se você deseja seguir rumo a essa jornada: *a) que nem sempre nos sentiremos preparados para algumas descobertas e, b) que algumas descobertas nos prepararão para algo maior.*

---

1 Pós-graduada em Psicanálise Clínica (Instituto Kalile, 2018); Especialista em Ciência da Informação (Universidade de Brasília, 2011); Graduada em Letras (Licenciada e Bacharel) em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (Universidade de Brasília, 2003); Coautora na obra 'Despertadas' (Ed. Chave Mestra, 2023); Atua como Psicanalista Clínica. E-mail: fala.psicanalise@gmail.com; Canal YouTube: @Pitonisa7711.

2 Doutor em Teatro e Literatura pelo Pós-lit-UnB. Atualmente, realiza o doutoramento no Programa de Pós-graduação de Psicologia Clínica e Cultura na UnB-DF, com estágio de Pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS) e pós-doutorando no Pós-lit-UnB; E-mail: prof.medina@gmail.com.

“Conforme sustenta um antigo e sábio ditado chinês: *‘Somente quando o aprendiz está pronto é que o mestre aparece.’*” Por conseguinte, no presente texto, busco reunir uma amalgama de conhecimentos, que incluem uma *revisão de conceitos* da psicanálise, trechos do xamanismo, experiências místicas, fragmentos de atendimentos e interações pessoais, extratos de vivências práticas, assim como relatos de experiências diversas.

Como ponto de partida, uma reflexão: “encontrar respostas complexas exige, muitas vezes, a capacidade de formular as perguntas mais singelas.”

*Aho! Namastê! Assim é! Está feito!*

## O DESPERTAR DA CORUJA

Magia, sabedoria, mistério. O totem da Coruja nos convida a praticar o estado do observador, a olhar com presença e atenção à nossa volta para encontrar as respostas que buscamos. Honrar o espírito da Coruja é zelar pela verdade em sua inteireza, seja ela conveniente ou não. Sua sabedoria está na observação das partes mais escuras e profundas do nosso Ser, aquelas cuja existência insistimos em ignorar e que guardam a chave da nossa libertação. Para honrar o arquétipo da coruja é preciso ter olhos que enxerguem o invisível (Xamanismo Sete Raios: Animais de Poder, A Coruja).

Era uma tarde de domingo. Um domingo qualquer, numa tarde qualquer de um ano qualquer anterior a 2007. Ela iria fazer uma prova de concurso. Estudara o mínimo. Estava de carona com outra pessoa e foram ambos para o campus universitário, local em que imaginou que seria sua prova.

Ao chegar ali descobriu que faria prova em outro lugar, distante dali, de modo a não haver tempo hábil para seu deslocamento. Então desistiu de fazer o concurso. Como estava de carona e o proprietário do veículo iria se submeter ao exame, decidiu esperar no gramado próximo ao restaurante universitário. Sentou-se num degrau de escada, no meio do caminho, e começou a observar a natureza.

Viu e ouviu pássaros, pequenos insetos e répteis como aranhas e lagartos. Alguns poucos transeuntes circulavam por ali, uma vez que o início do exame tinha ocorrido. Fazia sol; a terra vermelha do centro-oeste e o céu azul anil, infinito, eram o pano fundo para suas divagações. Notou numa pequena árvore ali perto uma ave de cor amarronzada. Pousada num galho, com elegância singular, a ave a fitava com insistência.

Era a primeira vez que encontrava uma coruja assim tão de pertinho. Era uma coruja buraqueira. Teve receio de que a ave fosse atacá-la e ficou o mais quieta possível. Então decidiu fitá-la e fixou o olhar. Notou que as penas da coruja buraqueira variavam de tons marrons escuros aos mais claros, tons terrosos com desenhos arredondados mais escuros. E as penas do pescoço e papo alternavam tons de branco-amarelado (ou pardo) que desciam pela barriga.

A cabeça da ave movia-se persistentemente para um lado a outro, em suas rotações inspeccionais de 180 graus. Em determinado momento, os olhares dela e da ave se entrecruzaram. Nesse átimo de segundo, em que ambas se conectaram, houve uma espécie de reconhecimento mútuo. Um arrepio de pele e pelos nos braços dela coincidiu com o eriçar das plumas da ave. As duas mantiveram seus olhares em contato por um período de tempo, longo o suficiente para um mergulho na profundidade do olhar daquela ave.

A experiência de olhar nos olhos daquela coruja foi algo similar a ser tragada para dentro de uma realidade paralela. E não, nem se cogite aqui tal possibilidade: a jovem não fizera uso de substâncias alucinógenas, alcoólicas ou que lhe alterassem a consciência.

O olhar daquela coruja simplesmente transpassou o seu próprio olhar e, durante o período de mútua contemplação silenciosa, a mulher viu passar dentro de sua mente, como que em sua tela mental, trechos de sua vida, momentos marcantes e fatos determinantes. Reviveu sensações e reacendeu sentimentos, experienciou vivências e estabeleceu revisões. Ela ressignificou aspectos de sua própria vida, repisando-os de tal forma que pudesse reavaliá-los e refazê-los mentalmente.

Nesse minúsculo recorte do tempo, percebeu vivenciar uma espécie de experiência mística, a exemplo daquela definida por Clarice Lispector (2009), em seu conto “*Amor*”, tratava-se de uma *epifania*.

A palavra hierofania tem sua origem a partir da junção de dois vocábulos gregos: “*hierós*” (santo, sagrado) e “*fanein*” (manifestar). Hierofania significa, então, toda e qualquer manifestação do Sagrado. Desta forma, a hierofania não tem um lugar pré-determinado de ocorrer, abrangendo o espaço como um todo, seja o ambiente de trabalho, de estudos, o meio natural ou espiritual.

A *epifania* ou *hierofania* não é algo pronto, mas algo que está por vir, que se renova constantemente, conforme os acontecimentos e fatos que movem um determinado ser ou grupo de pessoas. Tudo aquilo que é sentido, experimentado e amado pode tornar-se uma epifania/hierofania em uma determinada época e espaço. Esta dimensão epifânica/hierofânica pode ser observada nos símbolos cristãos, como cruz e imagens, ou nos sacramentais, como água e óleo abençoados. Esta questão encontra-se elucidada na citação a seguir:

Quando o sagrado se manifesta por qualquer hierofania, não só há ruptura na homogeneidade do espaço, mas há também a revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não-realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo (Eliade, 2001, p.26).

Aquela ave e seu olhar profundo lhe proporcionaram uma inspeção agudamente atenta e minuciosa pelo interior de si mesma, uma espécie de mergulho para dentro, no qual se deparou com fatos, pessoas, objetos, escolhas, fragmentos de lembranças, restos e cacos, entre outras tantas preciosidades guardadas na memória. Ao ser atravessada e devassada por aquele olhar, aquela mulher pôde, finalmente, ver o que era até então, e vislumbrar ser outra pessoa. Melhor dizendo: olhou para si e descobriu a pessoa que desejava ser.

A partir desse momento, a trajetória de sua vida começou a mudar. Desde então ela deu passos mais consistentes em direção ao autoconhecimento, por que aí ocorreu seu essencial ponto de inflexão.

## O ENCONTRO COM O LOBO SOLITÁRIO

Grande espírito professor, guardião dos mistérios da noite, explorador dos novos caminhos. Quem traz consigo o espírito do Lobo é convidado a reacender as memórias antigas dentro de sua alma. A fidelidade e a sabedoria são as marcas que o Lobo deixa em seus passos. *Sábio guerreiro guardião das tradições ancestrais ensina-me a desbravar novos caminhos, ensina-me a ver além da ilusão deste mundo!* (Xamanismo Sete Raios: Animais de Poder, O Lobo).

Alguns anos após atingir seu essencial ponto de inflexão, aquela nova mulher inicia nova imersão em sua jornada. Começou ouvindo rumores de *Mulheres que Corriam com Lobos*, obra de Clarissa Pinkola Estés (1994), analista junguiana, pesquisadora e escritora.

Então a moça desatou a querer correr e uivar com lobos também. A essa época ela já andava mais madura, um tanto mais curiosa sobre as coisas da vida e sedenta por novos aprendizados. A trilha com os lobos lhe apontava um objetivo selvagem, no sentido mais amplo e puro da palavra. E ela não hesitava mais em seguir por aquela trilha.

Possuía o brilho intenso nos olhos e o arrepio cortante na espinha. Entretanto, ao mesmo tempo em que desejava avançar, havia o medo de estar dando passos rumo àquele desconhecido. Ainda que o desconhecido fosse um projeto, um trabalho ou um novo relacionamento.

O novo lhe provocava frio na espinha e se lançar a ele lhe exigia algum desprendimento, e muita coragem. Corrobora a ideia de guardar a frase de Charles Simic, em um de seus poemas, citado no livro de Estés, que diz: *Quem não sabe uivar não encontrará sua matilha* (Estés, 1994, p. 320).

Junte-se a isso, o trabalho, os estudos, amigos, família, e as incontáveis tentativas de firmar relacionamentos duradouros. Havia o desejo. E havia o medo. Ambos caminhavam juntos, o que a deixavam aflita, confusa, e, por fim, exausta. Como firmar relacionamentos se sentia medo? De toda forma, seguia firme na busca de si (e do outro, ainda que não soubesse).

E nessa busca, vivenciou episódios engraçados, curiosos, inusitados e mesmo constrangedores. Por fim, conheceu a *Constelação Familiar Sistêmica*, de Hellinger Schule. Foi num círculo sistêmico que começou a vislumbrar a complexa constituição de seu próprio sistema familiar e a se dar conta de dinâmicas de repetição de padrões e emaranhamentos familiares.

Foi por meio da conscientização promovida pelas constelações que fez, que passou finalmente a ocupar o seu lugar dentro da família, diante de seus pais e, mais especificamente, o lugar de filha caçula na hierarquia familiar. Passou a cuidar mais de sua postura, de suas atitudes, de comportamentos, e introduziu frases de cura sistêmicas em seu repertório.

Aprendeu a liberar pessoas e a se liberar de culpas, responsabilidades e contratos inconscientes estabelecidos no modo ‘*medo-culpa-lealdade*’, típico do perfil de salvadora, que ora sustentava dentro de seu sistema familiar.

A percepção, a compreensão e a possibilidade de apresentar uma postura diferenciada diante da vida e dentro de seu próprio sistema familiar propiciaram o salutar distanciamento materno e a aceitação da figura paterna, de modo que se tornara capaz de olhar e de se interessar por um parceiro de caminhada.

Foi nesse ponto de sua jornada que surgiu em seu círculo de amizades um lobo solitário, que despertou seu interesse e demonstrou interesse por si. Não fosse por ter entrado em contato com os contos *Pele de foca* e *Mulher esqueleto* (Estés, 1994, p. 323; 166), talvez estivesse correndo da investida até agora. Por sorte, suas leituras lhe fizeram ponderar e considerar um olhar mais benevolente àquele lobo que uivava por perto.

Tanto ponderou e tanto considerou que agora uivam juntos, estrada afora. Mas isso será um capítulo à parte, afinal tudo tem seu tempo.

## **A BUSCA PELO AUTOCONHECIMENTO NOS ESPAÇOS DA ESPIRITUALIDADE**

Mencionados foram até aqui o singular encontro com a coruja, a leitura da obra *Mulheres que Correm com Lobos* e os Círculos de Constelação Sistêmica, para corroborar fases de evolução e de autodesenvolvimento pessoal e, além destes, ainda serão compartilhadas diferentes e intensas vivências experimentadas ao longo da jornada.

A *Roda Xamânica* é um evento circular que ocorre em espaços tribais, originários. Hoje em dia ele também ocorre em espaços urbanos. Era um domingo à tarde. O evento ocorreu em um espaço rural, amplo, arejado e integrado à natureza. Teve início com um momento de estudo, seguido de pintura corporal realizada por um indígena nativo; houve aplicação de rapé (*medicina da floresta*) e de *reiki xamânico*, além de banho sonoro e, por

último, a consagração de itens fabricados tipicamente por indígenas, além do encerramento na fogueira.

Havia no local, para a pintura corporal, aplicação de rapé e consagração da fogueira, indígenas da tribo *Fulni-ô*, grupo indígena que habita próximo ao rio Ipanema, no município de Águas Belas, no estado de Pernambuco, no Brasil.

Os participantes do evento revezavam nos atendimentos até que todos estivessem livres e aptos para a consagração na fogueira. Durante esse ritual, as pessoas poderiam *consagrar* objetos pessoais ou adquiridos no local, bem como a si mesmos. Consagrar objetos ou pessoas no contexto *xamânico* envolve a prática de conferir a eles uma energia especial, uma bênção ou uma conexão espiritual. Essa consagração é realizada pelos *xamãs*, que são praticantes de sistemas espirituais tradicionais em diversas culturas ao redor do mundo.

Ela, ávida observadora, aproveitou para notar os modos e movimentos de cada um que se aproximava da fogueira.

Intrigante e notório foi o modo diferenciado com que seu par se lançou, com arrojo e desprendimento, diante das chamas. Pôs-se com um dos joelhos no chão, ergueu o cachimbo e fez movimentos de oferta, em espiral, de baixo para cima, segurando o cachimbo de *jurema* (tipo de madeira nativa utilizada para confecção de ferramental ritualístico pelos indígenas) que recém-adquirira, com tanta segurança e propriedade, que a ela causou certo espanto.

Mas sabia ela que o companheiro havia incorporado a entidade que se havia revelado nos rituais da experiência com o vegetal (*ayahuasca*), dos quais ele havia participado anteriormente (entre os meses de fevereiro e março de 2022, em casas específicas, que fazem o preparo do vegetal sob os cuidados de um Mestre).

## O EPISÓDIO NA “CASA DO TEMPO”

Era 17 de abril de 2022, um Domingo de Páscoa e, excepcionalmente, a dupla aproveitou um pedaço da tarde para visitar, por indicação de amigos, um lugar chamado *Casa do Tempo*. Eles não sabiam exatamente o que esperar, considerando a inexperiência dela em territórios espiritualistas, à exceção dos templos católico-cristãos.

Para grande surpresa dela, a proposta do local era promover algum tipo de estudo temático sobre espiritualidade, seguido de dinâmica em duplas. Era um grupo pequeno, na ocasião, havia oito pessoas no espaço. Após a dinâmica, chegou o momento de os participantes incorporarem as respectivas entidades para que fosse realizado um ritual de passes e fluidificação da água. O local possuía um diagrama no centro com quatro extremidades. Cada extremidade possuía uma vela acesa. Ao centro, um recipiente com água e ervas. Era o comecinho de noite, as luzes encontravam-se apagadas.



O dirigente orientou a todos os que desejassem participar, que ficassem de pé, posicionados em volta do diagrama. Ao comando do dirigente, iniciou-se o toque de um tambor e cada participante concentrou sua atenção no som que ressoava. Ela, na posição de observadora, presenciou uma das coisas mais fascinantes que já poderia ter visto: era como se estivesse na plateia de um riquíssimo espetáculo de dança, algo parecido com as performances de *Pina Bausch*, coreógrafa, dançarina, professora de dança e diretora de balé alemã.

Segue-se uma humilde tentativa de descrever a cena, lamentando de imediato a insuficiência de vocabulário para nomear com justiça a beleza, riqueza e singularidade do que ocorreu naquele domingo inesquecível.

Naquela noite, naquele lugar, de nome *Casa do Tempo*, em pleno Domingo de Páscoa, presenciar uma poderosa cena de caráter espiritual, talvez a mais bela que jamais vira até a ocasião, com pessoas em volta do diagrama, a manifestar diferentes entidades, cada uma com características distintas. Uma moça dava o tom da cena com o ritmo do tambor, que, segundo um especialíssimo Mestre, é *o coração do canteiro*.

Destaque-se, com vestígios de puro deslumbramento, a incorporação de uma “*entidade*”, que se supunha indígena e nitidamente guerreira. A noção de “entidade” nos cultos afro-brasileiros e nas religiões indígenas brasileiras refere-se a seres espirituais, divindades, ancestrais ou outras formas de presenças espirituais reconhecidas e cultuadas dentro dessas tradições. Tanto nos cultos afro-brasileiros quanto nas religiões indígenas, a interação ritual com essas entidades é fundamental, e pode incluir oferendas, danças, cânticos e outros rituais específicos.

A moça que a incorporava era do tipo *mignon*: pequeno porte, corpo delicado; sua fala era suave, calma e transmitia leveza à primeira impressão. Surpreendeu-nos o fato de que, aquela moça, de aspecto delicado repentinamente soltasse um berro, um brado altíssimo que ressoou em todo o ambiente. Enquanto bradava o que eu suponho ter sido um grito tipicamente tribal, mirava o céu e atirava flechas não visíveis. Batia no peito com tamanha força que me deixou entre surpresa e preocupada, sobre se ela ficaria bem ao final do processo. De forma incrivelmente surpreendente, seus movimentos não eram coisas que pudessem ter sido aprendidas em aulas de dança usuais do nosso viver contemporâneo.

Certamente, era algo antigo, ancestral e visceral. Algo que jamais vira e que jamais imaginaria presenciar. Após bradar e lançar flechas imaginárias, a guerreira colocava as duas mãos para trás de seu corpo na altura do cóccix, aproximando as duas mãos como que formando asas, e, meio que de cócoras, serpenteava em movimentos sinuosos como se, de fato, fosse uma cobra. Algo inesquecível. Inebriante. Hipnotizante. Espiritual. Transcendental. Lindo de ver.

Imponderável beleza.

Outra cena que ocorreu ali, como uma pintura de *Jackson Pollock*, pintor norte-americano e referência no movimento do expressionismo, foi o vislumbre do recorte entre os braços da moça que tocava o tambor, cujo ângulo enquadrava a chama da vela acesa. A moça, com o corpo dobrado, rendendo-se ao transe coletivo, em movimentos de dança e conduzindo o ritmo de tudo com o toque do tambor.

As estampas vibrantes de seu vestido, em tons de vermelho, amarelo e laranja, ornavam o enquadramento da vela flamejante e aquilo configurou um tão magnífico quadro, que, desejara possuir talentos para artes plásticas a fim de dedicar-me a ilustrar e emoldurar, só para ter a felicidade de contemplá-lo a qualquer tempo.

### **A CERIMÔNIA RITUALÍSTICA NO ESPAÇO *YEPA MAHSÁ TUKANO*, COMITIVA *HUNI KUIN* (NOROESTE, BRASÍLIA-DF)**

A Roda Xamânica permitiu um primeiro contato com as vivências indígenas, de modo maravilhoso e intenso, porém surgiu uma preciosa oportunidade de conhecer e participar da experiência do vegetal junto a uma tribo indígena, conforme o rito usual. Tratou-se de uma cerimônia tradicional *uni Kuin*<sup>3</sup> com a Medicina *Nixipae* (*ayahuasca*<sup>4</sup>, ou ‘vegetal’) (Fonrobert, 2012).

A cerimônia teve início às 22h com cantos entoados pelos indígenas da comitiva, à capela, a abertura foi realizada pelo Cacique anfitrião, seguido por falas dos demais membros da comitiva e das pessoas presentes.

Na sequência, o vegetal foi criteriosamente distribuído em copinhos, de modo que cada participante da cerimônia pudesse acessar a mesa e servir-se. Ademais, seguiu-se o ritual com cânticos indígenas; a fogueira para os *benzimentos* das medicações, acesa no centro do local, com os indígenas repassando a ritualística ancestral.

As canções, a fogueira, o cachimbo, as violas, a noite e as estrelas, bem como o acesso ao conhecimento ancestral, tipicamente indígenas, tornaram aquela noite inesquecível.

Um dos efeitos esperados após o uso do vegetal em cerimônias assistidas é o acesso a verdades internas, pouco visitadas ou mesmo evitadas em nossa jornada. O confronto com essas verdades e o trabalho emocional de equalizá-las ou solucionar prováveis conflitos é parte requerida e salutar do processo.

3 Pertencente à família linguística Pano. Abrange do Peru até o sul do Amazonas. Todos os subgrupos *nawá* são pertencentes a essa família, por terem tanto a língua como a cultura muito próximas uma da outra. Cada um desses subgrupos se autodenominam *huni kuin* (homens verdadeiros). Disponível em: <<https://povosindigenasdobrasil.blogspot.com/2014/08/kaxinawa-ou-huni-kuin.html>>. Acesso: 26, dez., 2023.

4 FONROBERT, Gerd Wolfgang. **O caminho da *ayahuasca***. Usina das Letras. 2012. 226p.

## **A CULMINÂNCIA NA REALIZAÇÃO DA VIVÊNCIA CURANDO A VIDA**

Nutridos pelas experiências descritas anteriormente, além de outras vivências de caráter pessoal, a dupla de lobos selvagens notou que precisava compartilhar aquele transbordar de sensações, sentimentos, conhecimento e aprendizados.

A passagem por Salvador, na Bahia, trouxe alguma definição de ecumenismo religioso, como que num resumo pedagogicamente pensado para ilustrar o termo: domingo de manhã, durante a Missa católica, na Igreja do Bonfim, de Salvador, baianas rodam suas saias ao longo da liturgia, na qual há presença dos sons dos tambores. Na praça, em frente à Matriz religiosa, evangélicos vendem artigos religiosos e entregam prospectos, enquanto ciganas leem a sorte dos transeuntes.

Ao final do culto religioso, as fitinhas são amarradas pelos fiéis às fitinhas do Senhor do Bonfim, em estruturas previamente instaladas para recebê-las.

Realizada no dia 23 de julho de 2022, a vivência reuniu 22 pessoas e aconteceu ao final da tarde de domingo. A temática trabalhada trouxe como cerne o amor-próprio e a vida espiritual, trazendo luz ao fato de que tudo começa dentro *de si* e que a maior reforma que alguém deve fazer é a reforma de si mesmo.

Durante a vivência, houve momentos de reflexão, meditação, partilha, além de lanche coletivo compartilhado. Cabe destacar que o evento foi pensado, planejado, organizado e executado pela *dupla de lobos*, com dedicação e cuidado, desde a seleção das músicas, da temática. Dos detalhes específicos de decoração e iluminação, bem como da sonorização, harmonização e aromatização do ambiente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **Novos Caminhos Com o Elefante: abrindo trechos de trilha**

O Elefante representa a imponência e a sabedoria da Mãe Natureza. Grande ancião da Floresta, ele simboliza a longevidade, a inteligência e a conexão com a nossa memória ancestral. Não há nenhum obstáculo que o Elefante não possa transpor, sempre com paciência, presença e sabedoria, aliadas à sua força singular. (Xamanismo Sete Raios: Animais de Poder, O Elefante).

As experiências vivenciadas no ano de 2022, mais precisamente a experiência do *vegetal (Ayahuasca)*, através da qual Lobo e Loba, Buscador e Buscadora perceberam-se encontrando a si mesmos, nas suas buscas existenciais

pessoais e obtendo respostas contundentes da espiritualidade, por meio das medicinas da floresta, do conhecimento dos povos da floresta, das ressignificações sistêmicas efetivadas nos círculos de terapia *Hellinger*, dos *insights* recolhidos nos divãs da psicanálise, do auxílio de pessoas, que surgiram no momento certo, do livro que chegou às mãos na hora precisa, da ciência universal, que verteu de tiragens de *tarot* e oráculos diversos, também das amigáveis benfezejas e enriquecedoras ou dos aprendizados ao longo da caminhada.

O material psíquico acessado e trabalhado durante a jornada, possibilitou a realização de uma vivência, de um encontro com singularidades e sincronicidades, a descoberta *de si* e do outro, a ressignificação de memórias, a cura sistêmica de padrões familiares, a revisão de crenças limitantes e castradoras, bem como o despertar da criatividade e a reconquista do espaço da mulher selvagem, aquela mesma do início desse texto, que corre e uiva, livre e plena entre os lobos.

Todas essas experiências foram oportunas e necessárias, e para além disso, outra coisa há, que é determinante: a busca pelo autoconhecimento, chave para a descoberta do propósito e da percepção de um sentido para a existência.

Tenha claro em mente que uma vez que toma para si os caminhos do autoconhecimento, todo o resto se fará conhecer.

## REFERÊNCIAS

BAUSCH, Philippine. **Pina Bausch**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pina\\_Bausch](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pina_Bausch)>. Acesso em: 22 set. 2023.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1994. 627p.

FONROBERT, Gerd Wolfgang. **O caminho da ayahuasca**. Usina das Letras. 2012. 226p.

HELLINGER, Bert. **Constelação Familiar Hellinger Schule**. Disponível em: <https://www.hellinger.com/pt/hellinger-schule/a-escola/> Acesso em: 25 set. 2023.

HELLINGER, Bert. **Ordens do Amor**. Editora Cultrix, 1ª ed, 2003, 424p.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Editora Harper Collins, Brasil, Rio de Janeiro, 3ª ed, 2016, 447p.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família: Amor** (conto). Editora Rocco, Rio de Janeiro, 2009. 135p.

SETE RAIOS. **Xamanismo: Animais de poder**: <<https://xamanismosete->

[raios.com.br/category/animais-de-poder/](https://raios.com.br/category/animais-de-poder/)> Acesso em: 11 ago 2023.

STREAM, Plataforma. **Ponto de Inflexão** (filme): < <https://www.netflix.com/br/title/81577626>> Acesso em 23 ago. 2023.

POLLOCK, Jackson. **Biografia de Jackson Pollock - eBiografia**. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/jackson\\_pollock/](https://www.ebiografia.com/jackson_pollock/)>. Acesso em: 22 set., 2023.

## REFLEXÕES SOBRE O SUJEITO, EDUCAÇÃO, LIBERDADE, MODERNIDADE LÍQUIDA, PSICANÁLISE E ESPIRITUALIDADE

*Aureny Martins<sup>1</sup>*

*Dirce Maria da Silva<sup>2</sup>*

Eu tenho uma aparente liberdade, mas estou presa dentro de mim...  
Clarice Lispector.

### INTRODUÇÃO

O contexto que encerra a busca humana parte do desejo de liberdade, de viver conforme sua verdadeira essência. Entretanto, nem sempre se tem clareza sobre essa busca, uma vez que a liberdade, ao longo da jornada da vida, se torna inconscientemente integrada a um modo de viver externo.

O processo educacional visa ajustar o indivíduo a padrões preexistentes, moldando a mente humana de acordo com normas sociais, familiares, escolares, religiosas, segundo “pré-conceitos” estabelecidos, que devem ser seguidos, para que o indivíduo possa integrar-se, ser acolhido e aceito no contexto social.

A importância da liberdade na vida de cada cidadão é incalculável, e compreender como ela se forma ou se transforma requer percorrer a trajetória de uma vida, pois inicialmente nascemos fortes, gritando e chorando diante de uma plateia desconhecida. O novo é percebido através de uma visão turva e desconexa, e ao longo do tempo, as coisas vão se encaixando, ou ao menos deveriam.

Nesse sentido, o presente texto apresenta uma proposta de abordagem reflexiva fundamentada em uma revisão de literatura sobre a busca intrínseca à natureza humana pela liberdade, discorrendo sobre os diversos momentos da

---

1 Especialista, Pós-Graduada em Gestão de Pessoas e Psicanálise Clínica. Graduada em Pedagogia com habilitação em Séries Iniciais e Orientação Educacional. E-mail: aurenygestao@gmail.com

2 Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit/TEL/UnB). E-mail: dircem54@gmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>

complexidade dessa jornada, reconhecendo a espiritualidade, entendida como a busca de significado e conexão transcendental, como importante contribuição ao desenvolvimento e condição humana.

## **DESENVOLVIMENTO, EDUCAÇÃO, ESPIRITUALIDADE E PARADOXOS DA LIBERDADE**

A depender de sua formação desde a infância, sua jornada de vida desde o nascimento, o processo educacional do qual fez parte e tudo o que engloba o processo do fazimento do seu EU, é natural (ou deveria ser) que um indivíduo em determinada fase da sua vida, ou diante de algum evento traumático, pudesse questionar-se sobre o porquê se sente como sente, e qual a verdade sobre si mesmo. Vive a própria essência ou está encarcerado sobre as falas do que disseram quem ele deveria ser?

Até o momento em que a criança entra para o universo da escola, ela é alimentada por saberes, expectativas e experiências daqueles que se propuseram a cuidar, acolher e ensinar o que também aprenderam, ou até mesmo, ensinar o que não queriam aprender, mas aprenderam de forma traumática, e assim, acabam repassando à criança ensinamentos e crenças pautados nas experiências pessoais.

No ambiente familiar, as demandas essenciais da criança assumem papel prioritário para garantir seu bem-estar e desenvolvimento saudável. Elementos como higiene, alimentação, afeto, atenção e cuidados com a saúde física e mental se tornam foco central para atender às necessidades fundamentais da criança. Conforme Zimerman,

Isso se justifica porque a evolução da psicosssexualidade não se processa de uma forma linear, obedecendo a uma prévia programação de natureza genérica, que deve ser construída, durante um longo tempo, levando em conta os fatores constitucionais inatos da criança e os que serão adquiridos pela influência do meio ambiente exterior, principalmente a influência dos pais (Zimerman, 1999, p. 89).

Conforme Sigmund Freud, ao longo do processo de desenvolvimento do indivíduo, normas são introduzidas, diretrizes educacionais e experiências escolares, estabelecendo-se padrões de comportamento essenciais. Nesse contexto, o sujeito, mesmo sem uma plena consciência, precisa lidar com as expectativas daqueles ao seu redor, os quais anseiam por sua transformação em um adulto saudável, próspero e realizado.

Sobre esse aspecto, Freud destaca três fatores fundamentais na formação da personalidade infantil, a princípio: os elementos *heredo*-constitucionais, as memórias antigas provenientes da convivência com os pais e as experiências

traumáticas enfrentadas na realidade da vida adulta:

**Elementos heredo-constitucionais:** referem-se à influência dos fatores genéticos e biológicos que a criança herda de seus pais. Estes elementos incluem características físicas, predisposições genéticas para certos traços de personalidade, predisposições emocionais e outros atributos que são transmitidos geneticamente. Os aspectos hereditários podem contribuir para determinadas tendências comportamentais e características individuais que se manifestam ao longo do desenvolvimento.

**Memórias antigas da vivência com os pais:** este elemento se relaciona com as experiências vivenciadas na infância em interação com os pais. Freud destaca a importância das primeiras relações familiares na formação da personalidade. As interações com os pais, o estilo de criação, os padrões de cuidado e as dinâmicas familiares têm um impacto significativo na maneira como a criança percebe o mundo e constrói sua identidade. Memórias e experiências nesse contexto moldam as relações interpessoais e o autoconceito.

**Experiências traumáticas da realidade da vida adulta:** para Freud, a influência das experiências traumáticas durante a vida adulta como um fator formador da personalidade. Isso inclui eventos significativos, estressantes ou traumáticos que ocorrem após a infância, os quais podem deixar marcas duradouras no psiquismo da pessoa. Essas experiências podem afetar a forma como a personalidade se desenvolve, influenciando comportamentos, respostas emocionais e mecanismos de enfrentamento (Freud, 1996; **Grifos Nossos**).

Esses três fatores, para Freud, interagem de maneira complexa e moldam o desenvolvimento psicológico ao longo da vida. Freud acreditava que compreender esses elementos era crucial para entender a formação da personalidade e os padrões comportamentais de um indivíduo.

Na esfera educacional, a criança se depara com o conhecimento externo acerca de sua identidade, como a identificação de seus pais e seu contexto social. Para assegurar um processo educacional eficiente, é indispensável uma interação efetiva entre a escola e a família.

O propósito da educação deverá ser compreender a criança em sua totalidade, estabelecendo critérios que promovam um desempenho bem-sucedido nos aspectos cognitivo, social e psicológico do educando. Neste sentido, Bassedas, Huguet e Solé (1999) ressaltam:

No decorrer de todo o desenvolvimento da criança, sobretudo nas sete etapas iniciais, o conhecimento mútuo e o estabelecimento de acordos entre o contexto familiar e o escolar atuam em benefício da criança pequena e promovem o seu bem estar (Bassedas, Huguet e Solé, 1999, p. 296).

Mas a liberdade de compartilhar os conhecimentos adquiridos ao longo de uma jornada dedicada é cerceada para o professor. Para o educador, as limitações relacionadas ao autodesenvolvimento impõem uma sensação de aprisionamento,



dificultando também a expressão plena de suas experiências e aprendizados.

Nesse contexto, o aprendizado, frequentemente adquirido através de experiências dolorosas, transforma-se em uma ferramenta de ensino. Esta busca por ensinar, visa transmitir conhecimento, mas também pretende evitar que, na jornada da criança, se reproduzam as mesmas dificuldades que um dia foram tão penosas para quem, naquele momento, assume a responsabilidade pela construção do caráter e personalidade dessa nova individualidade em processo de formação.

É desafiador abordar a temática da liberdade quando estamos ininterruptamente influenciados a conformar-nos ao que a maioria preconiza. Ao longo do progresso do processo educacional, inúmeras mudanças têm revolucionado a maneira de conceber e agir. E, paradoxalmente à ideia de liberdade, emerge a imposição de reconfigurar aquilo que foi assimilado, sem oferecer orientações padronizadas sobre como realizar tal reestruturação.

Vamos cotejar o tema da liberdade humana, considerando alguns paradoxos.

Uma criança surge em um lugar que não selecionou, absorvendo as experiências do ambiente ao seu redor. Por outro lado, um educador, que percorreu o mesmo sistema de crescimento, encontra-se limitado na capacidade de reinventar-se, e é compelido a prosseguir, uma vez que a necessidade de sobrevivência se sobrepõe à busca pela verdadeira liberdade, também desconhecida pelo mesmo.

Segundo Burnier (2018), o sujeito vive de forma condicionada e questiona-se se é possível não viver de tal maneira, anseia pela verdadeira liberdade de ser e viver, mas não o sabe como fazer, passando a agir de forma automática, condicionado ao que é proposto pelo sistema e pela sociedade em geral, alimentando o medo de ser livre e se tornar um indivíduo solitário e sem pertencimento.

Nesse sentido, Burnier (2018) ressalta que: “O condicionamento é incompatível com a liberdade e impede o verdadeiro progresso, segundo o plano evolutivo que está ampliando a liberdade estágio a estágio.”

Entretanto, é importante considerar que o condicionamento nem sempre é negativo. Algumas formas de condicionamento são essenciais para a convivência social e a transmissão de conhecimento. O desafio reside em distinguir entre um condicionamento que limita a liberdade de forma prejudicial e aquele que proporciona estruturas necessárias para o funcionamento da sociedade.

Sabe-se que a verdadeira liberdade consiste em ser verdadeiramente quem se deseja ser, livre dos traumas, bloqueios e neuroses advindas das relações da qual o indivíduo faz parte, do momento do seu nascimento até sua formação adulta, podendo exercer suas atividades e talentos de forma a manter-se digno

financeiramente, social e pessoalmente.

Fanizzi (2022) ressalta que: “A despeito da universalidade do sofrimento enquanto experiência humana dedicamo-nos ao exame dos contornos que ele adquire no exercício do ofício docente e do modo como ele afeta os sujeitos que se lançarem a ensinar.”

Por conseguinte, a incongruência entre o laborar e o estado emocional do indivíduo, interfere diretamente em sua jornada diária. A gestão das emoções é fator primordial para o sucesso de tudo o que o indivíduo se propõe a fazer ou realizar. As dores emocionais, geralmente com raízes na infância, acarretam desgastes físicos e psíquicos, contribuindo para o adoecimento do indivíduo, que luta contra si mesmo, por não compreender seu estado agonizante, que interfere em todas as suas relações e finda em desestímulo, sofrimento e inquietude. Sobre o assunto Livingstone (2008) alerta:

A dor emocional é o dano causado por um infortúnio em sua vida. Você pode estar inconsciente desta dor, ou até conviver com ela, mas desconhece os eventos ou memórias relacionadas. Você pode sentir que algo está errado, mas não sabe o que é, ou o quê o está machucando interiormente, e tem medo de enfrentar seja lá o que for (Livingstone, 2008, p. 17).

Essa sensação de aprisionamento conduz a um estado de sofrimento e adoecimento mental, levando a estados de depressão, ansiedade, medo, culpa e doenças psicossomáticas, situações que vão surgindo ao longo do processo, de forma que o sujeito começa a se questionar sobre quem é, para que está ali, ou até mesmo, qual o valor da própria existência.

Segundo Freud (1996), uma das fontes de sofrimento que ameaçam o indivíduo é o das relações com o próprio ser humano. As pessoas estão cada vez mais aprisionadas em seus pensamentos e sentimentos, causados por informações do coletivo inconsciente que aprisiona e priva da liberdade, confundindo sua identidade real com a do coletivo social.

Tudo o que anseia por libertação, primeiro grita dentro do homem, no mesmo lugar em que surgem as perguntas, também se revelam as respostas. É dentro de cada um que deve começar todo processo de libertação que leva à verdadeira liberdade. Todo ser humano é predestinado a ser livre, qualquer ensinamento ou aprendizado que fuja dessa verdade, é aprisionamento.

Nesse sentido, a falta do conhecimento da verdade de si mesmo, causa feridas, pois aquele que não se conhece verdadeiramente, estará sujeito às construções dos outros, e conseqüentemente, a dores e angústias.

A modernidade líquida, à semelhança de substâncias que assumem tal estado, caracteriza-se pela incerteza, pela falta de configuração definida e pela mutabilidade constante. Zygmunt Bauman (2001), ao explorar a modernidade

líquida, argumenta que vivemos em uma era caracterizada pela fluidez e pela ausência de estruturas sólidas e duradouras. Nesse cenário, a liberdade assume uma natureza líquida, moldada por circunstâncias em constante mutação.

No contexto da educação, Bauman destaca que as instituições educacionais, por vezes, lutam para acompanhar a rápida evolução da sociedade, por meio de constantes desafios para proporcionar uma formação que esteja verdadeiramente alinhada às demandas voláteis do mundo moderno.

O anseio pela liberdade individual é um convite ao diálogo interno, se contemplarmos a libertação à luz da espiritualidade, percebemos que o vazio que hora invade e desassossega a alma, é um convite à intimidade com a própria natureza humana, é um convite ao diálogo interno, ao Eu profundo e revelador.

Muito se houve sobre o tema libertação, em especial no contexto da escola de Teologia. A religiosidade dos tempos modernos revela um discurso sobre a libertação dos males que um sujeito carrega sobre si, e às vezes, nem sabe o que carrega, mas sofre dores de angústia e a sensação de um aprisionamento que não sabe identificar.

David (2003) traduz a percepção freudiana da religião e a condição do ser humano, enquanto um ser que vive suas frustrações.

É preciso sempre ver de que razão e de que ciência se está falando. Freud descobre que o inconsciente tem leis próprias e que o homem não tem domínio sobre si mesmo. Refere-se à diferença, ao que é singular e específico em cada um de nós. A psicanálise é uma teoria sobre o homem que não chega para dizer a Verdade, mas sim para indagar numa terra sempre estrangeira, o inconsciente (David, 2003, p. 9).

Mas precisamos concordar que quando o momento de confronto interno chega, quase ninguém está realmente preparado para dialogar consigo mesmo, pois ao longo do caminho foi se perdendo a identidade, que já não parece tão clara e objetiva, revelando assim, conflitos internos.

Conforme Burnier (2018), a maioria dos problemas atuais, sejam eles religiosos, políticos ou econômicos, parte do princípio da exploração daqueles que evitam usar a mente e sua capacidade intelecto, enquanto outros a utilizam como um método de mudança, conduzindo a exploração dos demais, causando-lhes mal-estar e constante inquietação sobre a possibilidade de se viver realmente livre. Nesse sentido, Spengler (2010), reforça que:

Um conflito pode ser social, político, psicanalítico, familiar, interno, externo, entre pessoas ou entre nações, poder ser um conflito étnico, religioso ou ainda um conflito de valores, o que reforça a instabilidade do ser humano ao lidar com todos os conflitos externos e por último ter que lidar consigo mesmo (Spengler, 2010, p. 241).

O pior estágio de uma pessoa é o da desesperança, ao atingir o estágio do

descontentamento e da busca de si mesmo, o indivíduo torna-se mais fragilizado e vulnerável, e isso conduz a frustrações.

No que tange à espiritualidade, Bauman (2001) examina as transformações nas formas de busca por significado e conexão transcendental, também em uma sociedade líquida. A busca espiritual, assim como a liberdade, torna-se uma jornada fluida e individualizada, muitas vezes influenciada pela efemeridade das relações e das estruturas sociais.

## SUJEITO E PSICANÁLISE

Sigmund Freud (1856-1939) apresenta ao mundo uma forma de ver o indivíduo na sua essência, ou seja, por meio da construção psíquica, desvelando a trajetória da evolução da mente desde o nascimento. Por meio da análise terapêutica é possível avaliar o grau de adoecimento da mente do indivíduo, bem como as causas de traumas e bloqueios.

A formação da personalidade constitui o espaço do conhecer o mundo segundo os olhos daqueles que cuidam. A identidade é o que o ser humano traz quando nasce, mas a formação da personalidade se constrói no decorrer da sua formação, estando em equilíbrio com o seu verdadeiro EU ou não.

São as experiências vividas que marcam a identidade, gerando valores, ou causando bloqueios e traumas por toda uma vida. Neste contexto, Zimerman (1999) esclarece:

Cada um dos genitores da criança mantém a internalização de suas respectivas famílias originais com os correspondentes valores, estereótipos e conflitos. Há uma forte tendência no sentido de que os conflitos não resolvidos pelos pais da criança, com os seus respectivos pais originais, interiorizados, (como, por exemplo, os conflitos edípicos de cada um deles) sejam reeditados nas pessoas dos filhos (Zimerman, 1999, pg. 103).

O que almeja a alma humana senão ser livre? Os cadeados que prendem o sujeito a uma vida emocionalmente medíocre estão relacionados a vivências dolorosas e armazenadas na mente, que permanecem fazendo parte do conjunto de atitudes e comportamentos, mesmo sem o indivíduo saber. Ele sabe que sofre, sente-se aprisionado, mas não sabe dizer o porquê, tampouco como fazer para ser livre. Nestes termos, Elrod (2018) revela:

Uma das causas de mediocridade mais comprometedora na vida é uma condição que chamo de Síndrome do Espelho Retrovisor (SER). Nossa mente subconsciente é equipada com um espelho retrovisor limitador, através do qual vivemos e recriamos nosso passado continuamente. Acreditamos, de maneira equivocada, que quem fomos é quem somos, e isso limita nosso potencial verdadeiro no presente, baseado nas limitações do passado (Elrod, 2018, p. 65).

O trauma psicológico causa uma trava emocional, a libertação é o desbloqueio desse fato ocorrido e a liberdade seria a forma consciente de conhecer a causa do sofrimento, ressignificar e prosseguir, livre das amarras que aprisionaram o sujeito até o momento do conhecimento real da causa.

O conhecimento sobre o que adocece, causa dor e sofrimento, é o que o ser humano precisa para expurgar de si o peso extra que o faz arrastar-se pela vida, emancipando-o das amarras que o aprisionam e impedem de viver em liberdade de vida.

Nesse sentido, o desejo é o que impulsiona o indivíduo ao longo de sua vida. O desejo de uma vivência equilibrada, um estado de leveza e prosperidade. Os sonhos fazem parte da essência humana e o desejo é a ferramenta que impulsiona o realizar. A escravidão da mente impede o homem de realizar seus sonhos, fazendo-o cativo do cárcere de suas emoções.

A liberdade é o abrir de portas do inconsciente rumo a um estágio de equilíbrio mental. É fundamental conhecer a si mesmo e ter a esperança de enfrentar com entusiasmo os rigores da vida, pois a esperança alimenta o desejo e revela a liberdade como realmente é.

A psicanálise é um processo terapêutico que permite ao indivíduo uma visita ao passado assistida, de forma a amenizar o impacto do descobrimento de tudo aquilo que tenha causado dor e travamento emocional, impedindo um fluir natural da vida.

A ab-reação é um método na psicanálise capaz de libertar o indivíduo de suas dores ocultas, partindo do princípio que toda dor precisa ser revelada é só então curada. De acordo com Freud:

O método põe termo à força atuante da representação que não fora ab-reagida no primeiro momento, ao permitir que seu fato estrangulado encontre uma saída através da fala; e submete essa representação à correção associativa ao introduzi-la na consciência normal (sob hipnose leve), ou eliminá-la por sugestão do médico, como se faz no sonambulismo acompanhado de amnésia (Freud, 1896/2006, p. 271).

Isto quer dizer que, as experiências traumáticas vividas pelo sujeito vislumbram o universo da fala não falada. A ab-reação ocorre no momento em que os sintomas são revelados por meio da fala, quando o paciente consegue identificar o acontecimento que o paralisou traduzindo-o em palavras. Os sintomas desaparecem e o sujeito torna-se livre de situações ou lembranças dolorosas que habitavam seu inconsciente, pois ao reconhecer a dor latente, ocorre um “insight” revelador, anulando o que adoecia e liberando um espaço consciente mais saudável e revelador.

O “setting” terapêutico é um espaço seguro de descoberta e reencontro. É ambiente propício onde encontrar-se com a criança ferida, pode levar a sarar

traumas causados por situações externas que travaram o indivíduo e o impedem de viver a vida como deseja, e nasceu pra ser, auxiliando à condução de um estado de segurança e autovalorização do eu.

A livre associação de ideias no “setting” terapêutico trará a luz, situações vivenciadas ao longo da jornada de vida que ocasionaram bloqueios, traumas e o impedem de viver uma vida saudável e equilibrada. Todas as situações vivenciadas pelo ser humano ficam armazenadas em sua mente inconsciente e em algum momento da sua trajetória de vida poderão vir à tona.

Por conseguinte, desvela-se a liberdade na fase adulta adocida, carente de si mesma e de conhecimentos que esclareçam sua própria existência. Buber (2011) esclarece que:

Para escapar da responsabilidade pela própria vida, a existência do sujeito é transformada num sistema de esconderijo interno e inconsciente; o indivíduo esconde-se de si mesmo, tornando-se escravo da falta de entendimento sobre a própria existência, afastando-o da verdade de si e, conseqüentemente, da liberdade que lhe é uma dádiva (Buber, 2011, p. 10).

O embate com as causas da dor podem gerar sofrimento, angústia, tristeza. É necessário resolver cada ponta solta ao longo da vida, ao revisitar e descobrir possíveis causas que geraram as dores. É possível libertar-se, perdoar quem feriu, perdoar a si mesmo, liberando espaço para a construção de uma nova história.

Um ciclo só inicia quando o anterior é resolvido, permitindo assim, novas atitudes, novos hábitos, nova vida. Neste sentido, Livingstone (2008) nos leva a refletir:

Outra habilidade essencial é perceber que você tem uma escolha: enfrentar ou não a sua dor emocional. Na verdade, quando se chega ao ponto de ter a liberdade de pensar sobre o que você quiser, fica evidente que é possível ter controle sobre os nossos pensamentos (Livingstone, 2008, pg. 34).

Os pensamentos geram emoções, que geram crenças limitantes ou não. Como descrever a verdadeira liberdade do ser humano, sem pontuar a importância dos pensamentos saudáveis?

Na busca da formação de sujeitos perfeitos, a sociedade vai aniquilando a essência humana, aniquilando a singularidade. Nesse sentido, a busca por conhecimento e cura torna-se uma jornada de esperança, em que o sujeito deve procurar autoconhecer-se e procurar encontrar as respostas que tanto precisa, para aliviar sua angustia, suas dores e sofrimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados de uma mente sarada, renovada, conseqüentemente, serão atitudes positivas que geram resultados satisfatórios com qualidade de vida. Uma mente renovada, livre de traumas é luz para a alma e equilíbrio para o espírito.

Em “Novas Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise (1932)”, Freud esclarece que a Psicanálise não é uma ciência que tem como precondição explicar tudo, isto é, não é possível apagar os traumas ou bloqueios que causaram um aprisionamento das emoções, mas é real a possibilidade de viver resolvido diante de fatos que não foram satisfatórios.

O importante é acreditar que tudo o que acontece faz o sujeito evoluir para um grau que jamais seria possível sem a experiência, ser grato, despedir e seguir o curso de vida com o propósito, sem esquecer que os pensamentos definem sentimentos e enriquecem o estado mental. Assim como o homem pensa, ele se torna.

A verdadeira liberdade revela o verdadeiro eu, fazendo nascer a essência humana abafada ou aprisionada pelos conhecimentos externos adquiridos, libertando o cativo de uma identidade criada por outros e imposta a si próprio. Livrando as amarras de ensinamentos e paradigmas impostos ao longo da vida, por familiares, amigos, educadores, sociedade e instituições das quais fez parte em algum momento de sua existência, e de alguma forma o sufocaram e o fizeram perder de si mesmo.

A sociedade moderna produz um discurso diferente do que praticado. Educa-se para viver em sociedade, mas priva-se o indivíduo de buscar ser quem realmente deseja ser, de revelar a primazia da sua própria natureza humana. É preciso viver em sociedade, mas é necessário viver em liberdade de pensamentos, atitudes e desejos. O sentido da vida é singular, cada um possui o seu.

## REFERÊNCIAS

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Tereza; SOLÉ, Isabel. **Aprender e Ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artimed, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 258 p.

BUBER, Martin. **O caminho do Homem – Segundo o ensinamento chassídico**. São Paulo – SP. Realizações Editora, 2011.

BURNIER, Radha. **O Medo da liberdade**. A Mente e a Consciência, Brasília – DF, Ano 16, nº 76, p. 11-15, Nov/Dez . 2018.

DAVID, Sérgio Nazar. **Freud & a Religião**. Rio de Janeiro – RJ. Zahar, 2003.

ELROD, Hal. **O Milagre da Manhã – O segredo para transformar sua vida.** 26ª Ed. Rio de Janeiro – RJ. Best Seller, 2018.

FANIZZI, Caroline. **O sofrimento docente:** apenas aqueles que agem podem também sofrer. 2022. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48135/tde-23022023-115451/>. Acesso em: 02 out. 2023.

FREUD, Sigmund (1996). **O mal-Estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).

FREUD, Sigmund (1933 [1932]a). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXXI** – A dissecação da personalidade psíquica. Vol. XXII. p. 63-84.

FREUD, Sigmund (1933 [1932]b). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXXII** – Ansiedade e vida pulsional. Vol. XXII. p. 85-112.

FREUD, Sigmund. (2006). **As neuropsicoses de defesa. Imago.** (Trabalho original publicado em 1896).

LIVINGSTONE, Bob. **A cura integrada de corpo, mente e alma** – Livre-se das dores emocionais por meio dos exercícios. São Paulo – SP: Larousse, 2008.

SPENGLER, Fabiana Marion. **Da jurisdição à mediação: por uma outra cultura no tratamento de conflitos.** Ijuí: UNIJUÍ, 2010.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos.** Teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre. Artmed, 1999.



## POESIA E SENSIBILIDADE: PERCEPÇÕES SUBLIMES DA ESPIRITUALIDADE

*Washington Dourado*<sup>1</sup>

*Dirce Maria da silva*<sup>2</sup>

Uma fé pequena leva as almas até o céu, mas uma grande fé traz o céu até as almas. C. H. Spurgeon.

### INTRODUÇÃO

O que se visa nestas linhas sublimadas, de autoria do poeta Washington Dourado, é desenvolver um aspecto pedagógico-filosófico das rimas, adentrando, para isso, nos campos dos saberes bíblicos, patrísticos, escolásticos e modernos das percepções, tanto da sensibilidade da mente quanto do coração.

Ao observar a beleza e a diversidade da temática literária da espiritualidade, o poeta desenvolve, ao longo dos tempos, um trabalho de conscientização coletiva pela poesia, tentando levar aos espaços públicos e privados uma performance sublime, no sentido de transformar a realidade, mostrando ser possível a inserção

---

1 Poeta; Bacharel em Comunicação Social e Pedagogia, pela Universidade de Brasília e bacharelado em Direito; Pós-graduado em Psicopedagogia, pela Universidade Gama Filho/RJ; Pós-graduado em Análises de Sistemas com Ênfase em Governança, pela Facuvale/MG; Sócio Benemérito da Academia Taguatinguense de Letras/DF; Natural de Recife dos Cardosos, Ibititá, Chapada Diamantina/Bahia, teve seus dons artísticos revelados aos 10 anos de idade, ao ser premiado em um Recital no Colégio Polivalente, em Irecê, Bahia, Brasil. Em Brasília/DF, na adolescência e na juventude, viu o seu talento artístico ser consolidado e reconhecido; Tem diversas participações em Eventos, Concursos Literários e Obras, tais como: Dicionário dos Escritores de Brasília (verbetes), de Napoleão Valadares, 1994; Coletivo de Poetas (participação), Org. Menezes y Moraes, 1997/98; Concurso: Poetas da Cidade - Brasília, 50 anos, 2010; Participações em Antologias Poéticas, dentre elas: Primeira Antologia da Academia Taguatinguense de Letras, 2017; Antologia Literária: Poesias, Cantos e Contos, 2021; Antologia Sementes de Esperança, 2022; Versos e Memórias: A Harmonia dos Dias com o Poder da Leitura e da Escrita. In: Memórias literárias: o poder da literatura e da escrita, 2023; Possui livros no prelo e vários e-books; Servidor do STJ. E-mail: marquezdourado@gmail.com.

2 Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit/TEL/UnB). E-mail: dircem54@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>.

do elemento da alegria, em nossos dias.

Almeja-se uma versificação que beneficie o ser humano na sua tomada de consciência social, enquanto pessoa plena de consciência e salutar vivência, alicerçando na Potência divina a realização plena de sua personalidade.

Lança-se mão, para isso, de formas livres e modernas da versificação, tendo em alguns autores portugueses, brasileiros e estrangeiros, uma forma sensível da concepção da linguagem e da individualidade, apoiando aspectos sublimes de bases espirituais.

Denota-se, também, uma narrativa regionalista e universalista do caráter romântico, ambientalista e libertário, com uma poesia transcendente, ao oferecer ao ser um conteúdo raro de aspectos fraternários.

Com recursos pedagógico-filosóficos da promoção da personalidade, o poeta vale-se de imagens metafísicas que enriquecem o imaginário e a formação do ser, buscando na pessoa de Cristo, inspiração para as lutas e dilemas existenciais, a fim de que resplandecente seja o diário humano, com momentos solenes, únicos e especiais.

## DESENVOLVIMENTO

### 1

#### PROVIDÊNCIA AMOROSA

Indiscutivelmente, o amor é libertário,  
e solta todas as amarras que ilham o viver;  
por mais que tentem inovar o calendário,  
o amor é eficaz, brota dos céus, do trono do Eterno Ser!...

Por mais que tenhas amarguras,  
agruras que não te deixam voar,  
o amor rompe todas as estruturas,  
devolve a leveza, a beleza dos que sabem amar...

O amor mantém o sistema  
nos eixos de sua harmônica rotina;  
ele supera o stress e os dilemas,  
pois tem o forte lema:

“Deus fez o homem à sua imagem,  
tanto na Terra, quanto em cima.”

Talvez, se o amor não fosse manifestado,  
precisaríamos do maior achado do universo;  
felizmente, ele está ao nosso lado,  
revolucionando os ‘estados’,

de consciência, em todos os seus reflexos...

O amor é o apanágio milenar, que paira no ar,  
na leveza de uma flor;  
ele é a essência do melhor que há,  
E provém do esplêndido sonhar,  
do único Deus Trino, criador!...

**Dourado - 2023**

## **SOBRE “PROVIDÊNCIA AMOROSA”**

Na primeira estrofe, o autor declara ser o amor a mais íntima manifestação que se possa pensar em toda a existência, pois além de libertário, ele acalenta o coração, transformando o calendário em uma paisagem de magnífica excelência. O amor é capaz de romper qualquer problema, ante os estratagemas que não nos deixam voar, e resolvendo todos esses dilemas, traz a beleza e a leveza que somente ele pode ofertar.

Com a Providência Amorosa, o autor tenta perpassar uma visão supra da possibilidade, de se ver a humanidade, mostrando que o ato de amar, deve ser presente, palpável, sentido e principalmente, transmitido a qualquer individualidade.

Quando o autor delinea as formas variadas de se amar, é como se indicasse um norte, um sentimento cósmico que abrangesse a nossa sorte, com um ato concebido pelo Criador, para que atingíssemos os píncaros mais altos de viver e realizar.

Ressaltando a magnitude do amor, o poeta diz que ele mantém o código estelar, em toda a rotina e harmonia, pois tem um mistério a se perpetuar: Deus fez o homem para viver uma existência digna, numa santa noite ou num santo dia. Felizmente o amor foi manifestado, na sua forma mais linda do complexo universal, e para o nosso bem, ele traz um pacífico resultado, transformando todos os problemas com seu enfoque triunfal.

Resumindo essa ode amorosa, o escritor diz ser o amor, o grande remédio milenar, que está presente no homem e na infinita natureza, sendo também, a essência sublime de tudo de bom que há, pois foi renovado pelo Pai de toda grandeza.

2

**A GRAÇA QUE PASSA**

O amor se encarnou,  
como misericórdia ornada;  
a poderosa essência da flor,  
na Arca da Aliança foi imortalizada.

O Verbo carne se fez,  
como prova da Divindade;  
e Cristo, ao doar-se, com lucidez,  
no mundo gerou temas infinitos da verdade! ...

No seio imaculado,  
na plenitude dos tempos,  
o Verbo foi encarnado,  
santificando os eventos.

A grande luz, na manjedoura,  
no mais raro e belo dia,  
sua graça redentora  
da Virgem Maria, nascia.

E Deus fez o homem,  
tendo uma Mãe, um coração...  
resgatou o nosso nome,  
ao caminho da salvação.

Ele humanizou o ser,  
por sua própria vontade;  
pois nasceu para viver,  
o que já era na eternidade.

E Maria, cheia de graça,  
recebeu do Anjo Gabriel,  
vertentes ao mundo, em taça,  
que fez jorrar leite e mel...

**Dourado - 2023**

**SOBRE “A GRAÇA QUE PASSA”**

Todo esse poema é uma manifestação do amor que carne se fez, com toda a misericórdia que se possa imaginar, em forma plena de beleza e sensatez, vida eterna, que Ele veio nos dar. Enfoca que o Verbo foi encarnado, como prova

irrefutável de Sua Divindade, e Cristo, ao ficar ao nosso lado, veio nos dizer que o amor foi imortalizado.

Com a Graça que Passa, o poeta remete-nos ao processo escriturístico em que se desenrola o sublime mistério da criação, ao afirmar ser os partícipes da Família Sagrada como algo notável, acendendo o fogo da nossa crença, na eterna e inefável anunciação.

Entrando na seara dos mistérios, o poeta nos diz que de um seio santo, totalmente imaculado, na plenitude dos tempos, o Verbo veio conosco morar, dizendo que o momento era chegado, para que também, o homem, vida eterna pudesse gozar. E como diz a linda história dos Evangelhos, o escritor expressa que, em uma simples manjedoura, no mais belo espetáculo que se possa pensar, veio até nós a graça resplandecente e renovadora, da Virgem Maria, em nosso meio aflorar.

Resgatando a simplicidade de nossa compreensão, ele descreve que Deus fez-se homem, tendo uma mãe zelosa, a naturalidade da vida, um coração; resgatou nossa estrutura, levantou nosso nome, para que pudéssemos trilhar a senda da salvação. Com isso, Ele veio humanizar o viver, com livre e espontânea vontade; pois aqui, em nosso meio veio crescer, e provar o que já vivia na eternidade.

E resumindo, o poeta destaca o papel da Virgem Maria, cheia de graça, que recebeu a Anunciação do Anjo Gabriel, e com o Verbo encarnado, veio nos dar bênçãos infinitas que passam, como rios perenes, jorrando leite e mel...

### 3

#### **O INCOMENSURÁVEL**

Senhor, a Tua misericórdia  
é o pão pelo qual me sustento,  
a graça e o fazer da transformação;  
é a criatividade agindo no pensamento,  
o ato de se compadecer por um irmão.

Somente Teu amor incomensurável,  
penetrável, fácil de se sentir,  
é que nos faz admiráveis,  
seres diferentes, ligados inteiramente,  
no mapa do Teu porvir.

Deus, é sumamente admirável,  
triunfável com apenas um olhar;  
és Trindade bendita, inaudita, incomparável,  
e dispõe a história, com sutileza e vitória,  
segundo o Teu pensar...

**Dourado - 2023**

## SOBRE “O INCOMENSURÁVEL”

Nesta primeira estrofe, o poeta declara literalmente, que a sua fonte está no sublime sentir, da Presença Divina, que sem discriminação, pode criar esse vínculo com qualquer ser presente na criação.

Estabelecendo a ligação essencial com a criatura, o poeta explica que essa ligação é admirável, penetrável em todo o mapa estelar, sem escolher a quem possa iluminar.

E na terceira estrofe, há uma nomenclatura elementar de que o Ser cósmico é bondoso e disponível em qualquer tempo, escrevendo novas histórias, com tentativas na história, perpassando e perpetuando Sua Presença nos espaços infinitos do firmamento.

Na poesia, **O Incomensurável**, o vate anuncia as façanhas imensas que ao Triunfador é atribuída: somente Ele pode transcender a nossa percepção de espaço e tempo, construir incomparáveis e inimitáveis momentos, dando, enfim, sentido e direção para as infundáveis concepções da nossa vida.

### 4

#### VIDA

A vida é uma dinâmica,  
força supersônica em projeção;  
ainda que não se tenha dela uma visão panorâmica,  
a liberdade se reveste de fragilidade,  
correndo pelas palmas das mãos...

A vida de quem se ama,  
a vida de quem amamos pra valer,  
é bem mais que o calor que se derrama,  
é a força descomunal, fenomenal, atemporal,  
experimentada pelo ser.

A vida se reveste de beleza,  
tanta leveza, graça e humor;  
mas, na ausência de saúde e pão na mesa,  
navega-se na incerteza,  
e só mesmo uma mão angelical pra superar a dor.

A Vida que vem e a que se vai,  
tem uma força que se espalha na amplidão;  
revela um encanto sobrenatural,  
e toca o essencial, no fundo do coração...

Dourado - 2023

## **SOBRE “VIDA”**

Para ressaltar o valor integral que a vida possui, o autor faz uma comparação com a realidade que ela oferece, ao vislumbrar a sua projeção com a liberdade, uma espécie de facilidade, que às vezes se escapa pelas mãos. Mas, para demonstrar que ela tem um poder descomunal, narra que a vida de quem ama e de quem amamos pra valer, tem a facilidade de se vivenciar, com uma condição de transcender o espaço e tempo, perdurando pelos vínculos eternos do firmamento.

Com a descrição de **Vida**, o artista remonta a acontecimentos que ela pode se revestir: ser amada, leve, passageira, dissaborosa, prodigiosa, enfim, contém inúmeros atributos que pode nos levar a continuar a lutar, transpor a labuta, sem jamais desistir.

Mostrando a fragilidade que também permeia a vida, o autor destaca que ela é cheia de beleza e humor, mas quando se falta a saúde, se esvai a juventude, restando lamentos e as marcas da dor. E para mostrar o lado transcendental que a vida oferece, o poeta lembra que ela vem e vai, pelas vias supremas da amplidão, e abeirando-se da sobrenaturalidade, alcança-se o lado positivo da espiritualidade, com vislumbres meigos da sua infinita inspiração.

### **5**

#### **CORPO LUMINOSO**

Singelo quanto o alvorecer,  
profundo quanto o sol do meio-dia;  
assim, Cristo se revelou ao ser,  
como uma flor extasiante,  
como um olor empolgante  
de mistério e harmonia.

Ele realmente viveu,  
Curou, chorou e dormiu...  
Morreu, mas, felizmente, reviveu,  
em corpo glorificado,  
forte, ressuscitado,  
que, por amor, floriu...

Ele ofertou-nos toda a felicidade,  
transcendeu a idade do viver;  
acendeu-nos a tocha da verdade,  
e no horizonte,  
verte de sua fonte,  
pétalas de amor para você!...

Não apenas neste lindo dia,  
Ele continua a lhe ofertar:  
cálices, lácteas astrais de energia,  
pois do seu trono vem irradiar,  
melodia infinita, amizade irrestrita,  
do Seu universal e esplêndido pensar...

**Dourado - 2023**

## **SOBRE “CORPO LUMINOSO”**

Enfocando um dos maiores símbolos místicos da cristandade, o autor retoma a extensão sobre o Corpo Luminoso, que na verdade é uma expressão do corpo ressuscitado de Jesus. Ele revela que o corpo ressuscitado é tão puro e luminoso, quanto a luz do sol ao meio-dia, exprimindo, assim, o fulgor energético dessa expressão máxima de perfeita energia.

Enumerando as atividades que esse corpo exercia, enquanto encarnado, o autor diz que ele realmente viveu, assim como aprova, tanto autores seculares da época, quanto os narrados nos Evangelhos; citando que Ele exercia a cura, ao ponto que teve também, necessidades materiais, enquanto chorava e dormiu, mas, com o auge de Sua morte retratada, depois esse corpo foi ressuscitado e glorificado.

Dessa forma, ultrapassando os limites físicos e temporais, Cristo oferece a todo aquele que necessita da sua paz, novas formas de ver e compreender, e, principalmente, Sua glória celestial. Pode ofertar aos que procuram, gotas incontáveis de puríssima energia, irradiando de forma cristalina e diamantina, cálices de oportunidade e infinitas possibilidades aos nossos dias!...

### **6**

#### **PAI, O ESPLENDOR DE UM TERNO AMOR**

Quando a existência era um tenro fio – aliança,  
alastrou-se um facho de esperança pela amplidão;  
era o Pai, difundindo a sua prodigiosa herança,  
dando ao mundo um ser... criança – coração...

No recinto paterno, viu o seu rebento se desenvolver,  
e, maravilhado, trabalhou para sustentar o lar,  
pleno de viveres, alegrias, utopias e prazer.  
Surpreendeu-se, também, pela Arte Maior de criar.

Pela intervenção divina, viu o filho crescer...  
andar, brincar, apalpando o chão;



e, no ambiente, juntos, podiam se entreter,  
lançar sementes para fecundar gerações...

Enlevado, contemplou o despertar do seu infante,  
qual um navegante sobre águas do infindo mar;  
e pleno de projetos e coisas interessantes,  
alegrou-se em vê-lo traçando a visão estelar.

Inspirado, o Pai nem sempre foi compreendido,  
por querer aperfeiçoar o quadro social;  
mas, apoiando-se em Cristo, transmudou seus gemidos,  
vendo, na terra, o florir dos sonhos universais...

Se pudesse, ele repetiria o seu fazer,  
para que o mundo fosse mais justo e colorido,  
onde melhor e mais esplêndido fosse o alvorecer,  
com o direito e o respeito plenamente reconhecidos.

E o peso dos anos marcou seu semblante,  
vendo as primaveras se desenrolar;  
no íntimo, percebeu a flor mais interessante,  
daquelas que somente o amor-primavera pode ofertar.

Pai, não importa qual seja a tua idade,  
mas que raios de vitalidade incidam no teu coração!  
E que Deus, o Pai dos Pais, te coroe com felicidade.  
Amigo solidário, fraternário de qualquer estação!...

**Dourado - 2023**

## **SOBRE “PAI, O ESPLENDOR DE UM TERNO AMOR”**

Nesta poesia, o poeta resgata o papel protagonista do Pai, em ser um ponto de esperança e confiança, entre a realidade e os campos frutuosos das possibilidades. Na segunda estrofe, tece uma narrativa de que o Pai, observando o seu rebento crescer e desenvolver, também sente a magia da multiplicação, em ver seu filho (assim como ele foi um dia), alcançar o desempenho maravilhoso da realização. Ao ficar enlevado com essa dimensão criativa especial, o Pai fica admirado diante de um campo fértil da realização de sonhos, tanto particulares quanto universais.

Ao destacar o papel que um pai representa em nosso mundo atual, o autor abrange as potencialidades e os inúmeros papéis que os responsáveis pela criação desempenham, tornando seus educandos seres capazes, tanto

mental quanto espiritualmente.

Na sexta estrofe, é mostrado que o Pai, diante de todos os acontecimentos, viveria todos os atos para que o mundo em que está, fosse mais humano, colorido e divertido. Já na sétima e oitava estrofe, o autor narra que o Pai viu o peso da idade vir sobre si, vendo que essa realidade somente seria transformada e iluminada, se o próprio Criador iluminasse, em qualquer estação, o humano existir.

7

**SAUDADE... E A ETERNIDADE...**

Somente na língua portuguesa,  
dizem, o termo ‘Saudade’,  
significa uma infinita ‘luz acesa’,  
que nos faz lembrar da eternidade.

Saudade daqueles que, num lindo dia,  
estiveram tão pertinho de nós,  
mas que o destino, numa melancolia,  
tão pouco deixa-nos ouvir sua voz...

Saudade dos que eram presentes,  
mas agora, sentidos só na lembrança;  
porém, na recordação divina-onipresente,  
ainda fazem parte de nossa herança.

Saudade, palavra perfume de rosa,  
quando se gosta de alguém;  
e no afã, na reminiscência maravilhosa,  
podemos senti-la, ainda que seja d’além...

E Deus, no seu plano magnífico,  
guarda-os no recôndito de sua luz;  
pois, em palácios de purezas, bonitos,  
são mantidos e nutridos por Jesus...

**Dourado - 2023**

**SOBRE “SAUDADE... E A ETERNIDADE...”**

Abordando uma versão literária de que o termo ‘saudade’, somente existe na língua portuguesa, o autor resgata essa simbologia, aqui, na esfera espiritual, como se fosse uma lâmpada acesa, que nos iluminasse nessa longa travessia para o mundo celestial. Com o desenvolvimento do que o termo ‘saudade’ significa na prática, ele invoca a lembrança dos que por nós, na esfera terrena passaram, mas como um som

distante, nem mesmo se pode ouvir a última voz, que poderia dizer: amor!

Reafirmando essa lembrança tão preciosa, o autor cita os seres que foram caros em nossa existência, mas somente com o poder da onipresença, pode-se fazer ressuscitado pelo alvor, a herança bendita que brilha nas consciências. Na última estrofe, ele observa que no plano magnífico do Benfeitor, há uma lembrança, guardada nos recônditos invisíveis da luz, que são nutridos e abastecidos pela fé onipresente, na pessoa bendita de Cristo Jesus.

## 8

### FÉ INABALÁVEL

Fé é a crença no invisível,  
nas coisas perenes que o olho não vê;  
a mente entende que o governante é o Ser do impossível,  
onde tudo é exequível de se fazer...

A fé semeia infinitos grãos,  
que brotam da terra, milagrosamente...  
no útero telúrico, produz a transformação,  
da semente, sempre viva, resplandecente...

Assim opera a fé espiritual:  
no início um grão de mostarda,  
depois, o ganhar de toda uma campina;  
a multiplicação frutificante,  
num oásis total, é prova de que o amor tudo domina,  
tanto nas coisas de baixo, quanto nas insondáveis, de cima...

A fé é incansável produtora,  
de bens vívidos e transcendentais:  
ela faz a pedra bruta, transformadora,  
em ouro, pérola rara,  
que não se compara a outros metais...

**Dourado - 2023**

### SOBRE “FÉ INABALÁVEL”

Nesta primeira estrofe, o poeta ressalta o esforço de se alcançar, por meio da fé, alturas incomensuráveis da dimensão espiritual, tendo no Ser do impossível, uma experiência que transcende a esse plano material.

Lembrando das Parábolas de Jesus, especificamente a do Grão de Mostarda, o escritor nos faz transportar para uma paisagem, uma bela

campina, de onde se deslinda vislumbres transcendentais, sempre oferecidas pelo Ser Onividente.

Já na pedagogia da espiritualidade, denota também, ser a fé um instrumento capaz de revelar ao ser a mais linda dimensão, frutificando uma sustentabilidade invisível, que alcança tanto os meandros da mente quanto as câmaras reluzentes do coração.

9

**INFINITAMENTE AMAR...**

Amar...  
infinitamente amar...  
de todas as formas  
imagináveis possíveis;  
despertar de um sonho  
e instantaneamente realizar,  
um viver risonho,  
de prazeres indizíveis...

Amar...  
profundamente amar...  
não se limitando às circunstâncias;  
ter galáxias na mente  
e brilhar,  
bailar...  
voltar novamente a ser criança...

**Dourado - 2023**

**SOBRE “INFINITAMENTE AMAR...”**

Escrito há mais de duas décadas, esta poesia aparentemente simples, está carregada de uma significância magistral, ao retratar o amor de maneiras sensíveis, lúdicas e espirituais.

O autor nos faz entender que para se viver uma plenitude da realidade amorosa, tem-se que ir além da imaginação, ressaltando ser ela palpável, atingindo tanto essa, quanto outras admiráveis dimensões.

E termina nos enfocando que, para amar de forma plena e majestosa, tem-se que brilhar na mais ampla expressão, tendo galáxias na mente, bailando como criança, na mais elegante e triunfante exaltação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vê-se que o trabalho literário do poeta Dourado é permeado por uma inspiração peculiar que apreende a essência do ser, ao tecer versos espirituosos como elementos condutores entre o transcendental e o mundano. Desse entrelaçamento emergiram versos que transbordam uma visão do ser, destinada a ultrapassar as fronteiras físicas dos limites temporais, pois o autor, por meio de sua expressão poética, capta e transmite, com sensibilidade, compreensão singular da existência, em suas múltiplas possibilidades.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alberto Filipe. **Educação e Imaginário**. Da Criança Mítica às Imagens da Infância. Maia: ISMAI, 2004.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica, Edição Ecumênica, 1980.
- GRIMAL, Pierre (1992 [1951]). **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Trad. de Victor Jabouille. Lisboa: Difel, 1995.
- JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Editora Nova Fronteira, 1986.
- MOORE, Thomas. **Como Educar a Alma**. Trad. de Sara Batalha. Lisboa: Planeta Editora, 1999.

## COTIDIANO SAGRADO: POR UMA LITERATURA ARRETADA NUMA ODISSEIA POÉTICA DE IMAGENS DO SUBJETIVO E DO SOCIAL

*Fabio Pontes Coelho*<sup>1</sup>

*Guilherme Pontes Coelho*<sup>2</sup>

“Quando se aquietam os lábios, mil línguas ferem o coração”. Rûmî

### INTRODUÇÃO

A abordagem que se segue trata-se de um relato que aborda, numa ótica livre e descontraída, aspectos da espiritualidade do cotidiano, na luta pela sobrevivência, inclusive dos búfalos, numa terra grávida de deuses e poetas, na busca de um horizonte infinito, naquilo que não flui, mas influi.

A poesia não vem à força, é um estado alterado de consciência.

Sem citações e eivado de recitações, o texto viaja por mares e oceanos, tanto no cheiro do café, quanto no conto das arábias, onde as deusas negras fazem parte do meu coração, em segredo, descobrindo que a nobreza é, antes, tudo, e, fundamentalmente, um sentimento d’alma.

O que não faríamos para amar sempre, e de novo, nos desafios do cotidiano, onde a literatura, a espiritualidade e os estudos comparados, representados, nos chegam como tábuas de salvação e alento.

Sim, estou pleiteando uma literatura arretada, qual seja: aquela que tem como princípio, meio e fim, a retidão dos valores humanos tais como, amor, compaixão, solidariedade, afeto, respeito e tantos outros na mesma linha reta ou arretada, em que não é permitido depreciar seres humanos ou qualquer ser.

---

1 Filósofo, Sociólogo, Cientista Político; Professor; Especialista em Planejamento e Administração de Políticas Culturais e Planejamento Político. E-mail: guicoelhpg@gmail.com.

2 Mestre em Ciências Sociais (PUC-RJ – 1983); Filósofo, Teólogo, Pedagogo, Sociólogo, Professor Universitário. Pesquisador. Escritor. E-mail: guicoelhpg@gmail.com.

## DESENVOLVIMENTO

### Por uma literatura arretada

O termo “arretado”, o dicionário define como “belo”. Literatura determinada de “papo reto”, objetiva, inclusiva, a que vai direto ao assunto.

Meu avô proibia o termo sob a alegação de que o indivíduo quando está “arretado” está com o pênis ereto! Faz sentido para mim se isso quer dizer, “com tesão”, ou seja, “literatura tesuda” que tem desejo, ganas, vontade! Uma literatura arretada, qualificada e qualificante, a exemplo do fruto de um artista multimídia feito Zé Claudio, escultor, desenhista, pintor e escritor pernambucano, que foge do pitoresco.

Para ir direto e reto ao assunto, passemos aos apelos existenciais.

### OS OLHOS DE BÚFALA

Os olhos da búfala debaixo da lama  
Pedem me deixem viver  
Os olhos da búfala debaixo d’água  
Imploram me deixem viver  
Os olhos da búfala em meio a tanta poeira  
Suplicam me deixem passar  
Os olhos da búfala na tempestade de areia  
Rogam deixem-me atravessar o deserto  
Os olhos da búfala estão melancólicos  
Atravessam minha retina me ferem o coração solidário  
Sentem seu apelo desesperado: deixe-me viver a mim e a meus Irmãos.  
Eram os apelos dos olhos da búfala; Vamos parar de matar nossos irmãos!  
Por falar em parar de matar recorreremos às recitações.

### RECITAÇÕES

Essa eu escrevo de quatro  
Espécie de *index* da memória  
Foi vendo tantos *You Tubers*  
De barcos que realizei: Tenho que reler Ulisses  
Escrever de pé feito um escriba clássico  
Rever as naves bojudas, visitar as Helenas,  
Para além das asas da borboleta da Marlene,  
E dos poemas para Mariângela,  
Que tive a visão do nirvana

Ao navegar por mares  
Nunca dantes navegados  
Aqueles, que fez  
O poeta acender um cigarro no outro  
Ao ver que os olhos da búfala  
Viraram o prisma das vacas do *Ping Floyd*.  
Põe-te a pau poeta, que a barra é pesada,  
Na leveza das flores da poesia  
Pode-se ascender aos óleos essenciais.  
A energia dos perfumes poéticos  
Abre-se para um contínuo de êxtases e  
Orgasmos permanentes,  
Então num contínuo êxtase  
Embarcamos no cheiro de café,  
Eu vou para o conto das arábias  
Viajo mares e oceanos  
Nos encantos do Quênia  
Nas sutilezas da nobreza das pretas finas.  
A menina neta da Helena Vonn Roitman  
Guardiã da família alemã que esta terminando  
Um Doutorado em biologia molecular sobre os  
Óleos essenciais, para manter a tradição das pretas finas.  
Esse cheiro que me descola por dentro  
Me abre as portas e os portais  
Me leva aos terreiros do café,  
Que me faz os dedos sentirem,  
O passar das contas das sementes  
Do Arábia e do Conilon  
Ao mundo das arábias  
E das “plantations” coloniais  
Me fazem sentir o cheiro do suor dos pretos  
O cheiro da lavanda dos pescoços  
Das pretas finas  
A médica que me atendeu no hospital  
Depois de me dar uma maçada de uma hora.  
Todo aborrecimento passou no mesmo instante  
Em que ela me disse “sente-se, por favor, senhor”, e  
Pôs-se à minha frente, altiva como uma princesa Etíope,  
E seu cheiro de café, digo de perfume, seco e penetrante,



Me invadiu as narinas e me turbinou todos os sentidos,  
Ninguém fica impune  
Aos encantos dessas Deusas Negras!  
E, como ninguém fica impune, neste mundo,  
Vamos descobrindo a Nobreza,  
Descobri cedo, que a Nobreza é,  
Antes de tudo, e fundamentalmente,  
Um sentimento d'Alma.  
Quando a alma é nobre, você esta sempre flutuando,  
Sobre a realidade,  
E então é isso, você sempre flutua sobre a realidade,  
Não importando qual seja esta,  
A Nobreza é antes de tudo, e fundamentalmente, um sentimento d'Alma  
Flutuando sobre a realidade, não importando qual seja,  
O meu coração tem um segredo  
Para cada cliente,  
O meu coração tem um segredo  
Para cada nascente,  
O meu coração tem um segredo  
Para cada poente,  
O meu coração é do bem  
Não se abre para quem não ama,  
O meu coração tem um segredo  
Que só flerta com o impossível  
O meu coração só conhece o sonho!  
Só reconhece o sonho!  
Daí a necessidade de saber e ter ciência que,  
A poesia não sai à força  
A poesia não conhece a violência!  
A poesia não sai à força  
A poesia é uma moça caprichosa  
Que ama sem pensar,  
A poesia não brota no pesar  
A poesia só brota no vento da brisa do Amor, e do Amar!  
Nessa ventania, somos levados a constatar que,  
A terra é uma eterna grávida, de deuses e poetas,  
Eu vi a terra escorrendo sangue  
Eu vi a terra inundada de orvalho  
Eu vi a terra cheia de vida em flores

Eu vi a terra grávida de deuses  
Eu vi a terra cheia de poetas e profetas  
Eu vi a terra gemer com as guerras  
Eu vi os pássaros cantarem, cheios de amor e compaixão,  
Eu vi a lua cheia, na forma de um coração,  
Em forma de coração e compaixão  
Assim, o mundo se torna Horizonte infinito,  
Com a linha do horizonte enfiada na agulha do tempo  
Apontando para o Norte,  
A linha da vida  
Esmorece a cada bobagem que se faz  
A linha da morte é escrita por cada tristeza que  
Desola seu coração,  
No horizonte, a vida se faz cada vez que  
Uma estrela sonha!  
De estrela em estrela, partimos para uma possível fluência  
Daquilo que não flui, que influi,  
Diz-se de um chefe de cozinha equilibrado  
Refere-se àquele que consegue  
Harmonizar aromas e sabores  
Cavalgando na mesma intensidade e direção,  
A Influência pode ser boa, ou má,  
Aquele que flui ou não influi  
Um mestre equilibrado,  
Não sofre influência de ninguém, ou coisa alguma,  
Deste se diz que tem luz própria,  
Flui à sua energia pessoal  
É o caso de um Mestre do *tao*!  
E de mestre em mestre, de estado em estado,  
Chegamos ao Estado alterado.

### **ESTADO ALTERADO**

Enxergo a poesia como um estado alterado  
De consciência, com ciência  
Não é território para dormentes, e sim *site*,  
“*Prá*” lá da consciência,  
Ambiente dos acordados, despertos,  
Há que se ter um grande coração desabotoado,  
Que o tempo todo entoa versos de Amor!

E, pleno de humor, não fica doente,  
A poesia é território dos contentes  
Legítimos filhos do prazer, diz aí,  
De prazer em prazer,  
Na busca incessante da existência.

## **O QUE EU NÃO FARIA POR VOCÊ, DE NOVO?**

Entrava no Cangaço  
Virava fera ferida  
Deixava a família  
Perderia a Paz  
Começaria tudo outra vez  
Arrumaria um trabalho remunerado  
Construiria uma casa  
Desceria aos infernos  
Invadiria o morro  
Moveria uma ação de reintegração de posse  
Daria a vida pelo Brasil  
Encarnaria, como Erasmus e Assis,  
Ah! O que eu não faria por Você, de novo?  
Arrumando, construindo e movendo, vou dizer agora  
O que me enfeitiça em Você?  
Não é o seu sapato, mas seus pés nus,  
Nadando no meu lago,  
Não são os seus lindos óculos, mas  
Seus olhos aguados!  
Não é o seu lado sério, circunspecto, mas  
O sincero, bem humorado!  
Adoro quando Você não dá,  
Quando não está afim, e  
Continua generosa!  
Buscando migalhas e  
Agraciado pela sua generosidade  
O que mais quero?  
O que mais quero é  
Dar a Você a vontade de  
Dar sem medo,  
Criar a condição,  
Para Você perder a razão

Abraçar seu poeta

Garanhão!

Nessa transcendência, acabo constatando que,

Há dias em que meu coração

Bate cansado do te-querer-e-não-te-ter,

Há dias em que meu coração

Desespera, do esperar inadiável,

Há dias em que meu coração

Angustia, de aturar, suspirar, sem ar,

Há dias em que meu coração

Não consegue parar de sentir saudade

Há dias em que meu coração sente a idade

Há dias em que meu coração bate *cumbum*,

Mas não *brugurundum*,

Há dias em que meu coração

Sente tudo e todos

Mas não ama nenhum

Há dias em que meu coração está

Completamente tomado por Você

Há dias em que meu coração

Não bate, mas espanca,

De falta e desejo

Só não há dias em que meu coração

Não esteja sintonizado em Você

Entre tantos desejos e faltas, me deparo,

Com a história do estranho exagerado,

Admirava etnias diferentes

Diferentes ilusões

Situações Inusitadas

Em cenários insólitos

Atraído pelo bizarro

Atraído pelo charme marginal

Interessado, desindexado

Atrações, interesses e desinteresses nos levam,

*Lo que te passa chica?*

Vontades difusas

Sentimentos transversais

Emoções *tronchas*,

*Eus* divididos

Rolando nas pedras

Em sentimentos difusos, rolando emoções,

Quero uma mulher

Perfeita para casar

Com os olhos de Clarice

Os peitos de Alice e,

A bunda da Guiomar

Isso me leva a questionar e a indagar constantemente

Você se comporta como?

Pode,

Comete,

Concorda,

Discorda,

Acorda,

Concede,

Cede,

Sede,

Consegue,

Segue,

Caminhando e seguindo, me questiono sempre,

Você vê o outro fazer,

Por que não faz também?

Acho que também faz

Você fez,

E acha que o outro

Também faz

Você fez e acha que o outro

Pode fazer,

O outro faz e acha que você faz também,

Você não faz e acha que o outro não faz também,

O outro não faz e acha que você não faz também,

Os dois fazem e acham que está tudo bem,

Os dois não fazem e acham que assim está bem,

Se livrar dessas dicotomias nos faz muito bem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo visto, narrado e mencionado, chegamos ao relacionamento a dois. Inclusive e a respeito dele, podemos invocar *O CÂNTICO DOS CÂNTICOS*, que além de ser uma pérola da nossa espiritualidade bíblica é um dos mais belos poemas de amor.

E a exemplo dele, a espiritualidade o relaciona com o amor de Deus ao seu povo, não só o escolhido, mas todos os seres vivos. O amor a dois, a dez e a mil, como forma de resgate e redenção da nossa humanidade.

A espiritualidade, a literatura, os estudos comparados, representados, e as demais representações sociais, em qualquer forma e maneira que estejam, sempre nos farão pensar, redimir e transcender nossa condição.

Oxalá! Que assim seja! AMÉM!

*“Coloca-me,  
como sinete sobre teu coração,  
como sinete em teu braço.  
Pois o amor é forte, é como a morte,  
e o ciúme é inflexível como o Xeol.  
Suas chamas são chamas de fogo  
uma faísca de Iahweh.  
As águas da torrente jamais poderão apagar o amor,  
nem os rios afogá-lo.  
Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor...  
Seria tratado com desprezo.”*

(Cântico dos Cânticos 8:6,7 Bíblia de Jerusalém)

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Salomão: Cântico dos Cânticos**. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

CARVALHO, José Jorge de. **“Poemas Místicos: Divan de Shams de Tabriz”**. Jalâl ad-Din Rûmî. [seleção, introdução e tradução José Jorge de Carvalho]. São Paulo: Attar Editorial, 1996.

GIBRAN, Khalil. **O Profeta**. Editora Bibliomundi, 2022.

## – CAPÍTULO 17 –

### DEUS: UMA BIOGRAFIA

*Dirce Maria da Silva<sup>1</sup>*

Resenha retrospectiva de MILES, Jack. **Deus: Uma Biografia**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 504p.

Jack Miles nasceu em 1942, em Chicago. Jornalista, ex-jesuíta, possui formação em estudos religiosos, desenvolvidos em instituições acadêmicas de Roma e Jerusalém. Ele é Doutor em Línguas do Oriente Próximo, por Harvard. *God: A Biography*, publicada originalmente em 1995, recebeu o Prêmio *Pulitzer* de Não Ficção Geral em 1996, destacando sua importância e contribuição para o campo da literatura e da teologia.

Traduzida para diversos idiomas, a obra foi considerada inovadora pela abordagem singular com que conduz a análise da entidade divina suprema, ao levantar questões teológicas e filosóficas sobre a natureza de Deus, sua relação com a humanidade e o significado das ações divinas ao longo da história bíblica, por meio da perspectiva literária.

Jack Miles não se ocupa de discutir a existência ou não de Deus. Ele propõe o desenvolvimento de reflexões sobre como Deus se apresenta na Bíblia, o grande *best-seller* da literatura ocidental, analisando-o a partir do *Tanach*, Bíblia hebraica que se diferencia do Velho Testamento cristão pela ordem dos livros que a constituem.

A obra “Deus: uma biografia” traz estrutura cuidadosamente organizada. O livro está dividido em seções que falam de aspectos da *representação* de Deus desde sua criação até seu papel como destruidor, suas transformações e confrontos com o mal.

Inicialmente, na seção “*A Imagem e o Original*”, Miles explica que “a religião ocidental pode ser considerada como uma obra literária muito bem sucedida”. Para ele, “no Ocidente, Deus é mais que um nome familiar, é um

---

1 Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit/TEL/UnB). E-mail: [dircem54@gmail.com](mailto:dircem54@gmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>.

membro virtual da família”. Nesse sentido, para o autor, “a obra de Deus atingiu, em termos literários, estrondoso sucesso, não importando se os antigos autores da Bíblia inventaram Deus, ou se simplesmente registraram revelações de Deus, sobre si mesmos” (Miles, 1997, p. 15).

Conforme Jack Miles, os muçulmanos não consideram o Corão como literatura, pois a obra ocupa para eles um nicho metafísico todo próprio. Judeus e cristãos, em sua reverência, não negam que ela seja também literária e, em geral, concordam que ela pode ser assim apreciada, sem blasfêmia. Mas ambas as vertentes aceitam que “a apreciação religiosa da Bíblia coloca como foco central e explícito a bondade de Deus e o veem como origem, fonte de justiça, sabedoria, misericórdia, paciência, força e amor”.

Dessa forma, “aos olhos da fé, a Bíblia não é tão somente um conjunto de palavras sobre Deus, é também a Palavra de Deus, sendo ele seu autor e protagonista”.

Conforme Miles, vemos nos dias atuais ocorrência comparável no contexto midiático, quando inúmeras pessoas mesclam a realidade das celebridades do cinema com suas vidas fictícias, conferindo à ficção significância superior à realidade que reservam a qualquer indivíduo de carne e osso, que tenham o privilégio de conhecer pessoalmente. Mas, “nenhum personagem, quer seja no palco, nas páginas de livros, nas telas de cinema ou nas manchetes de jornais, jamais alcançou a magnitude de sucesso que Deus sempre ostentou” (Ibid., p.16).

A abordagem literária de Miles toma Deus como personagem em constante evolução, e, nesse sentido, o autor examina, de forma detalhada, como a representação de Deus muda ao longo da narrativa bíblica.

Conforme Jack Miles, “a Bíblia insiste na unidade de Deus como *“Rocha das Idades”*, a integridade em pessoa. Mas o mesmo ser combina diversas personalidades. *Ele é* ambas as coisas, e assim, a imagem do humano que dele deriva exige também ambas as coisas”. O autor esclarece: “Deus é simultâneo, multifacetado, por vezes dúbio e ambíguo, e, sendo assim, a imagem do ser humano que dele decorre requer também a compreensão de ambas as dimensões” (Ibid., p. 17).

Na seção seguinte, denominada de *“Prelúdio: Pode-se escrever a vida de Deus?”*, Miles, ao justificar a abordagem literária da sua obra, diz que é necessário, para isso, que se compreenda *Hamlet*, que deve ser visto como um Aristóteles moderno, destrinchando a misteriosa tragédia do personagem, ligando começo, meio e fim (Ibid., p. 21).

Diferindo de abordagens convencionais de estudos ortodoxos sobre a divindade, o autor lança mão do embate entre críticos e acadêmicos, que emoldurou compreensões sobre o *Hamlet*, de William Shakespeare.



Conforme Jack Miles, os críticos de então acreditavam no personagem e afirmavam que, para falar sobre *Hamlet*, a peça, era preciso falar sobre Hamlet, o homem: O que dizia? O que fazia? Como se transformava no tempo decorrido entre sua primeira e última palavra no palco?

Por outro lado, “os acadêmicos tomavam como lema a própria fala de *Hamlet*, o personagem, por acreditarem nunca ter existido um Hamlet, mas tão somente as palavras de Shakespeare sobre a página” (Ibid., p. 19).

Para melhor exemplificar, Miles cita o ensaio “*Quantos filhos tinha Lady Macbeth*”, em que L. C. Knights caça da postura de A. C. Bradley, este último, “patrono dos críticos” do século XIX, que escreveu a obra *Shakespearean Tragedy* (1904), ainda hoje influente no meio acadêmico. Knights considera ingênua a postura de Bradley, que segundo ele, é apropriada para a análise de biografias, mas inadequada à crítica literária. A partir daí, passou a dominar um “Novo Historicismo<sup>2</sup>”, de vertente francesa, que entende a peça como ela própria, embutida na história, contrapondo-se ao Velho Historicismo, que procurava entender a história embutida no texto da peça (Ibid., p. 20).

Segundo Miles, os embates entre Bradley e Knights representavam, na verdade, as rugas entre o idealismo germânico e o empirismo britânico, ambas correntes provenientes da Antiguidade Clássica (Ibid., p. 20).

Nesse sentido, as menções a *Hamlet* têm como fim e propósito, situar a vida do Senhor Deus como protagonista do clássico da literatura mundial, a Bíblia hebraica ou Antigo Testamento para além do escopo religioso, teológico ou histórico, e reiterar sua justificativa para a missão, pois, assim como Bradley, Miles diz acreditar que “o efeito biográfico”, isto é, “a sugestão artística de uma vida, é inseparável do efeito dramático ou literário em si” (Ibid., p. 21).

Conforme Miles, “pode-se abordar a Bíblia hebraica de forma diacrônica e sincrônica. Pode-se também, de forma crítica, criar um conjunto de tópicos, juntando sob cada um, textos que pertencem a categorias determinadas”.

O autor esclarece que, “uma abordagem conscientemente ingênua e deliberada, em termos literários, que a percorra do início ao fim, além de mais respeitosa à integridade da Bíblia, pode trazer em si, dramaticidade e “*pathos*” surpreendentes”, pois “mito, lenda e história se misturam, infundavelmente, na Bíblia”.

Miles declara que “historiadores empenham-se em separar uma coisa da outra, mas a crítica literária pode deixá-las misturadas” (Ibid., p. 24).

---

2 A chamada Nova História, criada na França entre as décadas de 1960 e 1970 pela terceira geração da Escola dos Annales, primava pelo fato social total sem dar margens a outras perspectivas. Dessa forma, a Nova História adotou o marxismo como doutrina primária, o que a levou a refazer os métodos de análise do historiador, tornando este “um especialista escrevendo para outros especialistas” (DEL PRIORE, 2009, p. 11). Essas novas postulações acerca da história tornaram-na uma ciência em que não havia espaço para a biografia nem para qualquer outra manifestação artística.

Podemos aceitar o que os historiadores contam sobre a Bíblia, ou o que os teólogos explicam em termos de crença religiosa, interpretação teológica. Entretanto, “o enfoque literário é único em seu propósito, podendo concentrar sua análise no valor intrínseco da narrativa, nos personagens, no simbolismo e na estrutura textual que a Bíblia apresenta” (Ibid., p. 25).

Em uma exemplificação mais efetiva, Miles explica que “a transformação da esposa de Ló em estátua de sal, do ponto de vista literário é significativo, pois, independente de sua historicidade, o fato tem relevância dentro do contexto da narrativa, dos personagens e do simbolismo presentes na obra”.

Portanto, uma análise literária da Bíblia não irá se preocupar com a veracidade factual, mas com a interpretação das ações e eventos dentro do universo ficcional da narrativa, permitindo apreciações das Escrituras Sagradas como obra literária, em toda sua extensão.

Nesse sentido, com respeito à análise dos rumos tomados pela divindade na Bíblia, Miles esclarece que a ordem nos livros do *Tanach* e do Antigo Testamento importa, mas, o fato de serem idênticas nos onze livros formativos, indica que “desde a juventude até o começo da idade adulta, o Senhor Deus é compreendido de maneira idêntica no *Tanach* e no Antigo Testamento” (Ibid., p. 32).

A seção seguinte, intitulada “*Geração*”, está dividida em subseções que abordam diferentes estágios da história divina. Eles incluem a criação de gerações de figuras importantes na Bíblia, como Abraão e sua família. Miles examina como Deus é retratado em cada uma dessas situações, revelando nuances e complexidades da representação divina.

Até então, “nenhum ser humano foi ainda criado para ouvi-lo, e os outros seres divinos, se existem, são meros colaboradores, e parecem estar dentro de um círculo de atenção, quase que tão somente, como meros expectadores” (Ibid., p. 38).

A partir desse estágio, “Deus fala sobre si, não para si; nada diz sobre quem é ou o que pretende; suas palavras são abruptas, sem intenção de comunicar nada a ninguém, tampouco explicar qualquer coisa, mas, apenas, decretar” (p. 39).

*Let there be light*” (Gên., 1:3). “Primeiro Luz, depois a cúpula do céu, abrindo uma bolha no caos de água, acima e abaixo. Então, a separação das águas, para surgir a terra seca, e a vegetação da terra. No quarto dia, sol, lua, estrelas, o mar e, finalmente, os seres da terra”.

A visão bíblica da criação é clara na ordem e na beleza intrínseca ao ato criativo de Deus. A partir deste ponto, a narrativa do *Gênesis* torna-se, doravante, tema de reflexão e estudo ao longo da obra.

Na subseção seguinte, intitulada “*Criador – Onde estás?*” (Gên., 1-3), disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, as aves dos céus, os animais domésticos, sobre

toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra” [...]. “Sede fecundos e multiplicai-vos” (Ibid., p. 41).

Miles argumenta sobre o sentido real da imagem de instrução sobre o domínio da terra, lança um questionamento e em seguida, o explicita: “Por que dar à humanidade versão do domínio divino? Porque quando os seres se reproduzem, são imagens de seu criador em seu ato criativo. A reprodução produz reproduções, imagens. E Deus cria, assim, outro tipo de criador” (Ibid., p. 41).

Entretanto, num ato contínuo da criação, limitações são impostas ao domínio que a humanidade deveria ter como representação fiel de Deus: “De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia que dela comeres, certamente morrerás” (Gên., 2: 17).

Com relação ao episódio, Miles argumenta: “se o homem deve dominar a terra, por que não lhe é permitido o conhecimento do bem e do mal?” E eis que o Senhor Deus desta segunda história da criação parece mais ansioso no confronto com sua criatura (Ibid., p. 44).

Adentrando um pouco mais à gênese criacionista, aprofundando reflexões mais clássicas e de teor mais teológico sobre a “queda do homem” e do “pecado original”, Miles explica que “a manifestação do arrependimento de Deus marca a primeira vez em que a divindade se revela como um personagem literário genuíno, distinto de uma força mítica ou de um mero símbolo com voz alegórica”. Para Miles, isso ocorre “porque a vida interior, peculiarmente cultural do homem ocidental inicia, em certo sentido, com a divisão na vida interna da divindade, e a própria vida interior da divindade começa com o ato de arrependimento do Criador” (Ibid., p. 46-47).

Miles mostra que, no início, “Deus é magistralmente poderoso e esplendidamente generoso”, quando diz: “Sede fecundos e multiplicai-vos”. Mas duas páginas depois, “o Senhor Deus parece vingativo e sua ira é tão gratuita quanto sua generosidade, pois tudo vai depender da obediência ao seu mandamento” (Ibid., p. 49).

Nesse sentido, para Miles, o Senhor Deus, como personagem, é tão voluntarioso quanto alguém que detém um imenso poder e parece não saber o que fazer com ele.

Andando um pouco mais, ao explicar a presença de passagens bíblicas, como a narrativa do dilúvio, Miles esclarece que “análises históricas revelaram semelhanças entre a mesma narrativa da Bíblia e um mito equivalente na Babilônia, com as semelhanças abrangendo não apenas a estrutura geral da história, mas também uma série de detalhes essenciais” (Ibid., p. 60).

Como exemplo, de acordo com Miles, tanto na versão babilônica como na bíblica, decorrem dez gerações desde a criação do mundo até sua destruição. A raiva divina resulta em um dilúvio, um herói torna a embarcação impermeável com piche, e a divindade aprecia sacrifícios.

No entanto, conforme Jack Miles, o mito babilônico se diferencia, ao introduzir a presença de diversos deuses, como na representação da figura de Marduque, que confronta a divindade aquática caótica Tiamat. O confronto épico dá início ao dilúvio, e, enquanto um deus o começa, outro deus põe fim a ele. Essa distinção revela a diferença fundamental em relação à narrativa do *Gênesis*, no que diz respeito à visão estritamente singular de um único Deus. Logo, as diferentes versões da antiga história israelita sobre o dilúvio <sup>3</sup>representam uma adaptação monoteísta de uma história originalmente politeísta (Ibid., p. 61).

Nesse sentido, segundo Miles, a Bíblia confirma-se como notável obra de composição, pois, historicamente, é amplamente aceita a versão de que um antigo compilador combinou lendas escritas e tradições orais, algumas de origem israelita, outras provenientes de fontes estrangeiras, para criar uma narrativa unificada (Ibid., p. 70).

Dessa forma, a história que conhecemos como o *Livro do Gênesis*, que abrange da criação do mundo ao nascimento das nações, configura-se como profícua compilação de narrativas sobre as origens, abordando ampla gama de questões, tais como o episódio em que o Senhor aparece a Abraão na forma de três homens, prometendo-lhe fértil descendência (*Gên.*, 18-9); também na história de Jacó (*Gên.*, 25-36) e na história de José (*Gên.*, 37-50).

Na seção “*Interlúdio - O que torna Deus divino?*”, Miles investiga atributos que definem a divindade de Deus, e como suas qualidades são retratadas na Bíblia, mergulhando em características que o distinguem como entidade suprema. Miles passa a considerar “o quê, em termos literários, faz com que o Deus que conhecemos até esse ponto pareça divino. O que o faz diferente?” (Ibid., p. 105).

Jack Miles esclarece que o personagem central do *Tanach*, Deus, o ator principal, o “primeiro protagonista” da Bíblia, não é introduzido na história como um ser humano, mas como aquele que dá origem ao cenário humano, no qual, mais tarde, se insere. Ele é responsável por criar o antagonista humano, com o qual passa a interagir, moldando todos os eventos que se desenrolam a seguir.

---

3 Campbell informa que “as histórias diluvianas existem nos quatro cantos da terra. Elas são parte integrante do mito arquetípico da história do mundo e pertencem, por conseguinte, à Parte II desta discussão: “O ciclo cosmogônico”. O herói diluviano é um símbolo da vitalidade germinal do homem que sobrevive até mesmo aos piores surtos da catástrofe e do pecado.” (CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*, 1948, p. 29).

Nesse sentido, “nenhum dos eventos divinos descritos na Bíblia é desprovido de conexão com a humanidade”. Isto é, todas as ações têm propósitos relacionados aos seres humanos, e nenhuma delas é de natureza puramente divina. Deus não realiza nenhuma ação que não tenha o homem como foco de sua atenção. Logo, “a Bíblia não é um livro exclusivo das ações divinas ou ‘aventuras de Deus’” (Ibid., p. 106).

Miles afirma que, “Deus é comparável a um escritor que não pode criar uma autobiografia, tampouco expressar críticas, e a única maneira de narrar sua história é através dos personagens que cria”.

Por conseguinte, apesar de se discutir Deus extensivamente no *Livro do Gênesis*, ele permanece como uma espécie de enigma, em constante evolução, um personagem completamente orientado para o futuro. Deus não apresenta história pessoal, um passado ou genealogia, traços normalmente introduzidos em uma narrativa, como é comum na literatura, a fim de explicar comportamentos e provocar uma *catarse* no leitor (Ibid., p. 108).

Nenhum personagem humano poderia ser tão destituído de passado e ainda manter sua humanidade. Porém, ao atribuir a esse personagem divino palavras que são expressas na linguagem humana, os autores da Bíblia criam outras novas possibilidades literárias.

Nesse sentido, segundo Miles, “Deus desafia nossas expectativas literárias convencionais, moldadas que são por nossa compreensão sobre os seres humanos”. Isso se dá, porque, geralmente, esperamos descobrir quem são os personagens, para entender como seu passado os influenciou até o presente. Isso é o que, tipicamente, torna um personagem coerente.

Deus, no entanto, não segue padrões de coerência ou interesses. Ele não possui passado ou futuro discernível, algo que o diferencia dos deuses gregos, os quais possuíam genealogias e desejos.

Conforme Miles, “a aparência antropomórfica que encontramos no *Livro do Gênesis* é minimizada por essa falta de contexto”. E “a maneira de Deus no *Gênesis* se assemelha à de um homem autoconfiante e impulsivo, acostumado a intervir de maneira assertiva, mas dotado de imprevisibilidade”.

Assim, Miles explica que “a trama da Bíblia é difícil e evasiva, e isso está intimamente relacionado com a dificuldade e com a “evasividade” de Deus como seu protagonista” (Ibid., p. 107).

Segundo Miles, todos os personagens humanos, mesmo quando não compartilham detalhes de seu passado, têm histórias que envolvem uma mãe, um nascimento, uma infância marcada por momentos de choro e vômitos. Quanto ao futuro, mesmo que não revelem suas intenções, acreditamos que têm desejos, e, sabemos que ações baseadas apenas na negação de passados e futuros, podem

ser apenas poses (Ibid., p. 109).

Mas, para Miles, reside aí a diferença. Deus é personagem, mas não está representando um papel. Ele não é o Mágico de Oz. Ele é retratado com sinceridade e consistência, como um ser verdadeiramente sem passado e, embora não esteja desprovido de intenções, realmente não possui desejos, exceto, “o desejo de que a humanidade reflita a Sua imagem”.

Assim, na medida em que a narrativa vai se tornando mais complexa, a Bíblia é capaz de transmitir, de maneira progressiva, material narrativo mais elaborado, incluindo apresentações poéticas e proféticas, nas quais Deus atua como protagonista por excelência na história da humanidade (Ibid., p. 111).

Para Jack Miles, “a singularidade da narrativa bíblica, perceptível de forma imediata e intuitiva por qualquer leitor ou ouvinte, deve-se ao fato de que Deus, protagonista absoluto, é um personagem desprovido de passado”. E “um personagem sem história passada resulta em uma narrativa sem memória, intrinsecamente orientada para o futuro, que permanece em aberto, pois, dadas as características de seu protagonista, não há outra alternativa.

O autor divide a seção seguinte, “*Júbilo*”, em subseções, onde destaca o papel de Deus em diversas fases da história, abordando seus diferentes aspectos no relacionamento com o povo de Israel (Ibid., p. 117).

Ocorre aí alusão a duas denominações do personagem protagonista destacadas no início da obra, às páginas 48 e 49, nomeados de “Deus” e “Senhor Deus”, respectivamente, como sendo a mesma pessoa, complementares, mas, por vezes, antagônicos. Quando a narrativa fala de Deus, este aparece menos hostil. Já, o Senhor Deus, age, por vezes, de forma emocional, lembrando criaturas feitas de pó e paixões, apenas exigindo obediência aos seus mandamentos.

Em sua onipotência e onipresença, Deus se apresenta a Moisés, simultaneamente, como deus de Abraão, deus de Isaque, deus de Jacó, e deus do pai de Moisés (Ibid., p. 118).

No mesmo episódio, o Senhor Deus fala em meio às chamadas, do alto de uma montanha sagrada, pela primeira vez. Conforme Miles, “esse fato é inédito na Bíblia, mas a narrativa da religião semítica antiga relata a existência de um deus cuja representação é uma esfera de fogo, conhecido como *Baal*, considerado o deus da guerra, tempestades e vulcões”. Em hebraico, a palavra “*baal*” significa “dono”, “proprietário” ou “senhor do castelo”, “mestre do universo” (Ibid., p. 119).

Jack Miles argumenta que “para um crítico que se dedica à elaboração de uma biografia literária de Deus, os livros do *Gênesis* e do *Êxodo* podem ser comparados à “infância de Deus”, pois é nesses livros que a identidade fundamental dele se desenvolve”. Conforme Miles, na medida em que se avança

a livros subsequentes, Deus passa por menos transformações, e, como resultado, o biógrafo encontra menos necessidade de análises mais detalhadas (Ibid., p. 152).

Miles esclarece que os primeiros cinco livros da Bíblia são designados como a *Torá*, termo hebraico que se traduz aproximadamente como “ensinamento”. Nos círculos acadêmicos não religiosos, eles são conhecidos como o *Pentateuco*, palavra derivada do grego, que significa “conjunto de cinco livros”.

O *Gênesis*, primeiro livro do Pentateuco, descreve a criação do mundo por Deus. O *Êxodo*, segundo livro, culmina um ano após os israelitas deixarem o Egito. O *Levítico*, terceiro livro, consiste principalmente em um longo discurso do Senhor a Moisés. O livro de *Números*, quarto do Pentateuco, relata a jornada dos israelitas pelo deserto do Sinai e suas peregrinações na região. O nome, “*Números*” provém do censo ordenado por Deus para contar o número de israelitas acampados com Moisés no Sinai. Por fim, o *Deuteronômio*, quinto livro do Pentateuco, narra um discurso proferido por Moisés aos israelitas (Ibid., p. 152-153).

Na sequência, na parte intitulada “*Tribulação*”, o autor explora as várias formas pelas quais Deus é retratado, quando o povo de Israel enfrenta desafios e conflitos. Ele aparece como um conquistador, um pai ou um árbitro. Isso ajuda a entender como a figura divina responde às dificuldades e conflitos na narrativa bíblica. Essa parte também aborda o período de conquista e a interação de Deus com o povo de Israel em tempos turbulentos (Ibid., p. 177).

Mais adiante, na seção “*Interlúdio*”, Miles investiga se Deus comete erros na narrativa bíblica. Ele questiona: “Deus erra?”, levantando questões sobre a natureza e a infalibilidade divina. Em sua interpretação, Miles nos diz que entre impulsos criativos e destrutivos, Deus se arrepende da criação e em outras vezes da destruição total.

Personagem voluntarioso, Deus, conforme Miles explica no primeiro Interlúdio, à página 105, não tem vida social ou privada e não convive com outros deuses; tem pouca ou nenhuma vida intelectual autoinvestigativa. Logo, a única maneira de Deus conhecer a si mesmo, parece ser por intermédio da humanidade, como imagem *de si* (Ibid., p. 215).

Neste momento, Miles lança uma questão: “Qual poderá ser seu próximo passo como a humanidade, ao ver o seu esforço de séculos desde a aliança abrahâmica terminar num aparente fracasso?”.

Na parte intitulada “*Transformação*”, o autor explora a mudança de Deus na Bíblia, dividindo-a em duas partes: “Deus como algoz” e “Deus como santo”, no livro de *Isaias* (Ibid., p. 223).

Miles aponta que, à medida que avançamos do Pentateuco para a História Deuteronomista, e além, o biógrafo de Deus pode ser análogo ao biógrafo de

um antigo general que participou de uma guerra em eras passadas. O biógrafo, limitado a contar apenas o que sobreviveu da narrativa geral da guerra, na qual o general pode ter sido uma figura central, tem a sorte de descobrir três extensas coleções de correspondências do general, além de doze coleções menores, que, em conjunto, correspondem aos quinze livros de profecias (Ibid., p. 224).

A reflexão acima precede o advento das “cartas”, que “Deus, missivista talentoso, envia, sob medida, para cada um dos destinatários” (*Idem*). Nelas, “Deus tanto ameaça como prediz o desastre central da perda da terra de Israel e o exílio do povo, em consequência do rompimento da aliança com o Senhor” (Ibid., p. 225).

A seguir, em “*Interlúdio - Deus ama?*”, Miles inicia por explicar que “o verbo hebraico “conhecer”, quando se refere à relação pessoal, pode trazer implícito o sentido de “amar”, coisa que não ocorre com o verbo conhecer em português” (Ibid., p. 269).

Miles acrescenta que “existe uma força emotiva similar inerente a outros verbos hebraicos, relacionados à percepção, como por exemplo, as palavras “lembrar”, “ouvir”, além de outros.”

Conforme o autor, o amor nunca foi predicado atribuído a Deus, seja como ato ou motivação. Ele já sentiu ira, desejo de vingança e remorso, mas nunca amou. Não foi por amor que fez o homem, que fez sua aliança com Abraão, tirou os israelitas do Egito e expulsou os cananeus (Ibid., p. 269).

Jack Miles explica que, em toda narrativa bíblica, Deus desempenhou suas funções e responsabilidades conforme o que era esperado, mas tais ações não foram motivadas por amor. Mesmo quando atendeu ao desejo de Ana, de ter um filho, e engravidar de Samuel, Ele não demonstrou ternura ou afeto em Suas palavras ou ações.

Nesse sentido, Deus é retratado na Bíblia como alguém cujas ações são motivadas por senso de dever e responsabilidade, mas não há menção à palavra amor, abordagem que ajuda a destacar a complexidade da representação de Deus na narrativa bíblica.

Miles afirma que “no hebraico clássico há recursos abundantes para expressões de emoção. Mas, durante toda a narrativa do *Tanach*, desde o *Gênesis*, 1 até *Isaias*, 39, o Senhor não sabe o que é amor” (Ibid., p. 270).

Conforme Miles, compreendemos que, ainda que não haja uma referência direta ao amor, da forma como o entendemos, podemos observar que os atos divinos, na narrativa bíblica, podem ser vistos como expressões de uma espécie de “amor divino”, embora não seja amor no sentido humano convencional, as ações de Deus podem ser consideradas manifestações de seu cuidado, preocupação e propósito em relação à sua Criação.



No entanto, esse amor divino não se assemelha ao amor humano.

No que diz respeito às emoções mais suaves, Miles explica que os escritores frequentemente se sentem à vontade para atribuir a Deus emoções, embora evitem retratá-Lo com paixões humanas. Isso é evidente em expressões como “o Senhor comoveu-se de piedade,” frase com variações infinitas em forma de atributos utilizados para descrever o que pode ser considerado “um sentimento de Deus.” Reiterando, tais representações ilustram a complexidade da relação entre a divindade e as emoções humanas na literatura bíblica (Ibid., p. 273).

A seção “*Restauração*” seguinte é dividida em subseções que exploram aspectos de Deus como esposo, conselheiro e fiador. Nesse momento é examinada a restauração de Israel, com foco nos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias, bem como nos *Salmos* e *Provérbios* (Ibid., p. 286).

Conforme Miles, em termos de drama, personagem, caracterizações, silêncios, pausas, ausências, términos dramáticos e entradas triunfais, o *Tanach* não funciona como uma peça teatral típica. Nele, “Deus é quem diz a primeira fala. O poder que o *Gênesis*, 1:1 exerce, provém da sensação de que nada está sendo dito ou feito, mas há efeito sobre a plateia. Deus não faz entradas grandiosas, ele abre sua própria cortina” (Ibid., p. 287).

Para Miles, “Deus jamais saiu de cena, e o que ele diz a respeito de si, paira com força sobre a compreensão que temos dele”. Estamos sempre a esperar por ele. Um dos motes do *Livro dos Salmos* é “*Até quando, Senhor?*”, pois ele promete, por meio dos profetas, a restauração e o juízo. Mas, enrodilhado nesse eterno laço literário, “o salmista não sabe, apenas espera” (Ibid., p. 287).

A seguir, na seção “*Confronto*”, Miles aborda a contenda divina entre Deus e Satanás no *Livro de Jó*, que, “dentre os livros da Bíblia, é um dos favoritos nos círculos literários”.

Conforme Miles, “de forma mais acentuada, no século XX, nos Estados Unidos, poetas e dramaturgos basearam nele dezenas de importantes obras” (Ibid., p. 341).

Miles esclarece que os exegetas seculares veem o *Livro de Jó* como uma espécie de autorrefutação da tradição judaico-cristã. A controvérsia gira em torno da explicação não convincente de Deus sobre o porquê de um servo tão íntegro e inocente ter de sofrer? Alguns argumentam ser Jó o primeiro dissidente. Mas, se serve de consolo, não teria sido o primeiro! (Ibid., p. 342).

O *Livro de Jó* não leva em consideração ideias importantes e pertinentes sobre a função providencial do sofrimento, que foram discutidas em partes anteriores da Bíblia, como a teologia do sofrimento apresentada em *Segundo Isaías*. Em vez disso, o *Livro de Jó* parece ser uma culminação das dúvidas em relação às sombrias intuições sobre o aspecto destrutivo e hostil de Deus, que já

havia sido também abordado (Ibid., p. 342-344).

Para Miles, “o autor de Jó externaliza seu conflito interno apresentando Deus como presa da tentação de Satã, entidade mais independente de Deus no *Livro de Jó* do que a Sabedoria é independente dele no *Livro dos Provérbios*” (Ibid., p. 345).

Conforme Miles, “a originalidade subversiva do *Livro de Jó* pode ser encontrada, tanto na blasfêmia sobre o Senhor Deus, como na angustiada eloquência dos discursos do personagem-título”.

Jack Miles nos diz que dois mil anos depois de Jó, René Descartes introduziu na filosofia o conceito de «dúvida hiperbólica», argumentando que “se um gênio maligno pode distorcer as percepções humanas, de forma que nada passa a ser o que parece, e se o diabo pode determinar o bem-estar ou não daqueles que servem a Deus, então, as atitudes de Deus seriam também diabólicas” (Ibid., p. 349).

Mas “a visão que encerra o *Livro de Jó* não reconhece nenhum princípio operante independente de Deus, a quem, tanto divindades como a humanidade, devam se submeter” (Ibid., p. 367).

Para Miles, a partir do *Livro de Jó*, a questão “*O que torna Deus divino?*”, já feita antes, fica mais distante de ser respondida. Mas, “Deus mantém seu poder como personagem literário, porque assim, o mundo parece mais justo que injusto, e Deus ainda parece bom e não mau; tornando o tom dominante, ao final, não de redenção, mas de alívio” (Ibid., p. 367-368).

Em “*Ocultação*,” Jack Miles observa que, “do final do *Livro de Jó* até o final do *Tanach*, Deus permanece em silêncio”. O *Livro das Crônicas* reproduz os discursos divinos feitos em *Samuel e Reis*, e milagres são atribuídos a ele por meio de citações do *Livro de Daniel*. No entanto, Deus não é mencionado em *Cântico dos Cânticos* e nem em *Ester*. Embora haja referências a ele em *Lamentações* e no *Eclesiastes*, em *Neemias* ele é objeto de orações, mas nunca mais falará (Ibid., p. 369).

Na seção “*Incorporação*” Miles examina como Deus é “anexado” nas escrituras, dividindo a seção em subseções que exploram a ausência da figura Divina em *Ester*; encontra-se menção à figura do Ancião dos Dias em *Daniel*, e sua ausência também nos *Livros de Esdras, Neemias e Crônicas*.

Miles pergunta: “Em que momento uma sensação de pausa cede lugar a uma sensação de fim?”. Para Miles, “o *Livro de Jó* é o clímax do *Tanach* e o momento culminante da biografia de Deus” (Ibid., p. 397).

Miles explica que “na peça de teatro, depois que o conflito principal já foi resolvido, resta ainda um desembaraçar, antes que a peça chegue ao seu final. Nesse sentido, podemos considerar os livros seguintes como apenas um “desenredar”, que finalizam o *Tanach*”.

Com o “*Poslúdio*”, Miles fecha “*Deus: Uma Biografia*”, refletindo acerca da “perda do interesse de Deus ao longo da narrativa bíblica”, questionando-se sobre a continuidade e evolução da figura divina. Ele indaga: “Deus perde o Interesse?” (Ibid., p. 443).

Conforme Jack Miles, todas as tragédias gregas clássicas representam a natureza humana como um conflito entre o individual e o impessoal, sendo que este último geralmente prevalece. Nesse sentido, se qualquer circunstância no caminho de Édipo, na peça Édipo Rei, de Sófocles, tivesse sido diferente, “se tivesse sido abandonado em outra estrada, se sua mãe tivesse morrido antes do retorno de Édipo a Tebas, sua “falha trágica” não teria sido a sua ruína”.

Não é possível condensar séculos de análises sobre *Hamlet* e Édipo Rei em alguns poucos parágrafos. Mas uma discussão mais extensa também não modificará a direção predominante para a comparação entre o espírito do *Tanach* e o de *Hamlet*. Isso se dá porque, segundo Miles, “suas ações têm origem no interior do caráter de seu protagonista; e, mesmo quando ele deixa de agir, sua abstenção constitui uma realidade mais importante que qualquer cadeia de eventos” (Ibid., p. 444).

Dessa forma, “nenhum destino inexorável que proceda fora dele, toma seu lugar como motor no *Tanach*. Mesmo em livros em que a iniciativa de Deus passa para os líderes de seu povo eleito, a liderança acredita estar fazendo sua vontade”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, “*Deus: Uma Biografia*” é uma análise complexa da figuração divina na Bíblia, das ações de Deus e seu relacionamento com a humanidade.

Conforme Miles, “a representação de Deus pode ser vista como a representação de alguém com imenso poder, que vai aprendendo, desvendando-se com e através da gênese da própria Criação”. Nesse sentido, nas palavras de Magalhães,

A Literatura é a única possibilidade que o mundo tem de olhar para si. Na forma da Literatura o ser humano e a sociedade humana se colocaram um olhar com o qual eles mesmos se observam e respondem à pergunta pela razão da existência da vida humana no mundo, e isto de forma monumental, repleto de sentido, atribuição e significados (Magalhães, 2008, p. 20).

Ou seja, a Literatura fornece ao mundo oportunidades de reflexões *de si*, por meio de abordagens multidisciplinares, artístico-literárias, teológicas, históricas e filosóficas, mostrando que somos dotados de perspectivas múltiplas, que nos permitem o autoconhecimento também por meio da fruição literária.

A obra de Miles permite compreensões, na perspectiva literária, de crenças e valores indissociáveis à natureza humana, ao abordar tema tão sensível de forma compreensível, abrangente e enriquecedora, estimulando reflexões e debates significativos, e inusitados, da interpretação das Escrituras Sagradas, encorajando assim, outras abordagens sobre a Bíblia, inesgotável fonte de representações, contrastes e conhecimento.

Conforme observa Miles, “há na Bíblia sequências de testemunhos, com vozes próprias, começos e fins bem definidos, belos e eficientes, pois a personagem para a qual as palavras se referem, que é Deus, não se limita apenas ao que dizem as palavras”.

E, nesse sentido, “nós continuamos a vê-lo como Criador, fora da história, poderosamente colocando em movimento os corpos celestes, por meio dos quais se pode medir o tempo histórico, entre um começo de imenso vigor e um fim de inigualável quietude” (Ibid., p. 22).

Para Miles, “Deus continua sendo o que sempre foi: o original da Fé de nossos pais, cuja imagem ainda vive dentro de nós, como um ideal secular dinâmico” (Ibid., p. 17).

Dessa forma, Jack Miles cumpre seu intento, por meio de uma visão honesta e ética, ao analisar literariamente o *Tanach* com abordagem franca e profundo respeito.

Ainda conforme o autor, “independente das convicções individuais, a representação de Deus como personagem literário desempenhou papel essencial na formação da cultura e da civilização ocidental ao longo de séculos”, e, pelo que tudo indica, essa influência continuará a existir pelos tempos que virão, “porque o vemos como o Ancião dos Dias”, o Cronos antropomorfizado, “de cabelos brancos, silencioso, à espera do fim da história, sentado num trono remoto e nebuloso” (Ibid., p. 22).

Em 2002 Miles publicou uma visão de conjunto da Bíblia, a partir da figura de Jesus, que surge no Novo Testamento como a solução encontrada por Deus para uma crise política decorrente de quinhentos anos de subjugação do povo de Israel a potências opressoras, na obra *Cristo: Uma Crise na Vida de Deus*.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada - Antigo e Novo Testamento**. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, s.d.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 1948, p 29.

CAMPBELL, Joseph: **As Máscaras de Deus Mitologia Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora Palas Athena, 1992.

MAGALHÃES, Antonio. **A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia**. In: FERRAZ, S., et al., orgs. *Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia* [online]. Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, 2008. 364 p. *Available from SciELO Books*.

MILES, Jack. **Deus: uma biografia** / Jack Miles; tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

## **Eixo Temático 5**



# **PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA**

## ORIGENS HISTÓRICAS DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL: PRINCÍPIOS, FUNDAMENTOS E APLICAÇÕES PRÁTICAS

*Dirce Maria da Silva<sup>1</sup>*

“Há no fundo das almas um princípio inato de justiça e de virtude, com o qual nós julgávamos as nossas ações e as dos outros, como boas ou más; e é a este princípio que dou o nome de consciência.” Jean Jacques Rousseau.

Resenha retrospectiva de INCONTRI, Dora Alice (Dora Incontri). **Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas** (Tese). Feusp, SP, 2001.

### INTRODUÇÃO

Dora Alice Colombo nasceu em 1962 na cidade de São Paulo. Pesquisadora de formação diversificada, ela tramita profissionalmente nas áreas do Jornalismo e da Literária. Como acadêmica, atua em disciplinas nas áreas da Educação, Filosofia, Artes e Espiritismo. A abrangência de sua atuação abarca ainda pesquisas, orientações acadêmicas e coordenação de grupos científicos de estudos.

Em sua pesquisa de tese de Dora Incontri analisa aspectos fundamentais da Pedagogia Espírita, explorando suas origens sócio-históricas, traçando conexões entre filosofia espírita e práticas educacionais, oferecendo visão aprofundada sobre como esses elementos se entrelaçam em um projeto pedagógico genuinamente brasileiro.

Por conseguinte, o objetivo principal deste texto é fornecer uma síntese da tese de doutoramento da Professora Dora Alice Colombo, destacando elementos que proporcionem compreensão das raízes da Pedagogia Espírita no contexto brasileiro.

A importância desse enfoque está no fato de que Dora Incontri, de forma inovadora, trouxe, à época, o tema para o cenário acadêmico, utilizando

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. E-mail: [dircem54@gmail.com](mailto:dircem54@gmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>.

abordagem científica fundamentada em objetividade e racionalidade, estabelecendo abertura para outros estudos sobre a Pedagogia Espírita no cenário universitário brasileiro da pesquisa “stricto sensu”.

## O PARADIGMA DO ESPÍRITO

A educadora Dora Colombo esclarece que descobriu sua vocação para a pedagogia quando ainda cursava jornalismo na Fundação Cásper Líbero, época em que lançou seu primeiro livro, “Educação na Nova Era”, ponto de partida para sua carreira. A partir de então, passou a se dedicar integralmente ao tema, escrevendo para diversos jornais, fazendo mestrado, doutorado e pós-doutorado em educação.

Dora Incontri nasceu numa família espírita e afirma ter recebido grande influência para a pedagogia, tanto da família como de José Herculano Pires, o filósofo do Espiritismo brasileiro, um dos precursores da Pedagogia Espírita no Brasil, amigo de seus pais durante muitos anos.

Nesse sentido, o objetivo de sua tese de doutorado foi “analisar a filosofia espírita e sua repercussão na esfera educacional, em termos práticos e teóricos”. Em seu trabalho Incontri destaca como a filosofia espírita se insere historicamente numa evolução de ideias que remontam à Antiguidade, desde Sócrates e Platão.

A abordagem não busca impor um modelo rígido de educação, mas demonstrar a validade de sua coerência pedagógica, tornando-se acessível tanto a adeptos quanto aos que não professam do espiritismo (Incontri, 2001, p. 11).

Ao discorrer sobre as bases epistemológicas da Codificação do Espiritismo, por Allan Kardec, edificadas na tradição filosófica ocidental, Incontri explica que “Sócrates representou um marco na visão grega do mundo, ao substituir o homem trágico pelo teórico”. Por seu turno, “Jesus Cristo tornou-se marco do pensamento ocidental, ao substituir o antigo pagão pelo novo homem” (Ibidem, p. 15).

Para a pesquisadora, o silêncio em torno da importância da filosofia na Codificação do Espiritismo está no fato de que o Espiritismo pretende dar base científica à metafísica, banida do discurso filosófico há mais de dois séculos (Ibid., p. 21).

Ela esclarece que Allan Kardec está bem próximo da história política e social, por meio da filosofia e da ciência, com pressupostos filosóficos herdados da corrente iluminista, por intermédio de Pestalozzi (Ibid., p. 31).

Conforme Incontri, Allan Kardec não quis fundar uma religião convencional, por isso não se arrogou a função de chefe ou novo profeta. Ele assumiu a relatividade do conhecimento científico e filosófico, e o pressuposto de uma ordem universal, que garante o conhecimento e a previsibilidade científica,



decorrente da dinâmica natural e universal.

Para Kardec, a força do Espiritismo estaria “na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso”. Nesse sentido, Incontri explica que Allan Kardec compartilha semelhanças com figuras como Sócrates, Santo Agostinho, Pestalozzi e Comenius, de abordagem cristã e racionalista, valorizando o indivíduo e a liberdade no contexto do Espiritismo. Tal abordagem se fundamentaria em uma religiosidade espontânea, dirigindo-se a um Ser superior, de forma ética e natural (Ibid., p. 23).

Em solo brasileiro o movimento espírita inclinou-se mais ao aspecto religioso, e, segundo Dora Incontri, em detrimento do enfoque filosófico-científico. Em sua tese, a pesquisadora explica que a Doutrina Espírita propõe espiritualidade sem dogmas, oferecendo a liberdade que traz consigo implicações morais, conforme princípios semelhantes às primeiras fases do Cristianismo, antes de ser institucionalizado. Ou seja, o Espiritismo não se posicionaria como uma filosofia rígida, por que a revelação deve ser contínua, democrática e acessível a todos (Ibid., p. 26).

Incontri afirma que a Codificação do Espiritismo marcou a transição para a era do “paradigma do espírito”, em que a liberdade do ser humano, conhecedor dos direitos inerentes a todos, esforça-se para promover e justiça e o bem-estar, fundamentando-se na realidade do espírito (Ibid., p. 38).

Nesse sentido, Kardec foi influenciado por Rousseau e Pestalozzi, ao proclamar uma doutrina religiosa de cunho filosófico e científico, emancipada de rituais e hierarquias, privilegiando princípios universais imanentes à natureza humana, como a crença em Deus, a imortalidade da alma e a prática do bem, mantendo fundamentos orientados para a ética.

Segundo Dora Incontri, num conflito entre Espiritualismo e materialismo, Marx buscou suprimir a ideia de igualdade introduzida pelo Cristianismo, enfatizando a supremacia da Matéria e do Homem, em detrimento de Deus e do Espírito. Por conseguinte, durante o século XIX, a essência individual do ser humano começou por se deteriorar, passando a privilegia tão somente a dimensão social. Contudo, centrado em “evolucionismo individuado”, isto é, “o dever evolutivo de cada um”, que é propósito do Espiritismo, a educação não pode ficar limitada a aspectos sociais e históricos, devendo abranger outras dimensões, na busca da transcendência (Ibid., p. 60).

Segundo Incontri, este é o paradigma que guia sua pesquisa, pois existe um anseio inato no ser humano em alcançar a integração, e, segundo a autora, todos os Espíritos tenderiam à perfeição. Por conseguinte, reconfigurando o conceito de emancipação humana, a filosofia da educação não deveria se limitar à atuação do ser humano no contexto social e político, devendo envolver-se também no processo de educá-lo para que participe ativamente das realizações

da ciência, da espiritualidade e da cultura humanas (Ibid., p. 60; 61).

Segundo a filosofia espírita, a existência de um espírito que sobrevive à matéria não é conjectura ou teoria especulativa, mas resultado de observações científicas. Por conseguinte, a busca de aperfeiçoamento, tanto no aspecto temporal quanto espacial, deve ser objetivo do ser humano, visando aprimorar sua capacidade de contribuir ativamente para a ação social a ser alcançada por meio da educação (Ibid., p. 67).

Dessa forma, o “paradigma do espírito” estaria fundamentado em aspectos de racionalidade e razoabilidade de Investigações conduzidas, desde os estágios iniciais da Codificação por Kardec, passando pela metapsicologia, chegando à parapsicologia, demonstrando a existência de um princípio inerente que opera independente do corpo biológico, capaz de influenciar ocorrências fora da esfera física, que existe, de forma contínua, após a morte do corpo físico (Ibid., p. 101).

O “paradigma do espírito” decorreria da ética espiritualista, universal e cristã, não sendo representado por instituições. Não pode ser imposto ao indivíduo, pois seria imanente, derivaria da consciência espiritual do homem e de sua autonomia como ser livre, que se constrói no espaço e no tempo. No mesmo sentido, o “paradigma do espírito”, ao longo de 2500 anos, tem sido progressivamente elaborado, estabelecendo a ideia de indivíduos autônomos e livres, enraizados em almas imortais (Ibid., p. 107).

Por conseguinte, a Pedagogia Espírita propõe um projeto de educação humana que visa desbloquear o potencial do ser humano e guiá-lo em direção à felicidade, e, no centro do “paradigma do espírito” está o Cristo, anunciado por Sócrates e Platão. Nesse sentido, a releitura do Cristianismo, proposta por Kardec, desvencilha-se de dogmatismos hierárquicos, interpretando a proposta pedagógica cristã da mesma forma que fizeram Pestalozzi, Comenius e Rousseau (Ibid., p. 110, 111).

Para Dora Incontri, da República de Platão ao Contrato Social de Rousseau, o Reino de Deus é instância utópica a ser construída, sobretudo pela educação, pois, na vivência existencial das ideias propostas, não há apenas especulação teórica, mas demonstrações práticas de realizações humanas, que evidenciam conexões entre a anunciação de uma verdade moral e a indicação de que o ser humano pode alcançá-la (Ibid., p. 112-113).

Para a pesquisadora, ao celebrar a independência e soberania da alma em relação ao corpo, Sócrates proclamou a identidade espiritual do ser humano e inaugurou a Pedagogia do Espírito, enraizada na ideia de sujeito autônomo, racional e afetivo, com independência e soberania da alma em relação ao corpo. Para Sócrates, achar a verdade era desvendar a alma humana para si mesma. Nesse contexto, educação não é mera transmissão de conhecimento, mas

abertura para um espectro amplo de espiritualidades (Ibid., p. 117).

Dora Alice Incontri argumenta que Platão, na “República”, afirma que “as ciências devem ser ensinadas desde a infância, e que o ensino deverá ser ministrado isento de coação, porque o homem livre não deve aprender como escravo”. A preocupação do professor deverá ser com o ambiente, procurando ajustá-lo de tal modo que a alma possa olhar para o que é belo, à medida que responde à atração pelo que vê, movendo-se naquele sentido. A educação resultaria, então, na inclinação do ‘olho interno’ na direção da luz, e o papel do professor é colocar essa luz em uma posição que atraia a visão interior do estudante (Ibid., p. 120).

Segundo a pesquisadora, a pedagogia pleiteada pelo “paradigma do espírito”, *seria* a do Cristo pedagogo e o “evolucionismo individuado” esboçado pelos cristãos nos últimos dois mil anos, teria proporcionado o desenvolvimento da Pedagogia Espírita.

Autores como Herculano Pires utilizam o termo “pedagogia da esperança” para descrever essa abordagem, pois, de acordo com ele, cada ser humano é considerado um aluno para Cristo. Nessa perspectiva, a Terra não seria um paraíso reservado para alguns privilegiados nem um inferno destinado aos condenados, mas sim uma escola onde todos são chamados a aprender e se educar. A salvação, portanto, estaria intrinsecamente ligada à educação (Ibid., p. 140).

Segundo Dora Incontri, a concepção de melhoria da existência na Terra adquire significado à luz da crença na reencarnação, onde as almas estão em processo de aprendizado. Nessa perspectiva, o livre-arbítrio é fundamental para nutrir a inclinação natural em direção ao aprimoramento. Isso ocorre devido à abordagem libertária presente no Cristianismo, que propõe a esperança e a construção de um mundo melhor. Essa abordagem preconiza a não violência, a não negação e a não coerção sobre outros seres humanos, enfatizando a busca pelo desenvolvimento das potencialidades da alma (Ibid., p. 149).

Incontri explica que as raízes do “paradigma espírita encontram-se em Comenius.” Segundo a pesquisadora, Comenius tinha um projeto de educação universal para a paz, de ecumenismo integral, que incluía conceitos como o *direito dos povos*, algo ainda longe de ser atingido mesmo em nossos dias (Ibid., p. 152).

Ao prefaciá-la uma coletânea de Comenius, pela Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO), Jean Piaget declarou que “as ideias de Comenius sobre educação eram surpreendentes. Comenius propunha educação para todos os povos, escrevendo sobre a necessidade de uma organização internacional da educação pública”.

Para Piaget, Comenius pode ser considerado “um dos precursores da psicogenética e do sistema progressivo de instrução, ajustada ao desenvolvimento do educando, de raízes igualitárias e pacifistas”. Comenius também foi o

primeiro a propor a educação de crianças excepcionais (Ibid., p. 152).

A espiritualidade cristã de Comenius fundamenta a visão de homem e de mundo, de origem divina e humana, por meio do aperfeiçoamento gradual e constante. Nesse sentido a autora argumenta que “a religiosidade não deve ser alienante, no sentido marxista do termo, pois as virtudes morais por ela despertadas devem incluir a solidariedade, a justiça, a ação construtiva em favor de si mesmo e do próximo” (Ibid., p. 155).

A visão de Comenius é identificada como interdisciplinar. Segundo ele, “todas as formas de conhecimento estão intrinsecamente unificadas na realidade”. Sua crítica à escola atual opõe-se a uma educação modeladora, de conteúdos impostos e aprendizagem passiva. Comenius dedicou a existência às pesquisas pedagógicas, políticas, sociais, espirituais, éticas e cristãs (Ibid., p. 158).

Para Dora Incontri, ele construiu uma ciência pedagógica baseada na confiança e esperança no ser humano, permeada de ideais de liberdade individual e de paz universal, enfatizando a excelência da natureza humana, em detrimento do “pecado original”<sup>2</sup>, mas ainda se movia no quadro de uma igreja constituída (Ibid., p. 161).

Em contrapartida, Jean-Jacques Rousseau advoga um Cristianismo sem igreja, de religiosidade imanente, de concepção natural, livre do pecado hereditário, elegendo a liberdade como fio condutor de seu pensamento. Cristão libertário, Rousseau tornou o pai da pedagogia contemporânea, ao proclamar o caráter específico da criança como ser em desenvolvimento (Ibid., p. 162).

Nos últimos dois séculos, todas as tendências pedagógicas não repressivas, de respeito à criança, de educação ativa e estimuladora, têm inspiração de Rousseau. Dispensa-se, na concepção “rousseauiana”, a necessidade de um Cristo salvador e exalta-se um Cristo pedagogo. O conceito de Cristo para Rousseau é a representação da capacidade de aperfeiçoamento que o ser humano pode alcançar, por meio de sua vontade livre, porque o Cristianismo estaria alinhado a uma moralidade ativa, em oposição a mero ritualismo passivo (Ibid., p. 130).

Influenciado pelas ideias de Rousseau, Pestalozzi também advoga um Cristianismo desprovido de dogmatismos, devendo ser caracterizado por compromisso profundo, tanto existencial quanto ético, incorporado a uma vida dedicada às causas humanas (Ibid., p. 172).

Também para Pestalozzi, o Cristianismo deveria ser exercido como algo intrínseco à individualidade de cada ser humano, e a filosofia cristã deveria ter por

---

2 A “doutrina do pecado original” é um conceito teológico que se refere ao pecado cometido por Adão e Eva, ao desobedecerem a Deus no Jardim do Éden, segundo a narrativa bíblica, sendo transmitido de geração em geração. O batismo, na religião católica, é considerado meio de purificação desse pecado original, dando início a uma nova vida de fé.

missão desempenhar papel fundamental na educação da humanidade. Dentro de uma abordagem libertária, a doutrina cristã funcionaria como facilitadora, permitindo o desenvolvimento do indivíduo de maneira autônoma e construtiva (Ibid., p. 173).

Incontri enfatiza que Pestalozzi completa as ideias de Rousseau e antecipa fundamentos da visão espírita, sem falar em reencarnação, enxergando a criança como “uma força real, viva e ativa por si mesma, que desde o primeiro instante da existência age organicamente, dirigindo o próprio desenvolvimento e expansão”. Logo, incentivar a criança a se descobrir, não implicaria em impor limitações de fora para dentro, mas sim, promover crescimento a partir da essência, da individualidade (Ibid., p. 176-177).

Pestalozzi acreditava que, uma vez despertado, o impulso fundamental, este passaria a orientar o desenvolvimento da criança, de maneira equilibrada e voluntária, por meio do desenvolvimento ativo do indivíduo, concomitante ao esforço do educador, de maneira orgânica, não impositiva, tornando a educação abordagem universal, baseada em princípios gerais, consoante à visão de Comenius (Ibid., p. 177-178).

Para Pestalozzi, o amor pedagógico vai além da mera observação, pois reconhece o ser humano como dotado de potencialidades, herdeiro de traços divinos, com controle sobre a própria formação, num processo contínuo de autoeducação no qual desempenha papel ativo, cristão, incentivado pelo educador, mantendo-se ideais de transformação na esfera sociopolítica, sem recorrer a sistemas totalitários e autoritários (Ibid., p. 178).

Segundo Incontri, tanto em Pestalozzi quanto em Rivail, identificam-se abordagens que enfatizam a figura do educador como alguém que deve empregar recursos empíricos variados, de abordagem filosófica, afetiva, religiosa e ética, para formar o aluno de maneira completa, pois a educação envolve o desenvolvimento simultâneo das faculdades morais, físicas e intelectuais do indivíduo. Dessa forma, a partir de Pestalozzi, Allan Kardec efetua a revolução que lançou nova luz sobre o “paradigma do espírito”, gestado desde Sócrates (Ibid., p. 181).

Até Pestalozzi, “a imortalidade estava pautada na intuição e na fé, guiando-se por presunção hipotética, por mais convicção que se pudesse ter deste postulado”. Com o progresso do entendimento racional e com a crítica feita por Kant, alegando a incapacidade da razão de acessar a dimensão metafísica da realidade, tornou-se mais desafiador sustentar a crença na imortalidade apenas com base na fé ou em argumentos lógicos (Ibid., p. 183; 184).

Nesse sentido, o “‘paradigma do espírito’ teria se tornado mais coerente a partir da revolução conceitual promovida pelo Espiritismo”. Para Incontri, “o Espírito revelado pelo Espiritismo resgata a tradição ocidental,

fundamentando-a”. E, “a partir de Kardec, incorpora-se essa interação entre as instâncias física e extrafísica da realidade, como uma das formas possíveis e necessárias de conhecimento” (Ibid., p. 190; 191).

Segundo a pesquisadora, a partir de Kardec, “aceitou-se o diálogo entre o mundo material e imaterial como meio válido de pesquisa da verdade, com experimentos feitos de forma controlada e empírica, para que a percepção extrassensorial não escapasse pelo desvario” (Ibid., p. 191-192).

Incontri esclarece que “o ser humano é dotado de capacidades que podem não ter sido totalmente exploradas ou que foram apenas parcialmente manifestadas”. E que, “pela primeira vez na história, a ideia de reencarnação foi associada à noção de evolução espiritual” (Ibid., p. 194).

Em consonância ao “novo conceito de criança”, Incontri esclarece que a proposta espírita da reencarnação remodela a visão da infância e sintetiza as contribuições pedagógicas defendidas em sua tese, observando que não é necessário apoiar os postulados de Kardec para entender que “a criança é um ser reencarnado” (Ibid., p. 196).

Para a fundamentação do argumento acima, Incontri recorre, em sua tese, à proposição de Carol Bowman, escritora norte-americana conhecida por seu trabalho no estudo de supostos casos de reencarnação envolvendo crianças pequenas. Bowman propõe reformulações no papel do educador e na finalidade da educação, afirmando que agora é possível saber que “as crianças são mais que seres biológicos formados por hereditariedade e ambiente; também são seres espirituais que trazem consigo sabedoria e experiência, reunidas em outras vidas na Terra” (Ibid., p. 196).

Dessa forma, “a ação pedagógica se transfigura diante do novo conceito de infância”, já existente em Comenius, Rousseau e Pestalozzi. Subjacente, mas não assumidamente reencarnacionista, que propõe dar continuidade às ações propostas anteriormente (Ibid., p. 198).

Na concepção reencarnacionista,

Ao nascer, a criança está sujeita às condições biológicas da espécie. Com o desenvolvimento orgânico, vai definindo características individuais, revelando capacidades de ajustamento social, cultural, e de possibilidades de autossuperação moral e espiritual (Incontri, 2001, p. 200).

Nesse sentido, Incontri argumenta que “o paradigma do espírito ‘pode causar enorme impacto na pedagogia, por meio de conceitos revolucionários a respeito do ser humano, do ser criança e das finalidades da existência” (Ibid., p. 201).

A pesquisadora enfatiza que com isso, a perspectiva reencarnacionista já não seria mera suposição teórica, baseada apenas na fé, porquanto, o “paradigma do espírito” por meio da filosofia de Kardec estabelece as bases para um novo

conhecimento pedagógico, por meio de abordagem educacional inovadora (Ibid., p. 201).

Dora Incontri cita Franco Cambi, pedagogo italiano, que afirma ser a pedagogia,

Área em transformação, crise e crescimento, atravessada por tensões, desafios, tarefas, instâncias de radicalização, autocrítica, desmascaramento de engrenagens e estruturas, à procura de equilíbrio, sempre ligada a novas identidades (Incontri, 2001, p. 202).

Doralice Incontri acrescenta que “a complexidade do discurso na área pedagógica exige engajamento que estabeleça as características epistêmicas, com rigor e racionalidade”. E, nesse sentido, segundo a pesquisadora, após 200 anos, desde as reflexões de Pestalozzi e Rivail, a ciência pedagógica foi modificada pelo materialismo que influenciou suas bases ocidentais, e que é essencial reconstruir essa ciência/filosofia/arte (Ibid., p. 202).

E a orientação essencial desse processo inovador poderia ser baseada no princípio denominado “paradigma do espírito”. A seguir, apresentamos os elementos fundamentais vinculados a essa perspectiva filosófica, elencados da tese de Doralice Colombo Incontri.

## **FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA ESPÍRITA**

### **Interexistência**

O ser humano é “interexistente”, ou seja, transcende as limitações das dimensões físicas e visíveis, expandindo-se espiritualmente, tanto no tempo quanto no espaço. Sua existência é enriquecida através do tempo, por um passado histórico que se manifesta através de lembranças, intuições, tendências, impulsos, conhecimentos inatos e experiências previamente adquiridas. Quanto ao espaço, ele mantém conexão contínua, que vai além dos sentidos com outros seres, e é capaz de perceber outras dimensões, por meio de sonhos, visões, comunicações telepáticas, interações explícitas e diretas [...] (Ibid., p. 282).

### **Corporeidade**

A “corporeidade” é instância existencial do homem, necessária, a ser valorizada e assumida.

### **A Criança**

A criança é o ser que recomeça a existir na Terra e está temporária e parcialmente adormecido, tornando-se receptível às sugestões de nova educação.

É um ser inteiro, livre, “interexistente”, que se manifesta em um corpo frágil de criança, para retomar experiências no mundo, em moldes diferentes dos que já experimentou no passado e poder integrar novas personalidades. Sua volta a Terra justifica-se pelo processo de permanente educação do espírito, que deve atingir a perfeição (Ibid., p. 284).

A vida é fenômeno espiritual que se manifesta desde o movimento das partículas subatômicas até as rotações das galáxias, desde o protozoário no fundo do mar até as fulgurações da inteligência humana. Reconhece-se a sua origem divina pelo vetor evolutivo que se observa em suas manifestações, pela sua organização inteligente e providencial, pela beleza múltipla com que brota, desde as flores nos campos da Terra aos bilhões de sóis no infinito [...] (Ibid., p. 285).

## **O Mundo**

O planeta Terra é um local temporário, destinado a servir como ambiente educativo para as almas em busca de evolução, dentre os inúmeros mundos do universo. É uma espécie de escola e laboratório onde, ao longo de milênios, os Espíritos adquirem aprendizado por meio de experiências vividas, buscando aprimorar-se e se alinhar com a trajetória ascendente da vida. Bilhões de almas reencarnam neste planeta, repetidamente, e, de acordo com as condições materiais da existência humana, progridem, contribuindo para a construção da história, por meio da combinação de erros, acertos e avanços. Explorando a ação no mundo, aprendem o que lhes proporciona felicidade e realização [...] (Ibid., p. 286).

## **A Educação**

Processo constante para melhoria do Espírito, com objetivo despertar suas capacidades inatas. A realização progressiva de sua natureza divina não se limita a uma única vida, se estende ao longo da eternidade. Renascemos repetidamente, evoluindo de mundo a mundo, envolvendo-nos em diversas experiências, explorando a natureza do cosmos em busca de compreensão. Esse processo faz parte de nossa jornada educativa contínua, como Espíritos em busca de evolução [...] (Ibid., p. 287).

## **O Educador**

O educador desempenha o papel fundamental de estimular a vontade de evolução no educando. Deve observar com atenção, demonstrando respeito pelo aprendiz, com o propósito de descobrir como alcançar o cerne do seu ser, a fim de despertar sua essência divina e dar início a um processo de autoeducação. Cada



ação pedagógica genuína é um gesto que desbrava os caminhos que permitem ao ser humano se conhecer e se transformar, capacitando-o a participar do impulso evolutivo presente no universo [...] (Ibid., p. 288).

## **PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA ESPÍRITA**

### **O Amor**

Princípio fundamental e mais elevado da Pedagogia Espírita, impulso que motiva o Espírito, incentivando-o a buscar o progresso [...] (Ibid., p. 289).

### **A Liberdade**

O respeito à liberdade do indivíduo deriva do amor. Reconhecer a liberdade do outro não deve ser apenas um entendimento racional ou um mero cumprimento de direitos; para ser genuíno, deve ser sustentado por vínculos da fraternidade [...] (Ibid., p. 290).

### **A Igualdade com Singularidade**

Os Espíritos compartilham uma essência fundamental e igualitária, caracterizada por liberdade, origem divina, destino transcendente e capacidade inerente para o bem. Apesar dessa igualdade essencial, cada um deles é único e singular, possuindo potencialidades diversas, variedade de experiências vividas, histórias pessoais e memórias individuais [...] (Ibid., p. 290).

### **A Naturalidade**

Conceito de suma importância na filosofia da Pedagogia Espírita, o princípio da naturalidade baseia-se na compreensão de que tudo no universo é constituído por uma única natureza divina, e que o mundo espiritual é tão natural quanto o mundo físico, uma vez que são aspectos de uma única realidade. Nada é visto como misterioso, irracional, incognoscível ou inatingível para a capacidade humana, à medida que esta evolui eternamente. As interações entre Espíritos encarnados e desencarnados, assim como entre diferentes humanidades de mundos, são consideradas como parte do processo normal de comunicação entre seres [...] (Ibid., p. 292).

### **A Ação**

Assim como o Espírito se desenvolve no transcorrer dos milênios, experimentando circunstâncias, vivendo papéis sociais diversos, produzindo,

material e intelectualmente, aprendendo a lidar com a vida, com o outro e consigo, também a Pedagogia Espírita se propõe ativa dentro da corrente de pensadores em que se insere. A aprendizagem se dá pela ação livre. A escolha da ação, com seus frutos, desenvolve o sentido de responsabilidade. A ação em si, traduzindo-se em atividades sociais, em produções estéticas, intelectuais ou manuais, põe em uso as potencialidades humanas, que só podem ser trazidas à tona e aperfeiçoadas pelo exercício [...] (Ibid., p. 293).

### **A Educação Integral**

Após adquirir todas as virtudes, conhecimentos e talentos, por meio das reencarnações, o Espírito, em algum momento da eternidade, se tornará sábio e puro, um apreciador da beleza e um criador, como herdeiro da divindade. Cada encarnação na Terra tem como objetivo ajudá-lo a progredir em aspectos morais e intelectuais [...] (Ibid., p. 293).

## **APLICAÇÕES PRÁTICAS DA PEDAGOGIA ESPÍRITA**

### **Escola Livre e Afetiva**

As escolas livres não devem seguir padrões uniformes. Com base nos princípios descritos, é esperado que apareçam instituições de ensino, distintas umas das outras, em termos de organização, abordagem pedagógica, mentalidade do corpo docente e interesses específicos do corpo discente. É fundamental levar em conta as condições socioculturais locais em que a escola está localizada, e incentivar a participação ativa e criativa dos membros da comunidade escolar, resultando em modelo educacional diverso e democrático [...] (Ibid., p. 295-296).

### **Atividades Éticas**

A ética não deve ser transmitida por meio da restrição de ações, impondo limites externos ou através de regras estabelecidas de forma artificial, ainda que sejam voluntariamente aceitas por todos. Regras desempenham papel importante na organização eficaz de tarefas ou na convivência prática, mas não estão intrinsecamente ligadas à ética, que é baseada em princípios de moralidade e ação consciente em prol do bem. Portanto, é preferível incentivar um comportamento ético desde cedo, permitindo que as pessoas se sintam úteis aos outros, pratiquem a ajuda mútua e demonstrem interesse na felicidade alheia [...] (Ibid., p. 296).

## **Produções Estéticas**

A escola deve preocupar-se com parâmetros estéticos, procurando recuperar o sentido de beleza que se ausentou da civilização massificada. O educando precisa ter contato com as obras que a humanidade já produziu. Deve ter acesso desde cedo, à música clássica dos grandes mestres, à música regional de todos os povos; deve aprender a apreciar obras plásticas, entender sobre as pinturas rupestres, as pinturas renascentistas e impressionistas; deve ouvir e ler poesias, ir a peças de teatro, aprender sobre a Grécia Antiga e promover o respeito às manifestações culturais do país, impregnando-se, assim, das criações estéticas, desenvolvendo seus próprios talentos [...] (Ibid., p. 297).

## **Produções Intelectuais**

A escola precisa ser um microcosmo de uma universidade, promovendo a reflexão crítica, fomentando o espírito científico e incentivando atividades intelectuais. Isso permite que o Espírito assuma o controle de seu próprio desenvolvimento cognitivo e se torne um aprendiz constante, tanto durante a vida terrena quanto além dela. Para alcançar esse objetivo, os tópicos de estudo devem derivar dos interesses dos estudantes, e das sugestões dos educadores, que são livremente aceitas, ou das necessidades práticas do cotidiano [...] (Ibid., p. 297).

## **Abolição de Castigos e Recompensas**

A escola deve abolir os recursos coercitivos e punitivos e da mesma forma as diferentes emulações, inclusive as notas, que mais do que avaliar, servem para estimular a vaidade, a competição ou minam a autoconfiança dos que não atingem o objetivo proposto, que geralmente se baseia na padronização de resultados [...] (Ibid., p. 298-299).

## **Cultivo da Espiritualidade**

A Pedagogia Espírita se propõe a realizar tudo isso, porque está fundamentada no fato de que o homem é um ser espiritual, no qual se manifestam as potencialidades divinas da virtude e da sabedoria. Mas, apenas quando se descobre e se sabe como ser espiritual, que o ser “interexistente” pode se assumir como tal e ter a devida força, persistência e confiança para trabalhar por sua transcendência [...] (Ibid., p. 300-301).

### **Autogestão Administrativa**

Os princípios de liberdade e igualdade devem ser aplicados não apenas ao ensino, mas também à gestão da escola. A administração da escola deve ser integrada à proposta pedagógica, a fim de evitar contradições entre o que é ensinado aos alunos e como as relações de trabalho são conduzidas. Nesse sentido, o modelo tradicional de empregador e empregado deve ser eliminado, uma vez que se baseia no poder hierárquico determinado pelo valor monetário [...] (Ibid., p. 301-303).

### **Cogestão Pedagógica**

É preciso que se faça uma cogestão pedagógica, ou seja, cada qual deve disponibilizar para a comunidade escolar todas as áreas de seu conhecimento e ao mesmo tempo manifestar todas as suas áreas de interesse. Então, alunos, pais, professores, ou qualquer outro membro, poderão sugerir grupos de estudo, pesquisa, laboratórios, cursos. Não se seguirá mais mecanicamente o currículo fixo e monótono, imposto pelos órgãos governamentais, mas abrir-se-á uma vasta gama de cultura e aprendizado [...] (Ibid., p. 303-304).

### **Escola Social**

A escola, através de seus membros, deveria exercer militância em causas que envolvam o bem coletivo, como campanhas sociais pela paz, pela justiça, escapando da ilusão comum de que basta escrever panfletos e cartazes para estar atuando em favor de uma boa causa. Professores, alunos e outros membros da escola poderão ter projetos de ajuda social e de promoção educativa [...] (Ibid., p. 305).

### **Escola Universal**

A escola deve se abrir-se, estabelecendo contatos e estendendo sua influência, igualmente para o mundo. Os meios de comunicação atuais permitem situar-se internacionalmente, promovendo intercâmbios e buscando a cultura universal. A aprendizagem das línguas, por exemplo, ganha aplicabilidade e exercício imediatos (Ibid., p. 305).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de Dora Incontri evidencia a possibilidade de estudos sobre a literatura espírita coexistir de forma harmoniosa com o currículo acadêmico tradicional.

A tese ressalta a relevância do Espiritismo, como “a religião do livro”, expressão discutida também por Bernardo Lewgoy na pesquisa de doutoramento intitulada “Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista”, defendida no ano de 2000, em Antropologia Social, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, também na Universidade de São Paulo. A pesquisa de Lewgoy também destaca a influência significativa que a “literatura espírita” pode ter no enriquecimento do conhecimento acadêmico brasileiro.

Ao destacar a Pedagogia Espírita como uma proposta originada no Brasil, Dora Alice Colombo colabora para ampliar o reconhecimento e entendimento da relevância da educação integral no contexto brasileiro. Nesse sentido, a originalidade de sua tese contribui para impulsionar um modelo educacional que vá além do aspecto intelectual, buscando simultaneamente promover o bem-estar mental, emocional-espiritual dos estudantes.

Ao longo de sua carreira, Dora Incontri publicou mais de 40 livros abordando assuntos variados, assim como obras psicografadas. Atualmente, ela está à frente de um projeto alternativo denominado “Universidade Livre Pampédia”, que promove cursos na área de Humanidades. Ela também coordena cursos de pós-graduações, grupos de estudos e grupos de pesquisas.

Nos próximos textos da presente seção “Precursores da Pedagogia Espírita”, destaca-se as contribuições de Eurípedes Barsanulfo, Anália Franco, Tomás e Maria Aparecida Novelino, Ney Lobo e José Herculano Pires, educadores que por meio das suas atividades na área educacional, fizeram a integração entre teoria e prática, conceitos e ações, na formação do indivíduo, por meio da abordagem da Pedagogia Espírita.

## REFERÊNCIAS

INCONTRI, Dora Alice (Dora Incontri). **Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas** (Tese). Feusp, SP, 2001.

PAMPÉDIA, **Universidade Livre**. Disponível em: <https://pampedia.eadplataforma.com/lesson/detail/18/267/> Acesso: 28, out. 2023.

## PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL: EURÍPEDES BARSANULFO, EDUCADOR PIONEIRO

*Dirce Maria da Silva<sup>1</sup>*

A educação representa um caminho essencial para atender às aspirações humanas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e politicamente participativa. Eurípedes Barsanulfo.

### INTRODUÇÃO

A primeira experiência da Pedagogia Espírita no Brasil foi a de Eurípedes Barsanulfo (1880-1918) com o Colégio Allan Kardec em Sacramento (MG). Sua proposta pedagógica consistia em educar o indivíduo para alcançar autonomia, liberdade com responsabilidade, habilidade crítica, racionalidade, igualdade, espiritualidade e felicidade.

Antes de fundar o Colégio Allan Kardec, o professor Barsanulfo foi um dos docentes fundadores do Liceu Sacramento. E, “contrário ao ensino escolar centrado num sistema autoritário e rigoroso, sem preocupação com formação consciente e crítica do mundo”, ele empreendeu esforços que o levaram a fundar o Colégio Allan Kardec, em 1907, primeira escola espírita no Brasil, marco inicial, que legaria uma proposta de ensino-aprendizagem centrada nos ensinamentos kardecistas.

Por conseguinte, o presente texto constitui-se de uma sucinta revisão a pesquisas que versam sobre a trajetória de Eurípedes Barsanulfo na formulação da abordagem da Pedagogia Espírita no cenário brasileiro.

A revisão de literatura procura compreender a perspectiva progressista de Barsanulfo no contexto social e educacional brasileiro da época. Entre os estudos abordados nesta revisão, destacam-se a investigação realizada por Dora Alice Colombo (USP, 2001) e Alessandro César Bigheto (2006).

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. E-mail: dircem54@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>.

## UM EDUCADOR ESPÍRITA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Segundo informações de Alessandro Bigheto (2006), Eurípedes Barsanulfo teria hesitado em adotar imediatamente o Espiritismo como credo religioso, devido à sólida educação católica que recebeu de seus pais, Hermógenes Ernesto de Araújo e Jerônima Pereira de Almeida. Sua introdução à Doutrina Espírita ocorreria por meio de seu tio, Sinhô Mariano, fundador e dirigente do Centro Espírita Fé e Amor<sup>2</sup>, uma das instituições espiritistas mais antigas de Minas Gerais/BR.

Dora Incontri (2001) informa que a leitura de um livro de Léon Denis e sua participação em reuniões mediúnicas, onde teria testemunhado fenômenos que o convenceram da autenticidade do Espiritismo, determinaram as mudanças religiosas na trajetória de Barsanulfo.

Em 27 de janeiro de 1905, Barsanulfo fundou o Grupo Espírita Esperança e Caridade<sup>3</sup> em sua residência, local em que já realizava o chamado “Culto Cristão” (a leitura de O Evangelho Segundo o Espiritismo a partir das 9h). Ali, Barsanulfo promoveria encontros memoráveis e sua mediunidade sonambúlica e de efeitos físicos se manifestaria.

Segundo Bigheto, sua grande vocação era a educação, pois sabia que, através dela poderia incutir valores morais que julgava serem de extrema valia na consciência e nos corações das crianças.

Em 02 de abril de 1907, Barsanulfo inauguraria o Colégio Allan Kardec<sup>4</sup>, primeiro colégio espírita do Brasil, onde educou um grande número de pobres e órfãos, mas, principalmente, implantaria uma nova metodologia educacional, a Pedagogia Espírita, de instrução intelectual e moral.

O potencial mediúxico de Barsanulfo seria outro aspecto que marcaria sua vida, tendo ele desenvolvido diversos tipos de mediunidade, como a de cura, audição, vidência, psicografia, intuição e bcorporeidade, isto é, a faculdade de desdobramento, quando um médium surge em um determinado local enquanto seu corpo permanece em outro.

Fatos do gênero teriam acontecido diversas vezes, como na ocasião em que ele teria entrado em transe e descrito detalhadamente, para seus alunos, o local, o horário e os participantes de uma reunião que havia acabado de acontecer, na cidade de Versalhes, na França, local onde foi assinado um histórico tratado.

---

2 Fundado em 28/08/1900. Disponível em: <https://www.grupofeller.com.br/single-post/2018/11/20/f%C3%A9-e-amor-o-primeiro-centro-esp%C3%ADrita-do-interior-mineiro> Acesso em: 28, Nov., 2023.

3 Grupo Espírita Esperança e Caridade, fundado em 1905 por Eurípedes Barsanulfo. Disponível em: <https://cak.org.br/> Acesso em: 28, Nov., 2023.

4 O colégio foi criado inicialmente com o nome de Liceu Sacramento, em 1902. Disponível em: <https://cak.org.br/> Acesso em: 28, Nov., 2023.

A constante produção de fenômenos mediúnicos atraía as pessoas para a pequena cidade de Sacramento. Barsanulfo promovia curas, segundo informações, sem jamais cobrar por isso, inclusive recuperando doentes desenganados pela medicina, com o auxílio de uma equipe espiritual comandada pelo espírito do médico Adolfo Bezerra de Menezes.

Ele criou a Farmácia Espírita Esperança e Caridade, que funcionava ao lado de seu quarto. A farmácia servia de base para as atuações do Dr. Bezerra, que por meio da mediunidade de Eurípedes, atendia os necessitados com orientações, receitas médicas e cirurgias espirituais.

Bigheto informa ainda que, como não poderia deixar de acontecer, tendo em vista a época e o porte da cidade de Sacramento, Barsanulfo sofreu perseguições e acusações. Um desses casos ocorreu em 1913 quando o padre Feliciano Lague, de Campinas/SP, atendendo ao chamado de religiosos da cidade mineira, tentou anular a influência do médium e do prestígio do Colégio Allan Kardec.

Depois de algumas investidas, Barsanulfo teria proposto um debate público com o padre. No dia marcado a praça da igreja matriz ficaria repleta de sacramentanos e moradores de cidades vizinhas, para assistir ao debate.

O confronto tornou-se memorável. Segundo registros, todos os argumentos de acusação do padre Lague sobre a conduta de Barsanulfo e o Espiritismo foram refutados, devido ao raciocínio lógico tranquilo e consistente por parte de Barsanulfo, que se saiu vitorioso, conforme esclarece Lauret Godoy em seu livro “Maravilhosos Encontros com Eurípedes Barsanulfo (2002).

## O COLÉGIO ALLAN KARDEC

Segundo Dora Incontri (2001), referências à Pedagogia Espírita estão delimitadas às escolas ou práticas educacionais que apresentem um ou mais elementos diferenciais e significativos ao da educação tradicional, não bastando uma escola autodenominar-se espírita, para se inserir no quadro desta Pedagogia.

A primeira escola espírita do mundo, com o nome de *Spiritualist Progressive Lyceum* teria sido fundada em 1863, por Andrew Jackson Davis<sup>5</sup>, médium americano, considerado “o profeta do Espiritismo”. Davis acreditava que cada criança era um ser espiritual único. As classes eram pequenas, não seriadas; as aulas eram dadas com método socrático.

Também se tem notícia de uma escola espírita argentina, *Colegio La Fraternidad*, que teria sido fundada em 1880 por Rosa e Antonio Ugarte, cujas atividades se desdobrariam até o início do século XX. Por este colégio teriam passado mais de 1500 alunos, tendo seu declínio com a morte da fundadora.

5 Cognominado O “Pai do Espiritualismo Moderno”, o “Allan Kardec americano”. Disponível em: [www.feeb.org.br](http://www.feeb.org.br). Acesso: nov. 1, 2023.



Mas há alegações de que o método de ensino praticado na escola argentina era o tradicional, com distribuição de prêmios, medalhas, bem diferente do que praticava Eurípedes Barsanulfo.

Dora Incontri argumenta que, se o referido colégio trabalhou com princípios pedagógicos espíritas, coisa que não é possível sabê-lo ao certo, ela seria a segunda escola espírita do mundo. Se não, a segunda escola espírita do mundo é o Colégio Allan Kardec, em Minas Gerais (Incontri, 2001, p. 211).

Segundo Incontri, desde a juventude, Barsanulfo demonstrava destacada habilidade intelectual, sobressaindo-se nas atividades religiosas da tradição católica e desempenhando papéis ativos nos âmbitos social, político e cultural da sua cidade.

Aos 12 anos, teria sido um dos fundadores do Grêmio Dramático Sacramentano, e algum tempo depois, também esteve envolvido na fundação do jornal *A Gazeta de Sacramento* (Incontri, 2001, p. 212).

Aos 22 anos, em colaboração com outros educadores locais, fundou o Liceu Sacramento. Corina Novelino<sup>6</sup>, biógrafa de Barsanulfo, conta que,

Eurípedes fora o abalizado construtor da iniciativa. Teve ele o cuidado de cercar-se de competente equipe de coadjuvantes, convidando o que havia de mais capacitado, na época, na cidade, para compor o quadro de sócios da nova entidade educacional (Novelino, 1981, p. 56; Incontri, 2001, p. 212).

Mas o início não teria sido tão simples. A família não o apoiava em sua nova religião, os companheiros de magistério também o abandonariam, o mobiliário escolar fora retirado do local, e o prédio onde funcionava o Liceu foi requerido por proprietários (Incontri, 2001, p. 213).

Persistindo, Barsanulfo reinaugurou o Liceu em espaço mais reduzido. Nesse período, a quantidade de alunos era limitada, devido à nova orientação religiosa. Segundo relatos do próprio Eurípedes, registrados por Corina Novelino, uma intervenção espiritual redirecionaria suas iniciativas educacionais.

Dora Alice Incontri esclarece que, assim como outras filosofias, surgidas sob a influência de uma revelação, a Pedagogia Espírita também teve seu impulso inicial. A princípio influenciada pelas manifestações mediúnicas de Andrew Jackson Davis, a então recém-nascida abordagem pedagógica experimentou, posteriormente, uma intervenção espiritual em Barsanulfo.

Uma mensagem atribuída a Maria, mãe de Jesus, teria sido recebida por ele, estabelecendo os fundamentos para a nova abordagem pedagógica, com

---

6 As informações sobre Eurípedes Barsanulfo são constantes do trabalho de Corina Novelino, discípula e biógrafa de Barsanulfo, que recorreu a fontes diversas, sobretudo orais, para compor seu trabalho. Também há informações oriundas de entrevistas realizadas por Dora Incontri com o Dr. Tomás Novelino, este também discípulo de Barsanulfo, além de entrevista feita por Eduardo Monteiro Carvalho, pesquisador espírita, em janeiro de 1990, cedida para compor a tese de Dora Incontri, 2001, p. 212.

diretrizes para “fechamento do Liceu, abertura do Colégio Allan Kardec, de orientação espírita, com a instituição de um curso de Astronomia para todos os alunos e o ensino do Espiritismo”.

Segundo relatos de Barsanulfo, a promessa de Maria consistia na proteção divina envolvendo o colégio. Eurípedes seguiu a orientação e em pouco tempo o Colégio Allan Kardec floresceu em número de alunos.

Com relação ao fenômeno da revelação, Dora Incontri esclarece que à semelhança da revelação transmitida a Barsanulfo, também o educador e santo católico D. João Bosco, quando tinha 9 anos, teve um sonho no qual a Virgem Maria orientava sua missão pedagógica. Incontri esclarece:

Manifestações desse tipo não estão restritas a uma única tradição religiosa. Maria, considerada um espírito elevado e iluminado, conforme relatado por D. Bosco, apareceu a ele como uma “Senhora de aspecto majestoso, vestida com um manto que resplandecia como o sol”. Essas manifestações espirituais podem ocorrer para qualquer indivíduo que possua pureza de coração suficiente ou a quem se deseje inspirar, independentemente de suas convicções religiosas (Bosco, 1983, p. 15; Incontri, 2001, p. 213-214).

De acordo com Dora Incontri, há, na atualidade, um movimento difundido entre os católicos, envolvendo manifestações, inclusive registros escritos, que são atribuídos a Maria.<sup>7</sup>

Quando às atividades pedagógicas na escola, Barsanulfo era contrário ao ensino centrado em autoritarismo, sem preocupação com a formação crítica do mundo. Nesse sentido, desenvolvendo visão colaborativa comprometida com os educadores, educandos e comunidade, a escola aboliu castigos, fortalecendo a relação de amizade e vínculo afetivo entre professores e alunos, características que compunham o conjunto de instruções voltadas à educação ativa.

O colégio tinha por base os postulados kardecistas, demonstrando a abrangência cultural, social e política da pedagogia espírita. Segundo Bighetto, a visão predominante de ensino à época era a reprodução de habilidades de leitura e escrita. A abordagem inovadora do Colégio Allan Kardec passou a promover ação, liberdade consciente e responsabilidade, objetivos do

---

7 Essa abordagem destaca a universalidade de experiências espirituais e aparições divinas, transcendendo barreiras religiosas. A perspectiva enfatiza a ideia de que experiências espirituais transcendentais, conhecidas também como epifanias, podem ocorrer em diferentes contextos religiosos e para uma variedade de pessoas, ressaltando a natureza inclusiva de tais eventos. Sobre o assunto, veja: PORTELA, E. N.; SILVA, Dirce Maria da.; “Imagens da Virgem Maria na liturgia do Santo Daime”. In: Revista Cerrados, Brasília, v. 53, p. 00-00, dez. 2020, p. 143. E também: SILVA, Dirce Maria da; CARDOSO, Manoel Santana; PORTELA, Eunice Nóbrega. “Capital simbólico e reproduções sociais: contribuições de Pierre Bourdieu para o entendimento do sincretismo religioso”. In: Aplicabilidades das teorias de Bourdieu, Certeau, Chartier e Foucault em nosso cotidiano: costumes e sujeitos. Itapiranga: Schreiber, 2022, p. 149-157.

desenvolvimento espiritual. Dentre as novas ideias introduzidas por ele, destacam-se:

- 1) Abolição da pedagogia dos castigos e recompensas. Seu objetivo era criar um clima de cooperação, colaboração e familiaridade. Ele não castigava seus alunos; dialogava com eles, levando-os a pensar, refletir, entender e reparar o erro, trabalhando assim as questões éticas e morais.
- 2) Incentivo à habilidade de debate entre alunos, desenvolvendo a capacidade de pensar e argumentar sobre assuntos diversos, aguçando o espírito crítico e de observação da natureza.
- 3) Introdução de salas mistas, com meninos e meninas juntos num mesmo ambiente de aprendizagem. Barsanulfo enfatizava que eles deviam ser tratados da mesma forma, em pé de igualdade.
- 4) Participação de alunos de forma coletiva nas ações sociais e comunitárias, no auxílio às comunidades locais.
- 5) Incentivo à visão científica de pesquisa na escola. Alunos dissecavam animais, estudavam astronomia, praticavam atividades físicas e estudavam filosofia, com ênfase no método aristotélico de ensino ao ar livre.
- 6) Não havia reprovação. Os alunos estudavam uma quantidade de matérias e a partir de um determinado período de tempo cumprido, avançavam. Faziam semanas culturais, sempre com participação da comunidade. Havia incentivo constante à participação social e cultural, não ficando o ensino ensimesmado à aquisição passiva; enfatizava-se o aprendizado para a prática.
- 7) Havia ensinamentos espíritas, mas a escola não era doutrinária, não enfatizava o proselitismo, pois Eurípedes cultivava concepção inter-religiosa, com ênfase na liberdade de pensamento.
- 8) Busca da afetividade, ponto de suma importância em sua filosofia pedagógica, promovendo vínculos afetivos entre mestres e alunos. Já se trabalhava com os olhos voltados à importância da relação afetiva entre aluno/professor na aprendizagem (Bigheto, 2006).

Nesse sentido, Barsanulfo procurou utilizar os princípios do Espiritismo de forma aplicada, com o mesmo olhar que as concepções espíritas trazem para a educação. O desenvolvimento das capacidades humanas considera que somos seres reencarnados e em processo de evolução, buscando a integralidade em três dimensões, listadas a seguir:

Barsanulfo buscava, então, promover a mentalidade colaborativa e solidária na interação social, convocando a participação da comunidade na escola, incentivando a solidariedade, destacando a importância de uma educação direcionada para a formação integral do ser humano.

Tais ações reafirmariam o pioneirismo da Pedagogia Espírita, de base progressista, na formação de cidadãos dotados de conhecimento científico, habilidades técnicas, pensamento e consciência, críticos de seu papel na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da ausência de um diploma universitário, Barsanulfo possuía vasto conhecimento em disciplinas diversas, incluindo filosofia, direito e medicina. As suas contribuições transcendem os limites de sua época. A sua abordagem educacional de vanguarda desafiou as normas convencionais de então, por privilegiar um modelo de educação voltado ao desenvolvimento da autonomia, liberdade, da espiritualidade e formação integral do ser humano.

O compromisso com a educação fundamentada em valores espirituais, aliado ao desejo de promover a formação integral dos indivíduos, continua a inspirar educadores e pesquisadores que buscam por práticas educacionais que transcendam os limites convencionais.

Eurípedes Barsanulfo exerceu o cargo de vereador por dois mandatos, e levou para Sacramento vários benefícios sociais, como água encanada, bonde, luz, um cemitério público e maiores recursos para a educação.

Ele faleceu no ano de 1918, com apenas 38 anos de idade, vítima da gripe espanhola.

## REFERÊNCIAS

BIGHETO, Alessandro César. **Eurípedes Barsanulfo, um educador espírita na Primeira República** [Dissertação], Campinas, SP: [s.n.], 2006.

BOGO, Cesar. **Fraternidad Centenaria: Síntesis de la actividad desplegada em 100 años por la Asociación La Fraternidad**. Buenos Aires, La Fraternidad, 1980, p. 82.

BOSCO, Terésio. **Dom Bosco, uma biografia nova**. São Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1983, p. 15.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. (tese de Doutorado) São Paulo, FEUSP, 2001.

NOVELINO, Corina. **Eurípedes, o Homem e a Missão**. Araras, IDE, 1981, p. 56.

**PAMPÉDIA, Universidade Livre. Disponível em:** <https://pampedia.eadplataforma.com/lesson/detail/18/267/> Acesso: 28, out. 2023.

PORTELA, E. N.; SILVA, Dirce Maria da.; *Imagens da Virgem Maria na liturgia do Santo Daime*. In: **Cerrados**, Brasília, v. 53, p. 00-00, dez. 2020, p. 143.

SILVA, Dirce Maria da; CARDOSO, Manoel Santana; PORTELA, Eunice Nóbrega. **Capital simbólico e reproduções sociais: contribuições de Pierre Bourdieu para o entendimento do sincretismo religioso**. In: *Aplicabilidades das teorias de Bourdieu, Certeau, Chartier e Foucault em nosso cotidiano: costumes e sujeitos*. Itapiranga: Schreibern, 2022, p. 149-157.

## PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL: ANÁLIA FRANCO - ATIVISTA SOCIAL E “GRANDE DAMA DA EDUCAÇÃO”

*Dirce Maria da Silva<sup>1</sup>*

O propósito da educação é reduzir progressivamente a dependência da caridade em nossa sociedade, promovendo o desenvolvimento da educação e do trabalho. Anália Franco.

### INTRODUÇÃO

A importância de Anália Franco decorre da amplitude de suas ações, as quais a coloca como referência do campo da assistência social no Brasil. De personalidade multifacetada, atuou como professora, jornalista, poetisa e escritora, consolidando seu legado como uma expoente figura da filantropia na história brasileira.

Anália Franco introduziu ideias que integravam inovações pedagógicas do final do século XIX e início do XX, aplicando-as em locais como creches, asilos infantis e escolas maternas, num período em que esses ambientes tinham ênfase mais voltada para o aspecto assistencial.

Por conseguinte, o propósito deste estudo, de revisão acadêmica de literatura, é aprofundar a compreensão do legado de Anália Franco, que de forma interdisciplinar, destacou a importância do compromisso para com a educação e a transformação social.

Entre os estudos abordados nesta revisão, destaca-se a investigação realizada por Dora Alice Colombo, intitulada “Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas” (USP, 2001). Essa pesquisa aborda os elementos pedagógicos do trabalho de Anália Franco, concentrando-se especialmente no apoio oferecido a mulheres e crianças.

---

1 Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. E-mail: [dircem54@gmail.com](mailto:dircem54@gmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>.

## DESENVOLVIMENTO

Anália Emília Franco nasceu no Rio de Janeiro, em 1853, mas sua vida transcorreu principalmente em São Paulo. Ela iniciou sua carreira como pedagoga precocemente, auxiliando sua mãe, que era professora no interior do estado, demonstrando independência nas atividades educacionais, desde então.

Aos 24 anos, ingressou na Escola Normal de São Paulo, onde se destacou, recebendo elogios entusiásticos no *Jornal A Província de São Paulo* (1877), devido ao brilhantismo de seu desempenho nos exames (Monteiro, 1992, p. 37; Incontri, 2001, p. 223).

Conforme Incontri (2001), ao retornar ao interior, Anália foi tocada pela situação das crianças negras que, devido à promulgação da Lei do Ventre Livre<sup>2</sup>, eram rejeitadas, abandonadas à sorte da Roda da Misericórdia (Silva, 2017, p. 25)<sup>3</sup>.

Nesse momento, ela tomou a iniciativa de criar uma escola, que viria a ser sua primeira Casa Maternal. Para financiar o projeto, Anália alugou uma residência com seus próprios recursos e chegou a recorrer à prática de pedir esmolas, a fim de garantir o sustento das crianças sob sua proteção.

Durante o período de 1889 a 1930, houve críticas reiteradas à falta de intervenção estatal nas questões sociais relacionadas à infância, com poucos projetos efetivos voltados para a situação das crianças, persistindo a articulação entre setor público e privado, marcada basicamente por ações assistencialistas.

O momento caracterizou-se pela contestação da política da Roda dos Expostos, por resultar num cenário em que a abordagem à infância mantinha a mesma natureza paternalista, mas omissa, com falta de leis e instituições estabelecidas para a efetiva proteção aos menores (Rizzini, 1995, p. 243-298, In: Silva, D. M., 2017, p. 24-25).

---

2 A Lei do Ventre Livre, promulgada em 1871, revelou as fragilidades de seus objetivos, assim como a política decorrente dela, a Roda dos Expostos da Santa Casa. Muitas mães carentes na época buscavam essa instituição para deixarem seus recém-nascidos, uma vez que, caso permanecessem com eles, as crianças poderiam continuar na condição de escravidão, dado que muitos pais ainda eram escravizados. No entanto, a política da Roda dos Expostos acabou contribuindo para o aumento do número de crianças desamparadas, uma vez que, ao atingirem a idade de sete anos, não podiam mais permanecer na instituição, sendo, então, deixadas nas ruas (LODI-CORRÊA, 2009).

3 Roda de Expostos (1825-1961), ligada às instituições caridosas, abadias, mosteiros e irmandades beneficentes. Nela eram deixadas crianças cujos pais por alguma razão não as podiam criar. Formada por uma caixa dupla de formato cilíndrico, a roda era adaptada no muro das instituições. Com a janela aberta para o lado externo, um espaço dentro da caixa recebia a criança. Após rodar o cilindro para o interior dos muros, desaparecia assim a criança aos olhos externos. A primeira roda data de Portugal, em 1498. A Roda da Irmandade de São Paulo data de 1825. O término do uso da Roda da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo se dá em 1950 (SILVA, D. M., 2017, p. 25).

Conforme Lodi-Corrêa (2009), no cenário da Abolição da Escravidão, na República, Anália Franco, ao fundar sua primeira escola, aspirava promover transformações no futuro das crianças. A pioneira escola maternal foi estabelecida em Jacareí, enfrentando desafios relacionados ao preconceito racial. O local inicialmente escolhido para as aulas não permitia a presença de crianças negras, levando Anália a buscar outro local para as atividades escolares.

Após alguns anos, ela optou por deixar algumas das escolas maternais que havia estabelecido no interior e mudar-se para São Paulo, onde se envolveu com o Partido Republicano.

Solidarizando-se com sentimentos de desilusão compartilhados por outros ativistas republicanos<sup>4</sup> naquele momento histórico, em defesa da causa da educação, Anália proclamou:

Enquanto a maioria do povo continuar entregue à deplorável incúria, imersa nas trevas de absoluta e lamentável ignorância, a escravidão não se extinguirá entre nós. A liberdade não passará de uma falsidade se faltar ao seu mais importante e rigoroso dever: **a educação do povo**. Em suma, a Democracia, que se constitui amiga da Ciência, deve esforçar-se para que ela penetre por toda parte e compreendendo melhor o que disse o divino revolucionário da Judéia: “Na verdade é que está a liberdade”; por conseguinte, a Ciência que conduz à verdade é a primeira emancipadora dos povos; e que há de elevá-los à conquista dos seus lisonjeiros destinos, assegurando-lhes a paz à família, a prosperidade, a liberdade do trabalho, o bem-estar, a felicidade, e, enfim, o engrandecimento real de toda a humanidade (Franco, 1898, p. 158; Kishimoto, 1988, p. 53; Incontri, 2001, p. 224-225; Grifo Nosso).

Da mesma forma, a ênfase dada à educação como meio para alcançar transformações econômicas, políticas e sociais é perspectiva que também permeia os escritos de Allan Kardec. Em “O Livro dos Espíritos”, quando aborda questões relacionadas a injustiças sociais, desigualdade na distribuição de riquezas e condições de trabalho, Kardec alerta que:

Há um elemento que não se ponderou o bastante, e sem o qual a ciência econômica não passa de teoria: **a educação**. Não a educação intelectual, mas a moral, e nem ainda a educação moral pelos livros, mas a que consiste na arte de formar os caracteres (Kardec, 1972, item 685, p. 311; Incontri, 2001, p. 225; Grifo Nosso).

Kardec ressalta a relevância da educação como um componente essencial, frequentemente menosprezado, que vai além de uma mera teoria.

Quando se discute o avanço da legislação e a importância de tornar mais brandas as leis criadas pelos seres humanos, encontra-se a observação: “Somente

---

4 PERES, Fernando Antônio. Entre espíritas, maçons e anarquistas: Anália Franco, João Penteado e a educação em São Paulo na Primeira República. Revista Horizontes, v. 29, n. 2, p.35-46, jul./dez.2011.

a educação pode reformar os homens, que assim não terão mais necessidade de leis tão rigorosas” (Kardec, 1972, item 796, p. 356).

Nesse sentido, Dora Incontri esclarece que existe uma interconexão de duas vias, delimitada pelo Espiritismo, quando afirma que: “a educação deve promover o desenvolvimento moral do indivíduo, e, esse progresso moral, por sua vez, levará à reforma das instituições” (Incontri, 2001, p. 225).

No mesmo diapasão, Kardec esclarece que: “à medida que os homens se esclarecem sobre as coisas espirituais, dão menos valor às materiais”; e em seguida, emenda, “é necessário reformar as instituições humanas que entretêm e excitam o egoísmo, e isso depende da educação” (Kardec, 1972, item 917).

Anália Franco expressa sua perspectiva, ecoando também as ideias de Comenius, Pestalozzi e Rousseau, ao afirmar:

Na grande obra do presente, o maior dos benefícios para melhorar as condições sociais é incontestavelmente **a obra da educação**. O benéfico influxo da **educação**, do ensino e da instrução é atenuar sem dúvida muitos dos males que hoje sofremos. Se **a educação** das classes sociais não é exclusiva ou o único remédio, visto que os defeitos sociais são derivados de complexas causas, há que infalivelmente contar-se **a educação** no número dos principais remédios (Franco, 1903, p. 2; Incontri, 2001, p. 226; Grifos Nossos).

Nesse mesmo sentido, ao fazer referência a conceitos racistas dos primeiros decênios do século XX, e evidenciando o caráter progressista de seu pensamento e ações, Franco denunciava as mazelas sociais de então, quando afirmava que “dentre os problemas sociais mais prementes estão a marginalização da criança negra, o abandono da mulher e da criança pobre, e a discriminação religiosa”, enfatizando problemas sociais oriundos dos conceitos racistas dos primeiros decênios do século XX, no país, “momento no qual se via o negro como um obstáculo e o imigrante (europeu, japonês), como “peça” na máquina de produção econômica” (Incontri, 2001, p. 226).

Em 1901, Anália Franco estabeleceu a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (AFBI), contando com o respaldo de outras mulheres, de seu parceiro Francisco Antônio Bastos, de Lojas Maçônicas e colegas espíritas. A entidade criou creches e asilos em todo o Estado de São Paulo, com o propósito de:

- 1º recolher as mulheres pobres, com ou sem filhos, que se acham ao desamparo;
- 2º meninas órfãs ou filhas de pais inválidos;
- 3º meninos com suas mães, até 8 anos;
- 4º os filhos de mães operárias de 2 anos para cima;
- 5º criar aulas de instrução primária, secundária e profissional, diurnas e noturnas, para as asiladas ou não;
- 6º criar secções especiais para enfermeiras e mulheres arrependidas (Incontri, 2001, p. 227).



Não existia suporte algum para mães solteiras na sociedade de então. A condição das mulheres, em geral, e especialmente as que desafiavam as normas morais da época, era de apoio bastante limitado ou quase inexistente.

Algo notável a ser destacado é que, o movimento feminista no Brasil, à época, não demonstrava preocupação abrangente com mulheres de baixa renda, mães solteiras ou aquelas envolvidas na prostituição (considerando que, na época, jovens que iniciavam a vida sexual antes do casamento eram estigmatizadas como prostitutas). Além disso, o movimento parecia negligenciar especialmente as mulheres negras. Detalhe evidenciado pelas páginas de “A Mensageira”, revista literária dedicada à mulher brasileira, para a qual Anália Franco fez contribuições.

O senador Paulo Egídio, em discurso proferido no Senado Paulista em 1903, fez menção elogiosa ao trabalho de Anália Franco, reconhecendo sua significativa contribuição para a sociedade. Suas palavras ressaltaram a importância do legado deixado por ela, destacando-a como uma figura notável no cenário político e social da época. O reconhecimento político evidenciou a influência positiva de Franco e sua obra na esfera pública, demonstrando a amplitude do impacto de suas ações na sociedade. Nas palavras do Senador Paulo Egídio:

Em um espaço inferior a um ano, esta senhora e a Associação que ela dirige, fundaram, no Estado, na capital e n’algumas cidades do interior, 25 escolas e, em 4 meses mais ou menos, essas 25 escolas tinham uma população escolar de 1000 crianças de ambos os sexos, de todas as origens e procedências. Ali estão juntos o turco, o judeu, o maometano, o católico, o cristão e o calvinista (Monteiro, 1992, p. 80; Incontri, 2001, p. 230).

Além de criticar os preconceitos da época, Franco promovia a capacitação profissional das mulheres necessitadas de meios para a subsistência. Ela declarava: “Por meio do estudo e ensino profissional às exiladas, promove-se a movência nas suas esferas próprias, permitindo que possam fazer seu próprio destino, independente de qualquer auxílio ou de qualquer proteção”.

Tal perspectiva refletia compromisso com a promoção da redução da desigualdade de gênero, por meio de capacitação profissional, pois é notório que a busca por autonomia e independência é indicativa de uma visão que reconhece a importância das mulheres assumirem papéis ativos na sociedade.

Anália instituiu cursos de corte e costura, flores artificiais, tipografia e escrituração comercial, além de criar o Liceu Feminino, que tinha por objetivo formar professoras para as creches e escolas da Associação (Incontri, 2001, p. 228). Para Dora Incontri, o feminismo de Anália Franco reflete nitidamente a visão espírita, quando diz:

A lei humana para ser justa, deve consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher; todo privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça. A emancipação da mulher segue o processo de civilização, sua escravização marcha com a barbárie. Os sexos, aliás, só existem na organização física, pois os Espíritos podem tomar um e outro, não havendo diferenças entre eles a esse respeito. Por conseguinte, devem gozar dos mesmos direitos (Kardec, 1972, item 822, p. 366).

Nesse sentido, a reencarnação emerge como argumento eficaz contra a discriminação de gênero. Incontri enfatiza que:

A reencarnação torna-se o melhor argumento contra a discriminação sexual. Platão, reencarnacionista, admitia que a alma pode renascer ora homem, ora mulher e, na “República”, as mulheres podiam assumir qualquer função social, inclusive a de guerreira e de filósofa (Incontri, 2001, p. 228).

Em toda a obra de Kardec há, no mesmo sentido, manifestações a respeito dos direitos femininos.

Na Revista Espírita (1865) Kardec registra o processo de emancipação feminina em seu tempo. Ele noticiava sobre mulheres que se diplomavam; publicava sobre a progressiva conquista do poder do voto e falava a respeito de mulheres profissionais, literatas, que se distinguiam. Há declarações, como a seguinte:

Soou a hora da libertação da mulher; ela quer ser livre e para isto há que libertar a sua inteligência dos erros e dos preconceitos do passado. Seu pensamento é livre e nenhum poder do mundo tem o direito de escravizá-la, aos seus interesses e às suas paixões. Ela reclama sua parte de atividade intelectual, e a obterá, porque há uma lei mais poderosa do que todas as leis humanas, é a do progresso, à qual toda a criação está submetida (Kardec, 1865, 373; Incontri, 2001, p. 229).

Incontri explica então, que Anália personificava a mulher anunciada pelo Espiritismo, ao mesmo tempo em que se dedicava ativamente a iniciativas que assegurassem que mulheres em situações desfavorecidas tivessem acesso aos mesmos direitos, denotando caráter social para além do escopo apenas assistencialista.

A prática educacional de Anália Franco, entretanto, era desprovida de proselitismo, mas também de sectarismo. Podia-se ler no Estatuto da AFBI, de 1901, no Artigo nº 12: “Às internas do Asilo e Creche, de 16 anos para cima, dar-se-á ampla liberdade religiosa e filosófica, não sendo, todavia, permitido, dentro do Asilo e Escola Maternais, práticas exteriores de seita religiosa alguma”.

Por conseguinte, não se ministrava ensinamentos específicos sobre o Espiritismo nas instituições. Promovia-se, ali uma espiritualidade ecumênica, que procurava promover entre os alunos, conceitos compartilhados por crenças

diversificadas, como a oração, a imortalidade da alma, a reverência a Deus e a fraternidade humana. Anália Franco afirmava:

As Escolas Maternais, Asilos e Creches são destinados a educar crianças e senhoras de classes e seitas diversas, por isso limitam-se ao ensino das verdades fundamentais como a existência de Deus, a imortalidade da alma e ao ensino da mais pura moral, sem prejudicar as crenças das famílias a que pertençam as crianças (Monteiro, 1992, p. 76; Incontri, 2001, p. 229-230).

Essa abordagem está alinhada com a liberdade de pensamento preconizada por Allan Kardec na filosofia Espírita.

Doralice Incontri esclarece que Rousseau e Pestalozzi, defensores da religião natural, exerceram uma forte influência sobre Allan Kardec no que diz respeito à concepção de uma doutrina desprovida de rituais, estruturas hierárquicas e dogmas. Nessa perspectiva, a fé em Deus, a convicção na imortalidade da alma e a prática do bem constituem a base de uma fé sem uma designação específica, de caráter individual, mais propriamente orientada para a ética que para práticas cerimoniais (Kardec, 1986, Cap. I, Item 55, p. 30; Incontri, 2001, Cap. 1, p. 71-72).

O Espiritismo, então, seguindo abordagem democrática, contrapõe-se a elementos que vão contra as religiões e repudia o extremismo fanático. Na perspectiva de Anália:

Quando consideramos os efeitos funestos que vai produzindo a falta do desenvolvimento moral e religioso das nossas faculdades, devemos empregar todo o amor do nosso coração, todos os esforços da nossa vontade, para combater tenazmente essa indiferença religiosa desse desequilíbrio moral que parece ir rompendo a harmonia das sociedades, e que vai ferindo pela base os fundamentos de organização humana (Franco, 1898, p. 1; Incontri, 2001, p. 231-232).

Assim, Franco promovia a espiritualidade sem adotar qualquer doutrina religiosa, priorizando o resgate moral e espiritual do indivíduo, orientando para um caráter laico e civilizador, isto é, por meio de abordagem esclarecedora, ela promovia os princípios éticos e espirituais, sem promover crenças particulares.

Referências a um princípio Criador possibilitava a incorporação de crenças por parte de católicos, evangélicos, espíritas, muçulmanos e judeus, mas questões específicas como Maria, santos, Espíritos ou profetas não eram tratadas (Incontri, 2001, p. 232).

O conceito de alma e imortalidade era discutido, mas temas como reencarnação, céu e inferno não eram mencionados. Desse modo, Anália Franco proporcionava liberdade para que cada indivíduo aderisse ao culto que mais conviesse ao abrigado, aluno ou asilado. Em relação à abordagem educacional de Anália Franco, Tizuko afirma que,

A educadora espírita Anália Emília Franco foi a primeira a utilizar termos como creches e escolas maternas para denominar instituições destinadas à infância. Apesar da grande semelhança de seus estabelecimentos com os asilos infantis ou orfanatos, alguns fatores de ordem pedagógica já permitem certa diferenciação dessas organizações (Kishimoto, 1988, p. 52-53; Incontri, 2001, p. 232).

Tais distinções, segundo Dora Incontri, eram provenientes de diversas fontes, conferindo ao método de Anália caráter eclético, com influências de Pestalozzi, Fröbel e das “écoles maternelles” de Mme. Pape-Carpantier, pedagoga francesa (Incontri, 2001, p. 232)

No século XIX, a pedagoga francesa Marie Pape-Carpantier desempenhou um papel fundamental na educação de crianças com idades entre 2 e 6 anos. Ela adotou o método intuitivo para o desenvolvimento dos sentidos, criando diversos materiais didáticos que apoiavam a implementação do método natural em escolas. Além disso, ela produziu extensa obra destinada aos professores, sendo traduzida para várias línguas e utilizada internacionalmente.

Ao justificar a influência francesa em seu trabalho, Franco confirma a importância de Mme. Pape-Carpantier (1815-1878), em sua pedagogia, e reitera que os jardins de infância, bem-sucedidos entre a população anglo-saxônica, cujo desenvolvimento infantil era mais gradual em comparação com a raça latina, ainda não haviam conseguido se estabelecer como uma instituições populares, e, nesse sentido, as Escolas Maternas francesas, eram mais adequadas à nossa natureza e tradição (Monteiro, 1992, p. 47; Incontri, 2001, p. 233).

Segundo Dora Incontri, o Dr. Tomás Novelino relatou que, antes de iniciar seus estudos com Eurípedes Barsanulfo, ele passou, de 1908 a 1912, como órfão interno no Asilo de Anália Franco, localizado em São Paulo. De acordo com declarações de Tomás Novelino,

O método empregado por Anália Franco buscava ser o mais prático possível. O ambiente educativo adotava dinâmicas que visavam proporcionar ritmo às aulas, e Intervalos curtos eram intercalados para evitar o cansaço das crianças. Uma aula era seguida por uma sessão de canto, seguida por outra aula, mais um momento de canto e, por fim, o recreio (Renan, 1897; Incontri, 2001, p.233).

Novelino relata ainda que, “a vivência na gráfica e na esfera agrícola da Instituição assumia papel predominantemente educativo”. À época, as jovens mais velhas formaram uma banda musical, a primeira banda feminina no Brasil, e também uma companhia teatral. As irmãs de Tomás faziam parte da banda.

Segundo Dora Incontri, os livretos, revistas e panfletos produzidos na gráfica, juntamente com as performances da banda e do teatro, nas diversas

regiões do Estado de São Paulo, tinham como propósito arrecadar fundos para o vasto projeto de Anália Franco.

No que se referia aos alunos mais velhos, estava presente a idéia de Pestalozzi de unir educação e trabalho profissionalizante, fundindo-os. Ele explicava que “considerava a ocupação mais do ponto de vista de se exercitar o corpo para o trabalho e a habilidade para o serviço, sem prioridades relativas ao ganho monetário” (Incontri, 1996, p. 156; Incontri, 2010, p. 234).

Dessa forma, a obra de Anália Franco está fundamentada em princípios espirituais, de visão social impulsionada pela educação, evidenciando, procurando evidenciar valores igualitários e democráticos, com elementos espirituais conjugados a princípios como liberdade de pensamento, valorização da mulher e respeito às diversidades religiosas e étnicas.

Dora Incontri esclarece que, apesar disso, as escolas de Anália não alcançaram a originalidade de Eurípedes Barsanulfo, mantendo aspectos por ele abolidos, como a aplicação de punições (ainda que não físicas) e recompensas, como boas e más notas, medidas disciplinares, inclusão ou exclusão dos quadros de honra e privação de recreio.

Isso, entretanto, não diminui o mérito das contribuições de Anália Franco, especialmente considerando o contexto em que a palmatória ainda era a ferramenta predominante na educação da época (Incontri, 2001, p. 234; 235).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Anália Franco fundou de mais de setenta escolas, 23 asilos destinados a crianças órfãs, dois albergues, uma colônia regeneradora para mulheres, uma banda musical feminina, uma orquestra e um grupo dramático estabeleceu oficinas de manufatura em 24 cidades do interior paulista.

Além do seu trabalho como professora, ativista sociocultural e de sua contribuição como periodista em jornais e revistas, ela também deixou uma diversificada obra literária. Dentre suas publicações encontram-se romances como “A Égide Materna”, “A Filha Adotiva” e “A Filha do Artista”.

Não se limitando a um gênero literário específico, ela escreveu poesias, comédias, diálogos, operetas, canções, cançonetas, dramatizações escolares, contos cômicos, peças de teatro, obras didáticas, tratados morais e filosóficos, produção que reflete sua versatilidade e engajamento em formas diversas de expressões artísticas e educacionais.

Como recomendação, uma análise minuciosa da produção literária de Anália Franco tem o potencial de revelar, de forma mais abrangente, sua diversidade artística, proporcionando compreensão mais detalhada de suas ideias no âmbito literário.

A Associação Feminina Benficiente e Instrutiva, estabelecida em 1901, teve seu edifício reconhecido e preservado como patrimônio histórico pela cidade de São Paulo. Em homenagem a Anália Franco, um bairro na zona leste de São Paulo foi posteriormente nomeado Jardim Anália Franco.

Anália Franco faleceu em 21 de janeiro de 1919, vitimada pela gripe espanhola. Seu sepultamento ocorreu no Cemitério da Consolação, no jazigo 39 da quadra 62, na cidade de São Paulo.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 245.
- FRANCO, Anália. Álbum das Meninas. **Revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras**. São Paulo, outubro, 1898, p.158.
- FRANCO, Anália. Uma saudação. In: **A Mensageira, Revista literária dedicada à mulher brasileira**. São Paulo, I (12), 31/3/1898, p. 1.
- FRANCO, Anália. Escolas maternas. **A Vóz Maternal**, São Paulo, 1º/12/1903, p. 2.
- INCONTRI, Dora. **Pestalozzi, Educação e ética**. São Paulo, Scipione, 1996.
- INCONTRI, Dora. **Pestalozzi, educação e ética. (Carta de Stans)**, 1996, p. 156.
- INCONTRI, Dora Alice (Dora Incontri). **Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas** (Tese). Feusp, SP, 2001.
- KARDEC, Allan. **Le livre des Esprits**. Paris, Dervy-Livres, 1972, item 685, p. 311.
- KARDEC, Allan. **Le livre des Esprits**. Paris, Dervy-Livres, 1972, item 796, p. 356.
- KARDEC, Allan. **Le livre des Esprits**. Paris, Dervy-Livres, 1972, item 822, p. 366.
- KARDEC, Allan. **Estado social da mulher**. In: Revista Espírita, 1865, p. 373.
- KARDEC, Allan. **Emancipação da mulher nos Estados Unidos**, In: Revista Espírita, 1861, p. 126-127.
- KARDEC, Allan. **Emancipação da mulher nos Estados Unidos**. In: Revista Espírita, 1867, p. 165.
- KARDEC, Allan. **Emancipação da mulher nos Estados Unidos**. In: Revista Espírita, 1869, p. 76.
- KARDEC, Allan. **La Genèse, les miracles e les prédictions selon le Spiritisme**. Paris, Diffusion Scientifique, 1986, Cap. I, item 55, p. 30.
- KARDEC, Allan. **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos**. Anos I a XII. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p. 475.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A pré-escola em São Paulo**. São Paulo: Ed.

Loyola, 1988, p.53.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A pré-escola em São Paulo**. São Paulo: Ed. Loyola, 1988, p. 53.

LODI-CORRÊA, Samantha. **Anália Franco e sua ação socioeducacional na transição do império para a república (1868-1919)**. (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP: [S.N.], 2009.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Anália Franco - A grande dama da educação brasileira**. São Paulo, Editora Eldorado Espírita, 1992, p. 37.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Anália Franco - A grande dama da educação brasileira**. São Paulo, Editora Eldorado Espírita, 1992, p. 47.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Anália Franco - A grande dama da educação brasileira**. São Paulo, Editora Eldorado Espírita, 1992, p. 76.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Anália Franco - A grande dama da educação brasileira**. São Paulo, Editora Eldorado Espírita, 1992, p. 80.

**PAMPÉDIA, Universidade Livre**. Disponível em: <http://www.universidadelivre.pampedia.com> Acesso em: 12/10/2023.

PERES, Fernando Antonio. **Entre espíritas, maçons e anarquistas: Anália Franco, João Penteadó e a educação em São Paulo na Primeira República**. Revista Horizontes, v. 29, n. 2, p.35-46, jul./dez.2011.

RENAN, Ernest. **Revista do Jardim da Infância**. Vol. 2, São Paulo, 1897.

RIZZINI, Irma. **A arte de governar crianças: a história da das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Niño, 1995. p. 243-298.

SILVA, Dirce Maria Da. **A POLÍTICA PÚBLICA DO SISTEMA NACIONAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO NA PERSPECTIVA DA PROTEÇÃO INTEGRAL: Aspectos da Medida de internação no Contexto do Distrito Federal**. (Dissertação de Mestrado). Brasília: Centro Universitário UNIEURO, 2017. 151f.

## PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL: TOMÁS E MARIA APARECIDA NOVELINO, O CASAL EMPREENDEDOR

*Dirce Maria da Silva<sup>1</sup>*

Educação, espiritualidade e transformação social. A boa vontade serviu de âncora aos amigos espirituais; a plantinha tenra transformou-se, com o perpassar dos anos, em árvore frondosa e útil. Maria Aparecida Novelino.

### INTRODUÇÃO

Em 1943, o casal Tomás Novelino e Maria Aparecida Rebelo Novelino, após a expulsão de um aluno que professava da Religião Espírita, de uma escola secular em Franca (SP), decidiram criar uma instituição educacional que acolhesse estudantes de orientações filosóficas e religiosas diferentes.

O objetivo da instituição seria privilegiar visão holística, espiritual e racional de mundo, conforme palavras de Johann Heinrich Pestalozzi, proferidas por Aparecida Novelino, quando do lançamento da pedra fundamental do edifício da Escola Pestalozzi, em 1946 (ano do bicentenário de nascimento de Pestalozzi):

1. A inteligência, o sentimento e a vontade constituem elementos básicos de nosso potencial interior. E tudo faz acreditar que é preciso reconhecer a intuição como verdadeira fonte do conhecimento.
2. **O homem é como uma árvore.** Na criança recém-nascida estão ocultas as faculdades que lhe hão de desabrochar durante a vida, os órgãos do seu ser gradualmente se formam, em uníssono, e constroem a humanidade à imagem de Deus.
3. A educação do homem é um resultado puramente moral. Não é o educador que lhe dá novos poderes e faculdades, mas lhe fornece alento e vida (Pestalozzi, s.d.; Vieira, 2015; **Grifos Nossos**).

Logo, a educação deveria ser assim trabalhada, por meio do desenvolvimento natural, progressivo e harmonioso das faculdades do

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. E-mail: dircem54@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>.



ser, enfatizando formação ética e moral como parte essencial do processo educacional, pois, para Pestalozzi, “a educação é o desenvolvimento natural, progressivo e harmonioso dos poderes e faculdades do ser, num equilíbrio entre razão e intuição”.

Os princípios educacionais do futuro Educandário, propostos pelo casal Novelino, estariam, desde o início, alinhados à visão holística do educador considerado pioneiro da reforma educacional. Pestalozzi foi o teórico que integrou o afeto à educação. A vida e obra de Pestalozzi estão intimamente ligadas à religião. Cristão devoto e seguidor do Protestantismo, ele se preparou para o sacerdócio, mas abandonou a idéia em favor da necessidade de viver junto da natureza e de experimentar suas ideias a respeito da educação.

Seu pensamento permaneceu impregnado da crença na manifestação da divindade no ser humano e na caridade, que ele praticou principalmente em favor dos pobres. Para ele, só o amor tinha força salvadora capaz de levar o homem à plena realização moral, isto é, encontrar conscientemente, dentro de si, a essência divina que lhe dá liberdade. A criança, na visão de Pestalozzi, se desenvolve de dentro para fora, idéia oposta à concepção de que a função do ensino é preenchê-la de informação (FEP, 2009).

A Pedagogia Espírita é, nesse sentido, abordagem teórica que se propõe alinhada a propostas pedagógicas progressistas, na tradição oriunda de Comenius, Rousseau e Pestalozzi.

Os Novelino incorporariam tais princípios à concepção e implementação de suas práticas educacionais, propondo compreensão aplicada dos benefícios da abordagem educacional em tela.

Por conseguinte, o propósito deste estudo, de revisão acadêmica de literatura, é compreender o legado de Tomás e Maria Aparecida Novelino, destacando o comprometimento de ambos com o desenvolvimento social, por meio da educação.

Dentre os estudos da presente revisão de literatura, destaca-se a investigação realizada por Dora Alice Colombo, denominada “Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas” (USP, 2001).

## **TOMÁS NOVELINO E MARIA APARECIDA REBELO NOVELINO**

Tomás Novelino nasceu em 1901, em Delfinópolis (MG). Ficou órfão de pai e mãe aos seis anos, em 1908. Com a morte da mãe, que aconteceu dois anos após a morte do pai, ele foi encaminhado, junto com seus outros três irmãos para serem alunos de Anália Franco, em São Paulo.

Transcorridos quase quatro anos do ingresso na Instituição de Anália Franco, em 1912, aos 11 anos de idade, Tomás deixou o asilo, retornando a

Delfinópolis, onde iniciou seus estudos com um mestre-escola local. Aos 14 anos, foi conduzido para Sacramento, para estudar no Colégio Allan Kardec, de Eurípedes Barsanulfo.

Logo depois, dando continuidade a seus estudos, em Muzambinho (MG), preparou-se para o curso superior e em 1922 seguiu para o Rio de Janeiro, para estudar Medicina.

Conforme Dora Incontri relata, Tomás declarou que, seguindo o espírito positivista da época, os educadores, na academia, afirmavam que a ciência havia eliminado as superstições religiosas. No entanto, as convicções que Tomás Novelino adquiriu com Eurípedes Barsanulfo permaneceram sólidas. Sem crises existenciais ou dúvidas em relação à realidade do espírito, ele concluiu sua formação em Medicina, em 1928, retornando ao interior de Minas Gerais. Logo depois, estabeleceu-se em Franca, interior de São Paulo.

Polivalente, Tomás era médico cirurgião, homeopata, astrônomo amador, construtor, fundador e diretor de escolas; jardineiro, fabricante de sapatos para exportação, orador eloquente e, educador, direcionando seus talentos para a causa da educação espírita.

Até os 70 anos de idade, Tomás Novelino manteve-se com seu trabalho de médico e como professor de Medicina Legal da Faculdade de Direito. Depois disso, passou a dedicar total atenção à gestão do Educandário (Incontri, 2001, p. 236-237).

Por sua vez, Maria Aparecida Rebelo Novelino veio ao mundo em Cravinhos (SP) em 1914. Originária de família católica, em sua adolescência deparou-se com dois livros que seu pai havia adquirido antes do casamento: “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”. Após a leitura, ela afirmou ter experimentado a sensação de que as ideias ali apresentadas já lhes eram familiares. Ela concluiu a formação como professora em 1932, em Ribeirão Preto (SP).

Aos dezessete anos, Maria Aparecida Rebelo descobriu a Escola dos Pobres, instituição destinada aos jovens que trabalhavam durante o dia. A escola oferecia cursos da 1ª à 4ª série, além de práticas comerciais. Durante o dia, diversas turmas de Jardim da Infância também eram mantidas. Atraída pela escola, Aparecida apaixonou-se pelo projeto, ofereceu-se para contribuir e iniciou seu trabalho de imediato. Por um período de um ano e meio, dedicou-se ao ensino no local, de forma voluntária.

Aparecida e Tomás se encontraram em um Centro Espírita de Ribeirão Preto. Ela tinha 21 e ele, 34 anos. Casaram-se em junho de 1936, estabelecendo residência em Franca (SP).

No período de setembro de 1943 a agosto de 1944, o casal se dedicou à preparação da primeira escola, que foi nomeada de Escola Pestalozzi. As atividades educacionais tiveram início em 1º de agosto de 1944 (Incontri, 2001, p. 236-237).

## O EDUCANDÁRIO PESTALOZZI

Em 1943, conforme relato de Novelino, um homem, ex-seminarista, estabeleceu uma escola no centro da cidade, próxima à igreja. Em cada sala de aula, havia uma representação de um santo, e os alunos eram obrigados a recitar uma oração antes do início das aulas.

Um estudante, cujos pais seguiam a doutrina espírita, foi inscrito nessa escola. Algum tempo depois, o pai desse aluno recebeu uma correspondência da instituição informando que seu filho estava sendo expulso, fundamentando tal decisão em duas razões: primeiramente, por ser espírita, e em segundo lugar, por demonstrar falta de disciplina. Em suas memórias, Tomás Novelino declarou que:

Acreditamos que a indisciplina do aluno era por não se conformar com aquele regime de catolicismo na escola. Então, levantou-se a maçonaria e nós também. Nós e a nossa companheira deliberamos: temos de levantar uma escola para proteger os estudantes espíritas e a quem quer que seja, livre em suas crenças (Incontri, 2021, p. 237).

Nesse contexto, a meta era acolher crianças de todas as religiões, promovendo a tolerância e a fraternidade, já que a abordagem pedagógica espírita é não sectária, buscando a essencial unidade entre diversas crenças. Novelino dizia: “Não podemos ter separatismo, isso é falta de cordialidade. Amai-vos uns aos outros. Ser separatista é o mal das religiões” (Incontri, 2001, p. 237).

Existem relações direitas entre as abordagens de Pestalozzi, Anália Franco e Eurípedes Barsanulfo, assim como as adotadas pelos Novelino em sua instituição educacional. Eles buscavam seguir os princípios de Pestalozzi, que afirmava que “Educar é desenvolver harmoniosamente os poderes anímicos do ser”, refletindo perspectiva de educação integral.

Os poderes anímicos referem-se aos aspectos espirituais, envolvendo o desenvolvimento completo da pessoa, abrangendo a inteligência, a formação da vontade e a educação dos sentimentos, incluindo a cultura dos sentimentos de benevolência e amor.

O Educandário Pestalozzi nasceu em 1º de agosto de 1944. Primeiro de maneira modesta e incipiente:

Alugamos um cômodo, fizemos umas carteirinhas e começamos com a escolinha. A nossa companheira era a professora e nós ajudávamos também. Lecionamos lá Ciências e noções de Física. Mas as primeiras aulas começaram com o pré-primário, depois um curso de admissão e, por fim, um curso de alfabetização de adultos. Tínhamos algumas professoras que trabalhavam gratuitamente para nós e a escola era toda gratuita. Acontece que aquilo foi crescendo... (Incontri, 2001, p. 238).

Adquiriram, na sequência, uma propriedade rural destinada à edificação de um edifício. No evento de lançamento da pedra fundamental, ocorrido no dia seguinte ao bicentenário do nascimento de Pestalozzi, em 13 de janeiro de 1946, Aparecida proclamava:

O Educandário primará por ser livre e fazer homens e mulheres livres, criaturas ciosas de sua liberdade, amantes do bem, do trabalho, da atividade, da evolução, e não seres modorrentos que muito embora consigam às vezes grande cultura, a traga simplesmente acumulada na memória. O educandário porfiará por lapidar em seus alunos intelecto e coração, aprimorando-lhes razão e sentimento (Incontri, 2021, p. 238).

Com o intuito de concretizar esse ideal, foi necessário um sacrifício significativo, demandando dois anos para sua concretização. Colaborações de colegas espíritas e algumas campanhas se revelaram cruciais e indispensáveis, uma vez que os recursos do casal não foram adequados. Para viabilizar o projeto, eles venderam a residência em que habitavam, transferindo-se para o futuro local da escola.

Conforme Incontri, nesse período, por volta de 1953, Tomás e Aparecida estabeleceram um internato destinado a crianças carentes da região, as quais eram cuidadas pelo próprio casal, juntamente com seus filhos biológicos. Cerca de 100 crianças e adolescentes residiam junto à família Novelino em uma única moradia, com o suporte de professores, tanto espíritas quanto não espíritas. Não sem oposição por parte da Igreja Católica, que incluíam ameaças de excomunhão para os que frequentassem a escola. Algumas professoras foram compelidas a se retirarem para poderem receber os sacramentos da Igreja de acordo com sua fé (Incontri, 2021, p. 238-239).

Conforme Doralice Incontri, Tomás Novelino almejava estabelecer um sistema educacional que integrasse trabalho e instrução, proporcionando sustento financeiro para todos os envolvidos. Para isso, comprou uma pequena fábrica de calçados e contratou os antigos proprietários para orientar a produção. Pouco tempo depois, os instrutores abandonaram o projeto.

Diante da situação, Tomás aprendeu a modelar e montar os sapatos, iniciando a fábrica com a colaboração dos alunos. Apesar dos esforços, a iniciativa fracassou devido à dificuldade em conciliar a expertise necessária para o sucesso empresarial com o caráter puramente pedagógico que o trabalho infantil deveria ter (Incontri, 2001, p. 239).

Optou-se por separar os dois processos: o de fabricação e o de ensino. Tal decisão permitiu o desenvolvimento da fábrica, transformando-a em uma das principais exportadoras de calçados em Franca. É necessário esclarecer que Tomás Novelino e sua esposa não alcançaram enriquecimento pessoal com essa iniciativa, pois os empreendimentos visavam o alcance de metas de cunho social.

Os Novelino procuravam seguir a máxima de Allan Kardec, que dizia: “Quando alguém busca apenas o benefício pessoal e a satisfação própria, caracteriza-se como egoísta. Aquele que acumula por meio de seu esforço, com a intenção de ajudar o próximo, está praticando a lei do amor e da caridade” (Kardec, 1972, item 883, p. 393-394).

Conforme Dora Incontri, a ligação entre indústria e escola em projetos sociais, sobretudo no contexto educacional, encontra paralelo na figura de Robert Owen (1771-1858), rico industrial inglês, reformista social, considerado um dos fundadores do socialismo e do cooperativismo. Sua abordagem pioneira sobre a relação entre trabalho, educação e bem-estar social, propunha a interconexão entre a indústria e a educação em um contexto social.

A proposta inovadora implementada por Owen em New Lanark, na Escócia, no início do século XIX (década de 1940), tinha o objetivo de melhorar as condições de vida dos operários e revolucionar a educação das crianças. Robert Owen implementou jornadas de trabalho mais curtas, melhorou as condições de habitação, promoveu medidas de segurança no local de trabalho, reconhecendo a importância da educação como parte integral do desenvolvimento humano e social

Owen estabeleceu escolas para as crianças dos operários. Suas escolas eram conhecidas por proporcionar educação de qualidade, incluindo princípios de igualdade de gênero e métodos pedagógicos bastante progressistas para a época. Owen entendia que a educação era crucial para o desenvolvimento individual, e para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa (Owen, 1955, p. 37; Incontri, 2001, p. 241-242).

Owen, igualmente influenciado por Pestalozzi, incorporou ao programa educacional suas escolas, a disciplina de astronomia. Ao final de sua vida, demonstrou especial entusiasmo pelo Espiritismo. (Rodrigues, 1971, p. 43; Incontri, 2001, p. 241-242).

Durante várias décadas, até 1996, com o fechamento da fábrica devido à crise do sapato em Franca, a bem-sucedida indústria de calçados Pestalozzi sustentou três lares-escolas, com 2.500 alunos, em média, estudando em período integral, a maior parte desse contingente de forma gratuita. Além disso, uma fazenda de propriedade da Fundação Pestalozzi fornecia leite, frutas e legumes para a alimentação das crianças.

No meio da fazenda, na década de 1980, Dr. Tomás construiu um observatório astronômico, que chegou a ser pouco usado, por conta do declínio financeiro da instituição. Doralice Incontri esclarece que as relações entre Astronomia e Espiritismo estão presentes desde o início.

Nicolas Camille Flammarion, astrônomo francês, pesquisador e popularizador da Astronomia, frequentava a Sociedade Espírita de Paris

e recebeu, ainda jovem, grande estímulo de Kardec. Na Alemanha, outro astrônomo dedicou-se à pesquisa espírita: Friedrich Zöllner, da Universidade de Leipzig. A doutrina espírita foi, em meados do século XIX, a primeira a falar em outros mundos habitados, hipótese hoje aceita como provável.

Eurípedes Barsanulfo também inseriu estudos astronômicos no Colégio Allan Kardec. Tomás Novelino explicava: “Eurípedes me ensinou que a astronomia é o mais poderoso argumento a favor da existência de Deus.” A respeito da instalação do primeiro telescópio em Franca, São Paulo, Herculano Pires comentava que, “o Observatório Eurípedes Barsanulfo, lembrando o de Flammarion em Paris, representava a continuidade de uma tradição espírita na abertura da era cósmica mundial” (Pires, 1970, p. 11; Incontri, 2001, NR 427, p. 240, com adaptações).

Tomás Novelino expressava certo descontentamento com a falta de professores comprometidos com a proposta da Pedagogia Espírita. Em seu trabalho, sua busca por qualidade foi influenciada pelas lembranças das carências vivenciadas no asilo de Anália Franco.

Tomás Novelino incorporou às três escolas construídas em Franca/SP (e a outra estabelecida em Sacramento/MG), à fazenda, ao observatório e à fábrica, especial atenção com o cuidado estético, à qualidade ambiental e às boas condições de alimentação, higiene, trabalho e organização.

As instituições educacionais concebidas e edificadas por Novelino incluíam jardins e pátios com estilos arquitetônicos distintos, espaços fundamentais na Pedagogia Espírita, aspectos que nos remetem a uma concepção platônica de estimulação da alma por meio do Belo. Para Herculano Pires (1981):

O problema da estética, geralmente considerado em segundo plano, negligenciado pelos estudiosos do comportamento humano, é o segundo em importância, depois da idéia de Deus, na estrutura da consciência, é um arquétipo espiritual da espécie humana, que atrai o homem para a transcendência e particularmente para a sua integração consciencial (Pires, 1981, p. 31; Incontri, 2001, p. 242).

Desse modo, conforme Incontri, criar um ambiente propício para a realização do processo educacional, incorporando elementos naturais e cuidando do design planejado, constitui o passo inicial para uma educação do espírito. Isso promove a harmonia interna e prepara o indivíduo para o desenvolvimento das virtudes morais.

O Educandário Pestalozzi concentrou-se em uma variedade de campos de estudo, como música e cursos profissionalizantes, buscando uma abordagem de educação abrangente e um envolvimento afetivo com as crianças, baseados nos princípios da pedagogia de Pestalozzi.

A história da Fundação Educandário Pestalozzi, que havia atingido sete décadas de atividades em 2001, ano da publicação da tese de Doralice Incontri, foi resumida da seguinte forma:

**Primeira Etapa:** Anos 1940 e 1950 - Início com uma pequena escola em 1944; construção do prédio principal do Educandário Pestalozzi, inaugurado em 1951; início do Ginásio Pestalozzi em 1949; internato para crianças órfãs e/ou necessitadas nos anos 1950; tentativa de autossuficiência econômica com a Fábrica de calçados Narizinho em 1955.

**Segunda Etapa:** Anos 1960 e 1970 - Fábrica de calçados Pestalozzi, trazendo autossuficiência econômica, expansão das atividades escolares (Curso Técnico de Contabilidade, Magistério, Faculdade Pestalozzi); mudança nas características da atividade social, com a substituição do Orfanato pelo Lar-Escola.

**Terceira Etapa:** Anos 1980 e 1990 - Nova expansão das atividades escolares (duas novas unidades escolares no município); implantação de uma escola e uma fábrica de calçados em Sacramento (para auxiliar os companheiros de lá); 850 alunos matriculados nas três unidades de Lar-Escola; aquisição de uma fazenda e a construção na fazenda de um grande observatório astronômico, que recebeu o nome Observatório Eurípedes Barsanulfo.

**Quarta etapa:** Tempos atuais, Tempos de equilíbrio e autossuficiência em novas bases. Fundação Educandário Pestalozzi, uma Escola Espírita. Não esqueçamos nunca que a motivação principal para toda esta história foi um caso de intolerância religiosa com um aluno, em uma escola leiga da cidade de Franca (por Dora Incontri, em O Educandário Pestalozzi, **Grifos Nossos**).

Conforme Dora Incontri, no ano de 1996, durante o período em que Novelino lidava com a perda da fábrica, da fazenda e do observatório, seu trabalho alcançou reconhecimento internacional. A televisão suíça produziu um documentário em celebração aos 250 anos do nascimento de Pestalozzi, destacando o Educandário de Franca como uma das influências significativas do educador suíço em escala global (Incontri, 2001, p. 240).

Dentre os muitos significativos discursos legados pelos Novelino sobre seus trabalhos, empreendimentos e filosofia de vida na seara da pedagogia espírita, duas frases significativas do casal fundador do Educandário Pestalozzi são destacadas:

*Sempre sentimos que se há um trabalho digno de ofertar as nossas forças e nossos sofrimentos, é o trabalho da educação. Preparar a criança e o adolescente para uma vida digna, imprimir em suas almas moldáveis, sons que tenham ressonâncias eternas, que mais se poderá desejar? (D. Maria Aparecida)*

*Eu ainda estou de pé pela alegria que trago dentro de mim, vindo o Educandário Pestalozzi trabalhando para o encaminhamento da juventude. E nos fazendo recordar das palavras do apóstolo Paulo de Tarso, em sua 2ª Epístola a Timóteo, capítulo 4, versículo 7: “O tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (Tomás Novelino, aos 99 anos)*

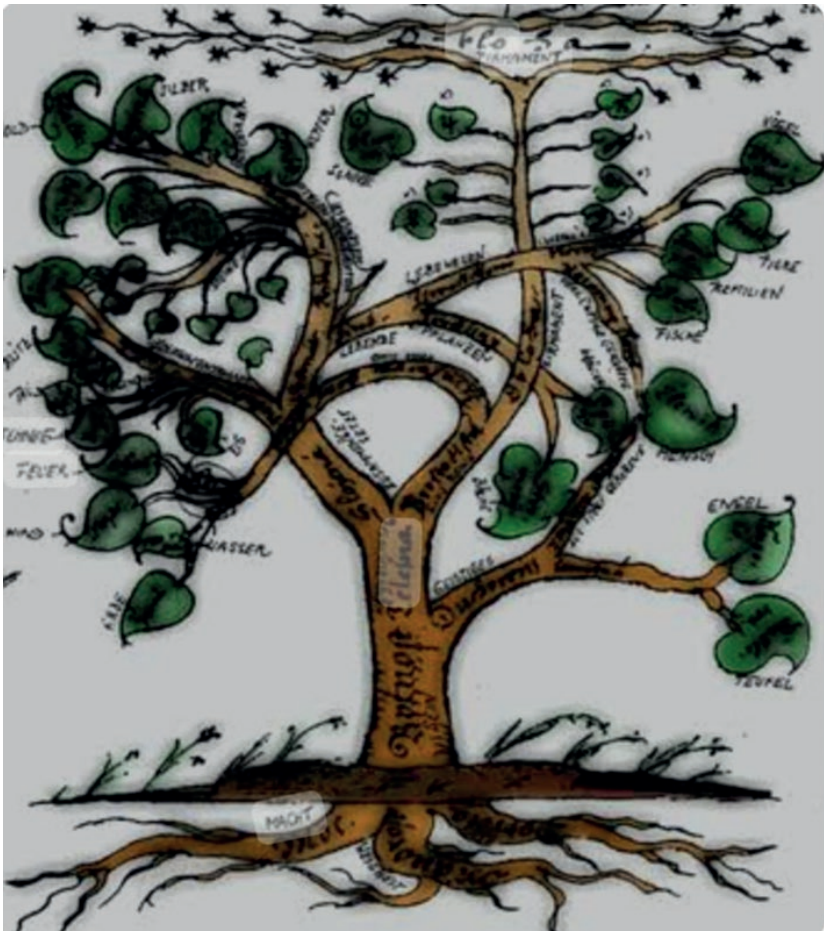
As palavras de Tomás Novelino ecoam, para Dora Incontri, como testemunho da perseverança na missão educacional e na crença no poder transformador da educação.

## A METÁFORA DA ÁRVORE

A metáfora da árvore, destacada por Maria Aparecida Novelino na Introdução do texto, representa o desenvolvimento natural e orgânico no contexto da educação. A comparação ressalta a importância do desenvolvimento holístico e abrangente, que deve enfatizar os aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos, de forma concomitante, reconhecendo, simultaneamente, que cada indivíduo trilha seu próprio caminho, na singularidade inerente ao processo de crescimento.

A comparação fornece correlação e perspectiva visual das diferentes fases da árvore, quais sejam: sementeira, adubação, crescimento natural, preservação e cuidado, ramificações e frutos, flexibilidade e resiliência, aspectos inerentes também ao desenvolvimento humano.

Figura 1: “A PEDAGOGIA DO TODO”



Fonte: Incontri, 2001.



**A árvore estende-se do mundo inferior ao mundo superior, sustentando o céu e servindo como símbolo da unidade na diversidade.** Comenius.

Da mesma forma, o processo para se obter os frutos de uma árvore envolve semear, adubar e preservar, de acordo com as leis naturais. Alcançar a plenitude humana exige educar o “ser interexistente”<sup>2</sup>, isto é, a condição existencial dos espíritos desencarnados, que Herculano Pires chama de “interexistencialismo”, em conformidade com os princípios naturais, físicos e morais que orientam seu desenvolvimento. Tais leis não seriam rígidas e lineares, mas orgânicas, refletindo a significância contextual e delas (Incontri, 2001, p. 292).

Reconhecer essa árvore significaria integrar-se ao todo universal e adquirir conhecimento desse conjunto. A representação da árvore, ao “erguer-se para o alto”, impregna o pensamento e sensibilidade com verticalidade, expressando a busca pelo entendimento, tanto nas profundezas quanto nas alturas. A árvore destaca também a horizontalidade, a extensão e a amplitude, visto que seus ramos se estendem até os confins do mundo, abrigando todos sob seu teto.

A metáfora que compara o ser humano a uma árvore, também pode ser interpretada como o desenvolvimento, ao longo da vida, das capacidades latentes presentes na criança desde o nascimento, indicando o potencial inerente.

A ideia possui respaldo em passagens da Bíblia, tais como Jó 14.8b; Jó 14:7-9; Josué 32.2; 1 Timóteo 2.1; 2 Coríntios 3.18; Efésios 5.27; 2 Coríntios 2.14; João 15.2<sup>a</sup>; Lucas 13.9 e Colossenses 1.10, momentos em que Deus nos compara a uma árvore.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem holística, centrada no desenvolvimento moral e humano, inspira reflexões sobre o papel da educação na formação integral dos indivíduos.

A ideia de que o educador não concede novos poderes, mas deve fornecer subsídios, ressalta a importância do papel do professor como facilitador do crescimento e do desenvolvimento do aluno.

As citações de Pestalozzi refletem visão humanista da educação, que enfatizam a importância dos aspectos cognitivos, emocionais e morais no processo de desenvolvimento do ser. Tais concepções estão em consonância com uma abordagem pedagógica que busca transmitir conhecimento, cultivar virtudes e promover crescimento equilibrado.

A ênfase nos aspectos práticos e reais da vida cotidiana parece confirmar-se como característica distintiva da Pedagogia Espírita. E pode-se observar no

---

2 PIRES, José Herculano. Curso dinâmico de Espiritismo. São Paulo, Paidéia, 1979, p. 98.

trabalho dos Novelino, a intenção de simplificar a relação entre os princípios fundamentais e suas manifestações tangíveis.

Maria Aparecida Novelino faleceu em 29 de dezembro de 1990, em Franca, São Paulo, aos 76 anos de idade. Tomás Novelino morreu no ano 2000, com 99 anos de idade. De memória prodigiosa, segundo Dora Incontri, no ano de sua passagem ele ainda falava com o mesmo entusiasmo juvenil sobre seus mestres, Eurípedes Barsanulfo, Anália Franco, Pestalozzi e Kardec (Incontri, 2021, p. 235; 237).

Ele afirmava que “foi nesse ambiente que vivemos, sentimos e formamos a nossa vida. Por isso, temos uma dívida de gratidão e reconhecimento para com esses preceptores, instrutores e orientadores”.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Lucileida Mara de. **O Impacto das Medidas Neoliberais sobre a Educação e o Trabalho na Fundação Educandário Pestalozzi de Franca (SP): uma análise da trajetória da entidade entre as décadas de 1980 e 1990**. Unesp-Franca. SP, 2010.

FEP. Federação Espírita do Paraná. **Grandes educadores: Pestalozzi - O teórico que incorporou o afeto à pedagogia**. In: Mundo Espírita on line. Paraná, jan. 2009; Disponível em: <http://www.mundoespirita.com.br/?materia=grandes-educadores-pestalozzi> Acesso em: 1, dez., 2023.

INCONTRI, Dora. **Educandário Pestalozzi**. In: A Nova Era. Franca, XIX (734), 31/1/46, p. 1.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas** (Tese). Feusp, SP, 2001.

KARDEC, Allan. **Le livre des Esprits**. Paris, Dervy-Livres, 1972, item 883, p. 393-394.

NOVELINO, Cléber Rebelo. **O trabalho educacional do casal Tomás Novelino e Maria Aparecida Rebelo Novelino, Médico homeopata e Diretor da Fundação Educandário Pestalozzi de Franca (SP)**. Disponível em: <https://pampedia.eadplataforma.com/lesson/detail/18/273/> Acesso: 02 de abril, 2021.

OWEN, Robert. **Pädagogische Schriften**. Berlin, Volk und Wissen Volkseigener Verlag, 1955, p. 37.

PIRES, José Herculano. Contribuição espírita para o ano internacional da educação. In: **Educação Espírita, Revista de Educação e Pedagogia**. São Paulo, I (1), dezembro/1970, p. 11.

PIRES, José Herculano. **Concepção existencial de Deus**. São Paulo, Paidéia, 1981, p. 31.

RODRIGUES, Wallace Leal V. 1771, 2º Centenário de Nascimento, Robert Owen e seu Pioneirismo. In: **Anuário Espírita**. Araras, IDE, VIII (8), 1971, p. 43.

VIEIRA, Emílio. Piaget, **Pestalozzi e a pedagogia espírita**. In: Diário da Manhã on Line. Goiânia 27 abril, 2015. Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniao/2015/04/piaget-pestalozzi-e-a-pedagogia-espirita> Acesso em: 1, dez. 2023.

## PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL: JOSÉ HERCULANO PIRES, FILÓSOFO E TEÓRICO

*Dirce Maria da Silva<sup>1</sup>*

“Herculano foi o metro que melhor mediu Kardec”. Chico Xavier.

### INTRODUÇÃO

José Herculano Pires é uma figura proeminente no cenário brasileiro, reconhecido por suas notáveis contribuições nos domínios filosófico e educacional.

Considerado “o teórico brasileiro do Espiritismo”, Herculano Pires nasceu em Avaré, interior de São Paulo, no ano de 1914. Passou a maior parte de sua vida na capital. Iniciou sua vida profissional aos 15 anos, trabalhando com seu pai, proprietário de uma gráfica, e, impulsionado por sua paixão pelo estudo, manifestava desde cedo, a compulsão por escrever, caracterizada como “grafomania”.

Antes de concluir o equivalente ao Ensino Básico atual, ingressou na carreira jornalística. Ele atuou em diversos jornais no estado de São Paulo até os quarenta anos. Reconhecido pelo notório saber, ingressou na Universidade de São Paulo para cursar Filosofia, integrando a primeira turma da USP, no Largo de São Francisco. Foi grande amigo de Florestan Fernandes, com que estudou.

A graduação representaria o divisor de águas que o impulsionaria a formar os primeiros conceitos e estabelecer as bases teóricas da Pedagogia Espírita. É de Herculano Pires a autoria da denominação “Pedagogia Espírita”.

Seu trabalho em colunas jornalísticas caracterizava-se por estilo mais acadêmico e científico. Dentre as obras publicadas antes da formação superior, destaca-se “Caminhos do Meio” (1946), romance que explora a compreensão

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. E-mail: dircem54@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>.

da vida por uma geração impactada pela Grande Guerra de 1914, cuja narrativa está envolta em conflitos que culminaram na Segunda Guerra Mundial. Ao todo, foram mais de 80 títulos publicados.

Por conseguinte, o presente texto tem como objetivo desenvolver um breve resumo compreensivo da trajetória de José Herculano Pires e suas contribuições nos âmbitos da educação e do pensamento filosófico espírita no Brasil.

Destaca-se na presente revisão acadêmica de literatura, a investigação realizada por Dora Alice Colombo em sua tese de doutoramento intitulada “Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas” (USP, 2001), pesquisa que aborda elementos pedagógicos do trabalho de Herculano Pires, concomitante à compreensão das bases filosóficas do Espiritismo e da Pedagogia Espírita no contexto brasileiro.

## **A CONTRIBUIÇÃO DE JOSÉ HERCULANO PIRES**

Aos 16 anos, Herculano Pires apresentou ao público sua obra inaugural, intitulada “Sonhos Azuis”, uma coleção de contos, mas ao longo de sua carreira, ele concentrou-se principalmente na área do jornalismo.

Segundo Doralice Incontri (2001, p. 263), foi na década de 1930 que José Herculano Pires tornou-se um pioneiro no jornalismo. Sempre muito atuante para com as questões sociais, ele editou o Diário Paulista em Marília, cidade recém-fundada.

Em um período em que muitos enriqueciam por meio das ‘questões de terra’, compadrio político e influência das oligarquias, Herculano Pires orgulhava-se de não ter ganho mais do que era devido, especialmente naquela região pioneira, considerada o novo Eldorado do café, inspirando suas páginas líricas em “Estradas e ruas” (reportagens), importante obra em sua biografia.

Herculano Pires desempenhou suas atividades, assumindo diversas responsabilidades nos Diários Associados, inclusive a posição de secretário de redação, até se aposentar.

Como homenagem, os seguintes detalhes constam em seu obituário publicado pelo Diário de São Paulo, quando de seu falecimento:

Destacou-se como cronista parlamentar fazendo a cobertura da Câmara Municipal de São Paulo, quando da sua reabertura em 1948. Ali conheceu o então vereador Jânio Quadros, de quem se tornou amigo, porém recusou o convite que ele lhe formulou para ser chefe do seu Gabinete quando eleito prefeito da Capital. Igualmente não quis integrar o Gabinete de Jânio Quadros quando este assumiu o Governo do Estado. Mas, à sua revelia, foi nomeado representante civil da Presidência da República, em São Paulo, quando aquele político atingiu a primeira magistratura da Nação (Jornal Diário de São Paulo, São Paulo, 10 de março de 1979).

Quanto à religiosidade, ele relatou sobre sua entrada no Espiritismo:

Nasci em família católica e fui católico até os 15 anos. Depois, levado por várias indagações, afastei-me de qualquer religião. Como aconteceu em geral com os jovens, quis opor-me à velha geração e negar os seus valores. Cheguei a ser materialista. Por fim, tocado por certos fenômenos que ocorriam, não comigo, mas com pessoas de minha família, percebi de novo a realidade de algo transcendente na natureza humana. Tornei-me teosofista. Mas a doutrina de Blavatsky, embora ainda hoje a considere e admire, não me prendeu suficientemente. Não queria saber do Espiritismo, que por minha formação considerava um amontoado incoerente de superstições. Um dia, meu saudoso amigo Dadício de Oliveira Baulet me desafiou a ler 'O Livro dos Espíritos' de Allan Kardec. A contragosto aceitei o desafio e o estou lendo e estudando até hoje. Tornei-me espírita pelo raciocínio. Isso ocorreu em 1936, eu tinha então 22 anos (Tibiricá, 1975, p. 2; Incontri, 2001, p. 264).

Dora Incontri explica que, como ativista, a influência de Herculano Pires no movimento espírita é singular. Advogando pelos princípios de Kardec, utilizava o nome de Irmão Saulo na imprensa, dentre seus pseudônimos, para expressar suas convicções.

No cenário do Espiritismo brasileiro, Herculano abordou com tamanha profundidade e erudição as ideias de Kardec, inclusive estabelecendo diálogos com diversas correntes de pensamento presentes na cultura contemporânea, como o "Existencialismo", como se verá adiante.

Entendendo o Espiritismo como uma "mundivivência" e como projeto cultural destinado a influenciar a sociedade e o conhecimento, Herculano Pires transformou-se em um crítico de do movimento espírita brasileiro, que viam a Doutrina como mais uma religião. Expondo seu ponto de vista, Herculano proclamou que:

A expansão do Espiritismo em nossa terra é incessante e prossegue em ritmo acelerado. Mas o que fazemos em todo esse vasto continente espírita é um esforço imenso de "igrejificar" o Espiritismo, de emparelhá-lo com as religiões decadentes e ultrapassadas (Incontri, 2001, p. 265).

A tendência à "igrejificação" tem raízes em costumes milenares da humanidade, que sempre recorreu à adoção de padrões de moralidade e religiosidade como forma de proteção contra desajustes profundos.

Herculano Pires examinaria sob uma perspectiva psicológica as tendências que permearam as denominações religiosas ao longo da História. Ele contrasta algumas abordagens com a moral espírita, que é racional, seguindo a linha de pensamento de Rousseau, que busca resgatar o homem natural. E explica:

Não se identifica o ser moral pela mansidão da voz, pelos gestos delicados e atitudes de santidade artificial. A herança divina do homem é natural e se desenvolve nas duras batalhas da carne. O ser moral só se distingue dos outros pela retidão de uma conduta escrupulosa e segura, não exagerada ou fingida, mas comedida e firme. A sofisticação religiosa veste muita gente com peles de ovelha. O ser moral se configura no protótipo natural do homem: franco, leal, firme em suas convicções, avesso à malícia e a palavrório vazio, despido do infantilismo da vaidade pessoal, das ideias de grandeza, voltado sempre para os problemas sérios da dignidade humana. Jesus multiplicou os pães para saciar a fome da multidão, mas também multiplicou o bom vinho, para estimular a alegria. A alegria espontânea e justa é um dos seus apanágios, ao contrário do que pensam os choramingas e as carpideiras. A alegria é a luz que ilumina o coração das criaturas e as profundezas do Infinito. Onde a treva se implanta surge o brilho de uma estrela ou a irradiação de uma constelação. O homem sério e preocupado com a verdade sabe sorrir e provocar alegria ao seu redor. Os casmurros são criaturas doentes, tímidas, carregadas de recalques e fobias. Mas os que fingem alegria intencional e nunca se preocupam com nada podem ser debíloides ou espertalhões. A verdadeira virtude nunca está nos extremos, como sustentava Aristóteles, mas no meio. O ser moral se define como tal pelo seu equilíbrio na balança das atitudes (Pires, 1981, p. 100-101; Incontri, 2001, p. 266).

No sentido de traduzir as ideias de Kardec para o século XX, inserindo-as no contexto cultural brasileiro e internacional, e promovendo diálogo entre filosofias contemporâneas e a filosofia espírita, Herculano cotejou o Espiritismo com o “Existencialismo” que se projetava, entre as décadas de 1950 e 1960, momento a partir do qual ele cunhou o termo “interexistencialismo”.

## **INTEREXISTENCIALISMO – O CONCEITO**

Segundo Herculano Pires, o Espiritismo ampliaria a compreensão contemporânea da existência, ao apresentar a noção de solidariedade existencial entre a espiritualidade e a humanidade.

Com a validação da sobrevivência além da morte e evidências da interconexão entre os reinos material e espiritual, observada por meio de manifestações da estrutura psicofísica, surgiu o conceito espírita de “interexistência” (Pires, 1979, p. 98).

Herculano explica que “nesse momento, o Existencialismo transcende a si mesmo para se transformar em Interexistencialismo”. Quanto ao assunto no contexto social e acadêmico-filosófico de então, ele argumentou:

O que se procura fazer em São Paulo não é uma síntese de Existencialismo e Espiritismo, mas apenas a revelação dos aspectos existenciais da Filosofia Espírita com a finalidade de mostrar a atualidade do pensamento espírita (Incontri, 2001, p. 267).

Sobre as pesquisas e o conceito de “Interexistencialismo”, Dora Incontri explicita:

Estudando-se as obras de Herculano que tratam desse tema, a mais profunda foi a sua tese de licenciamento na USP, depois publicada em livro, “O ser e a serenidade”. Em sua pesquisa fica patente que o autor ressalta o aspecto metodológico e temático do existencialismo. A abordagem filosófica a partir do ser na existência, que talvez seja um dos poucos traços comuns a todos os filósofos conhecidos como existencialistas, se amplia para a abordagem do ser na *interexistência*. De fato, quando Kardec estuda a condição existencial dos espíritos desencarnados e, ao mesmo tempo, amplia a condição existencial do ser humano, pratica o que Herculano chama de “*interexistencialismo*”. Entretanto, o Espiritismo se afasta do existencialismo, mesmo cristão, nos aspectos irracionalistas, quando se dá a experiência do absurdo da vida humana, da sensação *nadificante* e angustiante, que Kierkegaard, cristão, explicitou. A experiência vital, suscitada pela abordagem espírita, que não é proporcionada apenas pela racionalização da transcendência, mas também pela vivência pessoal da mediunidade, é de plenitude e otimismo, de sentido e serenidade existencial (Irmão Saulo, 1971, p. 209; Incontri, 2001, p. 267-268; **Grifos Nossos**).

A partir do ser “interexistente” se desdobraria a concepção de educando na Pedagogia Espírita, porque,

A criança é o ser que se projetou na existência, disparado como um projétil que deve transpassá-la do começo ao fim, furando a barreira da morte para atingir a transcendência. Vem ao mundo com a sua maleta invisível, carregada de suas aquisições anteriores em vidas sucessivas (Pires, 1984, p. 41).

Nesse sentido,

Encarada numa perspectiva espírita, a Educação nos apresenta dois aspectos fundamentais: é o processo de integração das novas gerações na sociedade e na cultura do tempo, mas é também o processo de desenvolvimento das potencialidades do ser na existência, com vistas ao seu destino transcendente (Pires, 1985, p. 113).

Segundo Dora Incontri (2001, p. 268), “a ideia de educação integral, presente em Comenius e Pestalozzi, revela-se como parte essencial da Pedagogia Espírita, adquirindo nova dimensão com o desenvolvimento do conceito de ‘ser interexistente’”.

Herculano Pires abordaria, de maneira ampla, as faculdades mediúnicas humanas. Em consonância com Kardec, que afirma que “pode-se dizer que todos são médiuns” (Kardec, 1969, Item 182, p. 185), o filósofo espírita brasileiro afirmava que:



A vida é uma permanente manifestação mediúnicamente do espírito que, por ela, se projeta no plano sensível ou material. O Inteligível, que é o espírito, o princípio inteligente do Universo, dá a sua mensagem inteligente através das infinitas formas da Natureza, desde o reino mineral, vegetal e animal, até o reino hominal, onde a mediunidade se define em sua plenitude (Pires, 1978, p. 16; Incontri, 2001, p. 268).

Nesse mesmo sentido, ele esclarece:

O ato mediúnico não se dá, pois, apenas em comunicações ostensivas em sessões espíritas, mas também no desenvolvimento das percepções extrassensoriais do homem, de seu poder de ver o mundo de forma transcendente, de sua espiritualidade imanente, todas essas são formas mediúnicas de existir no mundo (Pires, 1978, p. 16; Incontri, 2001, p. 269).

Herculano Pires explica que o ser atualizaria suas potencialidades mediúnicas expandindo a consciência de sua própria natureza existencial por meio do desenvolvimento mediúnico:

O existente atualiza as suas possibilidades mediúnicas que lhe ampliam a consciência de si mesmo e da sua natureza existencial, através do desenvolvimento mediúnico, que não é apenas o sentar-se à mesa de sessões para *receber espíritos*, mas, principalmente, aguçar a visão espiritual, entendendo-se todo o complexo da percepção extrassensorial. Esse aguçamento equivale a um transcender dos limites existenciais, pois é um liberar progressivo da percepção global do espírito, um escapar da prisão sensorial orgânica para outras dimensões da realidade. O *existente*, com essa *atualização*, dos seus possíveis espirituais, torna-se um *interexistente*, um ser no *intermúndio* (Pires, 1979, p. 83-84; Incontri, 2001, p. 269-270; Grifos Nossos).

Para Dora Incontri, tal perspectiva é, de fato, a principal transformação realizada pela Pedagogia Espírita, porque,

O objeto da educação, o educando, não apenas se transfunde em sujeito social, histórico, racional e afetivo, como se dá em muitas teorias educacionais contemporâneas, mas se configura como um *sujeito interexistente* no tempo e no espaço (Incontri, 2001, p. 269).

Herculano Pires enfatiza que, “a experiência espírita mostra o problema das novas dimensões do educando, que não se resumem a suas faculdades individuais, pois há problemas de relações extrassensoriais e de comunicação a serem enfrentados” (Pires, 1985, p. 139; Incontri, 2001, p. 269).

Dora Incontri afirma que, qualquer abordagem educacional espírita concentra-se no educando. A personalização do processo pedagógico implicaria aceitar que cada ato educativo é singular, porque cada educando é único. E que, embora princípios e metodologias gerais pudessem ser propostos, com metas pedagógicas gerais ou específicas, o essencial é considerar cada educando como um sujeito único no contexto do processo educacional espírita.

O excerto seguinte esclarece um pouco mais sobre a perspectiva reencarnacionista, ao explicar que as orientações “conscienciais” providas do passado seriam elementos importantes para o reajustamento psicológico na presente existência, o que sugere a ideia de que a educação espírita leva em conta a bagagem espiritual acumulada ao longo de diferentes encarnações, quando diz:

Sem conhecermos o educando à luz do Espiritismo, não podemos proporcionar-lhe a Educação Espírita. Suas percepções extrassensoriais, suas faculdades e sensibilidades mediúnicas, suas orientações conscienciais providas do passado são elementos importantes para o seu reajustamento psicológico na presente existência e sua reorientação educativa (Pires, 1985, p. 139).

Cada pessoa, nesse sentido, carregaria consigo sua bagagem do passado e suas perspectivas para a atualidade, manifestando isso por meio de ideias, habilidades, virtudes e inclinações inatas, intuições e percepções. Por isso, nessa abordagem, o papel do educador é observar e intuir, buscando orientar e incentivar o educando a assumir plenamente seu próprio ser.

Segundo Dora Incontri, a Pedagogia Espírita evita o ecletismo dispersivo, mantendo-se fiel ao eixo estrutural de sua proposta, sem menosprezar correntes que oferecem outras teorias interpretativas sobre o desenvolvimento do educando, seja como sujeito social ou biológico. Citando Herculano Pires,

A Pedagogia Geral oferece numerosas contribuições que não podemos negligenciar. Para a elaboração da Pedagogia Espírita não seria possível esquecermos o trabalho imenso dos que vêm construindo teorias e métodos com base no estudo, na observação e na pesquisa do campo educacional em todo o mundo (Pires, 1985, p. 161; Incontri, 2001, p. 270).

Nesse contexto, para Dora Incontri, a proposta espírita não adota interpretação mística e unilateral da dimensão espiritual do educando, por considerar seus aspectos extrassensoriais, intuitivos, inatos. O Espiritismo, na verdade, ao integrar-se à racionalidade científica ocidental, a partir da Codificação, por Allan Kardec, sobretudo, rejeitaria a absoluta relatividade pós-moderna. Ao reconhecer verdades, tanto nas Ciências contemporâneas da Educação quanto na Ciência Espírita, busca-se uma abordagem integradora para a promoção do pleno desenvolvimento das faculdades do educando, postulando, dessa forma, o caráter prático da Pedagogia Espírita.

Nesse sentido, as reflexões de Herculano Pires dialogavam com o pensamento socialista, evitando que a proposta de desenvolvimento do “ser interexistente” caísse em alienação contemplativa, denotando que a Pedagogia Espírita busca aplicar princípios socialmente relevantes em sua abordagem educacional.

Sobre o diálogo com o pensamento socialista, predominante nos meios intelectuais das décadas de 1960 e 70, Dora Incontri diz que:

O diálogo entre Espiritismo e Marxismo se deu com frequência na América Latina, nos anos 1950, 60 e 70, mais por parte dos espíritas, porque a ortodoxia marxista, sobretudo da época, não permitia fazer menção a qualquer forma de espiritualismo. O tema mereceria por si só uma análise filosófica mais detalhada. Na obra “Ideias Sociais Espíritas”, dissertação de mestrado na PUC, Cleusa B. Colombo traçou algumas ideias em torno do assunto socialismo-Espiritismo. Sendo tema fecundo e com muitas fontes bibliográficas e históricas, poderia ser ainda mais desenvolvido. José Herculano Pires, em 1946, lançou a obra “O Reino”, de cunho bastante socialista. Na década de 60 e início de 70, foi mentor e incentivador do Movimento Universitário Espírita (MUE), que se desenvolveu principalmente em São Paulo e Campinas, com desdobramentos em todo o Brasil. Entretanto, muitos jovens acabaram optando pelo materialismo dialético, em detrimento da dialética espiritualista, fazendo concessões inaceitáveis, do ponto de vista espírita, ao pensamento marxista. Explica Herculano, usando um dos seus vários pseudônimos: “Um dos problemas que mais chocaram os jovens espíritas foi o social. Quiseram fazer do Espiritismo uma arma de luta para a transformação social do mundo. Suas intenções eram boas, mas faltava-lhes o conhecimento da visão social do Espiritismo. A revolução social espírita não é periférica, é a continuação da revolução social cristã. Ao contrário das doutrinas sociais que pretendem modificar as estruturas externas, a doutrina espírita procura modificar as bases, os fundamentos dessas estruturas externas, a partir do homem. Não se pode opor à violência dominante uma violência que pretende dominar. O objetivo espírita é a substituição da violência pelo amor (Incontri, 2001, p, 271-272).

Por conseguinte, Herculano Pires, assim como Allan Kardec, segue a máxima: “*Transformar o mundo pela transformação do homem e transformar o homem pela transformação do mundo. Eis a dialética do Reino, que o cristão tem de seguir.*”

Nesse sentido, ao longo de sua vida, Herculano Pires, assim como Eurípedes Barsanulfo, Anália Franco, os Novelino e Ney Lobo, empenharia-se na tentativa de promover transformações e contribuir para a realização da efetividade dos princípios pedagógicos espirituais na sociedade brasileira.

Dora Incontri detalha, pormenorizadamente, em sua tese, a intensa militância de Herculano Pires em prol da Educação brasileira, destacando seu papel na defesa da Escola Pública.

A partir de 1948, em meio às discussões sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em tramitação no Congresso Nacional da proposta inspirada no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), Herculano Pires se tornaria ainda mais proeminente no engajamento pela Escola Pública durante os debates acirrados entre defensores do ensino laico, obrigatório e gratuito, e aqueles que, em nome da liberdade de ensino, buscavam mais privilégios para as escolas particulares e confessionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra “História da Filosofia no Brasil” (2000, p. 144), Jorge Jaime assegura que com Herculano Pires, tanto o Espiritismo quanto a História da Filosofia brasileira já poderiam contar, de forma incontestável, com seu pensador e crítico. Sua licenciatura em Filosofia foi obtida pela USP, em 1957.

Ele foi professor universitário, lecionando Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. Suas atuações incluem atividades de conferencista, poeta, romancista premiado.

Herculano Pires é considerado como autor de um novo gênero literário, a “**ficção científica paranormal**”. Ele tece explicações a respeito do gênero literário:

A Ficção Científica Paranormal, corajosa e bem integrada na realidade atual, não imagina o futuro de maneira arbitrária, mas através de induções realistas dos avanços das Ciências nos dois planos, o material-tecnológico e o psico-ôntico, servido também pelas possibilidades tecnológicas das mais recentes conquistas. O conhecimento exato, preciso, da revolução mental, ôntica e psíquica já realizada em nossos dias, com sua retarguarda coberta por dois séculos de pesquisa audaciosa da natureza humana, dispensa os falíveis recursos da imaginação criadora, sempre restrita aos condicionamentos da rotina milenar, responsável pelos absurdos e incongruências da atual Ficção Científica. Assim, a exigência básica desse novo gênero literário, o **romance paranormal**, é a atualização dos conhecimentos do romancista, para que ele possa realmente refletir em suas obras a realidade nova que nasceu do Sputnik soviético, de um lado, e de outro lado do Cabo Canaveral e da Universidade de Duke, nos Estados Unidos, tendo como antecessores as fontes francesas do romance de Júlio Verne e das pesquisas espíritas de Allan Kardec (Pires, 1978, p. XIII; Incontri, 2001, p. 479, Nota de Rodapé; Grifos Nossos).

Pesquisadores e acadêmicos têm, então, a oportunidade de explorar e analisar o legado literário deixado por Herculano Pires, que se destacou por suas contribuições nos campos da Educação e da literatura brasileiras, assegurando que suas ideias e esforços possam servir de fonte contínua de inspiração para gerações futuras.

## REFERÊNCIAS

COLOMBO, Dora Alice (Dora Incontri). **Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas**. FEUSP, São Paulo, 2001. (Tese de doutorado).

INCONTRI, Dora. **Herculano Pires**. Disponível em: <https://pampedia.ea-dplataforma.com/lesson/detail/18/275/> Acesso: 31 de março, 2021.

IRMÃO SAULO. **Participação da Filosofia Espírita no Desenvolvimento da Cultura Brasileira**. In: Anuário Espírita. Araras, IDE, VIII, 1971, p. 209.

- JAIME, Jorge. **História da Filosofia no Brasil**. Petrópolis, São Paulo, Vozes e Faculdades Salesianas, 2000, p. 144.
- KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. São Paulo, Edicel, 1969, item 182, p. 185.
- PIRES, José Herculano. **O túnel das almas**. São Paulo, Paidéia, 1978, p. XIII.
- PIRES, José Herculano. **Mediunidade. Vida e comunicação**. São Paulo, Edicel, 1978, p. 16.
- PIRES, José Herculano. **Introdução à filosofia espírita**, Editora Paideia, 1979, p. 80.
- PIRES, J. Herculano. **Curso dinâmico de Espiritismo**. São Paulo, Paidéia, 1979, p. 98.
- PIRES, J. Herculano. **Introdução à filosofia espírita**. Editora Paideia, 1979, p.83-84.
- PIRES, José Herculano. **O mistério do ser ante a dor e a morte**. São Paulo, Paidéia, São Paulo, 1981, p. 100-101.
- PIRES, J. Herculano. **Educação para a morte**. São Paulo, Correio Fraternal do ABC, 1984, p. 41.
- PIRES, José Herculano. **Pedagogia espírita**. São Paulo: EDICEL, 1985. 1ª Ed.
- PIRES, José Herculano. **Pedagogia espírita**. São Paulo: EDICEL, 1985. 1ª Ed. p. 113.
- PIRES, José Herculano. **Pedagogia espírita**. São Paulo: EDICEL, 1ª Edição, 1985. p. 139.
- PIRES, José Herculano. **Pedagogia espírita**. São Paulo: EDICEL, 1ª Edição, 1985. p. 161.
- TIBIRIÇÁ, Everardo. **A identificação natural da vida com a morte na palavra de um exegeta**. *Jornal da Manhã*, São Paulo, I (86), 17 de agosto de 1975, p. 1.
- TIBIRIÇÁ, Everardo. **A identificação natural da vida com a morte na palavra de um exegeta**. *Jornal da Manhã*, São Paulo, 1975, p. 2, In: COLOMBO, Dora Alice (Dora Incontri). *Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas*. FEUSP, São Paulo, 2001. (Tese de doutorado).

## PRECURSORES DA PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL: NEY LOBO E A “CIDADE MIRIM, UMA SOCIEDADE EM MINIATURA”

*Dirce Maria da Silva<sup>1</sup>*

Nação é a transcendentalidade espiritual e moral, histórica e evolutiva de um conjunto de seres espirituais afins, encarnados e desencarnados, que devem ser mutuamente solidários, em comunhão de ideias, sentimentos e responsabilidades. Ney Lobo.

### INTRODUÇÃO

No histórico da aplicação da abordagem pedagógica espírita no país, um marco bastante interessante é a experiência realizada a partir em 1970, quando André Segal, um jovem de apenas 11 anos, assumiu o cargo na Prefeitura da Cidade Mirim, em Curitiba.

A Cidade Mirim foi estabelecida em 1970, pelo educador Ney Lobo, no antigo Colégio Lins de Vasconcelos, em Curitiba/PR. O espaço proporcionava uma formação centrada na cidadania, permitindo que as crianças participassem ativamente de experiências contextualizadas. A intenção era que, ao vivenciar uma minicidade estruturada como uma cidade real, os alunos exercitassem valores essenciais para uma convivência harmoniosa com os outros.

Nesse sentido, o objetivo desta revisão de literatura é explorar essa experiência pedagógica liderada pelo educador Ney Lobo, examinando as implicações da Cidade Mirim no cenário educacional. Essa revisão concentra-se especialmente na tese de Dora Alice Colombo (USP, 2001), intitulada “Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas”, pesquisa que investigou a atuação de Ney Lobo e sua contribuição no desenvolvimento da Pedagogia Espírita no país.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura: Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. E-mail: dircem54@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>.

## NEY LOBO E A PEDAGOGIA ESPÍRITA

Ney Lobo nasceu em Curitiba em 1919, construiu uma carreira militar e concluiu o curso em Letras em 1936, seguindo posteriormente para uma licenciatura em Filosofia, concluindo-a em 1964. Logo após ele iniciou sua trajetória como professor no Instituto Lins de Vasconcellos, em Curitiba, no ano de 1963, permanecendo na direção do Instituto de 1967 a 1974.

À semelhança de Pestalozzi, Ney Lobo não iniciou seu caminho da teoria para a prática. Ele primeiramente se envolveu em experimentações, ações e na criação de métodos, antes de registrar tudo em livros publicados. Dentre suas obras encontram-se cinco volumes de “Filosofia espírita da educação”, por meio dos quais esclarece a relação entre os fundamentos espíritas e as propostas didático-pedagógicas resultantes.

Nesse sentido, por meio da análise das conexões entre Espiritismo e Educação, fundamentando-se na codificação de Allan Kardec e nos princípios da Filosofia e da Pedagogia Espíritas, Ney Lobo desenvolveu a proposta educacional da Cidade Mirim.

Ele argumentava que, se a sociedade devia refletir a vida espiritual, a escola tinha a responsabilidade de antecipar essa sociedade, servindo como uma representação em menor escala. Então, a vida escolar deveria ser uma preparação para uma compreensão ética e moral numa sociedade mais equilibrada e aprimorada.

A estruturação do sistema educacional proposto no Projeto da Cidade Mirim refletiria a integração da Pedagogia Espírita num ambiente sociopolítico, incorporada pela subjetividade de Ney Lobo, que, como educador pragmático, teria sido influenciado por valores cívicos inerentes à mentalidade militar.

Durante esse período, o Brasil encontrava-se sob o Regime Militar e submetido ao AI-5. No entanto, Ney Lobo destacava que o propósito da educação orientada para objetivos sociais deveria ser o despertar da consciência do indivíduo, visando sua participação ativa em uma sociedade, com direitos e deveres, enfatizando a corresponsabilidade pelos destinos da sociedade (Lobo, 2002, v. 2, p. 148).

Para Dora Incontri (2001, p. 246), Ney Lobo, assim como muitos outros que inicialmente apoiaram o golpe de 1964, passaram a discordar do sistema político mais tarde, pois “os militares que inicialmente visavam estabelecer a democracia, fizeram o oposto, estabelecendo um governo autoritário que se perpetuou no poder.”

Naquele contexto era crucial preparar as novas gerações para viver em um ambiente democrático. As convicções autênticas de Ney Lobo em prol da democracia se manifestariam na proposta pedagógica que ele passaria a liderar.

Imerso na tradição de Rousseau e Pestalozzi, Ney Lobo declara que:

De todos os princípios que poderão instruir um possível método educacional espírita, conforme se depreende, o mais fundamental é o princípio da atividade, verdadeira ‘causa causans’ de todo o sistema metodológico espírita. O homem é essencialmente o seu Espírito. O Espírito se manifesta pela sua atividade e jamais está inativo. No Instituto Lins de Vasconcellos, a atividade dos alunos era garantida de todas as maneiras e com os mais diversos objetivos pedagógicos. Nas séries iniciais (de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup>), pela gestão da Cidade Mirim e pela vivência em suas instituições-miniaturas, entre elas, na área política: prefeitura-mirim, câmara de vereadores mirim; na área comercial: livraria, casa de artigos esportivos, foto-boutique, farmácia, casa dos brinquedos; na área financeira: na agência mirim Bradesco; na área social: na sala de jogos, na casa das bonecas; na área de comunicação e divulgação; agência mirim de correios, jornal, estação de rádio comunitária; na área de segurança: guarda-mirim, parque para a educação de trânsito; área espiritual: casa da oração (local de oração ecumênica e meditação espiritual). as crianças aprendiam a vida da comunidade adulta, vivenciando-a concretamente, de maneira lúdica, mas com a seriedade de uma verdadeira comunidade, orientadas para isso pelos educadores responsáveis (Incontri, 2001, p. 246-247).

Segundo Doralice Incontri, no lugar de adotar a estrutura tradicional de aulas, Ney Lobo implantou “sessões de trabalho” nas quais incluía atividade individual (AI) e atividade coletiva (TC), orientadas pelo professor.

Eliminaram-se as aulas tradicionais em todas as séries e se desfizeram das carteiras escolares, encomendando a produção de módulos que se adequassem a atividades em grupo, pois: “as formas e imagens do que se costuma chamar de ‘aula’, com as figuras da classe-auditório, do aluno-ouvinte e do professor-orador, foram removidas das atividades docentes” (Incontri, 2001, 247).

A expressão verbal do professor foi substituída pela participação ativa em conjunto com os estudantes. A metodologia se fundamentaria nos princípios da atividade, individualização e cooperação.

Segundo Ney Lobo, como o indivíduo não evolui por si e para si, e sim, para a fraternidade, o desenvolvimento das aptidões individuais deveriam ser direcionadas para a solidariedade humana, derivando-se daí o princípio pedagógico da cooperação, na mesma trilha de Pestalozzi, que propunha o ensino mútuo a partir da idéia de que “cada um deve trabalhar para o progresso de todos” (Incontri, 2001, p. 248).

Ney Lobo fala sobre o desdobramento do processo:

O aproveitamento das perfeições já conquistadas por cada um, procurando produzir o afloramento das aptidões e ativando-as no sentido útil, cooperativo e caridoso, em obediência às ideias condutoras já produzidas da educação espírita, o nosso entendimento descansa no ponto da cooperação a ser unguído como ponto culminante do método. A transfiguração didática desse valor, sua concretização e implementação se resolvem pela forma do trabalho coletivo (TC) das constituídas equipes



de alunos. Todavia, qualquer esforço conjunto requer a participação individual, para que ninguém venha de mãos vazias. Se os cooperados nada trazem de si mesmos, a cooperação perde seu sentido, por inconsistente (Incontri, 2001, p. 248).

Alinhado ao princípio da cooperação, Ney Lobo implementaria inovações também na avaliação. As provas periódicas e os exames finais foram substituídas por avaliações contínuas, trabalhos individuais e coletivos, inspirado na orientação de O Evangelho segundo o Espiritismo, que afirma que, “o homem não deve procurar elevar-se acima do homem, mas sobre si mesmo, aperfeiçoando-se” (Kardec, 1963, Cap. III, item 10, p. 45; Incontri, 2001, p. 249).

Ney Lobo se referia à “extensão do encargo de educar”, procurando conscientizar todos os que trabalhavam no Instituto, por meio de discursos a exemplo do seguinte:

Na escola espírita, todos os funcionários e artífices que nela trabalham são considerados como tendo encargos educativos a cumprir junto aos alunos nos seus contatos eventuais. Por outro lado, todos (diretores, professores, funcionários e trabalhadores) são considerados educandos, de conformidade com os princípios da Doutrina Espírita. Além disso, o diretor é instituído como educando nº 1, como o mais necessitado de educação (autoeducação), face aos seus encargos da mais alta responsabilidade (Incontri, 2001, p. 250).

Ao abolir punições e recompensas no Instituto, Lobo esclareceria que: “foram vedadas todas as formas de punição dos educandos, porque punições não corrigem, não educam, são usadas apenas para contenção e temor, além de provocarem incompreensão e revolta” (Incontri, 2010, p. 251).

Passou-se a se trabalhar com o “princípio da reparação”, no qual o estudante seria responsável por reconhecer a transgressão cometida e corrigir os danos causados. Segundo Dora Incontri,

O “princípio da reparação” consiste em induzir o educando, por meios hábeis, a reparar, de alguma forma, as faltas cometidas; voluntariamente, isto é, sem imposição ou ameaças a faltas de qualquer natureza: ofensas, agressões, danos ou prejuízos causados. A reparação é a correção educativa por excelência. Isso quer dizer que o educador precisa saber como despertar a vontade e a consciência moral do educando. A resposta a essa questão está em Pestalozzi e Eurípedes Barsanulfo, e é justamente o vínculo afetivo entre educando e educador, e a autoridade moral deste que garante o desabrochar de uma vontade do bem (Incontri, 2001, p. 251).

Nesse sentido, Ney Lobo compreendia que o ato moral, para ser válido e aperfeiçoar de fato aquele que o pratica, deveria ser voluntário, porque a coerção não levaria à perfeição moral.

Segundo Incontri, a abdicação de métodos coercitivos e punitivos talvez seja um dos elementos mais sensíveis da Pedagogia Espírita, princípio fundamental que remonta aos precursores Rousseau e Pestalozzi, conferindo ao indivíduo a responsabilidade de sua própria construção, respeitando sua dignidade espiritual e desvinculando a prática moral do temor à punição e do desejo de recompensa.

Dora Incontri esclarece que Ney Lobo buscou expandir ao máximo a noção de responsabilidade dos alunos, introduzindo, além da Cidade Mirim para as crianças mais novas, a assembleia de estudantes para os estudantes mais velhos, da 5ª à 8ª série na época. Ney Lobo também procurou reduzir o poder individual do educador ao implementar uma abordagem de direção colegiada.

A presença do educador como modelo de conduta ética prevalecia juntos aos mecanismos facilitadores da abordagem pedagógica espírita, e, nesse sentido, Ney Lobo destacava sempre a importância da permanente autoeducação por parte do educador (Incontri, 2001, p. 253).

Ney Lobo compartilha, em consonância com Herculano Pires, a visão do aluno como um ser reencarnado, “pluriexistencial”, que passa por reencarnações sucessivas e progressivas, e nesse sentido, ele explica que os principais objetivos da Educação Espírita deveriam estar baseados em três fundamentos: “a purificação do espírito (meta individual); a harmonização de pensamentos e sentimentos com Deus (meta suprema) e a construção de um mundo regenerado (meta social)”.

## **ESPECIFICIDADES SOBRE A “CIDADE MIRIM”**

O núcleo do projeto consistia em treinar e aprimorar, tirando proveito das características inerentes às diferentes fases do desenvolvimento.

Segundo Ney Lobo explica, durante a encarnação, o espírito atravessa estágios de maturação. O primeiro denominado “heterônimo”, abrangendo, geralmente, até os 12 anos. Nessa fase, haveria uma maior predisposição à aceitação de regras, com poucos questionamentos e maior obediência, com o educador possuindo uma influência maior sobre o educando.

A “idade axial” seria o período que marcaria a transição do final da adolescência para o início da juventude, compreendido entre 15 e 20 anos. E, durante essa fase, observa-se um aumento significativo da autonomia e da prática da “autoeducação” (Lobo, 2002, v. 1, p. 245-251).

Ele propunha, então, uma antecipação da juventude, um recuo na “idade axial”, reduzindo o período de infância e adolescência. Sua sugestão é que os educandos assumissem responsabilidades mais cedo, estimulando a “autonomia”.

Lobo argumentava que, mesmo que ainda crianças, estas devem ser criativas, empreendedoras e autoconscientes, abordagem que justifica o treinamento administrativo da Cidade Mirim por estudantes com idades entre 7 e 11 anos.

A administração do Instituto da Cidade Mirim não seguia um modelo individual, mas colegiado, caracterizando-se por um sistema democrático. Funcionando como uma escola em período integral, todas as atividades eram realizadas nas dependências da instituição, eliminando a necessidade de tarefas de casa.

Cada turma selecionava um monitor assistente. As instalações escolares incluíam um refeitório, biblioteca, armários para guardar materiais, sala de ciências, campo de futebol, quadra poliesportiva, sala de judô e um Grêmio Estudantil.

Na abordagem de Ney Lobo, os alunos eram incentivados a trabalhar de forma colaborativa, com aqueles mais experientes auxiliando os iniciantes, respeitando a individualidade de cada aluno, reconhecendo sua singularidade.

A Cidade Mirim possuía todas as características de uma cidade real, incluindo uma Prefeitura com um Prefeito eleito pelos alunos. Além disso, havia uma Câmara Municipal para a qual os educandos enviavam seus representantes políticos, os vereadores.

Todo dia 2 de maio, eram realizadas as convenções dos partidos existentes, o Renovador e o Liberal. Durante essas convenções, os alunos faziam a escolha de seu partido e se inscreviam como membros. Nesse momento, também eram estabelecidos os Programas Políticos e fixados os Estatutos. Os candidatos a Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores de cada partido eram selecionados nesse processo. As eleições ocorriam a cada 6 meses, e os candidatos vitoriosos eram empossados em seus respectivos cargos.

Na miniatura da cidade, os jovens tinham a oportunidade de vivenciar a administração e operação de pequenos empreendimentos comerciais, promovendo o espírito empreendedor, a previdência e o controle dessas organizações. Essa experiência também incentivava a conscientização das responsabilidades individuais de cada um na liderança e organização dos interesses coletivos.

Dentro da Cidade Mirim havia instituições financeiras, como bancos, que inclusive disponibilizavam talões de cheques para os usuários. As construções presentes na Cidade Mirim, num total de oito casas em miniatura, eram projetadas em proporções adequadas à estatura de crianças do ensino primário.

O local de Oração, de natureza ecumênica, servia como um espaço para a contemplação espiritual, podendo acolher até 80 crianças. Diferentes turmas eram direcionadas a esse ambiente a cada semana para participarem de atividades de oração, sem qualquer distinção para com denominações religiosas diferentes.

A escola deveria criar um espaço com bosques, jardins e áreas destinadas à meditação individual e coletiva, bem como salas para o estudo da música

e outras expressões artísticas. Essa atmosfera deveria ser caracterizada pela beleza, liberdade e confiança. O objetivo era incentivar os alunos a exercitar a razão, mantendo o foco na imaginação e no sentimento, uma vez que a educação emocional visa à emancipação pessoal (Lobo, 2002, v. 1, p. 140-224).

A essência da educação, segundo Ney Lobo, residiria no cultivo da espiritualidade, da moralidade, dos sentimentos e na formação cidadã. Ao destacar a importância dos aspectos sociais e da interação com o próximo, enfatizava que os educandos, ao agirem dessa maneira, contribuiriam para a construção de sua nação, elevando-se social e espiritualmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade, na concepção de Ney Lobo, seria uma cópia da vida espiritual e deveria ser pedagogicamente reproduzida em miniatura, consoante os pedagogos da Escola Nova, num exercício prático para a vida.

Para esse educador, vê-se que a concepção de “Nação” transcendia os limites convencionais, representando interligação histórica e evolutiva de seres comprometidos com a solidariedade, comunhão de ideias, sentimentos e responsabilidades, de Educação centrada na civilidade e responsabilidade.

A Cidade Mirim ainda existe e atualmente pertence a outra instituição de ensino. O legado de Ney Lobo persiste, como um exemplo prático e inovador da aplicação da abordagem pedagógica espírita no cenário educacional brasileiro.

Segundo Dora Incontri, aos 82 anos, ele ainda continuava comprometido com a aplicação da Pedagogia Espírita, percorrendo o Brasil e transmitindo conhecimento por meio de cursos e palestras, difundindo ideias, compartilhando experiências, facilitando a compreensão para os interessados no assunto.

Ney Correia de Souza Lobo faleceu em 24 de agosto de 2012, aos 93 anos, em meio a uma cirurgia de angioplastia.

## REFERÊNCIAS

INCONTRI, Dora Alice (Dora Incontri). **Pedagogia Espírita: um Projeto Brasileiro e suas Raízes Histórico-Filosóficas** (Tese). Feusp, SP, 2001.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, 1863, Cap.III, item 10, p. 45.

LOBO, Ney. **Lins de Vasconcellos, o Diplomata da Unificação e o Paladino do Estado Leigo**. Curitiba, Federação Espírita do Paraná, 1997.

LOBO, Ney. **Filosofia Espírita da Educação e suas consequências pedagógicas e administrativas**. 3a ed. v. 1 a 5. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

PIRES, José Herculano. Um Swift Paranaense. In: **Educação Espírita, Revista de Educação e Pedagogia**, 1985, p. 19.

PAMPAEDIA, **Universidade Livre**. Disponível em: <http://www.universidade-livrepampedia.com> Acesso em: 12/10/2023.

## POSFÁCIO



Ao reunir análises textuais afins, a coletânea cumpre sua missão inicial de promover a interdisciplinaridade nos estudos literários contemporâneos.

Os estudos comparativos e as manifestações simbólicas, as interações entre sociedade, política, misticismo e história, as relações intertextuais entre arte, estudos míticos e arquetípicos, as abordagens sobre psicoterapia, poéticas da subjetividade e biografia, e a análise dos precursores da Pedagogia Espírita oferecem um panorama abrangente e enriquecedor.

Os textos destacam a riqueza simbólica presente em obras literárias consagradas, por meio das análises que promovem compreensões singulares das camadas espirituais presentes na expressão artística.

Esperamos que esse livro inspire leitores e pesquisadores, que sirva para ampliar horizontes e que incentive na exploração das inúmeras possibilidades de diálogo entre Literatura e Espiritualidade. Que essas páginas sejam um guia enriquecedor em suas jornadas de estudo e reflexão.

Boa leitura e que as conexões entre as palavras e o sagrado continuem a inspirar nossas mentes e corações.

Brasília, 10 de janeiro de 2024.

As Organizadoras:

***Dirce Maria da Silva***

Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília - UnB.

***Marina Arantes Santos Vasconcelos***

Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB.

## ORGANIZADORAS



### **MARINA ARANTES SANTOS VASCONCELOS**

Doutorado em Literatura Brasileira pela UnB (2022). Graduação (Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas / 2005), Especialização (lato sensu / 2006) e Mestrado (Literatura Brasileira / 2013), pela mesma Instituição de Ensino Superior (UnB). Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit / TEL) da mesma Universidade de Brasília. É autora do livro *Estrangeiros na obra de Milton Hatoum: leitura dos contos de A cidade ilhada*, pela Paco Editorial (2022), além de ter poemas e textos de teoria e crítica literária em antologias e outras publicações especializadas. Também em 2022, publicou em coautoria com Gislane Rocha, o livro *Padre Divino Alves: Vocação, Apostolado e Serviço*, pela Gráfica e Editora América Ltda. Entre outros trabalhos, em 2023, colaborou com a obra *Memórias Literárias: o poder da leitura e da escrita* (Schreiben, 2023), com um artigo e uma resenha. Atua como professora da Educa o Básica na Secretaria de Estado de Educa o do Distrito Federal (SEE/DF) desde 2013. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5959957836265726>. E-mail: [asvamarina@gmail.com](mailto:asvamarina@gmail.com).

### **DIRCE MARIA DA SILVA**

Doutoranda em Literatura: Programa de P s-Gradua o em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Estudos sobre a Violência, na linha de pesquisa em Estado, Políticas Públicas e Cidadania, pelo Centro Universitário UNIEURO/Brasília/DF/2017. Licenciatura Plena em Letras Portug es/Inglês e suas respectivas Literaturas (2007). Licenciatura Plena em Pedagogia - Séries Iniciais, Supervisão e Orienta o Escolar (2009). Bacharel em Administra o de Empresas (2016). Especializa es *lato sensu*: Gestão Pública e Negócios (IFB, 2015); Docência do Ensino Superior (FTED/DF/2009); Língua Inglesa (FIJ/RJ/2012); Educa o a Distância (Facibra/2013), Recursos Humanos (RioSono/2016); Psicopedagogia Clínica e Institucional (Facibra/2018). Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE), vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (POSlit/TEL) da Universidade de Brasília. Membro-Fundadora do Instituto de

Pesquisa, Desenvolvimento e Apoio a Neurodivergentes (IPDAN-2023). Livros publicados/organizados ou edições: Educação Cultura e Sociedade (Amazon, 2021); Memórias Literárias: o poder da leitura e da escrita (Schreiben, 2023). É coautora em outras coletâneas; capítulos e artigos em livros e revistas. Professora da Educação Básica e do Ensino Superior. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7836053563578154>. E-mail: [dircem54@gmail.com](mailto:dircem54@gmail.com).



## ÍNDICE REMISSIVO



### A

- África 66, 121, 122, 124  
Africana 64, 66, 72, 73, 125, 167  
Água 10, 18, 19, 21, 31, 32, 34, 58, 67, 158, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 180, 183, 214, 225, 259  
Allan Kardec 64, 239, 240, 244, 253, 254, 255, 256, 257, 262, 266, 273, 276, 277, 285, 289, 290, 291, 294  
Anália Franco 11, 252, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 274, 277, 281, 290  
Ancestral 147, 162, 184, 185, 186  
Ângela Pralini 9, 14, 16, 28, 31, 32, 33  
Anjos 15, 37, 38, 87, 91, 93, 95, 96, 99  
Antropologia 98, 143  
Arcanos Maiores 16, 34  
Arquetípica 9, 10, 17, 32, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152  
Arquétipos 145, 146, 147, 153, 164, 170, 175  
Arte 7, 61, 130, 131, 132, 133, 134, 142, 143, 146, 147, 148, 151, 156, 161, 169, 170, 173, 175, 246, 262, 270, 301  
Arteterapia 7, 10, 161, 162, 163, 166, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176  
Artista 130, 131, 133, 141, 170, 206, 214  
Autoconhecimento 7, 10, 134, 141, 167, 174, 178, 181, 187, 234

### B

- Batismo 105, 163, 243  
Bíblia 15, 22, 33, 41, 53, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 95, 163, 212, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 280

### C

- Cabaça 165, 166, 167  
Canonização 37, 40  
Católica 10, 35, 36, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 101, 107, 108, 186, 243, 254, 256, 273, 285  
Centro Espírita 254, 273  
Clarice Lispector 9, 14, 15, 16, 17, 21, 30, 32, 33, 34, 180, 189  
Colégio Allan Kardec 253, 254, 255, 256, 257, 273, 277  
Comédia 155, 157, 158, 159, 160  
Comunidade 53, 80, 84, 85, 101, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 131, 133, 139, 154, 161, 249, 251, 257, 258, 295  
Consciência 20, 21, 22, 27, 43, 45, 72, 82, 84, 133, 134, 135, 154, 155, 166, 169, 171, 180, 190, 196, 201, 202, 213, 217, 238, 241, 254, 258, 277, 288, 294, 296

Cosmogonia 61, 154, 159  
Crenças 77, 88, 89, 94, 102, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 174, 187, 197, 235, 265, 266, 274  
Criação 30, 51, 59, 60, 91, 112, 132, 138, 140, 148, 150, 151, 155, 158, 162, 166, 170, 172, 174, 191, 204, 205, 208, 222, 225, 226, 227, 230, 265, 294  
Criança 94, 190, 191, 192, 195, 196, 207, 211, 243, 244, 245, 246, 247, 255, 261, 263, 271, 272, 278, 280, 287  
Cristão 41, 78, 79, 106, 107, 222, 244, 264, 287, 290  
Cristianismo 35, 44, 72, 73, 77, 78, 79, 89, 106, 107, 163  
Cristianismo 240, 241, 242, 243

## D

Demônios 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99  
Desencarnados 68, 70, 71, 248, 280, 287, 293  
Deus 11, 14, 15, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 53, 54, 55, 59, 60, 67, 77, 80, 81, 84, 85, 92, 93, 95, 96, 99, 104, 106, 107, 118, 125, 163, 164, 176, 178, 201, 202, 203, 204, 208, 209, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 240, 241, 243, 266, 271, 277, 280, 281, 297  
Deusa 73, 148, 149  
Deuses 51, 55, 59, 144, 147, 158, 159, 163, 213, 216, 217, 227, 228, 230  
Diversidade 7, 63, 78, 90, 101, 117, 118, 168, 171, 200, 268, 280  
Dora Incontri 238, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 252, 254, 255, 256, 257, 263, 264, 267, 268, 269, 273, 276, 278, 281, 285, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 294, 296, 297, 299  
Doutrina 35, 37, 46, 63, 64, 70, 79, 224, 240, 243, 244, 266, 274, 277, 285, 290

## E

Educação 7, 10, 11, 82, 83, 92, 102, 105, 117, 142, 191, 194, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 287, 288, 289, 294, 295, 296, 299  
Educação básica 35, 63, 143, 302, 303  
Ensino 27, 142, 192, 242, 249, 251, 253, 256, 257, 258, 263, 264, 266, 272, 273, 275, 290, 295, 298, 299  
Entidade 25, 32, 45, 54, 73, 112, 120, 123, 124, 126, 127, 158, 183, 184, 222, 227, 233, 256, 263, 281  
Escola 36, 42, 123, 142, 187, 190, 191, 194, 242, 243, 247, 249, 250, 251, 253, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 276, 278, 294, 296, 298  
Espiritismo 63, 73, 117, 238, 239, 240, 244, 252, 254, 255, 257, 258, 263, 265, 266, 276, 280, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 294, 296, 299  
Espíritos 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 240, 247, 248, 262, 265, 266, 273, 285  
Espírito Santo 43, 80, 105, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117  
Espiritualidade 7, 9, 10, 35, 36, 37, 39, 43, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 118, 120, 122, 127, 148, 162, 171, 173, 174, 183, 187, 190, 194, 195, 200, 206, 211, 213, 221, 240, 243, 253, 259, 265, 266, 271, 286, 288, 299

- Espiritualidade cristã católica 76, 78, 79, 80  
Estado 10, 35, 63, 81, 82, 88, 102, 143, 156, 217, 263, 264, 268, 269, 284, 299, 302  
Ética 136, 162, 235, 240, 241, 244, 249, 266, 269, 272, 294, 297  
Eurípedes Barsanulfo 11, 252, 253, 254, 255, 256, 259, 267, 268, 273, 274,  
277, 278, 281, 290, 296  
Evangelho 37, 39, 76, 78, 80, 81, 86, 111, 254, 296, 299  
Existencialismo 285, 286
- F
- Família 52, 91, 103, 106, 115, 126, 165, 181, 182, 185, 191, 215, 218, 223, 225,  
239, 256, 262, 273, 275, 285  
Fiandeiras 10, 143, 146, 147, 149, 151  
Figura mítica 10, 154, 158  
Filosofia 33, 45, 50, 113, 115, 135, 238, 252, 283, 286, 291, 292, 294  
Filosofia cristã 46, 243
- G
- Gondolin 9, 50, 51, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62
- H
- Heroicidade 9, 50, 59, 60  
História 23, 32, 36, 37, 39, 43, 44, 51, 52, 54, 55, 56, 59, 66, 84, 101, 102, 105,  
106, 120, 121, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 136, 142, 144, 146, 151, 155,  
159, 163, 167, 169, 176, 197, 204, 205, 219, 222, 224, 225, 226, 227, 228,  
229, 235, 239, 245, 247, 260, 270, 277, 278, 301  
Humanidade 25, 44, 76, 82, 94, 131, 142, 147, 154, 167, 202, 221, 222, 226,  
228, 229, 230, 233, 234, 243, 250, 262, 271, 285, 286
- I
- Idade Média 76, 90, 91, 93, 100  
Identidade 18, 76, 77, 84, 86, 101, 102, 118, 120, 122, 127, 158, 162, 170, 191,  
193, 194, 195, 198, 229, 241  
Igreja Católica 36, 37, 76, 78, 81, 88, 91, 93, 101, 102, 106, 107, 108, 117, 275  
Individualidade 26, 68, 171, 192, 201, 202, 243, 244, 298  
Interexistencialismo 280, 286, 287
- J
- Jack Miles 11, 163, 176, 222, 223, 224, 227, 229, 231, 233, 234, 235, 236  
Jerusalém 9, 22, 33, 41, 50, 51, 53, 56, 59, 60, 61, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85,  
221, 222  
Jesus Cristo 15, 43, 80, 106, 107, 239  
Joana Carolina 9, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 47, 48  
José Herculano Pires 239, 252, 283, 284, 290
- L
- Liberdade 10, 42, 56, 59, 60, 65, 82, 118, 120, 121, 124, 136, 189, 191, 192,  
193, 194, 195, 196, 197, 198, 205, 206, 240, 243, 248, 251, 253, 257, 258,  
259, 262, 265, 266, 268, 272, 275, 290, 299

Linguagem 20, 65, 78, 98, 133, 141, 142, 154, 155, 162, 168, 171, 201, 228  
Língua portuguesa 47, 64, 86, 90, 113, 209  
Literário 7, 11, 14, 15, 21, 25, 33, 44, 50, 65, 144, 145, 152, 224, 225, 226, 232,  
233, 235, 268, 291  
Literatura 7, 10, 11, 16, 19, 29, 44, 47, 60, 63, 64, 73, 74, 89, 97, 121, 122,  
127, 143, 144, 145, 152, 159, 166, 167, 175, 189, 200, 213, 214, 221, 222,  
223, 224, 228, 232, 236, 252, 253, 260, 272, 284, 291, 293  
Literatura contemporânea 121, 122, 127

## M

Maria Aparecida Rebelo Novelino 271, 273, 281  
Mediunidade 63, 70, 71, 72, 74, 254, 255, 287, 288  
Médiuns 67, 71, 287, 292  
Mia Couto 9, 63, 64, 65, 66, 70, 72, 73, 74  
Missões 39, 102, 117  
Mistério 35, 36, 37, 38, 43, 44  
Mística 7, 14, 17, 32, 40, 43, 44, 45, 126, 143, 144, 180, 289  
Mística 39, 40, 42, 43, 44, 49  
Misticismo 7, 9, 87, 120, 123, 301  
Mito 10, 59, 143, 144, 145, 149, 152, 154, 155, 156, 158, 159, 162, 163, 164,  
175, 176, 224, 226, 227  
Monólogos 15, 16, 21, 23, 29  
Mundo espiritual 63, 67, 68, 70, 71, 73, 93, 248  
Mundo material 63, 67, 70, 162, 173, 245  
Mwadia 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

## N

Ney Lobo 11, 252, 290, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299  
Nossa Senhora da Conceição 103, 104, 105, 107, 112, 113, 115

## O

O outro pé da sereia 63, 64, 67, 71, 72, 73, 74  
Osman Lins 9, 35, 37, 38, 40, 42, 48

## P

Papa 41, 66, 76, 78, 82, 84, 86, 104, 106, 111  
Papisa 9, 14, 16, 17, 28, 32, 33  
Pedagogia Espírita 11, 238, 239, 241, 242, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255,  
256, 258, 259, 260, 269, 272, 277, 280, 281, 283, 284, 287, 288, 289, 291,  
292, 293, 294, 297, 299, 301  
Pestalozzi 239, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 263, 266, 267, 268, 269, 271, 272,  
273, 274, 275, 276, 277, 278, 280, 281, 282, 287, 294, 295, 296, 297  
Política 9, 65, 76, 81, 82, 83, 84, 88, 98, 102, 132, 133, 140, 142, 157, 235, 239,  
257, 261, 295, 301  
Processo terapêutico 166, 167, 196  
Profetas 50, 59, 217, 232, 266  
Psicanálise 10, 143, 179, 187, 194, 196, 199

Psíquica 71, 149, 161, 195, 199, 291

Purificação 36, 155, 162, 163, 166, 167, 169, 174, 243, 297

## R

Religião 44, 64, 76, 77, 86, 101, 102, 108, 117, 118, 120, 121, 122, 125, 127,  
167, 194, 222, 229, 239, 243, 252, 256, 266, 272, 285

Religiosidade 7, 10, 41, 78, 80, 81, 95, 97, 101, 102, 108, 117, 118, 121, 122,  
127, 146, 194, 240, 243, 285

Retábulo 9, 35, 37, 40, 42, 43, 44, 48

Retábulo de Santa Joana Carolina 9, 35, 37, 40, 43, 48

## S

Sagrado 7, 9, 11, 16, 35, 43, 44, 45, 51, 72, 73, 74, 114, 127, 147, 158, 162,  
165, 166, 175, 180, 187, 301

Santa Joana Carolina 9, 35, 36, 37, 40, 43, 48

São Sebastião 36, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112

Ser humano 84, 97, 99, 131, 141, 158, 159, 165, 169, 170, 193, 194, 195, 196,  
197, 201, 223, 225, 227, 234, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 258,  
259, 272, 280, 287

Sócrates 239, 240, 241, 244

## T

Teatro 10, 131, 132, 133, 134, 138, 140, 141, 142, 145, 160, 166, 170, 233, 250,  
267, 268

Teatro do Oprimido 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 141, 142

terapêutica 141, 161, 162, 169, 195

Tomás Novelino 256, 267, 271, 272, 273, 274, 275, 277, 278, 281

Torto Arado 10, 120, 122, 125, 127

Tragédia 155, 157, 159

Transcendente 15, 28

## U

Umbanda 117, 166

Um sopro de vida 14, 19, 28, 32

## V

Valentin Tomberg 9, 14, 16, 21

